

RAFAEL FROIS

FALA JUVENTUDE:

a relação dos jovens de bairros populares com os eventos e equipamentos de esporte, lazer e cultura no espaço urbano da cidade de Belo Horizonte

**Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais
2013**

RAFAEL FROIS

FALA JUVENTUDE:

a relação dos jovens de bairros populares com os eventos e equipamentos de esporte, lazer e cultura no espaço urbano da cidade de Belo Horizonte

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Interdisciplinar em estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial a obtenção do título de mestre em Lazer.

Área de Concentração: Lazer, Cultura e Educação
Linha de pesquisa: Lazer, Cidade e Grupos Sociais
Orientadora: Ana Claudia Porfírio Couto

Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais
2013

F929f Frois, Rafael
2013 Fala juventude: a relação dos jovens de bairros populares com os eventos e equipamentos de esporte, lazer e cultura no espaço urbano da cidade de belo horizonte. – 2013.
246 f., enc.:il.

Orientadora: Ana Claudia Porfírio Couto

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 131- 140

1. Lazer - Teses. 2. Jovens da Cidade - Teses. 3. Lazer e educação – Teses. 4. Interação social - jovens - Teses. I. Couto, Ana Cláudia Porfírio. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

Ata de defesa

DEDICATÓRIA

Aos jovens, e aos que se mantêm jovens!! Na utopia e na atitude!

AGRADECIMENTOS

A todos que acompanharam e conspiraram a favor da conclusão desta etapa tão importante na minha formação humana em especial:

Aos meus familiares, especialmente minha mãe, Isabel da Silva, meu irmão Alessandro da Silva e ao meu primo jovem-adolescente Noeringui Inácio – *Guigui*.

À minha orientadora, professora Ana Claudia Porfírio Couto, na diversidade superou nossas diferenças para que esta obra se materializasse.

À FAPEMIG, por proporcionar durante onze meses financiamento necessário as leituras e à FUMP, pelo subsídio para utilização do Restaurante Universitário.

À Cinira! A secretária gente *boníssima*, que sempre se colocou a disposição para resolver infinitos trâmites da máquina burocrática e às técnicas da biblioteca;

À Dona, Eva copeira da EEFFTO, sempre com um cafezinho pronto que aliviava a tensão e criava momentos de sociabilidade e socialização.

Aos colegas de turma por compartilharam alegrias e tristezas, em especial para Denise Falcão, que gentilmente cedia sua casa para que saíssemos da condição de pesquisadores para vivenciarmos o lazer.

À Allana Gomes e André Mendes, meus companheiros de Grupo de Pesquisa; Aos Professores (as) do Programa, especialmente à Christianne L. Gomes, Rodrigo Elizalde e Walter Ude, por compartilharem inúmeras reflexões.

Aos Funcionários e Professores da E.E. Professor Alisson Pereira Guimarães, por terem mais uma vez aberto as portas para um ex-aluno, em especial, à Vice-Diretora do noturno, Professora Adelina Azevedo.

Aos companheiros de trabalho da Gerência de Formação Profissional da Prodabel e toda galera da Política de Inclusão Digital (CRC e BH Cidadania).

Aos companheiros do Movimento Social do bairro São Salvador (Galera da Rua Tigre, do Calçadão da Eufrates e do Movimento Kolping).

Às lideranças comunitárias da terceira idade da Regional Noroeste, que me ensinaram que nem tudo é no tempo que a gente quer, e aos militantes e técnicos do Orçamento Participativo de Belo Horizonte.

Aos Jovens, que toparam compartilhar suas práticas de lazer!

RESUMO

Esta Investigação buscou conhecer a relação dos jovens com os eventos e equipamentos de esporte, lazer e cultura, na cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais - Brasil. Especificamente suas práticas de lazer e os por quês da preferência pelos equipamentos e eventos - públicos e privado. Os dados foram coletados em duas conversas coletivas - grupos focais, realizados com sujeitos de 15 a 24 anos de idade, moradores de bairros populares das Regionais Noroeste e Pampulha. Realizamos revisão bibliográfica da concepção que guiou o planejamento urbano da cidade e suas possíveis influências nas práticas de lazer das populações dos bairros populares, revelando que, desde sua fundação, os equipamentos de lazer e cultura estão concentrados dentro da cidade que foi planejada. E que o movimento social teve importante papel na luta pela (re) ordenação do espaço urbano no que tange à descentralização dos equipamentos, principalmente a partir da década de 1990, com a criação do Orçamento Participativo. Os resultados da conversa coletiva com os jovens revelaram que raramente eles frequentam eventos gratuitos financiados pelas leis de incentivo a cultura, bem como os equipamentos culturais do centro da capital – cidade planejada, em função do desconhecimento da programação. Que na infância os equipamentos de lazer próximos às suas residências eram frequentados, realidade alterada em função da redução do tempo livre com a chegada das obrigações do mundo do trabalho. Que quando vão aos equipamentos públicos, escolhem os que têm infraestrutura e segurança, fazendo com que busquem principalmente a orla da Lagoa da Pampulha e a cidade de Contagem. A rua e a praça se apresentaram como locais importantes para os jovens por serem locais abertos, por funcionarem vinte e quatro horas e terem menos regras que os equipamentos institucionalizados. Esperamos que o resultado desta pesquisa contribua e inspire gestores públicos e produtores culturais a (re) pensarem o uso dos espaços/equipamentos públicos de lazer para a juventude.

Palavras-chave: Lazer. Juventude. Planejamento Urbano Belo Horizonte. Eventos culturais. Orçamento Participativo.

RESUMEN

Esta Investigación buscó conocer la relación de los jóvenes con los eventos y equipamientos de ocio/recreación y cultura, en el espacio urbano de la ciudad de Belo Horizonte, capital del Estado de Minas Gerais - Brasil. Específicamente sus prácticas de ocio/recreación y los por qué(s) de la preferencia por los equipamiento y eventos - públicos y privado. Los datos fueron recolectados en dos conversaciones colectivas - grupos focales, realizados con sujetos de 15 a 24 años de edad, moradores de barrios populares de las Regionales del Noroeste y de Pampulha. Se realizó una revisión bibliográfica de la concepción que guió la planificación urbana de la ciudad, y sus posibles influencias en las prácticas de ocio/recreación de las poblaciones de los barrios populares. Revelando que desde su fundación los equipamientos de ocio/recreación y cultura están concentrados dentro de la ciudad en que fueron planificados. Y el movimiento social tiene un papel importante en la lucha para la (re)ordenación del espacio urbano en relación con la descentralización de los equipos, sobre todo a partir de la década de 1990 con la creación del Presupuesto Participativo. Los resultados de las conversaciones colectivas con jóvenes revelaron que en pocas ocasiones ellos frecuentan eventos gratuitos financiados por las leyes de incentivo a la cultura y a los equipamientos culturales del centro de la capital – ciudad planificada, en función principalmente del desconocimiento de la programación. Que en la infancia los equipamientos de ocio/recreación próximo a sus residencias eran frecuentados, realidad alterada en función de la reducción del tiempo libre con la llegada de las obligaciones del mundo del trabajo. Que cuando van a los equipamientos públicos, escogen los que tienen infraestructura y seguridad, haciendo que busquen principalmente la orilla de la Laguna de Pampulha y de la ciudad de Contagem. La calle y la plaza se presentaran como espacios importantes para los jóvenes por ser lugares abiertos, con funcionamiento veinte y cuatro horas y teniendo menos reglas que los equipamientos institucionalizados.

Palabras-clave: Ocio/Recreación. Juventud. Planificación Urbana. Eventos culturales. Presupuesto Participativo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Palácio das Artes.....	91
FIGURA 2	Parque Ursulina de Andrade Melo.....	102
FIGURA 3	Parque Promotor Francisco Lins do Rego.....	106
FIGURA 4	Parque Maria do Socorro.....	108
FIGURA 5	Pista de Skate Praça do Divino.....	111
FIGURA 6	Balcão da EEFTO da UFMG.....	117
FIGURA 7	Divulgação de Eventos Jornal Super Notícias.....	119

LISTA DE QUADROS

1	Equipamentos de Lazer e Cultura Regional Centro-Sul.....	44
2	Equipamentos de Lazer e Cultura Regional Noroeste.....	47
3	Equipamentos de Lazer e Cultura Regional Pampulha.....	51
4	Material de estímulo Grupo Focal: Fotos de equipamentos Regional Centro- Sul..	71
5	Material de Estimulo Grupo Focal: Fotos de equipamentos Regional Noroeste.....	72
6	Material de Estimulo Grupo Focal: Fotos de equipamentos Regional Pampulha....	72
7	Eventos gratuitos financiados pelas leis de incentivo.....	73
8	Campos de Várzea Regional Noroeste.....	154
9	Campos de Várzea Regional Pampulha.....	155

LISTA DE TABELAS

1	Empreendimentos aprovados no O.P. por temática.....	40
2	População residente por região administrativa Belo Horizonte 1991/2000/2010.....	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BHTrans-	Empresa de Transporte e Trânsito de Belo Horizonte
CEFAR	Centro de Formação Artística da Fundação Clóvis Salgado
CEFET -	Centro Federal de Educação Tecnológica
CELAR -	Centro de Estudos em Lazer e Recreação
CRAS -	Centro de Referência da Assistência Social
CONJUVE -	Conselho Nacional da Juventude
CONANDA -	Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente
ECA -	Estatuto da Criança e do Adolescente
EEFFTO-	Escola de Educação Física Fisioterapia e Terapia Ocupacional
FAN-	Festival Internacional de Arte Negra
FIT-	Festival Internacional de Teatro, Palco e Rua
FMC -	Fundação Municipal de Cultura
GEOP -	Gerência de Orçamento Participativo
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
OP -	Orçamento Participativo
OIT -	Organização Internacional do Trabalho
OMS -	Organização Mundial da Saúde
PBH -	Prefeitura Municipal de Belo Horizonte
PEC -	Proposta de Emenda Constitucional
PETI-	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PLOA -	Plano orçamentário Anual
PNAD -	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PROAS-	Programa de Reassentamento de Famílias
SMAPL -	Secretaria Municipal Adjunta de Planejamento
SNJ -	Secretaria Nacional de Juventude
UNESCO -	United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization
UFMG -	Universidade Federal de Minas Gerais
UFF -	Universidade Federal Fluminense

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	13
2 AS CIDADES, O LAZER E PLANEJAMENTO URBANO	19
2.1 As Cidades e o Planejamento Urbano.....	20
2.2 Do Espaço Urbano ao Pedaco	25
3 A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE E A SEGREGAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL	31
3.1 As cidades e a centralização dos Espaços/Equipamentos de Lazer.....	35
3.2 Movimentos Sociais e a luta por Equipamentos de Lazer em Belo Horizonte	38
3.3 Espaços e Equipamentos de lazer.....	41
3.3.1 Equipamentos de Lazer Regional Centro-Sul.....	43
3.3.2 Equipamentos de Lazer Regional Noroeste.....	45
3.3.3 Equipamentos de Lazer Regional Pampulha	49
4 AS JUVENTUDES NA CIDADE	52
4.1 Sobre os conceitos de juventude na academia	52
4.2 A questão Cronológica norteadora de políticas públicas	55
4.3 Estudos sobre Juventude	57
4.4 O Lazer e a juventude	59
5 FALA JUVENTUDE!	64
5.1 GRUPO FOCAL: O Convite à Conversa Coletiva	64
5.1.1 Caracterização dos Sujeitos	67
5.1.2 O Desafio da coleta dos dados	68
5.1.3 Interpretação das Falas	75
5.2 O TEMPO SOCIAL DOS JOVENS E O LAZER	77
5.2.1 Durante a semana “ralo!”: Criando o tempo disponível para o lazer	77
5.2.2 A Rua, a Pracinha e o Alcool	80
5.3 A RELAÇÃO COM OS EQUIPAMENTOS CENTRAIS.....	86
5.3.1 É raro eu ir neste lugares: Centro Sul.....	88
5.3.2 Palácio das Artes: Nunca fui!.....	91
5.3.3 Mobilidade Urbana e Lazer	95
5.4 A RELAÇÃO COM OS EQUIPAMENTOS DA NOROESTE E PAMPULHA	101
5.4.1 Memórias do Parquinho da Mata e do Zoológico.....	102
5.4.2 Avaliando e descobrindo novos equipamentos	106
5.4.3 Funk do Malibu: O estilo musical e a escolha pelo Equipamento	113
5.5 SOBRE OS EVENTOS GRATUITOS	116
5.5.1 Fiquei Sabendo não! A questão da divulgação	117
5.5.2 Fiquei sabendo, mas sozinho não rola!	122
6 SOBRE O QUE APRENDI COM A GALERA	126
REFERÊNCIAS	134
APÊNDICES	144
ANEXOS.....	157

1 APRESENTAÇÃO

O Lazer vivenciado nas regiões centrais da cidade permeia as relações sociais do autor desta pesquisa desde a adolescência. Morador de um bairro popular afastado da região central e estudante de uma escola pública na área nobre de Belo Horizonte, o mesmo vivenciou, entre os anos de 1997 e 2001, experiências e conteúdos de lazer que foram importantes para sua formação humana e intelectual. Ao sentir falta destes conteúdos no dia a dia de sua comunidade, junto com amigos que vivenciavam as mesmas experiências, resolveram formar um grupo a fim de contribuir para reverter este quadro.

Desde o ano de 1999, o autor dedica parte do seu tempo livre a trabalhos comunitários voluntários junto com um coletivo de amigos. Os trabalhos que inicialmente tinham por objetivo a organização e a promoção de eventos capazes de dar fruição à produção cultural local a fim de possibilitar aos moradores ampliação das vivências de lazer, também passaram a favorecer discussões sobre o desenvolvimento do bairro São Salvador¹ e região.

Em 2004 percebeu-se que os eventos organizados pelo coletivo eram pontuais e que era necessário reivindicar um equipamento de lazer específico, capaz de promover a produção cultural local a qualquer momento, sem depender de excessivos trâmites burocráticos² para o fechamento de ruas, a fim de realizar atividades de lazer e cultura. Este equipamento também poderia receber produções de teatro, dança e música, financiadas pelas diversas leis de incentivos a cultura.

No Mesmo ano – 2004, reivindicamos este equipamento no Orçamento Participativo³ - O.P., que é uma modalidade de democracia participativa, prevista na lei Orgânica do Município de Belo Horizonte, onde a Prefeitura transfere para os moradores da cidade a decisão de aplicação dos recursos destinados para obras da cidade. Sem experiência em processos de articulação política, o grupo não

¹ O Bairro São Salvador está localizado no extremo oeste da Regional Noroeste de Belo Horizonte, limítrofe com a Regional Ressaca do município de Contagem.

² Para realização de um evento em via pública é necessário: Abaixo assinado de moradores, autorização da órgão de trânsito, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros e pagamento de taxa a PBH.

³ Sobre o Orçamento Participativo de Belo Horizonte Acesse [http: \portal.pbh.gov.br/pbh](http://portal.pbh.gov.br/pbh). PBH

conseguiu aprovar o equipamento, que naquele ano foi proposto para uma área de 360 metros quadrados.

Após dois anos de preparação, em 2006, voltamos ao O.P. e aprovamos um empreendimento de 4000 metros quadrados, que consistia em uma área de Esporte e Lazer com ginásio poliesportivo coberto, pista de skate, playground para crianças, equipamentos de musculação e espaço para realização de shows.

Mesmo com a aprovação da obra, que deveria ter sido construída até o final do ano de 2008, enfrentamos diversos embates com a indústria proprietária do terreno indicado para construção do empreendimento. Via *lobby* político, a mesma tentou impedir que o poder executivo local decretasse o local como de utilidade pública e desapropriasse o espaço.

Na medida em que íamos sendo massacrados com a hierarquização das prioridades políticas, que colocam a cultura, o esporte e o lazer no plano secundário das necessidades humanas, fomos à busca de aporte teórico para embasar a militância. E, indiscutivelmente, este foi o ponto que trouxe o pesquisador⁴, em 2008, para a especialização no Centro de Estudos de Lazer e Recreação - CELAR, da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e posterior ao mestrado Interdisciplinar em Estudos do Lazer.

No Ano de 2011, concomitantemente com o término da pesquisa da especialização⁵, após superar diversos obstáculos e realização de diversos atos e manifestações, a Área de Esporte e Lazer do Bairro São Salvador⁶ começa a ser executada⁷. Mas mesmo com o início da construção do equipamento, que poderia possibilitar a diversificação e ampliação das práticas de lazer e uso do tempo livre da comunidade, em especial dos jovens, nos deparamos com uma nova problemática, que vem sendo discutida por produtores culturais da cidade e que constatamos no trabalho final de conclusão da especialização em estudos do Lazer: a não frequência

⁴ O pesquisador é solicitante da obra e um dos colaboradores/articuladores da mobilização

⁵ Silva, 2010

⁶ Sobre o Bairro e Luta pela Construção do empreendimento acesse WebBlog Bairro São Salvador: <http://bairrosaosalvador.wordpress.com/orcamento-participativo>

⁷ Em Janeiro de 2012 a empresa que executava o empreendimento decretou falência e abandonou o canteiro de obras. Em Maio de 2013, seis anos após a aprovação da Obra no O.P. a obra continua paralisada.

dos jovens aos equipamentos públicos e eventos gratuitos da cidade⁸.

Estudo realizado pelo autor em 2010, com jovens da Regional Noroeste de Belo Horizonte, revelou que eles não frequentavam os equipamentos específicos de lazer e cultura, tais como centros culturais, museus, parques ecológicos e teatros. E que também não frequentam as grandes produções culturais gratuitas da cidade, tais como o Festival Internacional de Curtas Metragens, de Teatro, de Dança e Arte Negra. A maioria sequer tinha conhecimento da existência destes eventos. Identificamos que estes jovens fazem a opção por tecerem suas redes de lazer e sociabilidade em eventos e equipamentos de lazer privados⁹.

Mesmo antes dos resultados da investigação da especialização, quando na condição de educador social dos projetos de qualificação profissional da Prefeitura de Belo Horizonte - PBH, já havia constatado que jovens de diversas periferias da cidade¹⁰ sequer conheciam o centro e a história da mesma, o que levou a crer que, definitivamente, este era um problema da cidade e não especificamente da região onde coletamos os dados desta pesquisa.

Assim este projeto nasceu da inquietação do autor, educador social e bacharel em turismo, em conhecer as práticas de lazer dos jovens da cidade de Belo Horizonte, em especial da relação deste seguimento com os eventos e equipamentos públicos de lazer da cidade.

Belo Horizonte, assim como a maioria das capitais brasileiras e da América Latina, cresceu de forma desordenada e com desnível entre o centro e a periferia no que tange à distribuição dos equipamentos¹¹ específicos de lazer, tais como praças, parques, museus, cinemas e teatros (MARCELLINO, 2007; MELO, 2009). É na Regional Centro-Sul da Cidade - região nobre - que ainda estão concentrados os equipamentos públicos de lazer (SILVA; COUTO, 2013) e, por consequência, neles os produtores culturais da cidade realizam a maioria das grandes produções gratuitas.

⁸ Silva; Melo; Couto, 2011.

⁹ Nesta dissertação espaços e equipamentos privados são aqueles que não são mantidos pelo poder público.

¹⁰ Entre os anos de 2006 e 2012 o autor da pesquisa trabalhou na qualificação profissional com jovens moradores dos 30 territórios prioritários para inclusão Social do Município de Belo Horizonte.

¹¹ Os equipamentos de lazer são objetos que organizam o espaço (MARCELLINO, 2007).

Mesmo diante deste quadro não podemos afirmar que as regiões afastadas da área central estão totalmente desprovidas de equipamentos específicos de lazer. Segundo Silva (2010), desde 1993, as comunidades vêm obtendo conquistas nas assembleias públicas do Orçamento Participativo e elas têm sido instrumento para corrigir a má distribuição dos equipamentos.

Continuando os estudos que iniciamos em 2010, o problema central desta pesquisa foi buscar respostas aprofundadas para a seguinte indagação: O que de fato faz com que os jovens da periferia não frequentem os eventos e equipamentos públicos de Lazer da cidade, fazendo a opção de tecerem suas redes de sociabilidade em locais equipamentos/espços de lazer privados?

Assim o objetivo desta pesquisa foi conhecer a relação dos jovens, com os eventos e equipamentos de lazer da cidade de Belo Horizonte. Especificamente conhecer as práticas de lazer dos jovens e os por que(s) da preferência pelos equipamentos e Eventos (público e privado).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, (2010) os jovens com idade entre 15 e 24 anos representam 17% da população de Belo Horizonte, o que significa que este trabalho se propõe a conhecer práticas de lazer de um seguimento etário que corresponde a 401.488 habitantes na cidade.

Este seguimento social se tornou modelo na sociedade contemporânea. Segundo Morin (1977), a dimensão simbólica da juventude vem cada vez mais influenciando o comportamento de outros seguimentos etários e o mundo assiste a um processo de desvalorização da velhice. A cultura de massa está cada vez mais impulsionando as sociedades a promoverem valores juvenis. Neste modelo a cultura juvenil impulsiona cada vez mais a ascensão do jovem à condição de modelo do ser humano. “O novo modelo é o homem e a mulher que não querem envelhecer, querem ficar sempre jovens, para sempre se amarem e desfrutarem do presente” (MORIN, 1977, p. 152).

Esta desvalorização da velhice é disseminada em um contexto de uso intenso das tecnologias da informação e comunicação, que já foram apropriadas pela indústria cultural. Segundo Abramo (1994), a promessa de eterna juventude é mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo. Assim, pesquisar o lazer da juventude é buscar conhecimento acerca dos elementos simbólicos da

sociedade contemporânea, vulnerável aos ataques da indústria cultural¹² e do entretenimento.

Os jovens também são o barômetro sensível do estado de nossa sociedade, como afirma Peralva (1997):

Enquanto o adulto vive ainda sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, o jovem vive em um mundo radicalmente novo, estudá-los irá nos permitir não somente uma melhor compreensão do universo de referências de um grupo etário particular, mas também da nova sociedade transformadora pela mutação” (PERALVA, 1997, p.23).

Conhecer a relação dos jovens com os equipamentos, espaços e eventos públicos, pode gerar conhecimento capaz de embasar estudiosos, gestores públicos, militantes sociais e profissionais interessados em pensar e (re)organizar o espaço urbano e os conteúdos de lazer para este seguimento tão importante na sociedade. Em especial, pelo fato do espaço de Lazer possuir importância por se caracterizar como “espaço do encontro, de convívio, do encontro com o novo e com o diferente, lugar de práticas culturais, de criação, de transformação e de convivências diversas, no que diz respeito a valores, conhecimentos e experiências”. (DE PELLEGRIN, 2004, p.74).

Silva (2010) constatou que as comunidades das periferias de Belo Horizonte vêm obtendo diversas conquistas no que tange a construção de equipamentos específicos de lazer, tais como parques, áreas esportivas¹³ e centros culturais, nos fóruns do Orçamento Participativo. Entretanto, percebeu-se que esses equipamentos não são utilizados pelos jovens. Assim, esperamos que o resultado desta pesquisa contribua para (re)pensar o uso dos espaços e equipamentos públicos de lazer da cidade de Belo Horizonte. E que também contribua para aproximar as discussões da Academia aos fóruns de discussão de políticas públicas de Esporte, Lazer, Cultura e Juventude.

No capítulo 2, **as Cidades, o Lazer e o Planejamento Urbano,**

¹² Formulação cunhada pelos alemães Theodor Wiesengrund Adorno e Max Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento*, texto escrito na vigência do nazismo (1941-1944) e publicado em 1947. Conjunto de bens culturais, difundidos pelos meios de comunicação de massa, impondo formas universalizantes de comportamento e consumo. (FREITAS; HELAL; PIZZI, 2004).

¹³ Pesquisa realizada por Couto e Abreu (2011), evidenciou que o jovem tem optado por utilizar o seu tempo livre na Internet e TV em detrimento do Esporte.

buscamos compreender o conceito de cidade dialogando com autores que discutem o processo de urbanização das cidades e os modelos de planejamento urbano que reformularam diversas cidades europeias após o caos social experimentado pelo êxodo rural. Este modelo foi copiado por diversas cidades brasileiras, inclusive Belo Horizonte – primeira capital planejada do Brasil. Também fizemos reflexão conceitual do lazer problematizado por autores como uma problemática tipicamente urbana, e de como os *espaçólogos* discutem as várias possibilidades de uso do espaço. Do Espaço total, às vezes abstrato, ao bairro, lugar e pedaço mais íntimo da vida cotidiana.

No capítulo 3, a **História de Belo Horizonte e a segregação sócio Espacial**, apresentamos revisão bibliográfica da história de uma cidade nascida na Prancha positivista do engenheiro Aarão Reis. Uma cidade pensada para trinta mil pessoas, que tem nos dias atuais 2.300.000 habitantes. A consequência foi o crescimento desordenado, a supervalorização dos terrenos na área central reservada para as elites, a expulsão da população pobre para as periferias, a má distribuição dos equipamentos coletivos e de infraestrutura. A reflexão é realizada a partir da centralização dos equipamentos de lazer e da importância do movimento social contemporâneo na (re) organização do espaço urbano.

No capítulo 4, **as juventudes na cidade**, apresentamos alguns conceitos que nortearão os grupos de pesquisas da academia, formuladores e gestores de políticas públicas para a juventude, tanto no setor governamental, quando no terceiro setor. Também apresentamos estudos sobre a juventude.

Finalmente no capítulo 5, **Fala Juventude!**, a voz é dada aos sujeitos participantes da conversa coletiva. Apresentamos os dados e o método utilizado para conhecer a relação dos jovens com os eventos e equipamentos de lazer da cidade, bem como as práticas de lazer e uso do tempo.

2 AS CIDADES, O LAZER E PLANEJAMENTO URBANO

Conhecer a relação dos jovens com os eventos e equipamentos de lazer de uma metrópole significa refletir sobre o contexto em que vivem e no qual estão mergulhados. Discutir o lazer da juventude urbana é pensar o que é uma cidade contemporânea, o que é o urbano e quais os espaços que esta nova aglomeração humana oferece em termos de lazer.

Neste capítulo faremos uma breve reflexão sobre o conceito de cidade, de urbano e urbanismo, dialogando com Lefevre (1991 e 1999), Medeiros (2010), Monte-Mor (1980 e 2008), Rechia (2003) e Rolnik (2004) sobre alguns fatores que levaram à mudança radical de uma sociedade rural para uma sociedade urbana e como as cidades brasileiras se inseriram neste processo com o planejamento urbano.

Também fizemos revisão das possibilidades conceituais do termo espaço, pedaço, lugar e bairro, dialogando com Santos (1996 e 1996), Certeau (1996), Magnani (1984, 2000 e 2007), Mayol (1996) e Tuan (1983), a fim de nortear a discussão sobre o uso dos tempos, espaços e equipamentos de lazer no espaço urbano. E, finalmente, apresentamos possibilidades conceituais de uso do termo lazer e sua relação com a cidade.

2.1 A História das Cidades e o Planejamento Urbano

Fruto da imaginação e do trabalho articulado de muitos homens, a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza (ROLNIK, 2004 p.8)

Se entramos dentro de um ônibus no centro da metrópole Belo Horizonte ou de qualquer outro grande aglomerado urbano e formos em direção ao seu subúrbio/periferia¹⁴, buscando um conceito, uma definição do que é cidade na contemporaneidade, faríamos a mesma indagação e concordaríamos o conceito de Rechia (2003):

Trata-se de um aglomerado de casas, prédios e empresas? Trata-se de extensas avenidas que recortam bairros e histórias e são previstas para circulação de um número cada vez maior de carros? Trata-se da combinação de poluição sonora e visual, num misto de vozes, buzinas, motores de automóveis, luminosos, propagandas? A resposta poderia ser sim: A cidade é tudo isso. (RECHIA, 2003 p. 35)

Robert Park da Escola de Chicago, ao conceituar a cidade norte americana do início do século XX, chegou a um conceito parecido com o descrito acima, completando que também é um local de costumes e sentimentos, produto da natureza humana. E acreditamos que seu conceito também colabora com a reflexão:

A cidade é algo mais do que um amontoado de homens indivíduos e convergências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones etc.; algo mais também do que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos – tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de vários tipos. Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Esta envolvida nos processos vitais das pessoas que compõem: é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana (PARK, 1979 p.26)

¹⁴ Tomamos cuidado com o termo e concordamos com Costa (2012), que centro e periferia não são tomados estritamente por seu conteúdos espaciais, mas também sócio-urbanísticos. Há espaços periféricos em regiões centrais, da mesma forma em que há espaços centrais nas áreas mais distantes, como é o caso de grande parte da expansão metropolitana ao sul de Belo Horizonte. (COSTA, 2012, p.49).

Voltando ao ônibus que se desloca pela metrópole Belo-horizontina. Se resolvermos descer dele veremos que a cidade se apresenta como um lugar a ser explorado nas múltiplas relações que os sujeitos que a habitam estabelecem uns com os outros e com todo este emaranhado de coisas e objetos que os circundam. Nesta direção, Medeiros (2010) apresenta a cidade como “recortes espaciais e culturais ocupados por um contingente diversificado de indivíduos e grupos sociais procedentes dos mais díspares universos” (MEDEIROS, 2010, p.167).

Para Rechia (2003) a cidade também significa a relação do sujeito consigo mesmo, com o outro e com o lugar, os “espaços produzidos resultantes dessas relações precisam ser percebidos na sua dimensão humana, ou seja, no que uma cidade e alguns de seus cenários significam para quem nela vive e para quem deles usufrui”. (RECHIA, 2003, p. 35),

Para Lefebvre (1991) a cidade é o produto vivo fruto da natureza humana, e pode ser comparada a uma obra de arte, construída pelas relações sociais dos sujeitos de acordo com as condições históricas do seu tempo.

A cidade é obra, a ser associada mais com a obra de arte do que com o simples produto material. Se há uma produção da cidade e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história; ela é obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam esta obra, as condições históricas” (LEFEBVRE 1991, p. 47)

Esta dimensão de cidade como um grande aglomerado de objetos, edificações, pessoas e sentimentos, nem sempre foi assim, esta malha extensa que se junta a outras cidades, se tornando metrópoles e megalópoles - fisicamente ou não, levando o modo de vida urbano a se tornar um espaço social total, que Monte-Mór (2006), inspirado da sociedade urbana de Lefebvre conceituou de urbanização extensiva.

Nesta investigação buscamos conhecer o lazer de jovens no contexto de uma metrópole, assim, iniciamos a reflexão a partir do processo de industrialização das cidades, para fazer as reflexões sobre o lazer e as suas relações sociais na cidade contemporânea, mas Lefebvre (1991) nos lembra de que a cidade existe antes deste processo.

A cidade preexiste à industrialização. Esta é uma observação em si banal, mas cujas implicações não foram inteiramente formuladas. As criações urbanas mais eminentes, as obras mais “belas” da vida urbana (“belas”, como geralmente se diz, porque são antes obras do que produtos) datam de épocas anteriores à industrialização. Houve a cidade oriental (ligada ao modo de produção asiático), a cidade arcaica (grega ou romana, ligada a posse de escravos), depois a cidade medieval (numa situação complexa: inserida em relações feudais mas em luta contra feudalidade da terra). A cidade oriental e arcaica foi essencialmente política: a cidade medieval, sem perder o caráter político, foi principalmente comercial, artesanal, bancária. Ela integrou os mercadores outrora quase nômades, relegados para fora da cidade” (LEFEBVRE, 1991 p. 4)

Sem desconsiderar a existência de outras civilizações como a das Américas pré-colombiana: Maias, Astecas e Incas, Monte-Mór (2006), completa o conceito de Lefebvre afirmando que nas sociedades modernas de orientação ocidental, o termo cidade vem do latim, “Da polis grega vem o conceito de política, enquanto do latim civis e civitas vêm cidadão, cidadania, cidade e civilização” (MONTE-MÓR, 2006, p. 185).

Sobre a Cidade antiga, Rolnik (2004) afirma que ela era fechada e vigiada para defender-se de inimigos internos e externos. Na cidade habitavam somente aqueles que detinham o poder – a classe dominante. Existia uma distinção muito clara do que era cidade e o do que era campo. Para Monte-Mór (2006), a subordinação da cidade ao campo se inverte quando a produção industrial entra no seu território, onde ocorrem diversas transformações, principalmente nos dois últimos séculos a partir deste episódio.

A cidade, originalmente centro político e mercantil que se subordinava o campo por sua dominação político-ideológica (e militar, sem dúvida) e pela necessária realização da produção em suas praças de mercado, sofreu uma transformação radical com a entrada da produção industrial em seu território. De espaço privilegiado da festa, do poder e do excedente coletivo, obra civilizatória, transformou-se em espaço privilegiado da própria produção, reunindo capital, trabalho, meios de produção e mercado, subordinando assim definitivamente o campo à sua produtividade local. A Cidade combinou então o espaço da vida coletiva e o território da produção industrial (MONTE-MOR, 2006, p.187).

Com a divisão do trabalho a cidade também passa a produzir e as pessoas que antes moravam no campo migram para as cidades. Segundo Rolnik (2004), “quando essa divisão do trabalho se estabelece, a cidade deixa de ser

apenas a sede da classe dominante, onde o excedente do campo era consumido, para se inserir no circuito da produção propriamente dita” (ROLNIK, 2004, p. 27).

Daí em diante a cidade passa a ser local de moradia e de trabalho, onde o excedente é produzido e comercializado. “Hoje a imagem de cidade como centro de produção e consumo domina totalmente a cena urbana. Nas cidades contemporâneas não há praticamente nenhum espaço que não seja investido pelo mercado (ou pela produção para o mercado)” (ROLNIK, 2004, p. 28).

Posterior à entrada dos meios de produção, veio a industrialização e as cidades passaram a atrair, como um ímã, uma quantidade sem precedentes de contingentes humanos que abandonam o campo e passam a viver em aglomerados urbanos.

Sem planejamento, as cidades europeias do final do Século XIX, como Paris e Londres, foram as primeiras a experimentar o caos social provocado pela multidão, o que despertou a atenção de múltiplos observadores: filantropos, médicos e jornalistas, que investigaram as condições das casas, das fábricas e dos lares dos trabalhadores dos bairros operários, para constatar toda a degradação da espécie humana daquele tempo.

Nesse contexto, segundo Bresciani (1986), surge a ideia sanitária, profundamente arraigada na medicina e na moral burguesa, a qual preconizava a higiene e a medicina social, o urbanismo, a estatística, a sociologia da família e a psicologia social, que mais tarde vão dar início ao que conhecemos por Ciências Sociais.

A Ideia Sanitária tinha um duplo sentido. Físico e moral - define uma sociedade sã: Sem doenças, sem crimes, revoltas ou revoluções. O reequacionamento das cidades com base na teoria dos fluidos – propiciar a circulação do ar, da água, da luz, das mercadorias e das pessoas (BRESCIANI, 1986, p. 28).

Diversas cidades brasileiras foram erguidas ou adequadas seguindo este modelo. Freitag (2003) afirma que cidades como Belo Horizonte, Goiânia, Brasília, Marília, Londrina entre outras, são cidades jovens que foram projetadas na prancha para territórios vazios. Outras cidades que já existiam desde o período da colonização Portuguesa, foram revitalizadas pela modernidade, tomando como critério a higienização, o embelezamento e a funcionalidade, como é o caso, por

exemplo, de Curitiba e do Rio de Janeiro.

Monte-Mór (2008), ao caracterizar as raízes do planejamento urbano brasileiro e de outros países periféricos, afirma que as soluções dos países centrais foram apropriadas pelos países em desenvolvimento na medida em que o capitalismo foi penetrando em seus espaços e que, cidades de Belo Horizonte e Goiânia foram as primeiras a sofrerem esta influência:

A experiência brasileira de planos urbanos remonta ao final do século XIX. Algumas cidades novas como Belo Horizonte, na virada do século XIX para o século XX, e Goiânia na década de 1930, foram construídas a partir de desenhos urbanos influenciados pelos padrões culturais do período barroco¹⁵. A característica do traçado é o “tabuleiro de xadrez”, cortado por largas avenidas e amplos espaços abertos, onde se localizam os edifícios monumentais de estilo neoclássico, tão ao gosto da época (MONTE-MÓR, 2008 p.34).

Segundo Monte-Mór (1980), neste período também surgiram diversas correntes de urbanistas que partiam da premissa que a urbanização gerou a desordem social e que era necessário impor uma nova ordenação espacial. A corrente mais forte foi a dos “progressistas/racionalistas”¹⁶, representadas principalmente por Le Corbusier, que sistematizaram suas ideologias na Carta de Atenas, definindo quatro funções fundamentais as quais o espaço urbano deveria se estruturar: habitação, recreio, trabalho e circulação. O modelo¹⁷ de cidade desta corrente teve seu coroamento com a construção da capital federal, Brasília, aqui no Brasil.

Lefevre (1999) critica Le Corbusier e seus “novos conjuntos” que suprimiram a rua, reduzindo a cidade a dormitório e a aberrante funcionalização da existência. A rua lugar do encontro, onde se efetua o movimento e a mistura. “A rua contém as funções negligenciadas por Le Corbusier: a função informática, a função simbólica, a função lúdica. Nela joga-se. Nela aprende-se.” (LEFEVRE, 1999, p.27)

Resgatar a história das cidades e das origens do planejamento urbano, nos ajuda preliminarmente a refletir sobre as permanências e mutações nas práticas

¹⁵ Sobre a Influência do período Barroco no planejamento Urbano “moderno” ver Mumford (1982) e Rolnik (2004)

¹⁶ Segundo Monte-Mór (1980) existia uma outra corrente denominada “culturalistas” que propunham a negação da cidade grande e a volta dos valores culturais pré- industriais. Enquanto os progressistas defendiam o progresso industrial e a eficiência capitalista.

¹⁷ Sobre uma das críticas a este modelo ver Françoise Choay (1979)

sociais e cotidianas de uso dos tempos/espços pelo ser humano. O processo de urbanização das cidades, do planejamento urbano e da racionalização dos espaços também foi acompanhada pela mudança do tempo, que deixa de ser marcado pela natureza para ser marcado pelo relógio da fábrica. Esta pode ser considerada uma das maiores transformações nos usos do tempo e por consequência nas práticas de lazer nas cidades.

A grande aglomeração de pessoas vivendo em um mesmo ambiente criou novas possibilidades e práticas de lazer e sociabilidade.

Na sessão posterior discutiremos estas possibilidades para depois apresentar a história do planejamento urbano da cidade de Belo Horizonte e suas implicações para o lazer dos moradores das classes populares.

2.2 Do Espaço Urbano ao Peçaço

O espaço social urbano tem sido local privilegiado de investigações e análises em função de sua complexidade. Pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais tem feito esforços para compreender o espaço na contemporaneidade e na cotidianidade. Cada qual com o seu objeto e método. São geógrafos, sociólogos, urbanistas, antropólogos urbanos, economistas e pesquisadores de áreas interdisciplinares – como é o caso dos estudos do lazer. Todos definidos por Milton Santos (1996) como espaçólogos.

Para Milton Santos (1996), no começo, era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e depois cibernéticos. Hoje “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 1996, p. 51).

Segundo Santos (1996), os objetos são tudo o que existe na superfície da terra. Toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou. Aquilo que se cria fora do homem e se torna instrumento material de sua

vida. A ação é o próprio homem.

As ações resultam de necessidades, naturais ou criadas. Essas necessidades: materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais, afetivas é que conduzem os homens a agir e levam a funções; essas funções de uma forma ou outra vão desembocar nos objetos. (SANTOS 1996, p. 67)

Apesar das grandes aglomerações humanas nas cidades serem recentes e terem resgatado o termo espaço urbano, o mesmo data de tempos bastante remotos, tendo sua origem no latim com a dupla conotação “de urbanum (arado), o sentido de povoação, o território traçado com o arado pelos bois sagrados, marcando o espaço de produção e de vida. Da sua simplificação semântica vieram urbe e urbs. Este último termo referia-se a Roma, cidade-império, centro do mundo” (MONTE-MÓR, 2006, p. 185).

Ao se referir ao espaço social urbano, citando Chombart de Lauwe, Anne Butlimer (1986) o conceituou como um espaço de hierarquias dentro dos quais grupos vivem, movem-se e interagem. “Primeiro vem o “espaço familiar”, ou a rede de relacionamentos, característico do nível doméstico da interação social; depois o “espaço da vizinhança” ou a rede que abrange o movimento diário e local; o “espaço econômico”, que abarca alguns centros de emprego e, enfim, o espaço social “urbano regional” (BUTLIMER, 1986, p. 71)

Certeau (1996) distingue espaço e lugar, sendo que o “lugar é a ordem (seja qual for), segundo a qual distribuem elementos nas relações de coexistência, uma configuração instantânea de posições, implica uma indicação de estabilidade” (CERTEAU, 1996, p. 202). Para ele o espaço não tem esta estabilidade do lugar, sendo abstrato. Assim, sugere a noção de espaço praticado, onde as práticas cotidianas vão sendo (re) significadas pelos sujeitos nos espaços, por exemplo “a rua geometricamente definida por um urbanista é transformada em espaço pelos pedestres” (CERTEAU, 1996, p. 202).

Percebemos então que a dimensão do espaço macro e abstrata vai levando os pesquisadores a buscarem a compreensão das práticas sociais no cotidiano. No local, no bairro, na comunidade, no Lugar, no pedaço, na vizinhança.

Para Santos (1996), a ordem local funda a escala do cotidiano e seus parâmetros são a copresença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contiguidade (SANTOS, 1996, p.272).

Para Tuan (1983), o espaço é mais abstrato do que o lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que conhecemos melhor e o dotamos de valor. Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar. Assim o lugar é a segurança e o espaço é a liberdade. “A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da ampliação, da liberdade e da ameaça do espaço e vice versa” (TUAN, 1983, p 6).

Para Tuan (1983) o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto através do contínuo acréscimo de sentimentos e experiências vivenciados ao longo dos anos. O autor explica que lugares altamente significantes para certos indivíduos e grupos podem ter pouca notoriedade visual/estética, mas são conhecidos emocionalmente por seus frequentadores.

Mayol (1996), ao investigar um lugar em estudos que tinham por objetivo elucidar as práticas culturais¹⁸ de usuários da cidade no espaço do bairro, cria um conceito similar ao de Magnani – que veremos adiante. Para Mayol, o bairro aparece como um lugar “onde se manifesta um “engajamento” social ou, noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial da proximidade e da repetição” (MAYOL, 1996, p. 39).

Mayol (1996) ao definir bairro, o conceitua como um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente ele se sente reconhecido. Citando Lefebvre ele afirma que o bairro é uma porta de entrada e de saída entre espaços qualificados e espaço quantificado. “É o pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significativa pelo seu vínculo orgânico com

¹⁸ Em seu texto, a expressão “prática cultural” é tomada no sentido da tradição antropológica: Sistemas de valores subjacentes que estruturam as tomadas de posturas fundamentais da vida cotidiana, que passam despercebidos à consciência dos sujeitos, mas são decisivos para a sua identidade individual e de grupo (MAYOL, 1996, p. 39)

a residência” (MAYOL, 1996, p.41).

O Bairro está entre a vida privada e o mundo: “Trata-se de um dispositivo prático que tem por função garantir uma solução de continuidade entre aquilo que é mais íntimo (o espaço privado da residência) e o que é mais desconhecido (o conjunto da cidade ou mesmo, por extensão o resto do mundo)” (MAYOL, 1996, p. 42)

Para o antropólogo urbano Magnani (2000), as práticas sociais que dão significado ou ressignificam espaços, operam com muitos eixos de significação. Em seus estudos (1984, 2000, 2007), ele partiu do Lazer e não do Trabalho para entender as práticas e as redes de relações sociais, inicialmente em um bairro popular da cidade de São Paulo e depois em espaços centrais desta metrópole.

Este autor trouxe importantes contribuições ao campo de estudos do lazer ao lançar luz a uma categoria que foca o espaço dentro das relações cotidianas. Segundo ele “quando o espaço – ou um segmento dele – assim demarcado, torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações recebe o nome de pedaço” (MAGNANI, 2000, p.32). Este pedaço seria uma rede de relações formada por laços de parentesco, vizinhança e coleguismos assim constituídos:

Um componente de ordem espacial, a que corresponde uma determinada rede de relações sociais. Alguns pontos de referência delimitam seu núcleo: O telefone público, a padaria, alguns bares e casas de comércio, o ponto de ônibus, o terreiro e o templo, o campo de futebol e algum salão de baile. (MAGNANI, 1984, p. 136)

Entretanto, o autor alerta que “não basta, contudo morar perto ou frequentar com certa assiduidade esses lugares: para ser do pedaço é preciso estar situado numa particular rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança e procedência” (MAGNANI, 1984, p. 136). Assim, o termo pedaço “designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (MAGNANI, 1984, p.138).

E continuar a “pertencer ao “pedaço” significa poder ser reconhecido em qualquer circunstância o que implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que até mesmo os bandidos da vila, de alguma forma, acatam” (MAGNANI, 1984, p. 139)

Para Magnani (1984), pertencer a essa rede implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que funcionam também como proteção, “inclusive quando as pessoas aventuram-se para o desfrute de lazer fora do pedaço, como acontece com disputas de futebol em outros bairros, excursões, idas a salões de baile ou a outros equipamentos de lazer situados em pontos afastados do bairro”. (MAGNANI, 1984, p. 139)

A lógica do pedaço foi inicialmente desenvolvida para descrever a rede de sociabilidade em bairros populares, mas o autor avançou, descrevendo a lógica do pedaço em espaços centrais caracterizada por outros tipos de relações, diferentes da de vizinhança e coleguismo.

É nesses espaços em que se tece a trama do cotidiano: a vida do dia a dia, a prática de devoção, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais. É também o espaço privilegiado para a prática do lazer nos finais de semana nos bairros populares. Dessa forma, o pedaço é ao mesmo tempo resultado de práticas coletivas (entre as quais as de lazer) e condição para o seu exercício e fruição. (MAGNANI, 2000, p. 32)

Magnani (2000) refere-se ao espaço como um pedaço, sendo este um apontador para distinguir determinados grupos de frequentadores e, são nesses espaços, que se tecem as tramas cotidianas. Assim, o espaço da cidade conduz a ideia de troca, socialização, conflitos, tradições, em que os homens se encontram.

Assim os bairros, os lugares e os pedaços são locais privilegiados para o desenvolvimento de práticas culturais de lazer e sociabilidade dentro do espaço urbano. Possibilitam aos indivíduos desenvolverem relações sociais e de reconhecimento neste espaço público intermediário entre a vida privada e a pública. A construção de equipamentos para potencializar o encontro e o convívio social pode favorecer estas práticas.

3 A HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE E A SEGREGAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL

“A cidade não cresceu como sabemos como uma mancha de óleo” (LE VEN, 1977, p. 161)

A Cidade de Belo Horizonte começa a ser construída no ano de 1894, e tem sua fundação no dia 12 de Dezembro de 1897. Imaginada pelas elites mineiras, agroexportadoras¹⁹, portadoras de uma ordem republicana, segundo Cerezo (1997), ela foi concebida para marcar a ruptura com o passado tradicional colonial e nasce sob o signo da recém proclamada República Brasileira, que queria marcar o seu surgimento com um monumento totalizante “moderno”, avesso a herança colonial da antiga capital de Minas Gerais: Ouro Preto.

Julião (1992), ao analisar o imaginário da sociedade Mineira, prestes a fundar a Nova Capital, afirma que as elites idealizavam uma cidade capaz de ser um marco zero de passagem do Império para a República, sob o signo das Luzes e da racionalidade científica. Uma visão que também correspondia para as elites à sensação de viver a aventura da modernidade, a exemplo de cidades europeias.

Para Buere (1997), apesar da comissão construtora de Belo Horizonte ter por objetivo construir uma cidade evitando a realidade social caótica já experimentada pelas cidades do velho mundo²⁰, esta era positivista e fiel aos ensinamentos (mandamentos) da modernidade europeia e em sintonia com os mais recentes projetos urbanísticos vigentes. Dessa forma, planejou uma capital com lugares arejados, amplas e largas avenidas, inspiradas no modelo de reestruturação de Paris do Conde Haussman.

O Engenheiro chefe da comissão Construtora da Nova Capital foi Aarão Reis, professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro que integrava a geração de intelectuais positivistas da República. Este era afinado com a mentalidade reformista das elites e comprometido com a bandeira do progresso. Inspirado em utopias

¹⁹ Termo utilizado por LE VEN, (1977), em Estudo sobre a Formação Econômica, Social e Política de Belo Horizonte.

²⁰ BRESCIANI (1982) - Sobre as péssimas condições de moradia e a superpopulação em Londres e Paris do Século XIX.

européias queria concretizar ideias urbanísticas através do exercício da geometria, arregimentando as funções humanas no espaço - um verdadeiro geômetra social²¹. Seu plano geral para a cidade de Belo Horizonte, previa três zonas:

A **Urbana** (Dentro do perímetro da atual Avenida do Contorno, destinadas às repartições e às residências dos funcionários públicos), **Suburbana** (em torno da urbana, fora do perímetro da Av. Contorno, para sítios e chácaras) e a **Rural** (a mais externa, para o cinturão verde destinada ao abastecimento da cidade) (CEREZO, 1997 p.123).

Julião (1992), citando o relatório de obras do Engenheiro Aarão Reis, de 1895, mostra como ele descreve sucintamente a disposição das ruas da nova capital, seguindo os preceitos de um geômetra social:

“As ruas fiz dar a largura de 20 metros, necessária para a conveniente arborização e livre circulação dos vehiculos, o tráfego dos carris e os trabalhos da collocação e reparação das canalizações subterrâneas. As avenidas fixei a largura de 35 m, sufficiente para dar-lhes a belleza e o conforto que deverão, de futuro, proporcionar à população. Apenas à uma das avenidas – que corta a zona urbana de norte a sul, e é destinada à ligação dos bairros oppostos – dei a largura de 50 m, para constituil-a em centro obrigado da cidade e, assim, forçar a população quando possível, a ir-se desenvolvendo do centro para a periphéria, como convém à economia municipal, à manutenção da hygiene sanitária, e ao prosseguimento regular do trabalho technicos.” (JULIÃO, 1992, p. 78)

Percebemos que a proposta idealizada, objetivava forçar a população a desenvolver do Centro para a Periferia. De dentro para fora. De forma que os valores da área central, perímetro da atual Avenida do Contorno, sintonizados com o modelo da urbanidade e da civilidade dos países desenvolvidos, se expandissem para as áreas periféricas. O que não era uma tendência apenas da Nova Capital Mineira, e sim, de todas as cidades que passaram pelo processo do novo urbanismo do século XX.

Ainda sobre o perímetro urbano da Planta Geral da Cidade, Julião (1992) comenta que:

(...) confirmava a disposição de Aarão Reis em exercer o papel de geômetra social. O Seu alto grau de abstração, seu rigor geométrico professavam a utopia de se traçar com a régua e o compasso uma ordem social e harmônica, unitária, onde não haveria lugar para a chamada desordem urbana (JULIÃO, 1992, p. 72).

Neste modelo os novos formatos arquitetônicos são impostos e

²¹ Termo utilizado por Lewis Mumford (1982, p. 191), resgatando a ideia dos Planejadores – de Hipódamo a Haussmann, cuja utopia é realizar ideias urbanísticas através do exercício da geometria e da arregimentação de funções humanas no espaço urbano.

instituições disciplinares (médicos-sanitaristas, fiscais repressivas, entre outras) começam a ordenar as pessoas nos novos espaços remodelados fazendo com que a população pobre seja expulsa dos centros urbanos para as periferias²².

Em Belo Horizonte os primeiros a serem expulsos foram os operários que vieram construir a Cidade entre os anos de 1894 e 1897. Ao contrário de outros seguimentos sociais da antiga capital Ouro Preto, que tiveram espaços reservados para moradia, os trabalhadores, ou melhor, os bons trabalhadores²³, moravam na periferia da Avenida do Contorno em cortiços e aos poucos foram sendo expulsos para outras periferias.

Com o passar dos anos, a especulação imobiliária e os custos vão expulsando os trabalhadores para cada vez mais longe da cidade planejada, para locais sem infraestrutura. A Cidade então passa a ser ocupada diferente do idealizado, conforme afirma Cerezo:

A forma de ocupação foi planejada para ocorrer do centro para a periferia, a partir do eixo principal da cidade, a Avenida Afonso Pena: Com tal previsão, **dotou-se de infraestrutura apenas parte da Zona Urbana**, onde se alojaria a população inicial (calculada em 30 mil pessoas). No entanto, o preço dos terrenos e as exigências urbanísticas na Zona Urbana levaram grande parte da população a ocupar as zonas Suburbana e Rural, com lotes mais baratos e menores exigências, deixando a Zona Urbana com serviços e infraestrutura ociosos e a periferia deficiente: A expansão da cidade, ao contrário do que foi planejado, ocorreu da periferia para o centro. (CEREZO, 1997, p. 124)

Ainda nesta direção, Buere (1997) complementa afirmando que o isolamento da população pobre nas periferias da cidade não foi acompanhado de uma política de construção de infraestrutura:

O isolamento da população pobre em espaços considerados seguros para a sociedade não foi acompanhado de uma política de construção de infraestrutura básica naqueles locais. Durante as primeiras décadas do século XX, tornaram-se frequentes as reclamações de indivíduos, grupos e entidades de classe em relação à precariedade das moradias, a ausência de esgoto, água luz, transporte, entre outros, demonstrando, então, o eterno descaso das autoridades em relação à periferia. (BUERE, 1997, p. 78)

²² A nova faceta deste modelo é visível nas recentes urbanizações de Vilas e Favelas – Programa Vila Vila, em Belo Horizonte que tem expulsado as populações, agora, das periferias da cidade, para as periferias da região Metropolitana.

²³ Segundo LE VEN (1977), dois anos após a Fundação da Cidade foi reservado um bairro para os bons operários, chamado de 8ª Seção, onde é hoje o atual bairro Barro Preto, com leis específicas e exigências morais.

Era a área central da cidade que detinha toda a infraestrutura e as promessas da cidade moderna, reservada para poucos, conforme afirma Julião (1992):

Na área Central, ao contrario, estavam localizados os espaços coletivos mais atraentes, os edifícios públicos, e também concentrados de serviços urbanos modernos, como saneamento iluminação, bonde etc. Obviamente, um território elegante e acessível a poucos, já que seus terrenos estavam entregues às leis do mercado. Ali as elites construía suas residências, faziam seus negócios, desfrutavam o seu lazer (JULIÃO, 1992, p. 80).

Nos primeiros anos de vida da Nova Capital era possível perceber a existência de duas ou mais cidades, dentro de Belo Horizonte. Segundo Julião (1996), uma cidade elegante e oficial e outra popular, dos toucinhos e das cachaças.

A classificação hierarquizava as três regiões em matizes que iam da ordem à desordem urbana. **A Praça da Liberdade**, obviamente, cristalizava a ordem oficial. **A Bahia**, um território de transição, embora mundano e livre do oficialismo, inseria-se nos padrões da ordem pública, aproximando-se dos ideais de progresso. Por último, a **“Zona”**, lugar do obscuro e proibido, onde se misturavam o jogo, a prostituição, a boemia. E, é claro, onde também estava presente a polícia, atenta àquela desordem. (JULIÃO, 1996, p. 83)

Assim nasceu a cidade de Belo Horizonte. Na prancheta de inspiração moderna, que desconsideraram os operários - imigrantes europeus e negros recém libertados - que vieram construir uma cidade que não era para eles. Para Le Ven (1977), a cidade não cresceu como uma mancha de óleo. Cresceu de forma desordenada e sem planejamento, a partir da expulsão da população pobre para as periferias da cidade. A Belo Horizonte do Engenheiro Aarão Reis foi projetada para 30 mil habitantes, cresceu e, segundo dados do IBGE (2010), tem 2.300.000 habitantes.

O resgate da história de Belo Horizonte nos apresenta que os seguimentos populares foram expulsos, excluídos e perseguidos na cidade planejada, o que os obrigou a fundar uma outra cidade, com suas próprias redes de lazer e sociabilidade. Os benefícios prometidos pelo planejamento urbano moderno de inspiração europeia só chegou para os moradores pertencentes às elites que moravam dentro da cidade planejada, concentradora de toda infraestrutura e conforto.

Acreditamos então que há uma correlação histórica direta, quando vamos discutir a má distribuição dos equipamentos de esporte, lazer e cultura na cidade, já que o crescimento da cidade se deu de fora para dentro, diferente do que planejaram as elites agroexportadoras.

3.1 As cidades e a centralização dos Espaços/Equipamentos de Lazer

Em Belo Horizonte, Buere (1997), afirma que há relatos históricos informando a existência de diversas cidades na fundação da nova capital destacando três: A Cidade do Poder, a do Lazer e a da Desordem.

“Uma cidade do poder” - Ligada aos espaços previamente reservados para órgãos políticos oficiais e o trânsito sem impedimentos das autoridades e escalões mais altos do funcionalismo; **“A cidade do lazer”**, fora do trabalho e da cidade oficial, ainda que circunscrita aos padrões de ordem pública, local reservado para momentos de ócio da elite e estratos médio da população. Representativos dessa “cidade” são os locais como a Rua da Bahia, Parque Municipal, Teatros, Bares, entre outros e, por fim, **“a cidade da desordem”**, local de trabalho desordenado, dos bairros pobres, das “zonas”, dos jogos e divertimentos não adequados ao espírito da modernidade requerida pela elite, portanto, negadoras da cidade da ordem (BUERE, 1997, p. 70)

Para nós, é claro e nítido que não existia somente uma cidade do Lazer e sim duas, haja vista que os jogos e os divertimentos na cidade da desordem, nas Zonas, contemplavam o desejo e as possibilidades das camadas populares da cidade. Julião (1992), afirma que existia uma lógica segregacionista inegável na capital, que estabelecia limites claros entre ricos e pobres, uma cidade dicotômica de dois mundos onde,

Um circulava a elite e estratos médios da sociedade e que era representado positivamente. Outro, associado ao elemento popular, constituía um lugar, na ótica das classes dominantes, não pertinentes ao território da cidade moderna, assim como seus habitantes, simbolicamente, estavam excluídos da ordem social. Daí a identificação de seus espaços com a Zona, a desordem – imagens construídas a partir de atributos de negação. (JULIÃO, 1992, p. 120)

Além de excluídos do ambiente moderno e suas promessas de

desenvolvimento e emancipação, os moradores dos bairros populares eram perseguidos por instituições que visavam disciplinar a ordem urbana, com clara orientação a perseguir aqueles que não se enquadravam no sistema do trabalho²⁴. Ao lado do serviço higiênico e das posturas municipais, a polícia constituiu-se num dos principais instrumentos do poder, encarregado de assegurar as novas bases de dominação e disciplina urbana.

A Polícia Militar patrulhava os subúrbios e a Guarda Civil, a zona urbana. Ambas tinham instruções para deter suspeitos, embriagados, vadios, gente que se entregava ao jogo, prostitutas ou indivíduos que faltassem com o decoro público, crianças perdidas e desordeiras. E, ainda, impedir o ajuntamento com algazarra em botequins, tavernas e outras casas de negócios, comunicar as autoridades a existência de reuniões ilícitas e de casas de jogos. Enfim a atenção policial deveria voltar-se para práticas cotidianas, especialmente aquelas ligadas ao tempo livre e de lazer na cidade. (JULIÃO, 1992, p. 147)

A centralização dos equipamentos/espços de lazer nos centros da cidade, não é um caso específico de Belo Horizonte. É comum os pesquisadores que discutem planejamento urbano e lazer denunciarem que as áreas reservadas para as elites nas reformas urbanísticas foram e ainda são privilegiadas. Melo (2009), denuncia que no Rio de Janeiro, uma cidade privilegiada do ponto de vista da quantidade de equipamentos, os tem centralizados nas zonas central e sul da cidade.

No caso do Rio de Janeiro, uma cidade que tem o “privilégio” (que, aliás, deveria ser de todas as cidades, não devendo nem mesmo ser um privilégio) de possuir uma vasta rede de teatros, cinemas, bibliotecas, centros culturais etc., estes se encontram exatamente em sua grande maioria nas zonas que congregam a população de maior poder aquisitivo (Centro e Zona Sul), ficando mais uma vez abandonadas as áreas mais afastadas. Vejamos alguns exemplos. A cidade possui cerca de 60 centros culturais, mas somente 1 se localiza no eixo Zona Norte - Zona Oeste. De todas as salas de cinema existentes na cidade, somente 21 são dedicadas a uma cinematografia “alternativa”, todas localizadas no eixo Centro-Zona Sul. As bibliotecas e museus mais organizados estão também localizados neste último eixo (MELO, 2009).

Na cidade de Curitiba, Paraná, conhecida por seus parques e pelo

²⁴ Segundo BRESCIANI (1987 p.19), a prática de recolhimento dos homens pobres encontrados fora do trabalho data da Europa do século XVII.

planejamento urbano²⁵, Rechia, Tschoke e Vieira (2012), denunciam que a população pobre da cidade tem seus equipamentos de lazer tratados de maneira distinta dos da região central da cidade.

Percebe-se que os espaços públicos centrais são apropriados pelas pessoas que se deslocam para esses lugares por razões variadas, pois oferecem inúmeras opções de uso como trabalho, comércio, turismo, entre outras. Com isso tais ambientes se tornam movimentados e foco de interesse pelas iniciativas governamentais, que investem em manutenção e ações diversificadas priorizando-os. Já no caso da periferia o descuido do poder público tende a prevalecer, resumindo-se em ações pontuais, como por exemplo, eventos festivos de baixa qualidade, falta de manutenção e segurança. (RECHIA; TSCHOKE; VIEIRA, 2012, p.1811)

Quando buscamos autores que discutem planejamento urbano e lazer nas regiões metropolitanas, o quadro se agrava. Pesquisa de informações básicas municipais do IBGE em 2001 revelou um quadro concentrador dos espaços culturais, centralizados nas cidades sedes das regiões metropolitanas, conforme afirma Marcellino (2007).

O aumento da população urbana não foi acompanhado pelo desenvolvimento de infraestrutura adequada. Gerando desníveis na ocupação do solo e diferenciando marcadamente, de um lado, as áreas centrais ou os chamados polos nobres, concentradores de benefícios e, de outro, a periferia com seus bolsões de pobreza, verdadeiros depósitos de habitações (MARCELLINO, 2007, p.16).

No Município de Ribeirão das Neves, Região Metropolitana de Belo Horizonte, Noronha (2009) apresentou um quadro problemático com relação a insuficiência de locais públicos e adequados para a prática do lazer. Segundo a autora, esta cidade está entre os 97% dos municípios do país que carecem de teatros, salas de cinemas e bibliotecas.

Voltando ao caso de Belo Horizonte, mesmo com os consideráveis desníveis históricos na comparação com a região central da cidade, não podemos dizer que nos dias atuais as periferias estão totalmente desprovidas de equipamentos de esporte, lazer e cultura. Em pesquisa realizada por Silva (2010), foi possível constatar que os movimentos sociais populares vêm fazendo esforço considerável, desde o início da década de 1990, para fazer a reparação histórica da

²⁵ Segundo Rechia (2003), o modelo de planejamento urbano francês também foi adotado em Curitiba pelo engenheiro Antônio Ferucci no final do século XX.

ausência dos equipamentos de Esporte, Lazer e Cultura, utilizando especialmente o Orçamento Participativo conforme veremos a seguir.

3.2 Movimentos Sociais e a luta por Equipamentos de Lazer em Belo Horizonte

Os sujeitos são os principais responsáveis pelas transformações dos espaços que habitam e os movimentos sociais urbanos²⁶, obtiveram importantes conquistas na (re) organização e (re) planejamento das cidades. Em Belo Horizonte, os imigrantes italianos foram os primeiros a se organizarem enquanto grupo para reivindicarem melhorias de infraestrutura nos bairros populares da cidade.

Segundo Le Ven, “esses grupos reivindicavam a implantação de serviços básicos e equipamentos urbanos, o patrocínio de festas e jogos comunitários, a construção de templos e ajuda aos mais necessitados” (1977, p. 89). Protestavam também contra a discriminação que sofrem os operários estrangeiros e nacionais em relação à moradia e lazer, em um contexto de formação de uma classe trabalhadora, já que, até o ano de 1888, o Brasil era um país onde os negros eram escravos.

A partir da década de 1980, com ascensão dos partidos populares ao poder, cidades administradas especialmente pelo Partido dos Trabalhadores, criaram modalidades de participação com o objetivo de envolver as populações nas tomadas de decisões sobre o uso do recurso público. No Brasil, o Orçamento Participativo – O.P. é a modalidade de democracia participativa mais popular e conhecida. Neste modelo a população é convidada a discutir e priorizar junto com os gestores públicos a aplicação de recursos para a construção de obras.

Sabemos que esta modalidade de envolvimento da população não é inocente e que outros condicionantes políticos estão por trás do interesse desta

²⁶ Termo utilizado por Castells (1980), para definir grupos sociais organizados nas grandes cidades: associações de vizinhos, comitês de bairro, organizações de usuários de serviços públicos, associações de pais e alunos, sindicatos de consumidores, organismos de participação, clubes culturais, centros sociais, toda uma infinidade de expressões cidadinas que lutam, organizam-se e tomam consciência, na tentativa e na forma social da vida cotidiana.

participação popular. Apesar da crítica da estatização e da cooptação dos movimentos sociais com a chegada dos partidos populares ao poder, uma análise superficial mostra que as diversas conquistas desses grupos organizados de moradores somam esforços para reparar e (re)ordenar o espaço urbano da periferia da cidade, renegado pelas elites que fundaram a capital.

Segundo dados da Secretaria Municipal Adjunta de Planejamento e Gestão – SMAPL, entre os anos de 1993 a 2010, a população escolheu e aprovou 1.394 obras. São obras de Infraestrutura urbana, principalmente urbanização de vias e de vilas, construção de habitações populares, de unidades de ensino infantil, escolas de ensino fundamental, centros de saúde, parques ecológicos, centros culturais, centros de referência em assistência social – C.R.A.S. e áreas de esporte e lazer.

Mas, quando vamos analisar os números das obras aprovadas pelas comunidades nesses 19 anos, as demandas solicitadas pela população nas temáticas áreas de Esporte, Lazer, Cultura e Meio Ambiente representam somente 6,9% das aprovações conforme tabela 1.

Para Melo (2009), a população e os gestores hierarquizam as necessidades, colocando o lazer e a cultura em um plano secundário, à margem das necessidades humanas, onde saúde, educação e trabalho (entendidos como fundamentais à sobrevivência) ocupam espaços de predominante importância, ficando relegados ao segundo plano problemas relacionados à cultura e ao lazer.

Analisando os dados do Orçamento Participativo fornecidos pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH), conforme tabela a seguir, identificamos que na medida em que as comunidades foram ganhando obras ligadas a infraestrutura urbana (40%), urbanização de vilas (28,2%), saúde (11,0%) e Educação (11,0%), percebemos aumento das demandas ligadas ao lazer e a cultura.

TABELA 1

Empreendimentos aprovados no O.P. por temática e Regional

Temática	O.P. Regional	%
Cultura	18	1,3
Educação	135	9,7
Esporte	52	3,7
Habitação	15	1,1
Infraestrutura	558	40
Meio Ambiente	26	1,9
Saúde	154	11
Social	43	3,1
Urbanização de Vila	393	28,2
Total	1394	100

Fonte: Portal do Orçamento Participativo PBH 2011

Uma das informações que ilustram a importância do Orçamento Participativo para a descentralização dos equipamentos de Lazer, é a constatação de que ele é responsável pela construção da maioria dos centros culturais nas periferias de Belo Horizonte. Dos quinze existentes, doze foram aprovados pela reivindicação dos coletivos populares. Talvez se não fosse a participação e a luta das comunidades, esses equipamentos e outros ligados ao lazer das populações dos bairros populares, que surgiram sem o planejamento da prancha do engenheiro Aarão Reis, nem existiriam.

Com a inversão das prioridades e a reivindicação por equipamentos de meio ambiente, esporte, lazer e cultura, a população e os gestores públicos são desafiados a repensarem a distribuição dos recursos públicos, haja vista que somente 1,62% dos recursos anuais da cidade são destinados a estas temáticas. O dinheiro é escasso para contratação de pessoal e manutenção dos equipamentos, que não acompanharam a demanda da cidade, fazendo com que muitos ficassem abandonados e sem animação sócio/cultural. No O.P. 2011/12²⁷ a aprovação de novos equipamentos culturais não foi recomendada por técnicos da administração

²⁷ A discussão para aprovação das obras do Orçamento Participativo 2011/12 aconteceram no ano de 2010.

Municipal. No Plano Orçamentário Anual (PLOA) de 2013, lazer e cultura representam 1,62% do orçamento.

Mesmo com a luta do movimento social dos bairros populares em fazer a reparação histórica e de descentralizar os equipamentos de esporte, lazer e cultura da cidade, até os dias atuais, é de fácil identificação os desníveis quantitativos e qualitativos dos equipamentos de bairros populares comparados com os do hipercentro - Região Central/Planejada.

Assim, constatamos que o hipercentro da cidade de Belo Horizonte ainda é concentrador dos equipamentos específicos de lazer, são praças, parques, teatros, museus e centros culturais, que estão distantes do cotidiano dos jovens e da massa de trabalhadores da cidade.

3.3 Espaços e Equipamentos de lazer

Os termos: equipamento e espaço de lazer aparecem recorrentemente como sinônimos, mas para nortear estudos específicos é necessário ter clareza do que cada um destes termos significa, para não correremos o risco da utilização de terminologias genéricas e evitarmos interpretações errôneas de pesquisadores advindos de outros campos do conhecimento. Ambos os termos começaram a ser lapidados na década de 1970, com vinculação estreita com as políticas públicas de lazer.

De acordo com De Pelegrin (2004), de um modo geral, equipamentos de lazer seriam edificações ou instalações construídos para abrigar atividades e eventos de lazer. Nesta categoria estão os clubes, ginásios, centros culturais, piscinas, cinemas, parques, bibliotecas, teatros e museus. Nas grandes cidades percebemos novos empreendimentos construídos ou não para este fim, mas que acabam se tornando equipamentos de socialização e lazer. Poderíamos enquadrar nesta categoria, as *lan houses*, os *shoppings*, as casas de entretenimento noturnas

e estabelecimentos de alimentos e bebidas, como os bares, restaurantes e lanchonetes.

No Brasil, Camargo (1979) e Requiça (1980) são os autores que se dedicaram ao tema e, mais recentemente, De Pelegrin (2004). Eles dividiram esses equipamentos em dois grupos principais: os específicos e os não específicos. O primeiro construído para abrigar atividades e programas de lazer e o segundo é dos que não foram construídos exatamente para esta finalidade, mas que por determinadas razões acabaram se configurando como tal, como a casa, a rua, o bar e a escola.

Discutir o conceito espaço de lazer no contexto urbano, necessariamente significa dialogar com autores da geografia, sociologia e arquitetura, que são áreas que tradicionalmente problematizam as relações da produção do espaço. De maneira genérica, o termo espaço de lazer, diz respeito aos lugares onde se desenvolvem ações, atividades, e programas de lazer de um modo geral. Mas do ponto de vista mais amplo, este espaço está relacionado a aspectos de uma política de lazer conforme afirma De Pelegrin (2004):

Diz respeito a como se organizam os diferentes equipamentos em uma cidade, como são distribuídos, que tipo de possibilidades oferece. Refere-se, também, aos espaços potenciais (vazios urbanos e áreas verdes, por exemplo), aqueles que podem vir a transformar-se concretamente em equipamento de lazer. Em suma, a expressão espaço de lazer diz respeito a toda a rede de equipamentos de lazer, vazios urbanos e áreas verdes de uma cidade (DE PELEGRIN, 2004, p.73).

O tema vem ganhando destaque e vem sendo tratado por estudiosos e pesquisadores em estreita vinculação com planejamento de políticas urbanas e políticas de lazer.

O espaço do lazer possui importância por se caracterizar como espaço do encontro, de convívio, do encontro com o "novo" e com o diferente, lugar de práticas culturais, de criação, de transformação e de convivências diversas, no que diz respeito a valores, conhecimentos e experiências. (DE PELEGRIN, 2004, p.74)

O espaço urbano também se faz por relações de poder, controle e hegemonia. Forças econômicas e políticas agem em diferentes e complexas

relações.

A seguir apresentaremos um breve histórico das regionais Centro-Sul, Noroeste e Pampulha, bem como a relação de seus equipamentos específicos de lazer. A primeira por ser a que hoje se refere à cidade que foi planejada e as outras duas por serem o local de residência dos jovens entrevistados nesta investigação.

Os dados foram coletados nos sítios das próprias regionais e complementados por outras fontes. Porém observamos que as informações não estavam completas e que alguns equipamentos não estavam relacionados. Também sentimos falta de sinergia entre as informações das Secretarias temáticas com a das Secretarias de Administração Regionais.

3.3.1 Equipamentos de Lazer Regional Centro-Sul

Onde é hoje a região central da cidade de Belo Horizonte, era o distrito Curral Del Rey, pertencente ao município de Sabará. O mesmo foi posto abaixo para que fosse erguida a nova Capital de Minas Gerais, conforme apresentado anteriormente. Esta Região é parte do que conhecemos hoje como Regional Centro Sul, e foi uma das primeiras regiões da cidade a serem ocupadas.

Segundo Arreguy e Ribeiro (2008), os primeiros bairros a serem povoados na cidade de Belo Horizonte foram os bairros Centro, Funcionários, Regiões da Savassi e da Nossa Senhora da Boa Viagem. E com menor ocupação os bairros Lourdes, Santo Agostinho e Barro Preto, sendo estes três últimos bairros inicialmente populares conforme afirmação a seguir:

Barro Preto, Lourdes e Santo Agostinho. Nas duas primeiras décadas do século XX, todos tinham pouca ocupação. As casas que existiam ali eram chamadas cafuas, eram habitações pobres. Essas moradias precárias foram construídas à beira de dois córregos que passavam por ali, o do Leitão e o da Barroca. Seus moradores, pessoas que não tinham dinheiro para viver em bairros como o Centro e o Funcionários, construíam suas próprias habitações e se utilizavam dos córregos para conseguir água. Ali viviam muitos operários. (ARREGUY; RIBEIRO, 2008 p. 20)

Segundo dados do IBGE (2010), a Regional Centro-Sul tem uma população de aproximadamente 272.285 habitantes. Esta Regional é aqui contextualizada para fazer referência à porção da cidade que foi planejada para ser a cidade de Belo Horizonte que, conforme foi apresentado, concentra até os dias de hoje os equipamentos de Lazer e Cultura, notadamente dentro do perímetro da Avenida do Contorno.

No quadro a seguir, destacamos os principais equipamentos públicos de lazer dentro do perímetro da Avenida do Contorno, Território²⁸ Centro-Sul 1 – CS1. Também incorporamos o Parque das Mangabeiras que está localizado na Serra do Curral - CS2, divisa com o município de Nova Lima, por sua importância enquanto equipamento de lazer para a cidade. Relacionamos apenas os espaços e equipamentos públicos onde durante todo o ano acontecem eventos gratuitos e que tem grande relevância para a cidade.

²⁸ O território é uma subdivisão das Regionais que substituiu as antigas Unidades Administrativas, criada pela Secretaria de Gestão Compartilhada durante o primeiro mandato do Prefeito Márcio Lacerda (2008-2012).

QUADRO 1**Equipamentos de Lazer e Cultura Regional Centro-Sul**

EQUIPAMENTO	TERRITÓRIO / BAIRRO	ADMINISTRAÇÃO
Parque Municipal	Centro-Sul 01 - Centro	Fundação de Parques e Jardins
Parque das Mangabeiras	Centro-Sul 02 - Mangabeiras	Fundação de Parques e Jardins
Praça da Estação	Centro-Sul 01 - Centro	Secretaria de Administração Regional Centro Sul
Praça da Liberdade	Centro-Sul 01 - Savassi	Secretaria de Administração Regional Centro Sul
Praça da Savassi – Diogo Vasconcelos	Centro-Sul 01 - Savassi	Secretaria de Administração Regional Centro Sul
Praça Raul Soares	Centro-Sul 01 – Centro	Secretaria de Administração Regional Centro Sul
Praça Sete de Setembro	Centro-Sul 01 - Centro	Secretaria de Administração Regional Centro Sul
Palácio das Artes	Centro-Sul 01 – Centro	Fundação Clóvis Salgado
Centro de Cultura de Belo Horizonte	Centro-Sul 01 – Centro	Fundação Municipal de Cultura
Centro Cultural da U.F.M.G.	Centro-Sul 01 – Centro	UFMG
Teatro Francisco Nunes	Centro-Sul 01 – Centro	Fundação Municipal de Cultura
Teatro Marília	Centro-Sul 01 – Santa Efigênia	Fundação Municipal de Cultura
Viaduto Santa Tereza	Centro-Sul 01 - Centro	Secretaria de Administração Regional Centro Sul
Viaduto Floresta	Centro-Sul 01 - Centro	Secretaria de Administração Regional Centro Sul

Fonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 2013.

3.3.2 Equipamentos de Lazer Regional Noroeste

A Regional Noroeste começa a ser habitada por volta de 1907, quando trabalhadores da Nova Capital constroem a Pedreira Prado Lopes e o bairro Lagoinha, reduto da boemia belo-horizontina. Mais adiante, por volta da década de

1920, imigrantes italianos chegam aos bairros Carlos Prates e Padre Eustáquio.

A Região Noroeste foi ocupada inicialmente por imigrantes e operários que vieram trabalhar na construção da capital. Neste período, compreendido entre 1893 e 1897, houve um grande crescimento populacional, o que desencadeou o surgimento das primeiras favelas da cidade. Neste contexto surge a região da Lagoinha e da Pedreira Prado Lopes (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 2010).

Nosso recorte espacial é a porção denominada de **Nova Noroeste**, a partir do Anel Rodoviário, indo em sentido ao município de Contagem – Caminho velho para Contagem, uma região que tinha a função de abastecer a nova capital com hortifrutigranjeiros – Zona Rural.

Segundo Arreguy e Ribeiro, (2008) os bairros Inconfidência, Ipanema, Alípio de Melo, São José, Conjunto Celso Machado, Serrano, Conjunto Itacolomi, Dom Bosco e São Salvador, estavam em uma área completamente desvinculada do ambiente urbano da recém-fundada Belo Horizonte.

Silva (2007), ao entrevistar anciões do bairro São Salvador, confirma a distância desta região para o ambiente urbano e a ausência de infraestrutura de lazer. A igreja católica era o principal espaço de lazer e sociabilidade dos moradores. Em depoimento, um dos moradores mais antigos da região confirma a ausência dos equipamentos:

Não, aqui não tinha nada perto né! Nossos passeios você sabe como que é? Nosso lazer? Dias de domingo a gente arrumava os meninos e ia para o meio do mato, por ai afora passeando né! A gente ia pro Laguna ai tinha aquelas fazendas né! Ai a gente ia passeando por ai afora, nosso lazer era esse ai, né! Tinha a capela, a gente ia a missa né! Nosso lazer era esse ai! (SILVA, 2007)²⁹.

O depoimento confirma o quadro relatado anteriormente, que foi o crescimento da cidade sem dotar as regiões afastadas da então zona urbana de infraestrutura para atender a população pobre.

A Regional Noroeste foi, durante muitos anos, a mais populosa da cidade. Segundo os censos demográficos sua população foi de 340.530 no censo de 1991, 338.100 no censo do ano 2000 e de 331.362 no censo de 2010, como pode ser verificado na tabela 2.

²⁹ Trecho de monografia de graduação não publicada

Com a alteração dos limites das regiões administrativas em 2010, a Noroeste foi a regional da cidade que mais perdeu territórios, significativamente para as regionais Oeste e Pampulha. Segundo dados da Secretaria de Gestão Compartilhada da PBH, a Regional no ano de 2013 tem 265.762 habitantes.

TABELA 2

População residente por região administrativa - Belo Horizonte 1991/2000/2010

Regional	População			Tax. Cresc. Anual	
	1991	2000	2010	1991/2000(%)	2000/2010(%)
Barreiro	221.072	262.194	282.552	1,91	0,75
Centro Sul	251.481	260.524	272.285	0,39	0,44
Leste	250.032	254.573	249.273	0,20	-0,21
Nordeste	249.693	274.060	291.110	1,04	0,61
Noroeste	340.530	338.100	331.362	-0,08	-0,20
Norte	154.028	193.764	212.953	2,58	0,95
Oeste	249.350	268.124	286.118	0,81	0,65
Pampulha	105.181	141.853	187.315	3,38	2,82
Venda Nova	198.794	245.334	262.183	2,36	0,67
Belo Horizonte	2.020.161	2.238.526	2.375.151	1,16	0,59

Fonte: IBGE: Censo demográfico 2010

No Quadro 2, apresentamos os equipamentos específicos de Lazer da Regional Noroeste, que conseguimos identificar. Destacamos o Território Noroeste 03 - NO3, que se refere ao local de moradia dos jovens entrevistados desta investigação com população de 87.727 moradores.

QUADRO 2
Equipamentos de Lazer e Cultura Regional Noroeste

EQUIPAMENTO	TERRITÓRIO / BAIRRO	ADMINISTRAÇÃO
Centro Cultural Liberalino Alves de Oliveira	Noroeste 01 - Pedreira	Fundação Municipal de Cultura - FMC
Biblioteca Regional São Cristóvão	Noroeste 01 - Bairro Lagoinha	Fundação Municipal de Cultura - FMC
Quadra do Bom Jesus	Noroeste 01 - Bom Jesus	Secretaria de Esporte e Lazer
Parque Maria do Socorro Moreira	Noroeste 02 - Jardim Montanhês	Fundação de Parques e Jardins
Parque Ecológico e de Lazer do Bairro Caiçaras	Noroeste 02 - Caiçara	Esporte e Lazer
Ginásio Poliesportivo Dom Bosco	Noroeste 03 - Dom Bosco	Secretaria Esporte e Lazer
Praça de Esportes Frei Luiz	Noroeste 04 - Caiçara	Secretaria de Esporte e Lazer
Centro Cultural Padre Eustáquio	Noroeste 04 - Minas Brasil	Fundação Municipal de Cultura - FMC
Centro de Referência Esportiva para Portadores de Deficiência / Superar	Noroeste 04 - Carlos Prates	Secretaria de Esporte e Lazer

Fonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 2013

3.3.3 Equipamentos de Lazer Regional Pampulha

Quero criar um bairro de lazer na Pampulha, um bairro lindo como outro não existe no país. Com cassino, clube, igreja e restaurante, e precisava do projeto do cassino para amanhã³⁰ J.K. Para Niemeyer

Segundo Ferreira (2007), muito antes dos modernistas, o Arraial de Santo Antônio da Pampulha, ou Pampulha Velha, foi povoado em fins do século XVIII por escravos e, por volta de 1904, por colonos portugueses. Assim como a Noroeste Nova, foi uma área de expansão agrícola, responsável pelo abastecimento de produtos hortifrutigranjeiros da nova capital.

A história do antigo Arraial, que ficava do lado oposto à Lagoa e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde hoje estão os bairros Dona Clara, Jaraguá e Aeroporto, é pouco lembrada em virtude do projeto que edificou o entorno da Lagoa da Pampulha com diversos equipamentos culturais. Para Ferreira (2007), a Pampulha Nova “foi idealizada, planejada e executada, nascida para satisfazer a aspirações estéticas, políticas, arquitetônicas e econômicas” (FERREIRA, 2007, p. 46)

É Indiscutível que a Pampulha Nova, fez com que esta Regional se tornasse privilegiada se comparada com outras regionais afastadas do centro de Belo Horizonte. Sua infraestrutura foi impulsionada quando o então prefeito Juscelino Kubitschek (JK) convidou, na década de 1940, o arquiteto e urbanista Oscar Niemeyer para planejar e transformar a Orla da Lagoa da Pampulha em um grande complexo de Lazer e Turismo.

Os equipamentos da Orla da Lagoa nos interessam, particularmente, por estarem próximos à residência dos entrevistados. Além dos espaços e equipamentos serem mantidos por órgãos da Prefeitura Municipal, na Orla é possível perceber uma grande quantidade de Clubes Privados e feiras de artesanato, alimentos e bebidas.

³⁰ niemeyer.org.br/ Acesso em 2012

Com a nova divisão das regionais administrativas da cidade, parte significativa da Regional Noroeste em 2010 foi incorporada à Pampulha. Foram 56.099 moradores de doze bairros e vilas, que da noite para o dia tiveram toda sua referência de serviços públicos alterados. Por este motivo a Regional foi incorporada ao trabalho, uma vez que os jovens entrevistados passaram a pertencer a esta regional, embora já estivessem próximos aos equipamentos do Complexo da Lagoa da Pampulha.

Os bairros que pertenciam a regional Noroeste eram: Alípio de Melo, Conjunto Celso Machado, Inconfidência, Jardim Alvorada, Jardim São José, Manacás, Serrano, Vila Antena, Montanhês, Vila Jardim Alvorada, Vila Jardim Montanhês, Vila Jardim São José e Vila Santo Antônio Barroquinha. Esses bairros estão no território Pampulha 04 - P04, que contam com uma população total de 80.859 habitantes.

QUADRO 3:**Equipamentos de Lazer e Cultura - Regional Pampulha**

EQUIPAMENTO	TERRITÓRIO / BAIRRO	ADMINISTRADOR
Parque Lagoa do Nado	Pampulha 01 - Itapoã	Secretaria de Esporte e Lazer
Centro Cultural Lagoa do Nado	Pampulha 01 – Itapoã –	Fundação Municipal de Cultura
Museu de Arte da Pampulha;	Pampulha 01 - Jardim Atlântico	Fundação Municipal de Cultura
Parque Ecológico Francisco Lins Rego	Pampulha 02 – Bandeirantes – Orla Lagoa	Fundação Zoo-Botânica / Fundação de Parques e Jardins
Jardim Zoológico	Pampulha 02 – Bandeirantes – Orla Lagoa	Fundação Zoo-Botânica / Fundação de Parques e Jardins
Casa do Baile	Pampulha 02 – São Luiz – Orla Lagoa	Fundação Municipal de Cultura
Parque Ursulina de Andrade Mello	Pampulha 02 - Castelo	Fundação de Parques Municipais
Parque Dona Clara	Pampulha 03 - Dona Clara	Secretaria Municipal de Esporte e Lazer
CAC São Francisco	Pampulha 03 - São Francisco	Secretaria Municipal de Esporte e Lazer
Centro Cultural da Pampulha;	Pampulha 04 - Urca	Fundação Municipal de Cultura
Parque Vencesli Firmino;	Pampulha 04 - Alípio de Melo	Fundação de Parques e Jardins
Praça Vila São José;	Pampulha 04 - São José	Secretaria de Administração Regional Pampulha
Parque Ecológico do Confisco	Pampulha 04 - Confisco	Fundação de Parques E jardins
CAC - Serrano	Pampulha 04 - Serrano	Secretaria de Administração Regional Pampulha

Fonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 2013

4 #JUVENTUDES

As cidades se apresentam como os territórios privilegiados de ação social da juventude. Os jovens fazem a cada dia uma nova cidade que, em grande medida, é terra estrangeira para aqueles que não compartilham dos mesmos referenciais de identidade e se tornam impotentes para reconhecer a multiplicidade de sinais que emanam de suas múltiplas práticas (CARRANO, 1999, p. 111).

4.1 Sobre os conceitos de juventude na academia

Definir o conceito de juventude na atualidade é uma tarefa árdua e de extrema complexidade, dada às várias abordagens que se podem ter sobre o tema. Para Carrano (1999), sempre que se fizer referência ao jovem é preciso levar em consideração a heterogênea realidade das sociedades complexas. Para ele a noção de juventude é resultante da experiência social de determinado tempo histórico e a noção de infância, juventude e vida adulta é resultante da história e variam segundo as formações humanas. De acordo com o autor, os estudos antropológicos mostram que os sentidos dos relacionamentos entre as gerações variam nos tempos e espaços das sociedades.

Neste sentido, Schmidt (2001) afirma que o pressuposto fundamental para discussão sobre juventude é que a idade é um fenômeno social e não apenas biológico. Segundo este autor nem sempre houve a divisão etária que conhecemos hoje: crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Na idade média europeia não havia uma distinção entre crianças, jovens e adultos. As crianças eram adultos em miniatura.

O desenvolvimento do sistema escolar moderno é que propicia a emergência da distinção entre essas três fases da vida. Neil Postman especifica a origem da distinção não predominante no sistema escolar, mas

associado à escola – à impressão gráfica e à cultura livresca decorrente. O adulto alfabetizado tinha acesso a todas as informações profanas e sagradas dos livros, a todos os segredos da vida humana. As crianças não tinham. Por isso é que eram crianças e por isso eram obrigadas a ir à escola. (SCHMIDT, 2001, p.184)

Essa mudança ocorre de fato a partir de 1950 nos Estados Unidos, com o aparecimento da televisão que, segundo este autor, acaba com o monopólio de informação dos adultos. “Ela é um meio que escancara tudo, um meio de comunicação igualitário. Ao contrário da alfabetização fonética, o acesso à televisão não exige aprendizado. As imagens são concretas e autoexplicativas. Assuntos antes reservados aos adultos – sexo, violência, política, doenças - tudo passa a ser matéria prima do incessante *show business*”. (SCHMIDT, 2001, p.185)

Para Dayrell (2005), a juventude é apenas uma palavra, pois em realidade existem várias ou ao menos duas juventudes – a burguesa e a das classes populares, que entre si carregam diferenças cruciais em todos os domínios da existência.

Neste sentido Schmidt (2001) afirma que utilizar o termo juventude para falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído e dotados de interesses comuns, é relacionar esses interesses a uma idade definida biologicamente. Dayrell (2005) enfatiza que não é fácil construir uma noção de juventude que consiga abranger a heterogeneidade do real. Nas representações correntes, trata-se a juventude como uma unidade social, um grupo dotado de interesses comuns, os quais se referem a uma determinada faixa etária. Nessa perspectiva, a juventude assumiria um caráter universal e homogêneo. Esta tendência decorre do fato da juventude ser, simultaneamente, uma condição social e uma representação.

Guimarães (1998), ao analisar as “galeras cariocas”, também destacou que não há unidade e nem homogeneidade entre os grupos juvenis nem tampouco entre os subgrupos, sejam eles da classe média ou da periferia.

Nesta direção, Carrano (1999) afirma que os jovens na sociedade não constituem uma classe social ou grupo homogêneo como muitas análises permitem intuir. Os jovens compõem agregados sociais com características continuamente flutuantes. As idealizações políticas que procuram unificar os sentidos dos

movimentos sociais da juventude tendem a ser ultrapassadas pelo contínuo movimento da realidade. (CARRANO, 1999, p. 112)

Dayrell (2005) constrói uma noção de juventude na ótica da diversidade, considerando o contexto da classe por meio da origem social, cuidando com os determinismos e considerando os diferentes sistemas de interações sociais e símbolos que interferem na trajetória social dos jovens. Segundo este autor, pensar os jovens no Brasil implica levar em conta a enorme diversidade contextual e sociocultural existente. Entende, ainda, que esta diversidade se acentua no contexto de uma crise pela qual passa a sociedade brasileira, com reflexos nas instituições tradicionalmente responsáveis pela socialização, como o trabalho e a escola.

Além de diversa e heterogênea, para Carrano (1999), a vida social nas cidades indica para os sujeitos a experimentação de identidades que colocam em jogo as múltiplas personalidades requeridas pelas relações sociais. A ideia do indivíduo portador de uma essência pessoal, a sua personalidade, que comporta no máximo pequenos ajustes segundo as relações estabelecidas, não dá conta da dinâmica da complexidade (CARRANO, 1999, p. 121).

A transformação da identidade precisa ser compreendida no contexto da mundialização da sociedade e da complexidade dos fenômenos que se articulam na configuração das novas e mutantes identidades deste de século. Uma questão fundamental é a de que o significado contemporâneo da identidade está orientado para a constatação de que ela não estática. O processo de identificação ocorre num mundo de complexidade, de possibilidades e de escolhas (CARRANO, 1999, p. 122).

Assim, a heterogeneidade, a diversidade e os distintos contextos sociais que os sujeitos jovens têm dentro de uma grande cidade ou em cidades menores, atingidas pela urbanização extensiva, possibilita uma gama infinita de possibilidades de conceituação deste seguimento etário. As juventudes, múltiplas, complexas, com experiências flutuantes, em seus tempos, espaços, bairros, lugares e pedaços, de acordo com seus condicionantes de classe vai constantemente (re) significando seus lazes dentro da experiência urbana.

4.2A questão cronológica norteadora de políticas públicas

Há consenso entre diversos autores que o termo juventude vai além da questão cronológica, mas é importante destacar que a referência etária é norteadora de alocação de recursos públicos para o financiamento das políticas públicas para juventude, nas diversas áreas como assistência social, trabalho, esporte, lazer e cultura. Assim definimos ser importante também considerar a questão etária.

Schmidt (2001) nos alerta para a dificuldade de estabelecer os limites cronológicos para o período juvenil, já que há uma diversidade dos pontos de vista entre os diversos autores que pesquisam a temática. Mas quando a discussão é cronológica a tendência internacionalmente predominante é situar a juventude entre os 12/14 e 24/25, sendo o período inicial, dos 14 aos 18 anos, denominado de adolescência³¹. (SCHMIDT, 2001, p.186).

Entres os organismos das Nações Unidas (ONU) há divergências entre onde começa e quando termina a juventude. A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica como jovem as pessoas com idade entre 11 e 19 anos. A Organização Internacional do Trabalho e a Organização Internacional da Juventude adotam os limites de idade de 15 a 24 anos.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), considerado pela ONU uma das leis mais avançadas da temática do mundo, é o responsável pela garantia de direitos sociais de crianças e adolescentes³². Em seu artigo 2º define adolescente como a pessoa com idade entre 12 e 18 anos incompleta, próxima ao conceito da OMS. Durante muitos anos esta foi a referência norteadora das políticas públicas de juventude, acrescida ao conceito da ONU de ir até os 24 anos de idade.

Mas a década de 2000 foi marcada por diversas discussões sobre a construção de políticas públicas para juventude, que impactou na concepção do ECA. Conforme dito anteriormente, neste período, o IBGE apontou que nunca houve

³¹ Segundo Spósito (2009), a expressão adolescente em décadas anteriores sinalizava o campo clássico de estudos da psicologia, que historicamente foi a primeira disciplina voltada para o exame das peculiaridades dessa faixa etária, mas que no balanço atual ela se inscreve, de modo dominante, na acepção jurídica prevista pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

³² Sobre a história de Construção do ECA ver Benedito Rodrigues dos Santos (2011)

tantos jovens no país, e estes sujeitos foram a diversos fóruns e conferências para discutir a construção de uma política pública específica para a juventude.

O resultado foi a pra-construção do Plano Nacional de Juventude, a criação do Conselho e da Secretaria Nacional de Juventude. A partir desses acontecimentos, novos atores passaram a pautar as políticas públicas para a Juventude, contempladas recentemente com Emenda à Constituição Brasileira nº 65, que reconhece a juventude como sujeito de direitos.

Mesmo sem a aprovação do Estatuto da Juventude, as políticas para este seguimento, consideram este seguimento – do ponto de vista cronológico, como pessoas com idade entre 15 e 29 anos de idade. Divididos por categorias em três faixas etárias: os jovens-adolescentes, com idade entre 15 a 18 anos, os jovens-jovens, com idade entre 19 a 24 anos, e os jovens-adultos com idade entre 25 a 29 Anos.

Segundo Santos (2011), antes mesmo de o Estatuto ter sido aprovado, os membros do Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), e do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), se estranharam com relação a sobreposição dos 14 aos 18 anos de idade, já que o leque de atuação e, por consequência, de alocação de recursos, geraria conflito e disputas conforme afirma:

Na perspectiva de uma parcela dos conselheiros do Conanda, juventude deveria ser definida, em termos etários, acima dos 18 anos. A inclusão da faixa etária correspondente à adolescência na categoria juventude oferecia base legal de poder normativo ao Conselho da Juventude e, conseqüentemente, uma redução no espectro normativo do CONANDA. Redução mesmo, e não apenas limitação, uma vez que o CONANDA é mais antigo que o Conselho da Juventude. Já para o Conselho da Juventude, incluir a adolescência nas suas esferas de competência pode servir de capital político na sua luta por consolidação e fortalecimento, já que, além de expansão numérica de seus sujeitos destinatários, haveria a incorporação de um segmento – a adolescência – para o qual existe atualmente um crescente movimento reivindicatório de políticas sociais. (SANTOS, 2011, p. 400)

Por sua vez a Secretaria Nacional de Juventude – SNJ, órgão ligado ao gabinete da Presidência da República, afirma que enquanto a abordagem do ECA tem como orientação a doutrina da proteção integral da criança e do adolescente, o eixo do Estatuto é organizador dos direitos, das políticas públicas de juventude, da promoção da autonomia e emancipação dos jovens. Assim ele complementa o

direito dos jovens de 15 a 17 anos³³.

4.3 Estudos sobre Juventude

Segundo Spósito (2009), os estudos sobre jovens retornaram as ciências sociais e a educação a partir do início da década de 1990. E alcançou grande visibilidade por se inserir em vários domínios da vida social e da ação de diferentes atores. Para a autora “os jovens entram na pauta das políticas públicas como parte da questão social e do crescimento da violência no país” (SPÓSITO, 2009, p. 17)

No censo demográfico de 2000, o IBGE apontou que nunca houve tantos jovens de 15 a 24 anos na história do Brasil. Talvez este fato também tenha motivado o considerável volume de produções e discussões sobre o tema, que resultou em diversas investigações que tinham como objetivo entender melhor este seguimento etário.

Nessa direção, Peralva (1997) afirma que no final dos anos 1990 a atenção da opinião pública e da Academia por temas ligados a juventude cresceram. Nos meios de comunicação de massa, assistiu-se grande disseminação de produtos ligados à cultura e ao comportamento juvenil. Naquela época e, acredito que mudou pouco nos dias de hoje, os noticiários de adultos ainda tinham este seguimento estigmatizado como um grupo causador de problemas sociais.

Ainda segundo Peralva (1997), depois de quase total ausência na Academia, os jovens voltam a ser tema de investigação e reflexão, principalmente através de dissertações de mestrado e teses de doutorado, ainda que de forma limitada, conforme afirma:

A maior parte das reflexões ainda era destinada a discutir os sistemas e instituições presentes nas vidas dos jovens (notadamente as instituições escolares, ou a família, ou ainda os sistemas jurídicos e penais, no caso de adolescentes em situação anormal ou risco), ou mesmo as estruturas sociais que conformam situações “problemáticas” para os jovens, poucas delas enfocando o modo como os próprios jovens vivem e elaboram essas situações. (PERALVA, 1997, p. 25).

³³ Nota Técnica da Secretaria Nacional de Juventude órgão da República sobre o projeto de lei do Estatuto da Juventude – PLC 98/2011. Disponível em www.juventude.gov.br

Spósito (2009) ao levantar o estado da arte da produção discente nos programas de pós-graduação, acerca de Juventude, nos campos da Educação, Ciências Sociais e Serviço Social, entre os anos de 1999 e 2006, constatou que o número de investigações ainda era incipiente quando comparado à produção geral destes programas. E que a Antropologia foi quem mais priorizou pesquisas sobre jovens em seus programas, notadamente no doutorado.

Segundo a autora, os jovens e as substâncias psicoativas, ao lado de temas como o corpo, esportes e meio ambiente, foram pouco estudados no interior da produção discente das três áreas pesquisadas. Acreditamos que estas temáticas tenham ocorrência nos programas de lazer, educação física, turismo e áreas afins – interdisciplinares, que não foram considerados pelo levantamento de Spósito (2009).

As pesquisas sobre lazer e juventude que aparecem em seu estado da arte são principalmente da educação e da antropologia, onde a autora destaca estudos feitos no Observatório Jovem da Universidade Federal Fluminense – U.F.F., e no Observatório da Juventude da UFMG. Ela destaca a tese do professor Paulo Carrano – UFF, como capaz de abrir perspectivas para o entendimento do Lazer e Tempo Livre.

Dada a limitação do tempo, não foi possível fazer um levantamento do Estado da Arte da produção sobre Lazer e Juventude. Em rápido levantamento no Portal de Periódicos da Capes³⁴, encontramos as seguintes ocorrências: Lazer e Juventude (79); Lazer e Jovens (263) e Lazer e adolescência (115).

No Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG, que está atualmente em sua 5ª turma de mestrado, identificamos quatro dissertações dentre as trinta e oito defendidas, que tem a juventude como objeto central. Bernardo Cheibub (2009)³⁵ analisou as estratégias de mediação que integravam o Projeto Turismo Jovem Cidadão; Ubiratan Pouzas³⁶ discutiu as tensões estabelecidas entre os processos de escolarização e lazer de jovens do ensino médio/técnico da UFMG;

³⁴ www.periodicos.capes.gov.br

³⁵ CHEIBUB, Bernardo Lazary. Lazer, experiência turística, mediação e cidadania: um estudo sobre o projeto turismo jovem cidadão. Rio de Janeiro: SESC, 2009.

³⁶ POUZAS, Ubiratan Santos. Lazer, juventude e ensino médio/técnico: um estudo sobre as tensões estabelecidas entre os processos de escolarização e lazer no Coltec. Dissertação – Mestrado - 2012. EEEFTO – UFMG.

Roberto Kanitz³⁷, a produção dos sentidos e significados da juventude capoeirista da periferia de Belo Horizonte, buscando identificar até que ponto a prática cultural contribuía para gerar fatores protetivos da vulnerabilidade social daquele território e; João Malheiros³⁸, os sentidos e significados das relações entre os sujeitos jovens e dos espaços/bares entorno da escola técnica de Ensino Médio CEFET-MG.

Encontramos também na página da Secretaria Nacional da Juventude³⁹ importantes documentos, publicações, relatórios e balanços sobre as políticas públicas para a juventude, que foram importantes fontes para a construção e diálogo em vários momentos da construção deste relatório de pesquisa.

4.4 O Lazer e a juventude

O intercâmbio entre os pesquisadores de diversos países, bem como a velocidade com que vem circulando a produção do conhecimento no campo dos estudos do lazer, do ócio, *de la recreación* e do tempo livre, conforme entendimento de cada país, tem desafiado aqueles que tinham no modelo de conhecimento Grécia-Roma-Europa, parâmetro e ponto inicial para explicar as práticas culturais de lazer das sociedades contemporâneas.

Recentemente o pesquisador Ricardo Ricci Uvinha⁴⁰, afirmou que o sociólogo Francês Joffre Dumazedier, que é um dos pesquisadores que mais contribuíram e influenciaram o campo de estudos convencionalmente chamado de sociologia do Lazer no Brasil, quase não é citado por seus pares de língua Inglesa com publicações importantes em países como Reino Unido, Austrália e Estados Unidos da América. Este fato desafia e estimula os pesquisadores brasileiros a (re) pensarem novas possibilidades teóricas para o campo de estudos do lazer.

Em Minas Gerais, pesquisadores do grupo de pesquisa Otium/UFMG, tem problematizado a visão eurocêntrica da produção do conhecimento, que colonizou

³⁷ KANITZ, R. Capoeira de Angola na Favela: Juventudes, sentidos e redes sociais. 2011.

³⁸ MALHEIROS, Juventudes, bares e Escola: Um Estudo das Relações dos Alunos do CEFET – MG e Espaços de Lazer. 2011.

³⁹ <http://juventude.gov.br>

⁴⁰ UVINHA (2007)

os estudos do lazer em toda a América Latina. Segundo eles “a colonialidade do saber é uma das formas mais perversas e eficientes de garantir a perpetuação do jogo de poder que mantém as desigualdades socioeconômicas e geopolíticas verificadas em nosso planeta” (GOMES; ELIZALDE, 2012, p. 88)

Destacamos inclusive que a cidade de Belo Horizonte é fruto deste colonialismo do saber de inspiração europeia, conforme apresentamos no capítulo 3. Assim, antes de pensar o lazer como uma problemática urbana, conforme sugere Marcellino (2008), é importante levar em consideração as ponderações anteriores, para que possamos avançar na produção do conhecimento e não ficar na retórica/repetição do que foi produzido por autores em outros contextos sociais, políticos, históricos, ambientais e culturais.

Marcellino (2008), afirma que os estudos do lazer, no mundo ocidental moderno, nasceram e ganharam impulso com o processo de urbanização, e que o lazer, tal como o conhecemos hoje, é uma problemática tipicamente urbana.

O lazer é uma problemática tipicamente urbana, característica das grandes cidades, porém ultrapassa suas “fronteiras”, uma vez que grandes centros urbanos levam essa problemática com as mesmas características, por meio da mídia, para outras regiões do país, nem tão grandes nem tão urbanizadas (MARCELLINO, 2008, p. 133)

A questão do lazer ultrapassando as fronteiras da cidade, indo aos lugares mais longínquos nos remete ao que MONTE-MOR (2006) chamou de urbanização extensiva. Ou seja, dificilmente na contemporaneidade existem sociedades que não são influenciadas pelo modo de vida urbano.

Nelson Carvalho Marcellino é um dos autores brasileiros que mais produziu conhecimento sobre o campo de estudos do lazer, conceitua-o como cultura vivenciada no tempo disponível em busca da satisfação.

“Cultura - compreendida no seu sentido mais amplo, vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”. É fundamental como um traço definidor o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa” (MARCELLINO, 2008, p. 133)

Para o antropólogo urbano Magnani (2000) a visão tradicional sobre lazer

surge inicialmente em contraposição ao trabalho, mas seu surgimento vem com a nova divisão dos tempos sociais provocados pela Revolução Industrial, onde os povos foram arrancados de seus modos *vivendís* tradicional antes “ditadas pelos ciclos da natureza, e legitimada por um calendário religioso que marcava o tempo através das festas e rituais” (MAGNANI, 2000, p. 30).

Magnani (2000) entende o lazer como um conjunto de atividades individuais ou coletivas voltadas para a satisfação de uma série de interesses, no plano da criação, formação e aprimoramento pessoal, entretenimento, descanso, etc., realizados no tempo liberado das obrigações impostas pelo trabalho profissional e por outras responsabilidades sociais.

Para a pesquisadora da UFMG, coordenadora do Grupo de Pesquisa Otium, Christianne Luce Gomes (2011), o lazer é uma necessidade humana e dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espço social.

Assim, o lazer é constituído na articulação de três elementos fundamentais: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espço social. Juntos, esses elementos configuram as condições materiais e simbólicas, subjetivas e objetivas que podem – ou não – fazer do lazer um potente aliado no processo de transformação de nossas sociedades, tornando-as mais humanas e inclusivas. (GOMES, 2011, p. 82)

Para Gomes, tempo corresponde ao usufruto do momento presente e não se limita aos períodos institucionais para o lazer (final de semana, férias etc.), ou seja, aos tempos sociais fora do trabalho conquistados pelos trabalhadores. Espaço-Lugar vai além do espaço físico e as Manifestações Culturais são os conteúdos vivenciados para fruição da cultura, seja como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento.

Nosso objetivo aqui não é fazer um resgate epistemológico do conceito de lazer muito menos de problematizar encontros e desencontros entre os autores destacados, já que segundo Marcellino (2004), não existe consenso entre os estudiosos do assunto. Mas sim de apresentá-los como inspiradores de possíveis reflexões da relação da juventude urbana contemporânea com o lazer.

Como Gomes e Elizalde (2012), acreditamos que um conceito não é um

fenômeno, e sim uma representação da realidade que se pretende designar. Assim, as análises sobre os conceitos e as teorias do lazer não podem ter a pretensão e serem universais e globalizantes.

Discutir o lazer da juventude é remeter a processos de sociabilidade, de alegria, de interação, de “zoação” e de construção de identidades, frequentes nesta fase da vida. É também se lembrar da tensão provocada entre o trabalho e o tempo livre ou, se preferir, disponível, já que para a maioria dos jovens urbanos é nesta fase da vida que se experimenta a primeira experiência com o mundo do trabalho.

Carrano (1999), ao investigar os espaços de lazer e sociabilidade de grupos de jovens nos espaços públicos de Angra dos Reis, afirmou que as práticas de lazer da juventude se afirmam como redes relacionais decisivas para elaboração de identidades urbanas da juventude.

Os fenômenos relacionados com as atividades de lazer estão no centro dos processos de formação da subjetividade e dos valores sociais nas sociedades contemporâneas. Para os jovens particularmente, as atividades de lazer se constituem num espaço/tempo privilegiado de elaboração da identidade pessoal e coletiva (CARRANO, 1999, p. 138).

Carrano (1999) considera que os processos sociais desenvolvidos nos espaços e tempos de lazer se apresentam significativos para o quadro global de formação dos sujeitos, particularmente aqueles que se dão no movimento da sociabilidade que é gerada nos grupos da juventude.

Neste sentido, Dayrel (2005) afirma que os jovens buscam em seus pares o estilo ao qual aderem e que irá fazer o papel de socialização e formação destes sujeitos, que são sujeitos sociais com uma determinada origem familiar, inseridos em determinadas relações sociais” (DAYRELL, 2005, p. 176)

Assim, acreditamos que as relações sociais irão determinar as práticas de lazer das juventudes contemporâneas em contextos construídos historicamente. Tempo/espaço serão condicionantes para determinar as práticas, que podem ser constantemente (re) significadas e (re) inventadas a partir do grau de coleguismo, de amizade, no pedaço, no bairro, nos espaços praticados e de vizinhança. Discutiremos melhor a relação dos jovens e suas práticas de lazer ao longo do capítulo Fala Juventude, onde apresentamos os resultados dos grupos focais.

5 FALA JUVENTUDE!

A expressão “Fala Juventude” é uma alusão ao método de coleta de dados da pesquisa, o grupo focal, e também uma homenagem às rodas de conversa realizadas pelos jovens do Coletivo das Brigadas Populares⁴¹ de Belo Horizonte e da Juventude Kolping de Minas Gerais⁴². Estes dois movimentos realizavam rodas de conversa com jovens para discutir temas de interesse em comum.

O capítulo está subdividido em duas partes. Na primeira apresentamos o método de coleta de dados da pesquisa, conceituando a técnica Grupo Focal, que ainda é pouco utilizada pelos pesquisadores das ciências humanas e sociais aplicadas. Caracterizamos os sujeitos entrevistados, descrevemos os recursos utilizados durante a conversa coletiva e apresentamos os desafios da coleta de dados, para finalmente apresentarmos como as falas foram interpretadas.

A segunda parte deste capítulo está dividida da seguinte maneira A) O Tempo Social dos Jovens e o Lazer; B) A Relação com os Equipamentos Centrais; C) A relação com os equipamentos da Noroeste e Pampulha; e, D) Sobre os Eventos Gratuitos. As sessões levam os títulos de expressões fortes, que marcaram a conversa coletiva e que nos trouxe luz a fim de responder a problematização da pesquisa.

5.1 GRUPO FOCAL: O Convite à Conversa Coletiva

Para conhecer as práticas de lazer dos jovens e o(s) por que(s) da(s) preferência(s) pelos equipamentos e eventos públicos e privados, esta pesquisa, de caráter qualitativo, utilizou a técnica de grupo focal que segundo Gatti (2005) e Thomas, Nelson e Stephen (2007), é uma técnica que comparada à observação,

⁴¹ Organização da Sociedade Civil de Enfrentamento ao capitalismo dependente associado ao estado - <http://brigadaspopulares.org.br/>

⁴² Seguimento Juvenil do Movimento Kolping, Organização da Sociedade Civil de Promoção do Trabalhador e de seus familiares - <http://kolping.org.br/site/>

permite ao pesquisador conseguir boa quantidade de informações em um período de tempo mais curto.

Para Barbour (2009), qualquer discussão de grupo pode ser chamada de um grupo focal, contanto que o pesquisador esteja ativamente atento e encorajado às interações do grupo. Um grupo focal “é um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa a partir de sua experiência pessoal” POWELL e SINGLE *apud* (GATTI, 2005, p. 7).

Além da questão do tempo, destacada por Thomas, Nelson e Stephen (2007), “como uma técnica eficiente, onde o pesquisador consegue reunir informações sobre vários indivíduos em uma única sessão” (THOMAS, NELSON e STEPHEN, 2007, p. 202), as discussões em grupos focais e/ou de discussão, podem apresentar outras vantagens, conforme Weller (2010), sobre pesquisas com adolescentes e jovens:

A) Estando entre colegas da mesma faixa etária e meio social, os jovens estão mais a vontade para utilizar seu próprio vocabulário, desenvolvendo desta forma um diálogo que reflete melhor a realidade cotidiana. B) A discussão com integrantes que pertencem ao mesmo meio social permite perceber detalhes desse convívio não captado na entrevista narrativa ou por meio de outra técnica de entrevista. C) Embora a presença do pesquisador e do gravador gere uma situação distinta à de uma conversa cotidiana, os jovens acabam, ao longo da entrevista, travando diálogos interativos bastante próximos daqueles desenvolvidos em outro momento. O entrevistador passa a ser uma espécie de ouvinte e não necessariamente um intruso no grupo. D) O grupo pode corrigir fatos distorcidos, posições radicais ou visões que não refletem a realidade socialmente compartilhada. Estando entre membros do próprio grupo, os jovens dificilmente conseguirão manter um diálogo com base em histórias inventadas. Neste sentido, é possível atribuir um grau maior de confiabilidade aos fatos narrados coletivamente (WELLER, 2010, p. 62).

No grupo focal os indivíduos são convidados a fazerem uma **conversa coletiva** sobre determinado tema. Segundo Morgan e Krueger (*apud* GATTI, 2005), a pesquisa com grupos focais tem por objetivo captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos, como, por exemplo, a observação, a entrevista ou questionários.

Esta técnica “pode ser empregada em estudos exploratórios, ou nas fases

preliminares de uma pesquisa, para apoiar a construção de outros instrumentos (questionários, roteiros de entrevista ou observação); para fundamentação de hipóteses ou verificação de tendências; para testar ideias, planos, materiais, propostas. Pode ser usada para a busca de aperfeiçoamento e de aprofundamento da compreensão, a partir de dados provenientes de outras técnicas, para orientar posteriormente o planejamento de um estudo em larga escala com outros instrumentos” (GATTI, 2005, p. 12).

Assim, o trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. (GATTI, 2005, p. 11).

A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes, também contribui para a compreensão de ideias compartilhadas por pessoas no dia a dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros.

Ainda com relação à influência mútua dos participantes de um processo grupal, perguntas e respostas são produtoras de conhecimento. Acreditamos, assim como Santos, Felizardo Junior e Ude (2009), que o ato de perguntar produz, ao mesmo tempo, tanto no observador quanto nos observados, possibilidades de autoprodução, de autoria. Neste sentido, Weller (2010), afirma que “o grupo focal pode levar os jovens a conclusões sobre as quais ainda não haviam pensado ou, pelo menos, ainda não havia refletido nesse grau de abstração” (WELLER, 2010, p. 62). Assim, a pesquisa pode gerar “intervenção e a intervenção gera pesquisa que, por sua vez, produzem ensino, devido ao conhecimento surgido dessa interação” (SANTOS; FELIZARDO JUNIOR; UDE, 2009, p. 40).

A proposta do trabalho com o grupo focal de jovens, para discutir sua relação com os equipamentos públicos e eventos culturais da cidade de Belo Horizonte, permitiu o surgimento de múltiplos pontos de vista sobre o tema, além de

criar contextos de interação, permitindo a captação de significados que poderiam ser difíceis de se manifestar em outros métodos.

5.1.1 Caracterização dos Sujeitos

Em função das diversas abordagens e conceitos que se podem ter sobre o tema juventude, neste estudo optamos por fazer um recorte de idade e trabalhar com a faixa etária que o Plano Nacional de Juventude⁴³ chama de jovem-adolescente (15-18 anos) e Jovem-Jovem (19-24 anos). Nosso *lócus* foi a escola pública do ensino médio noturno, com alunos moradores de bairros populares da cidade de Belo Horizonte.

A opção pelos estudantes do noturno se deu pelo fato de acreditarmos, como Gomes (2004), que o lazer também é parte de ações/atitudes dos sujeitos. Assim, pressupomos que um estudante do noturno tem maior autonomia nas escolhas de uso do tempo do lazer, alguns trabalham o dia inteiro e tem recursos próprios para financiar suas escolhas sem depender dos pais, ao contrário dos estudantes do diurno.

Os dados foram coletados com um grupo específico de alunos e ex-alunos, estudantes do Ensino Médio noturno, da escola Estadual Professor Alysso Pereira Guimarães, localizada no bairro Alípio de Melo, na cidade de Belo Horizonte. Apesar de a escola estar localizada em um bairro de classe média, seus alunos são provenientes, principalmente, de bairros populares “periféricos” da Regional Pampulha - Vila São José, Jardim Alvorada e bairro Serrano e Regional Noroeste - São Salvador, Dom Bosco, Glória e Novo Progresso.

Quando iniciamos esta investigação, nosso recorte espacial pretendia trabalhar somente com os jovens moradores da Regional Noroeste. Mas no ano de 2011 a lei nº 10.231, de 19 de Julho de 2011, que dispõe sobre a circunscrição das regiões administrativas do Município, alterou o perímetro das regiões administrativas

⁴³ Disponível no sítio da Secretaria Nacional da Presidência da República www.juventude.gov.br (2012)

da cidade e diversos bairros antes pertencentes a Regional Noroeste passaram a pertencer a Regional Pampulha⁴⁴. Como a Escola e parte dos bairros passaram a pertencer à Pampulha, fizemos a opção de ampliar o recorte espacial da pesquisa, já que os entrevistados, a partir desta mudança, passaram a ser provenientes de ambas Regionais.

Foram realizados dois grupos focais na própria Escola, a partir da liberação de espaço físico pela direção, que se dispôs desde o início do projeto a colaborar com a pesquisa.

O primeiro grupo foi composto por jovens do noturno regularmente matriculados na escola, majoritariamente por alunos do 3º ano do ensino médio, que foram convidados a participarem da pesquisa voluntariamente. O segundo grupo foi formado por jovens de diferentes séries do noturno, também matriculados regularmente, acrescido de dois jovens ex-alunos da escola que participaram da pesquisa anterior – a da especialização⁴⁵.

A escolha pela Escola foi pelo fato do pesquisador ser ex-aluno da mesma e por já ter realizado a pesquisa da especialização naquele ambiente, o que facilitou a aproximação com os sujeitos envolvidos direta e indiretamente com a investigação. Outro aspecto é o fato da escola ser pública e estar localizada em uma região de bairros populares na periferia do Município de Belo Horizonte - limítrofe com o de Contagem, fazendo aqui opção por estudar um grupo social específico.

5.1.2 O Desafio da coleta dos dados

Inicialmente buscávamos realizar dois grupos focais, com os mesmos sujeitos que participaram da pesquisa anterior (SILVA, 2010). Conseguimos localizar diversos jovens que ainda se encontravam na condição de estudantes da escola e

⁴⁴ São José, Vila São José, Jardim Alvorada, Alípio de Melo, Castelo Manacás, Serrano, Vila Barroquinha e Conjunto Celso Machado.

⁴⁵ SILVA, 2010

outros que haviam concluído ou evadido. Dada a dificuldade de conciliação de agenda, resolvemos trabalhar prioritariamente com sujeitos que estavam matriculados na escola, independente de terem ou não participado da primeira pesquisa.

Coletamos os dados no mês de Dezembro, em uma época turbulenta no cotidiano escolar, tanto para os alunos, quanto para os professores. Final de ano, pré-férias, entrega de notas, semana de recuperação e confraternização. Apesar da tensão gerada por esta situação, decidimos que era melhor fazer a coleta de dados imediatamente após a aprovação do Conselho de Ética em Pesquisa - COEP.

Em função do período, diversos jovens que haviam se colocado a disposição para participar da pesquisa não o fizeram, devido a compromissos que foram surgindo. Felizmente conseguimos localizar um grupo de alunos que não estavam com tantos compromissos, o que possibilitou a formação dos grupos.

O primeiro grupo, por ter sido formado quase que majoritariamente por jovens do 3º ano do Ensino Médio, nomeamos de **Grupo 1 - Galera do 3º Ano (G1)**. O segundo, pela diversidade de séries e por terem dois ex-alunos, o nomeamos de **Grupo 2 - Galera Mista (G2)**.

É importante destacar que inicialmente tínhamos a intencionalidade de trabalhar com um grupo de alunos e um grupo de ex-alunos, a fim de também identificarmos possíveis permanências e mudanças nas práticas de lazer de jovens estudantes e de jovens que não estudam mais.

O segundo grupo, que deveria ser composto somente por ex-alunos, não se concretizou no horário marcado para o grupo, somente dois ex-alunos compareceram, mesmo com diversas confirmações. Decidimos, então, formar um novo grupo que fugiria dos padrões pré-estabelecidos. Não foi difícil formar o grupo, pois os dois ex-alunos da escola ainda mantinham laços de amizade e/ou coleguismos e nos ajudaram a fazer o convite.

Apesar das dificuldades conseguimos coletar grande quantidade e variedade de informações em ambos os grupos, mas a intencionalidade inicial de fazer comparações entre os grupos teve que ser cancelada, já que os grupos se tornaram quase que homogêneos, com exceção dos dois jovens que não eram mais alunos da escola. Lembrando que o objetivo central do trabalho é conhecer as

práticas de lazer dos jovens e não fazer comparações entre culturas juvenis. A ideia inicial da comparação seria para complementar e enriquecer a análise dos dados.

Assim como recomendam Flick (2004); Gatti (2005) e Barbour (2009), os grupos focais foram formados com entre seis e no máximo oito participantes, com duração de no máximo duas horas.

No Grupo 1 - Galera do 3º Ano (**G1**), foram sete participantes (**P**), sendo quatro do sexo Masculino (**M**) e três do sexo Feminino (**F**). No Grupo 2 – Galera Mista (**G2**), foram seis participantes (**P**), sendo quatro do sexo masculino (**M**) e dois do sexo feminino (**F**).

Em ambos os grupos os jovens tinham entre 15 e 24 anos de idade. Além do pesquisador/mediador⁴⁶ do processo de discussão grupal, esteve presente um membro do grupo de pesquisa⁴⁷, a fim de auxiliar nos trabalhos de coleta de dados. Utilizamos o gravador de áudio do celular Samsung Galaxy Y (GT B5512B).

Forramos um lençol no chão e a sessão foi realizada em um círculo seguindo o roteiro, que está detalhado anexo, estimulando os seguintes tópicos de discussão e reflexão:

- 1º Momento: Dinâmica de interação entre os participantes das discussões⁴⁸;
- 2º Momento: Apresentação dos objetivos da pesquisa e do encontro;
- 3º Momento: Conhecimento das Práticas de Lazer;
- 4º Momento: Conhecimento sobre os lugares frequentados;
- 5º Momento: Sobre os Equipamentos públicos;
- 6º Momento: Sobre os Eventos e;
- 7º Momento: Esclarecimentos Finais.

Conforme recomenda Barbour (2009), utilizamos materiais de estímulo para facilitar a introdução nas discussões. No 5º Momento apresentamos fotos dos equipamentos de Esporte, Lazer e Cultura das Regionais, Centro-Sul, Noroeste e Pampulha, conforme descrito nos quadros a seguir:

⁴⁶ O Pesquisador/Mediador é educador social, e atua desde o ano de 2006 com educação de Jovens das periferias de Belo Horizonte para o mundo do trabalho.

⁴⁷ O Mestrando é membro do Grupo de Estudos de Sociologia e Pedagogia do Esporte - GESPE

⁴⁸ O objetivo da dinâmica era quebrar o gelo entre os participantes, embora não existisse este gelo em nenhum dos dois grupos, uma vez que os mesmos já estavam bem à vontade e quase todos já se conheciam.

QUADRO 4

Material de estímulo Grupo Focal: Fotos de equipamentos Regional Centro-Sul

EQUIPAMENTO	BAIRRO	MANTENEDOR
Centro de Cultura da UFMG	Centro	Governo Federal – Universidade Federal de Minas Gerais
Centro de Cultura de Belo Horizonte	Centro	Governo Municipal – Fundação Municipal de Cultura
Parque Municipal Américo Renne Gianeti	Centro	Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – Fundação de Parques e Jardins
Palácio das Artes	Centro	Governo do Estado de Minas Gerais – Fundação Clóvis Salgado
Praça 7	Centro	Prefeitura Municipal de Belo Horizonte –
Praça Diogo Vasconcelos - Savassi	Funcionários	Prefeitura Municipal de Belo Horizonte –
Viaduto Santa Tereza	Centro/Floresta	Prefeitura Municipal de Belo Horizonte –

Tabela: Relação das fotos apresentadas no Grupo Focal – Noroeste

QUADRO 5

Material de Estimulo Grupo Focal - Fotos de equipamentos Regional Noroeste

EQUIPAMENTO	BAIRRO	MANTENEDOR
Parque Maria do Socorro	Jardim Montanhês / Aeroporto Carlos Prates	Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – Secretaria de Esportes e Lazer
Campo de Futebol do Parque Maria do Socorro	Jardim Montanhês / Aeroporto Carlos Prates	Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – Secretaria de Esportes e Lazer
Centro Cultural Padre Eustáquio	Minas Brasil	Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – Fundação Municipal de Cultura

Tabela: Relação das fotos apresentadas no Grupo Focal – Noroeste

QUADRO 6

Material de Estimulo Grupo Focal - Fotos de equipamentos Regional Pampulha

EQUIPAMENTO	BAIRRO	MANTENEDOR
Jardim Zoológico	Urca/Itatiaia	Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – Fundação Zoo-Botânica
Centro Cultural Pampulha	Urca/Itatiaia	Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – Fundação Municipal de Cultura
Parque Francisco Lins Rego	Bandeirantes	Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – Fundação Zoo-Botânica
Parque Vencesli Firmino da Silva	Alípio de Melo	Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – Fundação de Parques
Parque Ursulina de Andrade Melo	Castelo	Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – Fundação de Parques Municipais

Tabela: Relação das fotos apresentadas no Grupo Focal – Pampulha

No 6º Momento sobre os eventos, utilizamos material publicitário que foi recolhido ao longo do ano de 2012, são *flyers*, panfletos, catálogos e filipetas de divulgação de eventos. A maioria do material foi coletada do balcão da entrada da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, onde está sediado o grupo de estudos ao qual o pesquisador pertence. Foi tomado o cuidado para que o material fosse de eventos e atividades incentivados pelas leis de

incentivo a cultura ou de eventos gratuitos, conforme quadro 7:

QUADRO 7:
Eventos gratuitos financiados pelas leis de incentivo

EVENTO	DATA	LOCAL	FINANCIADOR(ES) PÚBLICOS
Programa BH – Diversos Eventos	Janeiro de 2012	Centros Culturais e Equipamentos da F.M.C.	- Lei de Municipal de Cultura
Circuito Unimed BH: A Saúde Em Movimento	13 de Abril a 12 de Maio	Praça Floriano Peixoto E Praça Da Saúde	- Instituto Unimed e Produtoras de Cultura
Toda 5ª Quinta – E Muito Mmais	Abril de 2012	Museu Das Minas E Metais	- Lei de Estadual de Incentivo a Cultura; - Lei Federal de Incentivo a Cultural
Imagens Do Conhecimento	26 de Abril a 24 de Junho	Espaço Tim UFMG Do Conhecimento	- UFMG e Tim
Palácio Do Fim – Teatro Direção José Wilker	19 e 20 de Maio	Teatro Sesi Minas	- Lei Federal de Incentivo a Cultura
Toda 5ª Quinta – E Muito Mmais	Maio 2012	Museu Das Minas E Metais	- Lei De Estadual de Incentivo a Cultura; - Lei Federal de Incentivo a Cultural
6ª Semana De Palhaços	2 a 13 de Maio	Sesc Palladium	- Lei Municipal de Incentivo a Cultura
Palco Hip Hop - Barreiro	08 a 13 de Maio	Espanca Cento E Quatro Espaço Cultural Zé Delfino Catarina Puc Barreiro Viaduto Santa Tereza Espaço Z.A.P. 18	- Lei Municipal de Incentivo a Cultura - Lei Federal de Incentivo a Cultura
Faça Algum Barulho	04, 11 e 18 de Maio 2012	Tambor Mineiro	- Lei Estadual De Incentivo A Cultura
13º Festival Cenas Curtas	30 de Maio a 3 De Junho	Galpão Cine Horto	- Lei Estadual De Incentivo A Cultura; - Lei Federal De Incentivo A Cultura
11º FIT- Festival Internacional De Teatro Palco e Rua	09 a 24 de Junho		- Lei De Incentivo A Cultura Municipal - Lei De Estadual De Incentivo A Cultura; - Lei Federal De Incentivo A Cultural

Feto 2012 – Festival Estudantil De Teatro	11 A 21 de Outubro / 2012	- Funarte Mg - Galpão Cine Horto - Teatro Oi Futuro Klauss Vianna - Teatro Marília - Praça Floriano Peixoto	- Lei De Incentivo A Cultura Municipal - Lei De Estadual De Incentivo A Cultura; - Lei Federal De Incentivo A Cultural
Circuito Senta A Pua Gafieira	26 de Outubro a 22 de Dezembro	- Utópica Marcenaria; - Mumulus Cia de Dança; - Granfinos - Cento e Quatro	- Lei Municipal De Incentivo A Cultura - Governo Do Estado De Minas
Toda 5ª Quinta – E Muito Mmais	Outubro de 2012	Museu Das Minas E Metais	- Lei De Estadual De Incentivo A Cultura; - Lei Federal De Incentivo A Cultural
Ballet Jovem Palacio Das Artes: Fragil? Goldberg Contracapa	31 de Outubro e 1º De Novembro	Palácio Das Artes	- Governo De Minas E Governo Federal - Cultura
F.I.D. – Festival Internacional De Dança	26 de Outubro a 4 de Novembro	- Teatro Oi Futuro Klauss Vianna; - Teatro Marília; - Funarte MG; - Espaço Cultural Ambiente; - Quk Espaço Cultural; - Sesc Palladium; - Praça da Matriz (Nova Lima); - Teatro Municipal Manoel Franzen de Lima (Nova Lima)	- Lei Estadual De Incentivo A Cultura; - Lei Federal De Incentivo A Cultura;
Forumdoc.Bh 2012	21 de Novembro a 02 de Dezembro De 2012	- Palácio Das Artes - UFMG	- Lei De Estadual De Incentivo A Cultura; - Lei Federal De Incentivo A Cultural
Ivete Sangalo	2 de Dezembro	Praça Da Estação	- GVT
Minas-Pernambuco: Ariano Suassuna	04 de Dezembro De 2012	Sesc Palladium	- Lei De Incentivo A Cultura Federal
Titane e o Campo das Vertentes	6 de Dezembro	Sesc Palladium	- Governo De Minas - Governo Federal
Mostra Benjamim De Oliveira: Teatro, Dança E Circo	1 A 23 de Dezembro	Funarte	- Lei Federal De Incentivo A Cultura

Fonte: Material de divulgação de eventos culturais

5.1.3 Interpretação das Falas

A interpretação é o momento de reunir a teoria com a prática. Para Gatti (2005), “é um processo de elaboração, de procura de caminhos, meio ao volume de informações levantadas. Este processo é sistemático, claro nos percursos escolhidos e não espontâneo” (GATTI, 2005, p.44). Ainda neste sentido Gomes e Amaral (2005), completa que:

A análise de dados é o processo de busca e organização sistemático das transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados com o objetivo de aumentar sua própria compreensão desses mesmos dados e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que se encontrou. Dito de forma simples, é a hora de reunir a teoria com os dados coletados. (GOMES; AMARAL, 2005, p. 79)

Segundo Gatti (2005), nas análises de dados levantados com os grupos focais, os procedimentos gerais são os mesmos de qualquer análise de dados qualitativos nas ciências sociais e humanas. No Caso do Grupo Focal as opiniões surgidas a partir do jogo de influências que emergem no desenvolvimento de contexto das discussões grupais são objetos de análise desta técnica.

Bardin (2009) designa o termo análise como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadoras (quantitativos ou não), que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2009, p.44).

O Guia de tópicos roteiro garantirá, dentro de uma delimitação estruturada a partir dos objetivos da pesquisa, a condução do grupo. Entretanto, o guia não garantirá que todas as categorias possam ser determinadas *a priori*. Neste direcionamento, o processo de categorização dar-se-á *a posteriori*, segundo Barbour (2009):

Ainda que você logo de saída provavelmente já tenha uma boa ideia dos temas que deverão aparecer - códigos *a priori*, isso proporciona não mais do que um ponto de partida. Esteja atento ao potencial analítico de frases usadas ou conceitos apelados por participantes dos grupos focais. (BARBOUR, 2009, p. 154)

As falas foram gravadas em equipamento de áudio e foram transcritas na íntegra, de modo que as trocas foram analisadas diante da teoria. A interpretação das falas dos dois grupos, depois de transcritas na íntegra, foi analisada com base na técnica da análise de conteúdo, à luz do marco teórico.

Para preservar o anonimato dos (as) participantes da conversa coletiva, foi adotado o seguinte critério de composição: Os grupos foram nomeados em Grupo 01 - (**G1**) e Grupo 02 – (**G2**). Os participantes com as iniciais de (**P1**) a (**P13**). E o gênero da seguinte maneira: Letra (**M**) para os jovens do Sexo Masculino (**M**) e Letra (**F**) para participantes do sexo feminino (**F**).

Ainda com relação ao método de coleta de dados, é importante destacar que o autor da pesquisa, ao longo dos dois anos de construção desta investigação, antes e posterior à coleta de dados, esteve presente em contextos de festas e eventos juvenis, nos bairros de onde provem os sujeitos da pesquisa e na região central de Belo Horizonte. O objetivo foi buscar aproximação do contexto dos jovens a fim de facilitar a construção do roteiro de pesquisa e, posteriormente a interpretação das falas.

5.2O TEMPO SOCIAL DOS JOVENS E O LAZER

5.2.1 Durante a semana “ralo!”: Criando o tempo disponível para o lazer

Por ser um grupo de jovens, composto em sua maioria por estudantes do noturno, já era de se imaginar que o tempo social seria ocupado predominantemente pelo trabalho e a escola. Para estes jovens o trabalho se apresentou como algo extremamente fatigante, conforme afirmou a participante: “Deixa eu vê. Dia de semana eu ralo prá caralho!!..Tipo ralo é verdade gente! Trabalho demais aí de noite eu venho estudar.” **(G1-P4-F)**

Durante a semana o trabalho é relatado como uma atividade que suga a energia dos jovens. O encontro com os amigos torna-se necessário para aliviar a tensão do dia a dia, conforme afirmou o participante: “De segunda a sexta é só encheção de saco no serviço, é cabeça quente, a gente sai para descontrair porque com meus amigos eu consigo me distrair” **(G1-P7-M)**.

O trabalho aqui é tido como uma experiência que vai à contramão do que é prazeroso, visto como algo extremamente negativo. O lazer dos jovens então é encontrar com os amigos em um tempo/espço disponível, tido como uma válvula de escape (MARCELLINO, 2008). Questionado sobre o critério escolhido para ir para determinado local para vivenciar momentos de lazer o participante ainda completou.

Porque durante a semana de segunda a sexta é só encheção de saco no serviço, é cabeça quente, a gente vai para descontrair porque com meus amigos eu consigo me distrair.....Igual sexta-feira. Geralmente todo mundo trabalha no sábado, aí sexta-feira a gente tem que sair. Se não sair, no sábado é outro dia de encheção de saco. **(G1-P7-M)**

A “encheção de saco” relatada pelo participante pode ser associada ou traduzida ao fato dos jovens ocuparem os postos mais subalternos da hierarquia das empresas e por serem mão de obra barata, que facilmente pode ser descartada ou substituída. Na maioria das vezes o trabalho juvenil está na lógica contrária ao que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) conceitua de emprego decente, ou

seja, o trabalho em condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade humana.

Durante o período que o autor da investigação foi educador social nos projetos de qualificação profissional da P.B.H., os jovens também eram encaminhados para o primeiro emprego. Em vários momentos nos deparamos com o regresso dos jovens ao projeto, alegando que a experiência não contemplava suas expectativas. Muitos não conseguiam ficar sequer um mês no emprego, alegando que era explorado e trabalhava em péssimas condições.

Para os participantes da conversa que trabalham e estudam, o tempo da não obrigação durante a semana é uma raridade e, o tempo disponível entre o deslocamento casa-trabalho-casa e o horário de almoço, apareceram como momentos possíveis onde os jovens podem fazer coisas que lhes dão prazer, como ouvir música e ler um livro:

Eu dia de semana, eu tô trabalhando né! Aí de casa ao trabalho eu escuto música, sempre eu gosto de ler né, então assim no meu horário do almoço, almoço rapidinho e vou no livro. Aí eu leio um pouquinho e volto escutando música do trabalho para a escola. **(G1-P5-M)**

A preparação para o ingresso ao mundo do trabalho, o que corresponde à qualificação profissional, também apareceu como algo que consome parte considerável do tempo dos jovens e que acabou com práticas que parecia dar prazer a um dos participantes conforme relatado:

(G1-P2-M) Eu esqueci de falar uma coisa aqui também (...) Eu fazia Capoeira eu esqueci de falar também, eu fazia capoeira Taekwondo e Jiu Jitsu. Aí comecei a fazer SENAI não dá para eu fazer capoeira, não dá para eu fazer nada, se piscar assim já tá na hora de vim para aula **(Entrevistadora/Mediadora 2)** Mas você fazia aonde? Academia? **(G1-P2-M)** Não academia, assim num espaço que tem ali perto do Augusta Medeiros, Esquiva Minas que chamava e era de noite. Ai eu comecei a estudar de noite eu tive que para. Só isto mesmo.

Se o trabalho, a escola e a qualificação profissional passaram a ocupar um lugar considerável no tempo social dos jovens, criar um tempo disponível para o lazer pode significar ter que transgredir as regras. Durante a semana os jovens relataram ser comum matar aulas para encontrar com os amigos, ir ao cinema e vivenciar momentos de Lazer.

Ô gente, pode falar! Aqui todo mundo já matou uma aula aqui, ou depois do serviço, depois da escola, quando saía mais cedo em dia de prova este tem o parquinho em frente ó em frente o Frei Orlando... Aí Tem um campinho de futebol a gente sempre ia para lá ficar jogando bola, conversar com os amigos, jogar um truco.” **(G1-P7-M)** As vezes eu mato aula na semana para ir ao cinema **(G1-P5-M)**

Para encontrar com os amigos, para ir ao cinema, para praticar esportes. Se não existe o tempo disponível os jovens transgridem a ordem e criam o tempo para o lazer matando aula. Marcellino (2004, p.25) utiliza o termo tempo disponível ao invés de tempo livre, por considerar que nas relações sociais nenhum tempo é totalmente livre de coações sociais ou de normas e condutas. Na fala do jovem é possível constatar que matar aula significa a atitude do sujeito, como determinante para criar o tempo para o Lazer.

A partir desta constatação, indagamos se não seria papel da escola tornar a formação dos alunos mais dinâmica, levando os jovens aos diversos eventos gratuitos e espaços culturais que a cidade oferece? Inclusive para desenvolverem sensibilidades diversas sobre as manifestações culturais e artísticas? Ou mesmo utilizar outros espaços para as aulas extrapolando os muros da escola? Se retornarmos ao Quadro 7, onde apresentamos os eventos culturais gratuitos da cidade constataremos que esta poderia ser uma possibilidade real de criação de novos ambientes de ensino e aprendizagem.

Para Marcellino (2004) tempo disponível significa espaço disponível, a primeira impressão é que a escola representa a negativa de ambas possibilidades. Embora o objetivo da pesquisa fosse de identificar a relação dos jovens com os eventos e equipamentos, não poderíamos deixar de observar o comportamento dos jovens na escola, que foi o local escolhido para coletar os dados. Durante as visitas, a todo o momento presenciávamos que eles tentavam sem muito sucesso transgredir as regras do espaço escolar, criando momentos de sociabilidade nos corredores entre uma aula e outra, ou durante a própria aula tentando matar aula dentro da escola.

No grupo também tinham jovens que não trabalhavam e somente estudavam. Outros que só estudavam (minoría) e não trabalham. E ainda uns que trabalham somente no final de semana. Estes dedicavam parte do tempo para a

prática de atividades físicas e esportivas.

(G2-P2-M) Ou eu tenho o costume de correr! Correr dia de semana e final de semana também.(...) **(Entrevistador/Mediador 1)** - Mas ai você faz isto toda a semana? **(G2-P2-M)** Toda a semana! Quase todo dia eu faço, é raro os dias que eu não faço isto. Só quando eu tô de plantão garrado no serviço lá e tudo, mas quando eu tô de boa eu faço isso.

Assim a tensão entre lazer e trabalho, entre lazer e escola, se apresentou como um tema importante que limita as possibilidades de vivências de lazer dos jovens que participaram da conversa coletiva.

5.2.2 A Rua, a Pracinha e o Álcool

Chamou-nos bastante atenção como a rua se apresentou como lugar presente na cultura dos jovens que participaram da conversa coletiva. Ela é um *locus* privilegiado para as vivências do tempo de lazer.

(Entrevistadora/Mediadora 2) Mas você só vai lá ou tem algum outro lugar que você frequenta fora isto? **(G1-P4-F)** Eu gosto de namorado, rua! Rua! Final de semana quando não tá muito cansado assim nem eu nem ele, a nós fica direto na rua. Tipo nois já acorda na rua, já vai dormir na rua, tem dia que a gente **(Entrevistador/Mediador 1)** Mas faz o que na rua? **(G1-P4-F)** Ah fica a galera conversando. Eles fica bebendo lá na rua lá no Glória lá nos fica lá! Ai da sexta feira quando eu não vou na aula já vou para a casa dele vira a noite todo mundo bebendo, de dia também só quando dá 09:00 da manhã que a gente vai embora. **(G1-P4-F)**

Sempre comparei e problematizei o fato das ruas dos bairros populares e os becos das vilas e favelas serem lugares extremamente movimentados, com pessoas conversando nas calçadas e nas esquinas, ao contrário do imaginário popular das elites da capital mineira que propagam que esta cena só é presente no bairro Santa Tereza em Belo Horizonte.

Do outro lado, as ruas dos bairros de elite, sempre vazias e tristes, tanto nos bairros verticalizados, como por exemplo, Lourdes, Sion e Santo Agostinho, como nos predominantemente de casas como o Bandeirantes, São Luís e São

Bento. Em eventos pontuais como o Carnaval de rua, que vem sendo resgatado pela juventude da cidade este quadro se altera. Para além da questão da segurança pública, poderíamos pensar que as elites incorporaram até os dias de hoje a função definida por Le Corbusier e seus arquitetos e urbanistas, que definiram a rua como espaço somente da circulação.

Mas a rua, segundo Lefebvre (1999), é o lugar do encontro, onde se efetua o movimento e a mistura, que tem a função informática, a função simbólica e a função lúdica. Nela joga-se. Nela aprende-se. E esta rua se torna o espaço praticado (CERTEAU, 1996) dos jovens dos bairros populares, se convertendo em equipamento específico de lazer.

Apesar de não ter sido construída para ser um equipamento específico de lazer, a rua, segundo Camargo (1979), Requixa (1980) e De Pelegrin (2004), por determinadas razões pode assumir este papel. Presenciamos no diálogo com os jovens que a rua assume este papel. E acreditamos que este fato pode estar ligado às poucas possibilidades de espaço e equipamento de lazer que os moradores dos bairros populares têm próximo às suas residências.

E no final de semana é acordar, tomar banho, e ir para **rua**. Fica lá o tempo todo... igual a gente vai muito na casa de um amigo meu que mora em Venda Nova, aí ele tem carro, ele busca a gente vai para lá! A **rua** dele é maior movimentada ele coloca som lá fora quem gosta de beber bebe (**G1-P3-F**)

O uso da rua também pode estar ligado à questão da mercantilização das cidades. Segundo Rolnik (2004), os espaços das cidades estão cada dia mais mercantilizados, não há praticamente nenhum espaço que não seja investido pelo mercado. Uma das participantes que trabalha disse que sai raramente com o namorado por questões financeiras: “Deixa eu ver o que mais (pausa), é raro nós sair porque nois é pobre não tem dinheiro, aí shopping dificilmente a gente vai em shopping” (**G1-P4-F**)

O contexto social que os jovens cresceram está distante daquilo que Buere, (1997) chamou de **Cidade do Lazer**, ou seja, a região central da cidade que desde a sua fundação concentrou equipamentos reservados às elites e extratos médios da sociedade Belo Horizontina no início do século XX, lugares onde estão a

Rua da Bahia, Parque Municipal e os teatros.

Além de distante da residência dos jovens, Julião (1992) afirmou que no início da criação da cidade, nos espaços centrais existia uma lógica segregacionista que delimitava o limite entre ricos e pobres. Acreditamos que este fator tenha historicamente influenciado as gerações e desestimulado famílias a usarem os espaços de lazer do centro da cidade, reservados para as elites.

Fazendo uma análise nesta perspectiva, os jovens entrevistados moram em um ambiente afastado daquela cidade planejada, e este fator pode ter influenciado as práticas de lazer dos primeiros habitantes da região e, por herança, ter permeado nas gerações seguintes, chegando a influenciar até os dias de hoje as práticas de lazer, os usos e as formas de identificação, ocupação e empoderamento dos espaços pela juventude contemporânea.

Se o centro da cidade, espaço econômico, representava um lugar das elites e onde os moradores dos bairros populares iam somente para trabalhar, o local de moradia representava o espaço da vizinhança (BUTLIMER, 1986).

Este espaço da vizinhança e da rua vão se apresentar como um lugar, que segundo Tuan (1983), ao longo dos anos vai adquirindo profundo significado devido ao acúmulo de sentimentos e de experiências vivenciados neste espaço. Neste sentido também pode ser caracterizada como um pedaço (MAGNANI, 1984, 2000, 2007) que seria uma rede de relações formada por laços de parentesco, vizinhança e coleguismo.

Os equipamentos públicos específicos de lazer são uma novidade na Nova Regional Noroeste. E, segundo Silva e Couto (2013), é fruto da luta histórica do movimento social comunitário, que vem obtendo conquistas nos últimos 20 anos de Orçamento Participativo, ainda que diversas obras ainda estejam no papel, como é o caso da Área de Esporte e Lazer do Bairro São Salvador (NO3) e o Teatro do bairro Alípio de Melo (P04).

As questões que foram colocadas como motivos de utilização da rua como espaço/equipamento de lazer pelos jovens podem ser complementadas por outras possibilidades de análises, como, por exemplo, o fato da associação entre álcool e lazer pela juventude e da negação e proibição desta possibilidade na maioria dos equipamentos específicos de lazer mantidos pelo poder público.

Na conversa coletiva foi possível identificar que nas várias culturas juvenis, o álcool é algo muito presente na sociabilidade e nas práticas de lazer, inclusive pelos jovens que praticam esporte com regularidade - os que malham, os que jogam bola e os que fazem *cooper*.

Aí os amigos ia a gente encontrava todo mundo comprava Big Apple tudo, ficava com a cabeça cheia de marimbondo” É uê! Chapado, todo mundo lá! **(G1-P2-M)** (...) “Ah fica a galera conversando. Eles fica bebendo lá na rua lá no Glória lá nós fica lá! Aí da sexta feira quando eu não vou na aula vira a noite todo mundo bebendo, de dia também. **(G1-P4-F)**

Juntar os amigos para tomar uma cervejinha e jogar um truço, ficar chapado com os amigos na Praça, encher a cabeça de marimbondo e ir para o baile funk, juntar a galera para conversar e ficar bebendo na rua, ou jogar uma sinuca e ficar de boa com a galera.

Segundo o Jornal Metro (2012), ao divulgar dados de parte da conclusão da pesquisa realizada pela Fundação João Pinheiro, quatro milhões de jovens mineiros com idade 14 e 19 anos são consumidores de álcool e 25% deste universo, exageram consumindo até 20 doses por mês.

Malheiros (2012), ao analisar a relação dos jovens do ensino médio tecnológico com os bares e a escola, afirma que os jovens escolhem a bebida alcoólica para o consumo, baseando no ato dela ser uma droga legalizada, que apresenta alto uso entre os jovens, e pelo fato de seu consumo ser aceito pela sociedade em geral.

A relação da juventude com as drogas ilícitas também se apresentou como algo presente nos espaços frequentados. Alguns relataram que preferem não frequentar ambientes onde há o uso de drogas e outros disseram não se importarem. Na interação a seguir, os jovens discutem o evento de Rappers - Duelo de *Mcs* - que acontecia todas as sextas-feiras embaixo do viaduto Santa Tereza na regional centro sul da cidade e ilustra esta situação:

(G1-P2-M) Ah o Rap aí! **(G1-P3-F)** Este aí é o Rap **(G1-P2-M)** É o Rap!!
(G1-P3-F) Nossa este trem é horrível! **(G1-P2-M)** Né não! **(G1-P3-F)** É sim!

(G1-P2-M) Lá é bom só para escutar música! (..) **(G1-P3-F)** É horrível!
(Entrevistadora/Mediadora 2) Por que? **(G1-P3-F)** Você vê menino de 10 anos fumando maconha! **(G1-P3-F)** É horrível **(G1-P2-M)** Não! Cada passo que você dá você sente um cheiro diferente **(G1-P3-F)** Nossa lá é horrível **(G1-P2-M)** Você já foi lá? **(Entrevistador/Mediador 1)** Já! **(G1-P2-M)** Lá cada passo que você dá, mas se você for para curtir é bom, se você for com alguém assim que não fuma assim é bom. **(G1-P3-F)** Não! É horrível!

Embora as pesquisas citadas apontem para a relação dos jovens com o álcool e com as drogas, não podemos afirmar que existe homogeneidade nas práticas. No grupo focal um jovem disse ter migrado de equipamento quando seus amigos passaram a exagerar no consumo de álcool e a usar drogas.

(G1-P7-M) É porque tem uns amigos meus que é skatista. Aí eles vão andar de skate eu fico jogando bola com os menino que tem lá. Eu não sei andar de skate não. **(Entrevistador/Mediador 1)** Mas você vai lá direto? **(G1-P7-M)** Não eu ia muito!! Todo final de semana eu ia, agora eu parei. **(Entrevistador/Mediador 1)** - Mas por que você parou de ir lá? **(G1-P7-M)** Porque agora eu estou frequentando o lá de Contagem. **(Entrevistador/Mediador 1)** Mas por que vocês trocaram esta pela de contagem? **(G1-P7-M)** É por que os menino que frequenta muito me distanciei dele por eles começaram a usar coisa errada (...) **(G1-P7-M)** Foi por causa disto mesmo por que uns amigos meus que começou a usar coisa errada **(Entrevistador/Mediador 1)** O que errado Droga? **(G1-P7-M)** Droga e beber demais, colega meu quase deu como alcoólico nele porque ele ficou bebendo a tarde inteira no sol quente. Ai eu distanciei deles e fui para outro lugar. **(G1-P2-M)** Uso de Entorpecentes (rindo) **(Entrevistador/Mediador 1)** Entendi.

No silêncio e nas risadas também percebemos que algo de diferente se passa nas pracinhas dos bairros da região. Segundo os participantes, lá são locais propícios para “ficar de boa” conforme interação a seguir:

(Entrevistador/Mediador 1) E você jovem? Para onde você vai? **(G2-P13-M)** Uai eu vou para um tanto de lugar. Né! **(Todos)** - Risadas **(Entrevistador/Mediador 2)** Vai falando aí **(G2-P13-M)** Marco Zero. Deixa eu ver aqui. Lá é bom né! (risadas) você fica em paz lá não sei por que!! (...). **(Entrevistador/Mediador 1)** E além destes lugares aqui. Tem outros lugares que você vão? **(G2-P13-M)** Nó tem lugar demais cultural assim de pracinha que eu vou? **(G2-P9-M)** Tem a pracinha do Castelo ali. Tem uma pracinha no Castelo Bakana (...) **(G2-P13-M)** Eu vou lá direto. Vai de noite encontra com os amigos e fica lá de boa. (...). **Entrevistador/mediador 02** Mas o que que vocês fazem lá nestas praças? **(G2-P9-M)** – Pô sentar, bater um papo, tomar um vinho **(G2-P13-M)** Lembra de antigamente **(G2-P12-F)** Tocar uma viola e por ai vai. Tocar um violão **(G2-P13-M)** Toma um vinho **(G2-P9-M)** Não pode contar tudo né? **Entrevistador/mediador 02** - Pode falar!! **Todos Risadas (G2-P9-M)** Não mas é só isto mesmo. (...) **(G2-P13-M)** Depois do colégio vai para praça!! Depois do serviço! Toma um banho e fala vai ficar de boa ai e ver o que vai pegar hoje. Fica lá de boa assim.

Como o grupo focal só teve uma sessão, não conseguimos estabelecer relações de tanta intimidade e confiança para decodificar o significado da expressão “ficar de boa com a galera”, mas ela nos chamou atenção e especulamos que a praça seja um local onde os jovens tenham práticas de lazer que transgridam a legislação vigente e/ou os hábitos e costumes morais da sociedade.

O horário de funcionamento dos equipamentos também não dialoga com o horário em que os jovens e a maior parte da população está livre das obrigações trabalhistas. A maioria dos Parques da Cidade funciona somente até as 18:00h, justamente no período em que as pessoas estão chegando do trabalho. No caso dos jovens estudantes do noturno há um agravante, uma vez que eles após a jornada de trabalho vão para a Escola. Segundo Telma Gomes (2013), a PBH afirma ter dificuldades com a falta de recursos financeiros e poucos funcionários para manter os equipamentos funcionando.

Assim, o sucesso da rua e das pracinhas pode estar ligado ao fato delas serem sinônimos de liberdade, onde os jovens podem ir quando quiserem sem restrição de horário e do que se pode ou não consumir. Dessa forma, o esvaziamento dos equipamentos de esporte, lazer e cultura, pode estar relacionado às restrições de uso e horário de funcionamento.

5.3A RELAÇÃO COM OS EQUIPAMENTOS CENTRAIS

Os processos de socialização da juventude são dinâmicos e (re) significam os espaços em tempos e contextos históricos. Na Belo Horizonte contemporânea coletivos juvenis, organizados e engajados com as bandeiras do movimento social, fazem esforços para a valorização da ocupação dos espaços públicos em detrimento do uso dos espaços privados e da mercantilização da cidade.

O termo ocupar a cidade virou lugar comum e tem sido utilizado para estimular e encorajar o uso de vários espaços públicos. Alguns já consagrados pela juventude da cidade e da Região Metropolitana, como o Duelo de *Mcs* no Viaduto Santa Tereza - todas as sextas-feiras, o Quarteirão Eletrônico no Viaduto do bairro Floresta, o *Rood Boys System* nas praças da Regional Centro Sul, o Sarau Vira Lata e a Praia da Estação⁴⁹.

A Praia da Estação é um exemplo de experiência orgânica, onde os participantes levam seus instrumentos musicais e seus corpos para (re)significarem e praticarem o espaço. Estes encontros de Lazer e sociabilidade (re)organizaram um fórum permanente de trocas entre os movimentos sociais da cidade.

Apesar de este movimento representar um *locus* importante para socialização e sociabilidade da juventude engajada nos movimentos sociais, que se auto intitulam de a nova esquerda da cidade, até o momento ele se mostrou incapaz de ocupar outros espaços/equipamentos fora da região central da cidade⁵⁰.

Alguns jovens que participaram do grupo focal afirmaram que às vezes frequentam o Duelo, alguns já tomaram banho nas fontes da Praça da Estação e outros já ouviram falar da Praia da Estação. Segundo Silva (2010), os jovens da periferia não frequentam os equipamentos específicos de lazer da cidade, nem os próximos de sua residência nem os da região central. A ocupação que acontece no

⁴⁹ A Praia da Estação é um movimento que contesta a proibição da realização de eventos públicos na Praça da Estação.

⁵⁰ Como exceção do Sarau Vira-Lata que explorou territórios da região metropolitana da cidade.

espaço da cidade planejada é uma ocupação que sempre aconteceu e acreditamos que seja realizada por outras juventudes, não necessariamente a dos bairros populares.

(Entrevistador/Mediador 1) Então você já brincô ali nas fontes ali dá **(G1-P4-F)** i fi direto!! Eu tenho vontade de ir na Praia alguma coisa. **(G1-P3-F)** Eu já molhei de mais neste trem aí!! Tá doido! **(G1-P4-F)** Um evento se não me engano não sei o que Praia, **(Entrevistador/Mediador 1)** Praia da Estação **(G1-P4-F)** - Eu tenho vontade de ir mas eu nunca sei os dias **(Entrevistador/Mediador 1)** É mesmo? **(G1-P2-M)** - Eu também eu fiquei sabendo disto agora. **(G1-P4-F)** Não! Eu já fiquei sabendo **(Entrevistador/Mediador 1)** Tem a Praia da Estação e Praia da Savassi **(G1-P4-F)** É eu já fiquei sabendo, só que tipo assim, depois que passa. Nó cê viu? aquele trem que teve lá. (Revoltada) Eu não vejo divulgando! Por que se eu soubesse eu ia na tora fí!

(G2-P9-M) Fala a verdade aí é raro eu ir nestes lugares viu! E não vou com certa frequência não entendeu? raramente eu vou. (Sobre os equipamentos da Regional Centro Sul.)

Contudo, destacamos que estes coletivos juvenis organizados são responsáveis pela mobilização para o resgate do carnaval de rua de Belo Horizonte, organizados principalmente pelo Bloco da Praia. No ano de 2013 o carnaval da Cidade conseguiu alcançar 500 mil foliões, despertando a atenção do poder público que teve que se preparar às pressas para atender os blocos e os turistas, já que o carnaval até então se resumia aos poucos Blocos do pré-carnaval, tais como a banda Mole, os shows nas regionais e, durante o carnaval, ao desfile dos blocos caricatos.

Nos próximos capítulos discutiremos a relação de *outros jovens*, moradores dos bairros populares de Belo Horizonte, com os equipamentos centrais. Esta discussão será complementada nos dois capítulos finais onde abordaremos a relação destes sujeitos com os eventos gratuitos da cidade, em especial os denominados pelos participantes do grupo focal como eventos do “tipo cultural”. O tema será complementado com uma sessão dedicada a problematização de como estes eventos são divulgados pelos produtores culturais da cidade.

5.3.1 É raro eu ir nestes lugares: Centro Sul

Durante o período que trabalhei como educador social dos projetos de qualificação profissional da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (2006-2012), com jovens de bairros e vilas consideradas prioritárias para inclusão social, era comum realizarmos visitas técnicas em empresas públicas e privadas, a fim de apresentar para os educandos o que era um ambiente de trabalho e como uma empresa se estruturava para atingir seus objetivos.

Na ocasião do planejamento da atividade e das visitas, que quase sempre eram na região central da cidade, sempre nos chamou atenção o fato de diversos educandos nunca terem ido ao centro da cidade sozinhos, o que consideramos bastante problemático. Como um jovem depois de passar por um processo de formação profissional iria buscar oportunidade de emprego se este não conhecia sua própria cidade? Se não sabiam deslocar-se no centro, que ainda é o espaço econômico que concentra diversos serviços e oportunidades de trabalho?

Em uma das atividades resolvemos extrapolar a questão da visita técnica em si, e aproveitamos a ocasião do deslocamento ao hipercentro – ou a passagem por ele - para contar um pouco da história de Belo Horizonte, fazendo um pequeno *tour* no centrão, partindo da Praça Sete de Setembro, utilizando um roteiro que havia construído nos tempos da graduação de turismo. Um roteiro focado na história da Cidade e na educação patrimonial que tinha o nome de “Um Olhar Sob o Caos”⁵¹.

No dia seguinte, avaliando a atividade com os jovens, em diversas vezes, a visita técnica à empresa se mostrou secundária ao *tour*. A história de Belo Horizonte e as curiosidades sobre alguns edifícios despertavam mais atenção dos jovens, se mostrando extremamente prazerosa e significativa em detrimento da visita técnica à empresa, superando assim a expectativa do que fora planejado.

⁵¹ Partindo da Praça Sete de Setembro, o roteiro contemplava a Igreja São José, o Edifício Acaiaca, o Castelinho, o edifício Sulacap, o Viaduto Santa Tereza e o Edifício Maleta. Acrescido de um equipamento específico de lazer: Praça da Estação/Museu de Artes e Ofícios, ou Palácio das Artes, ou Centro de Cultura de Belo Horizonte, ou antigo Instituto Moreira Sales - Centro de Referência da Fotografia da FCS.

Daí em diante, além da questão da história da cidade, incorporamos nas formações a visita a equipamentos culturais de modo a apresentar para os jovens o que a cidade tinha para lhes oferecer. Esta experiência despertou reflexões sobre a importância daquele ato, para além da questão de aprender a se deslocar pela cidade em busca de trabalho, mas para questões sobre o ato de pertencer à cidade. Como um jovem vai valorizar e se identificar com uma cidade que ele não conhece? Uma cidade que a ele não pertence? Refiro-me especialmente ao centro da cidade, ao espaço localizado dentro da Avenida do Contorno.

Os resultados da pesquisa de Silva (2010) e as informações coletadas durante os grupos focais foram de encontro com o que já vivenciava com os educandos dos projetos sociais da Prefeitura. Ou seja, o desconhecimento dos jovens sobre a existência de diversos equipamentos de lazer e cultura no centro da cidade ou, quando conhecem, o fato de não conhecerem sua programação.

(G2-P13-M) Isto aí é onde? **(Entrevistador/Mediador 1)** Palácio das Artes! Dentro do Palácio das Artes! **(G2-P11-F)** Nó que lindo **(G2-P13-M)** Nuuuuu **(Entrevistador/Mediador 1)** Afonso Pena né!! Palácio das Artes!! Parque Municipal. **(G2-P9-M)** Dá para ver até as tilápias pulando lá ó **(G2-P13-M)** Parque Municipal nem paga para entrar né? **(Entrevistador/Mediador 1)** Não!! **(G2-P13-M)** Nossa nem sabia disto mais!! (Rindo)

Apesar de não irem com muita frequência ao Centro foi possível identificar a ida esporádica em alguns eventos, tais como a Parada Gay na Praça da Estação, o Duelo de *Mcs* embaixo do Viaduto Santa Tereza, o Evento Noites Brancas, que aconteceu no período da noite para a madrugada no Parque Municipal no ano de 2012, e alguns que iam para a Praça Sete de Setembro para “ficar de bobeira”.

(Entrevistador/Mediador 1) Esta aí é a Praça Sete também tá **(G2-P13-M)** Já deu um rolé de Skate ali assim de quebradinha. **(Entrevistador/Mediador 1)** Na Praça Sete ali? **(G2-P13-M)** É aqui! **(G2-P12-F)** A Praça Sete e cheia do hip né? **(G2-P11-F)** Nó é mesmo! Cada coisa que a gente vê (rindo) **(G2-P13-M)** (...) A ó este aí eu já fui. sexta-feira debaixo do viaduto, o rap eu tinha até esquecido. **(Entrevistador/Mediador 1)** Duelo de mcs (...) **(G2-P11-F)** Tem um lá que todo ano tem a parada Gay. **(G2-P12-F)** E a concentração é sempre aí né. Aí daí sobe a Afonso Pena vai até.. **(Entrevistador/Mediador 1)** Praça da Estação **(G2-P9-M)**: Deu ida lá P13? **(G2-P13-M)** Tô fora (rindo) **(G2-P11-F)** Eu só curto assim as músicas né. Eu não sô (Rindo).

Embora a metrópole Belo Horizontina tenha vários centros comerciais, e disponha de uma quantidade bastante diversificada de serviços, inclusive nos setores de alimentos e bebidas, a região central da cidade, nitidamente dentro da Avenida do Contorno e nos bairros arredores, ainda são referências e concentram os melhores estabelecimentos de alimentos e bebidas, casas de shows, boates e espaços públicos para realização de eventos. Além dos equipamentos do “tipo cultural”, como conceituou um jovem, fazendo referência aos teatros, museus, centros culturais, galerias de arte etc.

Neste sentido concordamos com Rolnik (2004) ao afirmar as diferenças entres os territórios das grandes cidades, onde é fácil identificar os bairros que concentram mansões e palacetes, centros de negócios, bairros boêmio onde rola a vida noturna; o distrito industrial é o bairro do proletariado.

Na investigação anterior⁵² havíamos identificado que os jovens raramente frequentavam os equipamentos e eventos culturais gratuitos da região central da cidade. A limitação do método de coleta de dados daquela pesquisa não conseguiu alcançar a resposta dos motivos. Nesta já conseguimos identificar que alguns espaços públicos abertos tais como as praças e alguns eventos despertam o interesse dos jovens.

(G2-P9-M) É igual o **(G2-P13-M)** falou. A praça esta chamando muito a juventude. Tô notando isto aí a galera tá gostando bastante de uma pracinha nestes momento vago ai que não tem nada para fazer. **(G2-P13-M)** Depois do colégio vai para praça!! Depois do serviço! Toma um banho e fala vai ficar de boa aí e ver o que vai pegar hoje. Fica lá de boa assim.

Também já temos algumas pistas que nos ajudam a especular a relação dos jovens com os equipamentos da região central da cidade. Entre elas identificamos: a falta de dinheiro para se deslocar até o evento ou equipamento, a falta de companhia para ir nos lugares, o desconhecimento sobre a programação e recentemente o maior rigor com a lei seca.

⁵² Silva (2010)

5.3.2 Palácio das Artes: Nunca fui!

(G1-P2-M) Eu passo de ônibus assim eu fico olhando assim lá dentro.

(G1-P1-M) (...) Achei meio assim parecendo um hospital rapaz **(Todos)** Risos. Eu tenho um medo de hospital e cês nem sabem como.

Figura 1 – Palácio das Artes



Fonte: Acervo Fundação Clóvis Salgado

Quem nunca foi quando era criança ao museu, ao teatro ou a alguma atividade denominada *excursão* promovida pela escola? Na memória dos jovens há relatos da ida a estes equipamentos quando eram estudantes do ensino fundamental. Talvez nos dias atuais este tipo de atividade seja até mais frequente que em outros tempos em função dos projetos de escola em tempo Integral.

O Palácio das Artes (FIGURA 1) é o maior Centro Cultural de Minas Gerais. Ele é mantido pela Fundação Clóvis Salgado, autarquia do Governo do Estado de Minas Gerais, ligado a Secretaria Estadual de Cultura. Está localizado no centro de Belo Horizonte, dentro do Parque Municipal. Teve suas obras iniciadas em

1942, pelo então Prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek, e terminadas pelo Governador Israel Pinheiro, em 1971.

Segundo informações oficiais⁵³, ele é um dos raros equipamentos do Brasil e da América Latina que reúne em um único lugar diversos equipamentos culturais: O Grande Teatro, o Teatro João Ceschiatti, a Sala Juvenal Dias, o Cine Humberto Mauro e Galerias de Arte (Grande Galeria Alberto da Veiga Guignard, Galeria Genesco Murta, Galeria Arlinda Corrêa Lima e Espaço Mari' Stella Tristão). Conta ainda com biblioteca, miateca, um centro de Formação Artística – CEFAR, que oferece cursos de dança, teatro, música além de manter uma Orquestra Sinfônica, um Coral Lírico e uma Cia de Dança.

Por ser um espaço de criação, produção e difusão junto ao público e ter a estrutura apresentada, ele mantém uma intensa programação durante todo o ano, a maioria gratuita ou a preços populares. Por isso ele salta aos olhos e talvez seja o equipamento mais conhecido da cidade. Assim o escolhemos para ilustrar a situação dos equipamentos centrais da cidade e por ter sido bastante comentado durante a conversa sobre os equipamentos centrais.

No Grupo Focal foi possível identificar que os jovens sabem onde se localizam os equipamentos culturais da cidade, mas que raramente entram em seu espaço. O Palácio das Artes apareceu nas memórias dos participantes quando eram crianças, estudantes do ensino fundamental. Um lugar tão distante na memória, que alguns chegaram a esquecer de que já tinham visitado conforme interação a seguir do Grupo 1:

(G1-P2-M) Nunca fui no Palácio das Artes **(G1-P4-F)** Eu também nunca fui **(G1-P2-M)** Sempre passei lá e nunca fui **(G1-P4-F)** Eu também nunca fui **(Entrevistador/Mediador 1)** Isto é lá dentro! **(G1-P4-F)** Dentro do Palácio? **(Entrevistador/Mediador 1)** Dentro do Palácio das Artes! **(G1-P2-M)** Tem que ir então muitas vezes. Nunca fui véi! Sério! **(G1-P1-M)** O véi eu fui uma vez quando eu tinha oito anos de idade. **(G1-P2-M)** Não, eu acho que já fui quando eu era do Augusta Medeiros. Sério mesmo! **(Entrevistador/Mediador 1)** A escola te levou lá? **(G1-P2-M)** É. Mas eu não lembro nem como é que era lá. **(Entrevistador/Mediador 1)** Depois disto nunca mais? **(G1-P2-M)** Nunca! Eu passo de ônibus assim eu fico olhando assim lá dentro. Nunca fui lá!! **G1-P7-M** - Eu acho que fui numa peça do Rei Leão **(G1-P1-M)** Risos **(G1-P2-M)** Eu fui vê sabe qual que era? O mágico

⁵³ Dados disponíveis no sítio <http://www.fcs.mg.gov.br/conteudo/12,,palacio-das-artes.aspx> Acesso em 29 Março 2013.

de OZ!! Nosso oh (estalando os dedos) Sério! Tirei até aquelas fotos assim (rindo) oh! Cê lembra? De lembrança Augusta Medeiros (Escola).

A ida de crianças aos equipamentos do “tipo cultural” é bastante frequente. O fato é que este trabalho não teve continuidade em outras fases da vida. A ida dos jovens aos equipamentos de lazer na infância e na vida escolar não foram suficientes para educá-los e encorajá-los a voltarem na juventude. Um jovem relatou ir ao Palácio ver teatro em concertos, mas que o dinheiro para ir com frequência é um limitador.

Lendo alguns editais e leis de incentivo a cultura é possível identificar que existe preocupação pelos formuladores das políticas culturais em formar público e, seguramente, o jovem seria o seguimento preferencial por estar na fase de explorar as novidades. Assim concordamos com Peralva (1997), ao afirmar que “enquanto o adulto vive ainda sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, o jovem vive em um mundo radicalmente novo” (PERALVA, 1997, p.23).

O Palácio das Artes é um dos vários equipamentos culturais do centro da cidade que não é frequentado pelos jovens. Na Conversa coletiva, além do Palácio, destacamos para estimular a conversa o Centro de Cultura de Belo Horizonte, o Centro Cultural da UFMG e o Museu de Artes e Ofícios. Este último é lembrado por suas fontes de água, uma jovem afirmou ter brincado nelas.

Como se não bastasse a centralização dos equipamentos que se deram em função da concepção da capital (SILVA e COUTO, 2013), assistimos nos últimos tempos a implementação de novos equipamentos culturais na região central da cidade, o que dá continuidade à lógica centralizadora. A Praça da Liberdade - antiga cidade do Poder (BUERE, 1997 p. 70), onde se localizava as Secretarias do Governo do Estado, foi toda transferida para a Região Norte da Cidade, com a construção da Cidade Administrativa Tancredo Neves.

Os antigos prédios da Administração Estadual deram lugar a dez novos equipamentos culturais do recém-criado Circuito Cultural Praça da Liberdade, que é divulgado por órgãos oficiais como o maior complexo cultural do Brasil⁵⁴. São eles: Centro de Arte Popular Cemig, Espaço TIM UFMG do Conhecimento, Memorial

⁵⁴ <http://circuitoculturaliberdade.com.br/> Acesso em 29 Março 2013

Minas Gerais Vale, Museu das Minas e do Metal, Palácio da Liberdade, Casa Fiat de Cultura, Centro Cultural Banco do Brasil, Centro de Referência da Economia Criativa Sebrae-MG, o Inhotim Escola e o Museu do Automóvel.

Completa o circuito o já existente Arquivo Público Mineiro, Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, Museu Mineiro e Palácio da Liberdade. Segundo Guimarães (2013), estes novos espaços foram projetados para serem ocupados de forma dinâmica, mas estão muito aquém do planejado e atualmente estão subutilizados. São equipamentos que seguem a lógica global de criação de equipamentos culturais para atender principalmente turistas.

O ar de santuário e de sacralização dos equipamentos (MARCELLINO, 2008), também pode ser um fator que intimida a aproximação. Nas visitas que marcávamos com os jovens dos projetos sociais da Prefeitura era comum eles aguardarem do lado de fora até a chegada dos educadores para entrarem nos equipamentos.

O ar de sacralização dos equipamentos culturais está presente na maioria dos equipamentos culturais do centro da cidade. Segundo Julião (1992), a cidade, de inspiração europeia, nasceu sob o signo das luzes e da racionalidade científica. Assim, também foi importado o estilo arquitetônico vigente da época, o neoclássico, que está presente em quase todos os equipamentos do Circuito Cultural da Praça da Liberdade, por exemplo.

Embora não seja neoclássico o Palácio das Artes, projetado pelo Arquiteto modernista Oscar Niemayer, também remete ao ar de santuário, ou um ar de fobia, um dos jovens sem conseguir defini-lo o comparou a um hospital e afirmou ter medo de hospital, mas ficou interessado em conhecê-lo:

(Entrevistadora/Mediadora 2) Que mais deste lugares aí que vocês frequentam ou não frequentam cês frequentam todos? **(G1-P1-M)** O único que eu quero, que vou frequentar é aí. Tenho que ir neste negócio aí. **(G1-P2-M)** É! Eu também! **(Entrevistador/Mediador 1)** Palácio das Artes! **(G1-P1-M)** Achei até interessante. Porque eu não tava muito afim não. Achei meio assim parecendo um hospital rapaz **(Todos)** Risos **(G1-P1-M)** Eu tenho um medo de hospital e cês nem sabem como. Mas é o seguinte eu vou ter que ir neste negócio.

Os equipamentos centrais, quando são utilizados pelos jovens, o são quando há divulgação em massa de algum evento. Por exemplo, ir ao Teatro foi

lembrado por um dos jovens como uma coisa boa para ir quando tem a Campanha de Popularização do Teatro e da Dança no início do ano.

Talvez seja o momento de pensar em uma política de formação cultural que leve os jovens do ensino médio aos equipamentos culturais, não somente para que estes conheçam o espaço, mas para que abram novas possibilidades de vivência de lazer e de formação humana.

5.3.3 Mobilidade Urbana e Lazer

Na pesquisa anterior Silva (2010) identificou que o deslocamento dos jovens pela cidade não era um problema tão grave quanto o discurso dos movimentos sociais de juventude da cidade. Os que moram na Regional Noroeste declararam que iam com frequência a equipamentos de lazer privados, relativamente afastados de suas residências, boates e *shoppings centers* que ficavam no mínimo oito quilômetros de distância. Porém, a limitação do método da pesquisa anterior não nos permitiu aprofundar como eram estes deslocamentos.

Nesta investigação, buscando conhecer melhor esta relação, nos deparamos com perfis bastante diversos, o que nos impede de afirmar que existe homogeneidade entre as práticas de deslocamento. Os jovens frequentam equipamentos públicos e privados, próximos e distantes de suas residências. Alguns afirmaram que a questão financeira é um problema.

Uma jovem afirmou ir para o circuito do Alto da Avenida Raja Gabalia, ao sul da cidade, na divisa com o município de Nova Lima, distante treze quilômetros de suas residências:

(G2-P12-F) Aquela boate lá na Raja também é bom. Dos Deuses. Ela inaugurou pouco tempo agora. Bacana também! **Entrevistadora/Mediadora 2** Mas você vai lá? **(G2-P12-F)** Vou fui uma vez. Tem o Torres também que é lá no Alto da Raja. **(G2-P13-M)** Nossa vai longe demais. (...) **(G2-P12-F)** A Swiggers também!! Satorini!! **(Todos)** Risadas **(G2-P11-F)** Esta não fica em casa. **(G2-P12-F)** O Santorini também é bacana Alambique também.

Também para equipamentos privados (bares, boates e *pubs*) da clássica região da Savassi, do Bairro Funcionários, localizados na Regional Centro Sul de

Belo Horizonte, distante oito quilômetros do local de residência dos entrevistados.

(G2-P11-F) Balada é no final de semana né (risos) (...) **(G2-P11-F)** Eu era toda quinta-feira **(Entrevistador/Mediador 1)** É você ia para onde quinta-feira? **(G2-P12-F)** Josefina (Rindo) **(Entrevistador/Mediador 1)** Josefina naaa Savassi? **(G2-P12-F)** iiiiiisso (Rindo). (...) **(G2-P13-M)** Tem o Jack Rock Bar também

Os jovens também se deslocam para a região do Bairro Eldorado, no município de Contagem, distante doze quilômetros da região onde residem:

(G2-P12-F) Eu vô no Pura, vô para o favorita, vô para Galopeira. (...) **(Entrevistador/Mediador 1)** Favorita fica aonde heim? **(G2-P12-F)** Fica ali perto do New Texas. Eldorado. **(Entrevistador/Mediador 1)** Contagem – Eldorado! **(G2-P13-M)** Perto do Big. Big Shopping? **(G2-P12-F)** Isso Isso **(G2-P13-M)** Lá dá movimento lá? **(G2-P12-F)** E tem a Tattoo também né! Que é depois do New Texas descendo a rua do New Texas, cê sobe aí tem a Tattoo já é três ambientes.

E outros jovens, que saem com menos frequência em função da questão financeira ou da motivação coletiva, preferem ficar com os amigos próximos de suas residências, nas ruas e praças conforme descrito anteriormente.

Não aprofundamos qual o meio de transporte os jovens utilizam para irem até os equipamentos, se é de carona com amigos em veículos próprios ou usando o transporte coletivo. Identificamos dois jovens habilitados e com veículo próprio nos grupos.

O direito ao deslocamento dentro da cidade de Belo Horizonte é pauta dos movimentos de juventude e estudantil deste a década de 1980. O argumento do movimento estudantil é que os jovens precisam do meio passe ou do passe livre para ter acesso às instituições de ensino.

Já nos movimentos sociais de juventude a pauta principal é o direito à cidade, a usufruir dos diversos serviços e equipamentos de lazer e cultura. Na Conferência da Juventude de 2006, os jovens propuseram a implantação do passe livre para ter acesso, aos domingos, à cultura, esporte e lazer (PBH, 2006). Sete anos após a Conferência, esta e outras propostas ainda estão no papel⁵⁵.

De forma inédita, no ano de 2011, foi sancionada uma lei, no primeiro mandato do prefeito Márcio Lacerda – PSB/PT (2008-2012), que cria o auxílio para o

⁵⁵ Anexo as propostas da temática Cultura, Esporte e Lazer (PBH, 2006)

transporte Escolar, priorizando os estudantes de escolas públicas do ensino médio, beneficiários de programas sociais tais como: Bolsa Família, Acolhimento Institucional, Bolsa Moradia, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI, Remoção/Reassentamento Familiar e Programa de Reassentamento de Famílias (PROAS).

Mas somente 1.955 jovens foram beneficiados com o auxílio escolar no ano que a lei foi sancionada, o que fez com que a Prefeitura ampliasse o benefício para os estudantes das escolas públicas do ensino médio que não eram beneficiários dos programas sociais, já que a maioria dos jovens beneficiários dos programas sociais estuda próxima a suas residências.

Com a ampliação do benefício, 6.914 pessoas foram contempladas, das quais 6.534 jovens com idade entre 15 e 24 anos. Apesar do aumento, quando comparamos este número com o universo de jovens nesta faixa etária na cidade (401.488), percebemos o quanto os números são desanimadores.

O passe estudantil sempre foi tratado como um tema polêmico dado toda complexidade que envolve as relações de poder e clientelismo entre os agentes políticos e os empresários do transporte coletivo de Belo Horizonte e Região Metropolitana. Prova maior disto é que este seguimento detém o maior número de cadeiras na Comissão Municipal do Auxílio ao Transporte Escolar, sendo composta por sete membros, onde somente três são do movimento estudantil⁵⁶.

A luta histórica dos movimentos de juventude pode abrir novos caminhos para se pensar novas políticas e possibilidades de lazer para os jovens que moram distantes dos equipamentos culturais do centro da cidade dada a centralização dos equipamentos anteriormente destacada. Entendemos que o benefício do passe escolar deveria ser ampliado para todos jovens com idade entre 15 a 29 anos, de modo a possibilitar o deslocamento aos eventos e equipamentos de lazer, às instituições de ensino, à qualificação profissional, o que, conseqüentemente, também reduziria a quantidade de veículos particulares nos quatro horários de pico

⁵⁶ A comissão é formada por: I - um representante da Secretaria Municipal de Políticas Sociais, que o presidirá; II - um representante da BHTRANS; III - um representante da Câmara Municipal de Belo Horizonte; IV - um representante das Empresas Concessionárias de Transporte Coletivo do Município; V - três representantes de Entidades estudantis, sendo indicados em comum acordo pela União Brasileira de Estudantes Secundaristas - UBES e pela Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas – AMES-BH

escolar.

Além das dificuldades que alguns jovens têm para se deslocar pela cidade, é importante refletir sobre a precariedade do transporte coletivo. Uma cidade do tamanho de Belo Horizonte, terceira em importância econômica do país, ainda tem seu transporte coletivo focado em ônibus. Na madrugada, horário que terminam as baladas, os quadros de horários são extremamente reduzidos e no caso de diversos bairros das Regionais Noroeste e Pampulha as linhas não circulam no período da madrugada.

O centro de Belo Horizonte, além de concentrar os equipamentos de lazer, sempre concentrou a maior quantidade de ofertas de trabalho, ainda que as várias regionais da Cidade tenham seus centros comerciais. Assim, diariamente, uma massa de trabalhadores desloca-se em um percurso que pode durar até duas horas, dependendo do humor do trânsito. A Regional Noroeste é conhecida por ter o pior corredor de trânsito da cidade, vias como a Avenida Pedro II, ruas Padre Eustáquio, Rio Pomba e Três Pontas, diariamente desafiam a paciência dos trabalhadores e estudantes que se deslocam dos bairros da Regional Noroeste e Pampulha para o centro da Cidade. É importante refletir se esta fadiga diária e histórica, do deslocamento casa-trabalho-casa, influencia ou não as famílias a buscarem o centro nos finais de semana para o lazer.

Em um trabalho inédito, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), ao analisar os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, entre os anos de 1992 e 2009, no que se refere ao deslocamento urbano casa-trabalho da população do país, mostrou que os trabalhadores de baixa renda fazem viagens 20% mais longas que os mais ricos. Segundo esta pesquisa, a média do tempo gasto dos trabalhadores de Belo Horizonte é de 34 minutos, onde os mais pobres gastam mais de uma hora no trajeto de ida.

Discutir lazer e mobilidade na Belo Horizonte contemporânea, no de 2013, um ano antes da realização do Mega Evento de lazer, turismo e entretenimento, Copa do Mundo FIFA de Futebol 2014, nos remete imediatamente ao canteiro de obras e promessas de legados em infraestrutura, que tem sido usado como justificativas para o uso do dinheiro público na preparação deste acontecimento promovido por uma entidade privada, a FIFA. A expectativa é que as obras de fato

melhorem as condições do transporte coletivo da cidade e por consequência o acesso aos equipamentos de lazer.

Já constatamos que dificilmente os legados da Copa chegarão para a população moradora das regionais Noroeste e Pampulha. Elas ficaram de fora das prioridades de melhorias na mobilidade urbana da cidade. Inicialmente havia sido previsto uma estação BH-BUS na Vila São José, que ligaria com corredores exclusivos para ônibus, as Avenidas Pedro II e Carlos Luz, o que seguramente reduziria o tempo de viagens dos bairros populares até o centro da cidade e, por consequência, aos equipamentos culturais centrais, através do *Bus Rapid Transport* (BRT), que em Belo Horizonte foi batizado de MOVE.

Retornando à questão do deslocamento dos jovens entrevistados, aqueles que não dependem do transporte coletivo, ou seja, que tem veículo próprio ou possuem carteira de habilitação e podem utilizar veículos de familiares, a associação lazer e consumo de álcool apareceu como uma questão que influencia na escolha do local para práticas de lazer. Quanto mais distante o equipamento, mais complicada é a sua escolha.

Eu procuro sair no lugar mais perto entendeu? Quanto mais próximo porque eu gosto de tomar cerveja e tudo tá complicado você tomar cerveja caça andar para longe então é mais complicado. Quanto mais perto da minha casa melhor. Eu procuro um lugar perto. Por isto eu não vou tanto lá. **(G2-P9-M)**

O novo rigor da lei seca, que não veio acompanhado pela melhoria nas condições do transporte coletivo da cidade, somado à ausência de políticas públicas para o deslocamento da juventude, tende a fazer com que o jovem se desloque cada vez menos pela cidade, restringindo o seu acesso aos equipamentos, eventos e as possibilidades de formação e ampliação das redes que a cidade possibilita.

Assim, a relação dos jovens com os equipamentos centrais se dá de forma esporádica. Nas interações foi possível perceber que quando existe a ocorrência da ida aos equipamentos centrais, ela acontece principalmente em espaços abertos, principalmente quando há evento, ao contrário dos equipamentos fechados, que tem uma programação permanente, mas que é desconhecida pelos jovens. Também é importante destacar que os maiores rigores da lei seca, somada à

ausência de melhorias no transporte coletivo, podem levar os jovens a uma nova segregação socioespacial na cidade.

5.4A RELAÇÃO COM OS EQUIPAMENTOS DA NOROESTE E PAMPULHA

A centralização dos equipamentos de lazer na região central da cidade não significa que os bairros populares do município de Belo Horizonte estejam totalmente sem equipamentos, apesar de serem em número infinitamente inferior, estarem dispersos e, algumas vezes, bem distantes das residências dos moradores.

No Território Noroeste 03, a Prefeitura inaugurou um ginásio poliesportivo no Bairro Dom Bosco e uma Área de Esporte e Lazer está sendo construída no bairro São Salvador. No Território Pampulha 04, que pertencia a Regional Noroeste, foi inaugurado recentemente o Parque Ecológico Vencesli Firmino e ainda estão sendo construídos mais dois importantes equipamentos, o Espaço BH Cidadania⁵⁷, na Vila São José e o teatro no Bairro Alípio de Melo.

Todos estes equipamentos foram aprovados no Orçamento Participativo. Segundo Silva e Couto (2013), faz parte da Luta histórica do movimento social, fazer a reparação da ausência de equipamentos de lazer nos bairros populares da cidade.

Nos grupos focais, trouxemos imagens de alguns equipamentos públicos de esporte, lazer e cultura, para estimular o diálogo com objetivo de conhecer a relação estabelecida com os jovens. Foram eles: O Centro Cultural Padre Eustáquio, o Parque Maria do Socorro Moreira, o Parque Ursulina de Andrade Melo, O Parque Vencesli Firmino, O Zoológico, O Centro Cultural Pampulha e o Parque Ecológico Francisco Lins do Rego. Outros locais foram acrescentados na conversa pelos jovens, principalmente praças e equipamentos privados. Destacamos somente aquelas que foram mais citadas pelos jovens e que julgamos ser importantes para responder a pergunta problema desta investigação.

⁵⁷ Este equipamento tem como proposta articular oito políticas em um só local. Entre elas a de Esporte a de Lazer e a de Cultura.

5.4.1 Memórias do Parquinho da Mata e do Zoológico

Figura 2 - Parque Ursulina de Andrade Melo



Fonte: SILVA, 2010

O maior equipamento de lazer próximo à residência dos jovens da Região é o Parque Ursulina de Andrade Melo (FIGURA 2), conhecido pelos jovens como Parquinho da Mata ou Parquinho de Madeira. Ele é administrado pela Fundação de Parques da Cidade, com 312 mil metros quadrados, possui uma das maiores áreas remanescentes de Floresta Tropical de Belo Horizonte. Está localizado a duas quadras da Escola onde os jovens foram entrevistados, no bairro Castelo – Regional Pampulha. “**(G2-P13-M)** Ursulina!! É ele mesmo!! **(G2-P9-M)** Parquinho de Madeira. Sei lá o pessoal já colocou mil apelidos neste parque. **(G2-P13-M)** Ursulina, Parque de Madeira, Parquinho da Mata”.

Na conversa coletiva foi identificado que o Parque era um local onde estudantes do diurno da região matavam aula para vivenciar momentos de lazer.

(G1-P3-F) Eu já matei muita aula aí na 5ª série

(G2-P9-M) A Galera matava aula né? **(Todos)** Risadas **(G2-P11-F)** Quando eu estudava de manhã eu matei aula ali. Com certeza! **(G2-P13-M)** Todo mundo né? **(G2-P11-F)** Nois saía pelo matagal aqui ó rapidinho nos subia... **(G2-P13-M)** Cê entrava aí só nego de blusa branca não sei por que (rindo) **(G8-P8-M)** A galera matava aula mesmo! Só nego uniformizado de altas escolas. **(G2-P11-F)** Aí o segurança perguntava: “O que vocês estão fazendo aqui? Cês estão estudando não?” Nãooooo Soltou cedo!! **(G2-P9-M)** Estudo de manhã.

Todos tinham algo a dizer sobre o Parque, que nas memórias⁵⁸ individuais e coletivas dos jovens, apareceu como um lugar que trazia boas lembranças. “Parquinho da Mata este aí todo mundo tem história aí, quem não tem história aí?” **(G1-P5-M)**. As aventuras e histórias no Parquinho da Mata foram construídas na infância e pré-adolescência quando os jovens eram estudantes do diurno e se aventuravam na mata fechada do parque e em suas trilhas:

Nossa é bom demais. Os bichinhos lá. Ai tem uma trilha. Ai tem uma trilha. Só que você tem saber entrar nessa trilha e sair. Aí nois entrava na trilha e para saber sair? Nossa era baum demais. **(G2-P11-F)**

Tipo assim do lado de cá, tem a passagem assim, eu entrei dei umas voltinhas já não sabia mais onde que eu tava não, eu e um amigo meu, aí nos viu uns caras la fumando lá: O zé onde que é a saída aí? “Não é só você continua aí. **(G1-P2-M)**

Apesar de relativamente grande, o Parque dispõe até os dias de hoje de pouca infraestrutura para brincadeiras e, às vezes, era alvo de disputas e conflitos entre as crianças e os pré-adolescentes, conforme a memória de um dos participantes:

(G1-P1-M) Eu tenho uma história aí gente mas é muito engraçada **(Todos)** Risos **(G1-P1-M)** quando eu tinha meus doze anos, nossa senhora, brincando lá no naquele gangorreta, aí uma menina lá de uns seis falou, folgadaaa pra caramba. Falou assim: “o menino este aqui não é brinquedo para você ficar brincando não”. Falei assim: “Uai! aqui é publico vamu continua brincando”, ela tinha um jeito lá que ia lá no altão, descia, era chique pra caramba eu fiquei tentando ai teve uma hora lá que fui dá aquele impulso para ela subir, na hora que fui dá quele impulso o burrão aqui jogou a perna para cima e pluff caiu para trás. A menina assim de seis anos “É bem feito seu otário **Todos Risos (G1-P1-M)** Eu olhei para ela assim rapaz. Quem não tem história neste negócio aí?

⁵⁸ Sobre o Conceito de Memória ver: LE GOFF, 2003; BARROS, 1999 e MEIHY, 2002

Além da Mata fechada, a Fauna do Parque também era um atrativo e, junto com o lago, compuseram o cenário na memória dos jovens durante a conversa coletiva:

(G1-P7-M) Foi este patinho mesmo que me atacou. **(Todos)** Risos e gargalhadas **(G1-P7-M)** Ele saiu correndo atrás de mim este patinho sô! Sério! Na época que eu fui lá ele tinha um filhotinho sô! Ai eu fui brincar com o filhotinho.

(G1-P4-F) Quando eu era do Marlene de tarde a gente ia para lá comprava um mocado de Chipão, Coca Cola e ficava sentado (.....) **(G1-P4-F)** O veí eu lembro que antigamente, antigamente eu era pequenininha veí, eu lembro tem muitos anos minha mãe me levou aí, o pessoal nadava dentro desde trem veí, era limpo! Eu era muito pequena. Era limpo! Eu lembro que cheguei lá entrei dentro desta água aí era tipo limpo veí.

Outro equipamento que também apareceu como um local que os jovens frequentaram na infância foi o Jardim Zoológico. Embora esteja mais distante da residência dos entrevistados ele é um equipamento que também trouxe boas recordações em ambos os grupos.

(Entrevistador/Mediador 1) E esse aqui ó? **(G1-P5-M)** – Nóóóóó **(G1-P2-M)** xeu vê? Ah é o Zoológico uê! **(G1-P5-M)** Este é bom demais **(G1-P1-M)** Esse aí eu já fui Nossa senhora! **(G1-P2-M)** Ah não este aí eu ia toda terça-feira **(Entrevistador/Mediador 1)** Toda terça-feira por que? **(G1-P2-M)** Porque era de graça (rindo) Matava aula aqui de manhã eu ia **(G1-P7-M)** Conheço os animais tudo que tem lá **(G1-P2-M)** Não só falta eles me cumprimentar sério! Falta só eles me cumprimentar de tanto que eu vou lá **(G1-P3-F)** retardado (rindo) **(Entrevistador/Mediador 1)** Quem aqui nunca foi no zoológico? **(G1-P3-F)** Ninguém (risos) **(G1-P2-M)** Não tem como não veí. Não te como não veí!! O zoológico aii ó!

Apesar do Parque Ursulina de Andrade Melo e do Zoológico serem lembrados como lugares com boas recordações, ao serem indagados sobre ida nos dias atuais nestes equipamentos, os jovens relataram que não frequentam mais os locais por motivos diversos. Um jovem participante adulto, ex-aluno da escola, colocou a mudança de rotina como um elemento:

(G2-P13-M) Todo mundo já foi no Zoológico mas nestes tempos de cá eu acho que.. Nos últimos dois anos, três anos, pode perguntar: Qual que foi a última vez? Tem um ano dois anos. **(G2-P13-M)** Todo Mundo já foi mas nestes tempos de cá. Pode perguntar (...) **Entrevistador/Mediador 1** E depois de mais velho cês não? **(G2-P13-M)** Por isso que eu falei sô. Depois

de mais velho, Zoológico...(G2-P8-M) Parece que mudou a rotina toda (G2-P13-M) muda a rotina você não volta nestes lugares não! Quando você é mais novo é uma coisa.

Uma das jovens, ao relatar que havia voltado no Parque Ursulina de Andrade Melo com primos de cinco e seis anos de idade para brincar de catar lixo, foi ironizada por outro participante do grupo dizendo que lá só havia preservativo para catar.

(G1-P4-F) Eu lembro que eu fui lá uma vez, tem muito tempo também eu era mais velha, foi eu meu primo, mais meus dois priminhos, nos juntou, fui dormir na casa da minha tia, por causa dos priminhos, meus priminhos tipo cinco seis anos assim, falou assim ai meu primo deu ideia: “vamo lá para o Parque da Mata cata lixo lá?” Aí nois foi entrou prá dentro e começou a catar lixo, todos os lixo que tinha lá nos catava colocava dentro da sacola (G1-P2-M) Só acha camisinha lá agora! (G1-P3-F) É! (G1-P2-M) Agora só tem isso!!

O uso do Parque da Mata como motel apareceu na avaliação dos jovens como algo negativo que denigre a imagem do local.

(G1-P2-M) Agora ai tá igual Rua São Paulo uê, cheio de puteiro (G1-P1-M) É uê (...) (G1-P2-M) Não e assim: Você anda a cada cinco metros é um papelzinho de camisinha. (G1-P1-M) Isso é mesmo!! Tem uma parte lá assim que é vago assim ai você ó vai passando assim, tem uma parte vaga assim Ou! O que você encontra de camisinha lá assim jogado assim. É brincadeira!

Outra situação apontada pelos jovens é que o lugar é muito grande e mal aproveitado. De fato, em visita ao local, foi possível perceber que o parque é subutilizado e que teria condições de ter uso diversificado. Como, por exemplo, se comparado ao Parque Lagoa do Nado, que tem dentro de suas dependências um teatro de arena e um centro cultural ou ao Parque Mangabeiras que tem quadras, teatro de arena e Pista de skate para os usuários.

Alguns relataram que o Parque Ursulina se tornou um lugar perigoso:

(G1-P7-M) Lá ficou uma área perigosa (...) (G1-P7-M) Estes tempos para trás aconteceu um assalto na Abílio Machado e parece que o pessoal foram tudo procurar lá. A polícia tava tudo lá O helicóptero em cima um monte de polícia ao redor dele procurando as pessoas lá. Lá ficou um lugar perigoso cê vê igual muita gente aqui já não vai lá.

Assim, a mudança de rotina, que significa a passagem para o mundo

adulto, somado aos compromissos com o trabalho, com a qualificação profissional e com a escola, além da questão da segurança e das poucas possibilidades que o espaço oferece em termos de diversificação de uso, foram motivos relatados pelos jovens pararem de frequentar os equipamentos.

5.4.2 Avaliando e descobrindo novos equipamentos

Figura 3 – Parque Promotor Francisco Lins do Rego



Fonte: Autor

Rechia, Tschoke e Vieira (2012), ao comparar os equipamentos de lazer do centro da cidade de Curitiba, no Estado do Paraná, com os da periferia, denunciaram o contraste entre os equipamentos centrais, conceituados pelos autores como coloridos, por serem bem cuidados e alvo de constantes restaurações e revitalizações, ao contrário dos equipamentos dos bairros de periferia da cidade preto e branco.

Assim como na cidade de Curitiba, em Belo Horizonte também é comum as constantes revitalizações e restaurações em espaços e equipamentos centrais e turísticos. Mas diferentemente da cidade de Curitiba, os equipamentos coloridos e os preto e branco, podem estar em toda a cidade. Se a Secretaria ou Fundação que administra o equipamento tiver boa dotação orçamentária, o equipamento é colorido, do contrário, é preto e branco.

Podemos, desta forma, comparar o Parque Maria do Socorro Moreira e o Ursulina de Andrade Melo, ambos Administrados pela Fundação de Parques Municipal, com o Parque Ecológico Francisco do Lins Rego – Parque Ecológico (FIG. 3), que é administrado pela Fundação Zoo-Botânica. Os dois primeiros avaliados pelos jovens como locais com pouca infraestrutura e segurança, sendo o Parque Maria do Socorro Moreira um local praticamente abandonado, ao contrário do Parque Ecológico Francisco Lins Rego, que tem umas das melhores infraestruturas da cidade e que apareceu na fala dos jovens como um local que alguns jovens buscam na atualidade.

Nesta direção a conversa com os jovens mostrou que se o equipamento for colorido e bem cuidado, oferecer além de estrutura física e a possibilidade de conhecer pessoas novas, ele pode vir a ser frequentado pelos jovens. É o caso da pista de *cooper* da Orla da Lagoa da Pampulha - Bairro Bandeirantes, citada como um lugar para correr, melhor que os próximos à residência dos jovens e que também é utilizada por pessoas que fazem *cooper* e caminhadas.

(Mediadora/Entrevistadora 2) Onde que você falou que corre? Na Pampulha? Por que você vai lá? **(G2-P9-M)** Ou, lá você tem a oportunidade de conhecer pessoas novas, vê outras pessoas. Vê outras pessoas. **(G2-P13-M)** O ar é fresco lá **(G2-P13-M)** Lá é tranquilo demais! **(G2-P9-M)** Aí anima mais que correr na Atlântico que você **(G2-P13-M)** É na Atlântica só tem os cachorros caindo na sua frente. Um cara que fica andando para cima e para baixo. **(G2-P8-M)** Neguim te robando de quebrada (Rindo) **(G2-P13-M)** Perdeu Perdeu!! **(G2-P8-M)** Perdeu o seu colar (Rindo) Toma!
Entrevistador/Mediador 1 Vocês acham que é menos perigosos correr na Atlântica que correr na Pampulha? **(G2-P9-M)** Não é questão de perigoso **(G2-P13-M)** É menos confusão **(G2-P11-F)** E mais tranquilo né **(G2-P9-M)** E Com certeza em questão de segurança na Pampulha é mais seguro entendeu? mas aqui não é tão arriscado assim não mas pô é melhor correr lá na Pampulha. **Entrevistador/Mediador 1** E a Amintas? **(G2-P9-M)** - A Amintas também rola! Só que a Amintas é muito apertado lá ai toda hora você tem que ficar descendo para a rua e subindo no passeio. **(G2-P13-M)** Na Amintas que você tromba com o cara que fica andando para cima e para baixo. **Todos – Risadas Mediadora/Entrevistadora 2** Mas por que que a

Pampulha é o Point de correr assim? **(G2-P8-M)** Nós não costuma ir lá todo dia. Aquela Atlântica eu tenho que passar todo dia ali. Todo dia eu tenho que passar na Amintas Jaques ainda vou correr lá? Ai é meio Ruim eu passo lá todo dia aí lá é novo! **(G2-P11-F)** Ah lá é bom. Andar de bicicleta lá huum. É bom demais! Todo sábado. **Mediadora/Entrevistadora 2** Ah lá na Pampulha é novo? **(G2-P8-M)** É tipo assim eu não vejo lá direto. **(G2-P13-M)** Na Pampulha também tem umas paradinhas mais adequadas para correr também. A estrutura para correr é bem melhor. **(G2-P9-M)** É a estrutura da Pampulha é muito melhor que a daqui da Região entendeu? **(G2-P13-M)** Os motoqueiro dando tiro. É cabuloso demais. Risadas.

Figura 4 – Parque Maria do Socorro



Fonte: SILVA, 2010

Mas não basta ter somente estrutura, é preciso ter segurança. E neste quesito o Parque Ursulina de Andrade Melo e o Parque Maria do Socorro Moreira, (FIGURA 4) foram reprovados pelos jovens. Este segundo descrito pelos jovens como um local perigoso. Temos aqui um dos possíveis motivos deste equipamento ter sido apontado na pesquisa anterior⁵⁹ como um dos equipamentos menos frequentado pelos jovens.

⁵⁹ Silva (2010)

(G2-P13-M) Ah não eu já ouvi falar, desde pequeno. Isso é perigoso prá caraaaalho (rindo). Agora que eu lembrei. É o Aeroporto do Carlos Prates que eles chama? Eles falam que você vai lá de boné e skate, cê você volta de cueca. Desde pequeno. (...) **(G2-P13-M)** (Rindo) Eu já pensei em ir umas quinze vezes. Ai chega um e fala: “vai bobo você vai voltar de cueca!!” Ai eu falo: “cê tá doido!”.

Um jovem participante do outro Grupo afirmou que lá é um local perigoso por ser um ponto de encontro dos moradores de duas Vilas da Região, além de ser o local de moradia dos moradores de Rua.

(G1-P7-M) (...) Lá é um tipo de lugar prô cê frequentar só na parte da tarde. A partir de seis horas cê não frequenta lá! Porque deu cinco horas os menino já fica: “vão descer, vão descer por que daqui a pouco vai descer o pessoal da favela aqui”. **(G1-P2-M)** Do lado para brigar **(G1-P7-M)** É porque que tem um pessoal lá acho que do lado das pedras e tem o pessoal do São José ou tem até mesmo os moradores de rua debaixo da ponte que lá praticamente é a moradia deles, se vi alguém entrando esquecido lá, eles querem caçar confusão com você entendeu? A gente já desceu lá cinco e meia da tarde, subiu um pessoal muito esquisito que já encarava a gente assim, ai a gente já ficava meio.

Indagado sobre a segurança do local e a presença da Guarda Municipal Patrimonial, uma vez que se tratava de um equipamento da Prefeitura, um jovem relatou que havia um vigia que raramente era visto. E que por ser apenas um estava mais preocupado com sua segurança pessoal.

(Entrevistador/Mediador 1) E a guarda Municipal? **(G1-P7-M)** A Guarda Municipal um guardinha. Mesmo assim cê não vê o guardinha. O guardinha fica andando pra lá. Eu vi um na guarita, mesmo assim teve uma hora. Lá é o único lugar que tem de beber água, eu fui lá para beber água (...) ele não tava mas lá! Cê pensa que ele frequenta mas ele não frequenta, eles não tem uma pessoa, ele só tem aquela arminha de choque, aquela arminha de choque acerta uma pessoa, pode chegar uma por trás e dar uma cacetada neles. Eles querem a segurança deles eles não estão ligando para o pessoal não.

Em visita ao Parque Ecológico da Pampulha, localizado na Orla da Lagoa, que é administrado pela Fundação Zoo-Botânica, foi possível presenciar além da Guarda Municipal, a presença da Polícia Militar de Minas Gerais.

A funcionalidade prática do equipamento, ou seja, se ele atende o indivíduo ou ao seu grupo, também pode ser um motivador de ir ou não para determinado equipamento. Por exemplo, uma jovem disse ir ao Parque Ecológico

Francisco Lins Rego com o namorado em época de soltar papagaio por causa do vento: “**(G1-P4-F)** Bom demais dá um ventão você não tem noção.” Outro jovem, praticante de capoeira, afirmou que um dos motivos que o leva ao mesmo Parque era em função do local ser propício para treinar salto mortal.

(G1-P2-M) Pode falar? Ah tipo assim: Eu também gosto do Parque Ecológico quando eu fazia capoeira eu ia pra lá para aprender a fazer mortal pra jogar bola com os meninos, ah e lá a gente zuava a gente pulava, a gente pulava uns negócios lá tinha uns brinquedo lá, era mais para curtidão mesmo.

Um jovem frequentador da Praça do Bairro Cabral, na Regional Ressaca do Município de Contagem, informou que frequenta o local por causa do campo de área que facilitava o treino de determinadas técnicas de futebol:

(Entrevistador/Mediador 1) Mas porque que vocês escolhem por exemplo ir na Praça do Cabral? **(Entrevistadora/Mediadora 2)** Por que lá? **(G1-P-M)** Lá tem uns campinhos bom para jogar bola **(G1-P7-M)** Igual lá tem um campinho de areia a gente fica treinando bicicleta. (...) Tem a parte de peteca. E tem uma outra parte do córrego lá que a gente fica pulando lá brincando, igual bobão se um caí, cai no córrego e fede.

Outro jovem que participou do grupo focal, disse que prefere ambientes de natureza e tranquilos para ler livros e praticar *taekwondo*, o mesmo jovem que disse que frequenta o Palácio das Artes.

(G1-P5-M) Eu no meu caso eu gosto de ir no Parque Ecológico, Mangabeiras, porque eu gosto deste contato com a Natureza né? Então assim para treinar *Taekwondo* as vezes para ler um livro, eu gosto de ficar deitado assim conversando, jogando conversa fora eu gosto muito de fazer isto também né? Então é mais pelo contato pelo ambiente né. Igual eu não gosto muito de tumulto, eu tenho 23 anos e nunca frequentei boates nunca fui em boate, então eu sempre evitava muito assim lugares fechados essas coisas, prefiro mais locais abertos e ter mais contato com a natureza.

Todas as três possibilidades poderiam ser contempladas nos Parques Maria do Socorro Moreira e no Parque Ursulina de Andrade Melo, mas o fato dele não oferecer segurança aos visitantes nos pareceu ser fator de impedimento para que os jovens frequentem estes lugares.

Durante a investigação, percorremos com três praticantes de *bike BMX*,

equipamentos de lazer que foram aprovados no Orçamento Participativo, um em fase de Execução – Área de Esporte e Lazer do Bairro São Salvador (NO3) e dois em funcionamento – Ginásio Poliesportivo Dom Bosco (NO3) e Parque Ecológico Vescesli Firmino (P04). Os jovens reclamaram da falta de diálogo da Prefeitura com as pessoas que vão utilizar o equipamento, que nem sempre é construído de forma a atender a expectativa dos usuários. Ambas as pistas de *skate* poderiam contemplar a prática de duas modalidades *bike BMX* e *skate* vertical. Mas no geral os equipamentos são feitos somente para os skatistas. No caso dos Parques Municipais existe um agravante que é o fato de ser proibido entrar com bicicletas dentro dos parques e não existe especificação do tipo de bicicleta.

Figura 5 – Pista de Skate Praça do Divino - Contagem



Fonte: Autor

O fato dos skatistas aos poucos estarem conquistando pistas para prática da modalidade vertical, não significa que elas estão sendo feitas com qualidade. Um skatista de um dos grupos focais denunciou uma pista que ele tentou frequentar na

Praça do Divino (FIGURA 7) - Regional Laguna, do Município de Contagem, que poderia causar riscos a sua integridade física.

(G2-P12-F) Prô cê que anda de skate lá no Nova Granada tem uma bakana.
(G2-P13-M) Mas tipo aquela do Divino? Por que aquele *half* eu cai de cabeça lá. O negócio é assim ô. **(Entrevistador/Mediador 1)** Assim Como?.
(G2-P13-M) - O *half* é assim o certo né? Ele vai pra dentro assim. É tipo um muro só que para dentro. Eu fui descer e cair de cara no chão (risos). O normal é você cê descer escorregando. Só que ele vai para dentro parece que foi mal feito. Fora isto parece que tinha um ovo no meio do negócio assim ô. Ai eu caí de cara no chão parece que você pula de muro. Mal feito demais! O negócio é desta altura aí.

A interação no grupo focal também permitiu a troca de informações, na medida em que determinados locais foram despertando o interesse dos jovens participantes, em saber a localização de equipamentos públicos e privados que alguns não conheciam.

(G2-P12-F) Eu vô no Pura, vô para o favorita, vô para Galopeira.
Entrevistador/Mediador 1 Favorita fica aonde heim? **(G2-P12-F)** Fica ali perto do New Texas. Eldorado. **Entrevistador/Mediador 1** Contagem Eldorado! **(G2-P13-M)** Perto do Big. Big Shopping? **(G2-P12-F)** Isso Isso **(G2-P13-M)** Lá dá movimento lá? **(G2-P12-F)** E tem a Tattoo também né! Que é depois do New Texas descendo a rua do New Texas, cê sobe aí tem a Tattoo já é três ambientes. **(G2-P13-M)** E a boíte?
Entrevistador/Mediador 1 Ela chama Tattoo ainda? **(G2-P12-F)** Chama!
(G2-P13-M) E a antiga Nitro não? (...) **(G2-P13-M)** Mas todo final de semana você vai pra lá para este lugar? **(G2-P12-F)** Não varia né!! O mesmo lugar todo final de semana fica ruim né.

A região onde os entrevistados moram é área limítrofe com o Município de Contagem – Região Metropolitana de Belo Horizonte. Foi recorrente o relato de jovens que vão para esta cidade buscarem opções de lazer e entretenimento, tanto público quanto privado.

Duas outras praças da cidade de Contagem foram citadas pelos jovens como locais frequentados, A praça do bairro Cabral, na regional Ressaca e a Praça do Eldorado, mais distante que o centro de Belo Horizonte. Esta segunda, citada como o local que mais “*bomba*” na atualidade, por ser um local onde se encontram diversas culturas juvenis, o que, segundo um participante é motor de atração da juventude.

(Entrevistador/Mediador 1) Agora tem uma praça ali que eles estão falando que ela está bombando agora. A praça do Cabral. **(G2-P13-M)** Não a Praça do Eldorado é a Praça que mais bomba agora. A do Eldorado perto do Big Shopping. **(Entrevistador/Mediador 1)** É por que que ela bomba? **(G2-P13-M)** Por causa que eles fizeram tipo uma Praça da Liberdade só que o pessoal lá é muito jovem que mora lá Toooooo mundo fica nesta praça. Na Pracinha do Eldorado perto do Big Shopping. Ai lá é bakana perto da.. tem uma feira lá também no Eldorado.

Marcellino (2007) afirma que existe discrepância em relação aos equipamentos de lazer das cidades sedes em relação às cidades de regiões metropolitanas. Poderíamos concordar com afirmação deste autor se fôssemos em direção ao Município de Ribeirão das Neves, onde Noronha (2009) denunciou que uma das poucas possibilidades de equipamentos de lazer para os jovens são as quadras das Escolas.

Mas não podemos dizer o mesmo do Município de Contagem, principalmente com relação às Praças de Esporte, que receberam consideráveis investimentos durante a Gestão da Prefeita Marília Campos – PT (2008/2012), que nas eleições de 2012, foi apelidada pejorativamente de a Prefeita das pracinhas, por ter desempenhado uma política de destaque no cuidado com os equipamentos de lazer da cidade.

Assim, na avaliação dos participantes dos grupos focais foi possível identificar que se o equipamento for colorido e bem cuidado, oferecer boas condições de uso, for seguro e propiciar o encontro das culturas juvenis, ele terá grandes chances de ser um local de apropriação da juventude.

5.4.3 Funk do Malibu: O estilo musical e a escolha pelo Equipamento

Todas as vezes que a Casa noturna Malibu⁶⁰, era citada no grupo focal, ela era motivo de muita *zoeira* e *risadaria entre os participantes*. **(G2-P13-M)** Pode falar do Malibu sô (Cutucando o P8) **(G2-P8-M)** An? Malibu? Viaja não cê é doido?

⁶⁰ O local onde é o hoje a casa de Shows Malibu, sempre foi um importante ponto de lazer da região. Na década de 1990 foi a Casa de Show Descontrasamba que agitava a região - O Descontra.

(Todos) Risadas. **(G2-P8-M)** Cê é doido!!” Esta casa de shows quando foi inaugurada era um lugar badalado, frequentado por várias culturas juvenis. Tinha uma das melhores estruturas para espetáculos da Região e talvez da cidade, além de uma praça de alimentação. A mesma tinha uma boate onde eram realizados shows de Sertanejo, Samba (de Raiz e contemporâneo), Pop Rock, Funk, etc.

Com o passar dos anos o *Malibu Beer* se consolidou como uma casa de funk e deixou de ser frequentada por um público diversificado e passou a ser dominado por uma cultura juvenil. Com o fechamento da Boate Fênix, no bairro Padre Eustáquio – Regional Noroeste, a matinê de funk, que permitia a entrada de jovens a partir de 14 anos de idade, passou a ser produzida no Malibu, o que talvez tenha fortalecido ainda mais a identidade desta casa com esta cultura.

Visitando o Malibu durante a pesquisa, constatamos a presença de um público predominantemente jovem com idade até 18 anos e de considerável número de mães que levavam seus filhos (as) menores de 14 para esta balada. Não chegamos a entrar no baile no domingo, dia da matinê, mas percebemos uma revista extremamente rigorosa tanto para os meninos quanto para as meninas. Os meninos tinham que tirar o tênis e meia para serem revistados pelos seguranças.

Brigas, tiroteio e até morte eram constantes na saída dos bailes do Malibu. O autor desta pesquisa presenciou uma briga extremamente violenta na saída de um dos bailes. Por causa da violência, presenciou também que as meninas saíam do baile mais cedo, pelo menos uma hora antes do baile acabar.

Mas não conseguimos aprofundar na questão específica das peculiaridades do funk nesta casa de show, até porque este não era o objetivo desta investigação, o fato é que este equipamento de lazer privado apresentou-se na fala dos jovens como um lugar conhecido e presente na cotidianidade e nas práticas de lazer da juventude local. A questão da violência nas saídas dos bailes pode ser o principal fator da casa ter ficado com o “*filme queimado*” e ser negada como um local aonde os jovens iam ou vão.

Um jovem disse que já foi dançarino nesta casa e que frequentava os bailes para menores com os amigos. Outro jovem skatista admitiu ter ido a baile funk quando era mais jovem. Isto mostra que as identidades da juventude são múltiplas e podem variar podendo ser (re)configurada conforme o tempo e o espaço. Uma

jovem disse gostar de funk só nos intervalos das baladas “Agora o que eu não sou muito fã é baile funk! Eu não gosto não!! Tipo assim, eu não gosto de ir na boate toca o intervalo, danço um pouquinho, ai volto os ritmos normal entendeu? **(G2-P12-F)**”

O estilo de música apareceu como um critério que pode determinar a escolha do lugar para as vivências do lazer e, ao que indica, é um critério muito relevante. Os jovens declaram que escolhem o local também a partir do tipo de música que toca, conforme interação a seguir:

(G2-P9-M) Curtir o tipo de música que gosta. **(G2-P13-M)** ééé esse negócio de curti o tipo de música é melhor. Igual tem umas paradas que não toca o tipo de música que a gente gosta. **(G2-P12-F)** E depende do clima também né. Tem uns lugares meio paradão. Igual eletrônico você não gosto!

Assim, o Malibu, mesmo não sendo um equipamento de lazer privado preferencial dos participantes do grupo focal, se apresentou como um importante aglutinador das culturas juvenis em um tempo/espço próximo a residência dos jovens.

Finalmente a interação entre os participantes, relacionada aos equipamentos das Regionais Noroeste e Pampulha, revelou que os equipamentos públicos, ou seja, aqueles mantidos pelo poder público, próximos a residência dos jovens, eram lugares frequentados na infância, antes dos jovens alterarem a rotina social em função da entrada no mundo do trabalho e da mudança em reação a expectativa de uso.

Revelou também que os jovens preferem equipamentos com infraestrutura adequada, coloridos e seguros, o que na atualidade não é uma realidade dos equipamentos próximos a suas residências. Este fato leva os jovens a buscarem equipamentos públicos e privados distantes de suas residências, se deslocando inclusive para municípios da região metropolitana de Belo Horizonte.

5.5 SOBRE OS EVENTOS GRATUITOS

A centralização dos equipamentos específicos de lazer, também gerou a centralização dos eventos culturais. Os melhores shows, espetáculos e festivais ainda acontecem na antiga zona urbana da cidade que foi planejada⁶¹ pelo engenheiro Aarão Reis. Os eventos são patrocinados pelas leis de incentivo a cultura, que disponibiliza recurso a fundo perdido ou por renúncia fiscal, recursos estes que são acessadas principalmente por empresas produtoras culturais.

Segundo Oliveira Júnior (2009), ao fazer levantamento detalhado e por região, do acesso aos recursos disponibilizados pela lei de incentivo a cultura municipal, diagnosticou um quadro concentrador na regional Centro-Sul em detrimento das demais regionais da cidade. Citou por exemplo a desproporcionalidade na relação população versus distribuição de recursos, enquanto as Regionais Barreiro, Venda Nova e Norte, que juntas tinham 30% da população da cidade, receberam somente 6% dos recursos.

Mesmo com a centralização buscamos conhecer a relação dos jovens com os eventos que a cidade oferece. Fizemos a opção de focar a discussão na relação específica com os eventos gratuitos ou a preços populares realizados com recursos das leis de incentivo a cultura. Obviamente este fato não impediu que os jovens apresentassem outras vivências.

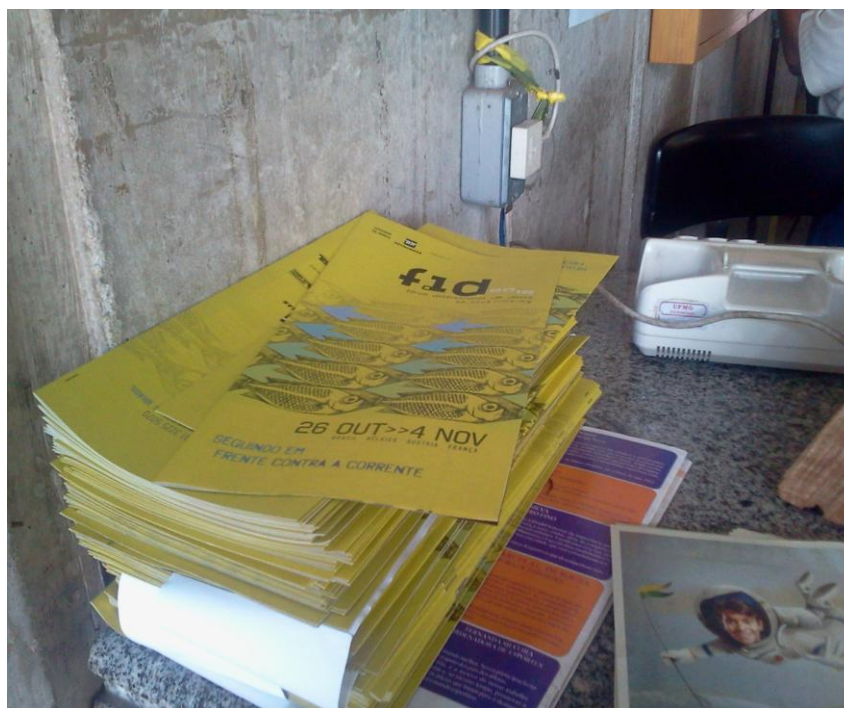
A opção por este tipo de evento foi motivada pela pesquisa anterior⁶², que constatou que os jovens não frequentavam e/ou não conheciam grandes as produções culturais gratuitas da cidade, principalmente os Festivais de Arte Negra, o Festival Internacional de Teatro e o de Dança. Ao longo do ano de 2012, recolhemos materiais de divulgação de eventos gratuitos ou a preços populares, realizados com recursos das leis de incentivo a cultura Municipal, Estadual e Federal, para provocar as discussões no grupo focal.

⁶¹ CERESO, F.L.B. Sobre a história do Planejamento Urbano de Belo Horizonte. 1997.

⁶² Silva (2010).

5.5.1 Fiquei Sabendo não! A questão da divulgação

Figura 6 – Balcão da EEFTO da UFMG



Fonte: Autor

Circulando pelos equipamentos culturais do centro da cidade - públicos ou privados, conseguimos perceber que ao longo do ano acontecem diversos eventos do tipo cultural, financiados pelas leis de incentivo a cultura. Principalmente no segundo semestre do ano, quando a quantidade de eventos é tão grande que eles acabam competindo entre si.

Na entrada da Escola de Educação Física Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG (FIGURA 6), sempre nos chamou atenção a quantidade de material de divulgação de shows, espetáculos de dança, teatro, festivais e afins, expostos no balcão de entrada. Inclusive foi deste balcão que ao longo do ano de 2012 coletamos o material de estímulo para as discussões no grupo focal.

Ao terem contato com o material coletado e ao serem indagados se ficaram sabendo dos eventos, a maioria dos jovens de ambos os grupos, respondeu que não, mesmo tendo interesse por alguma temática, como é o caso desta jovem

que achou interessante o evento de hip hop:

(Entrevistador/Mediador 1) Este aqui ó!! Este aqui foi uma Festa de Hip Hop ó **(G2-P12-F)** Ah esse aqui foi bacana mas eu não fui não!
(Entrevistadora/Mediadora 2) Por que? **(Entrevistador/Mediador 1)** Você ficou sabendo? **(G2-P12-F)** Fiquei sabendo também não.

(Entrevistador/Mediador 1) Este Festival Internacional de Dança que teve este ano? **(G2-P12-F)** Não fui também não nem fiquei sabendo. Este aqui eu fiquei oh: Teatro Palco e Rua. Fiquei Sabendo mas não fui não.

O Festival Internacional de Teatro de Palco e Rua – FIT, foi o evento que os jovens mais citaram embora somente um afirmou ter ido. Este tipo de evento foi classificado pelos jovens como um **evento tipo cultural**⁶³ e segundo ele, raramente é divulgado nas mídias de massa.

(G2-P13-M) Só um negócio que este negócio cultural aí não é muito divulgado não. Não é divulgado muito. Só no Super de vez enquanto sai tipo sexta-feira a programação de sábado e domingo aí rola (...) **(G2-P9-M)** Eu fico sabendo de alguns. Não é de todos não! Poderia ser mais divulgado. Entendeu? É pouco divulgado. **(G2-P13-M)** É porque na televisão eles não passam isto aqui a maioria não. **(G2-P9-M)** É um ou outro que é bem divulgado **(G2-P13-M)** Se passa é num horário bem. Aquele que não tem ninguém vendo televisão **(G2-P11-F)** É com certeza **(G2-P9-M)** 03:30 da manhã

A resposta dos jovens deixou claro que o material de divulgação dos eventos culturais não é acessível e a informação não chega com facilidade até eles. Em alguns casos chega na hora do evento ou depois que o evento já aconteceu:

(G1-P2-M) Dei mole também não fui no da Ivete Sangalo
(Entrevistador/Mediador 1) Cê foi? **(G1-P2-M)** Não fui! Esqueci perdi!
(Entrevistador/Mediador 1) Vocês ficaram sabendo desde? **(G1-P5-M)** e **(G1-P3-F)** Não! **(G1-P5-M)** Fiquei sabendo no dia mas eu não fui **(G1-P2-M)** Eu fiquei sabendo sábado seis horas. E que horas que acabava? Seis horas. **(G1-P4-F)** Gargalhada

(G2-P13-M) Se tiver em cima da hora e for gratuito não tem como não viu. Isso aí nem adianta. Praça da Estação. Ivete Salgado se o show for 08:00 você ficar sabendo 07:50 pode desistir. **(G2-P11-F)** – Risos **(G2-P12-F)** Fora os ingresso que tem que trocar antes também né? Esgota assim né (estalando a mão). Quando tem que trocar um quilo de alimento por um

⁶³ O termo tipo cultural foi apresentando pelos jovens para fazer referência aos eventos públicos que não são de apelo de massa, como os bailes funk. Também nos pareceu ter relação com espetáculos de teatro, dança etc.

ingresso esgota assim. **(G2-P13-M)** - Ah teve um que teve Paralamas do Sucesso que tinha que trocar isto. (...). Eu fui e já tinha esgotado. Eles não divulgou os posto que tinha que trocar direito. Só falou tem que trocar mas não falou onde tinha que trocar. **(G2-P10-M)** Eles tem que falar mais o lugar que tem que trocar você fica sabendo de altos show mas

Um jovem chegou a dizer que fica impressionado como as pessoas descobrem a existência de tais eventos já que eles não são divulgados na mídia oficial de massa:

(G2-P13-M) Mas como é que você faz para saber destas programação. Por que não é divulgado não passa na televisão? Eu fico de cara com é que vocês descobrem vai ter um show ali. Eu falo pera aí não passou na televisão e todo mundo tá sabendo. Tipo assim ocê tá sabendo. Eles divulgam isto no site?

Figura 7 – Divulgação de Eventos Jornal Super.

14 VARIEDADES SUPER NOTÍCIA SEXTA-FEIRA, 29 DE MARÇO DE 2013

Lazer do tamanho do SEU BOLSO

Está à procura de uma balada?
Quer diversão sem gastar muito?
Confira tudo o que rola em Minas no fim de semana.

GRÁTIS

AMANHÃ
MÚSICA
Milena Torres
Canções do disco "Olhos de Caboclo, Cabelo de Negro, Instituto de Índio".
Centro Cultural Alto Vera Cruz (rua Padre Júlio Maria, 1.577, Alto Vera Cruz, 3277-5612). Às 16h

DOMINGO
MÚSICA
Due Solaris
Repertório recheado de pop, rock e MPB.
Feira de Artesanato do Mineirinho (av. Antônio Abrahão Caram, 1.000, Pampulha, 3491-2798). Às 14h

HOJE
MÚSICA
Chico Amaral Quarteto
Jazz e música instrumental.
Restaurante Bô Loures (av. Getúlio Vargas, 1.238, Lourdes, 3077-9562). Às 21h. R\$ 10

AMANHÃ
MÚSICA
Pedacinhos do Céu
Composições próprias e clássicos do chorinho.
Pedacinhos do Céu Bar Musical (rua Belmiro Braga, 774 A, Caçara, 3462-2260). Às 21h. R\$ 10

ATÉ 10 REAIS

MÚSICA
Choro de Grupo
Chorinho instrumental.
Barracão Butiquim (rua Antônio Justino, 438, Pompéia, 3481-0624). Às 20h. R\$ 6
Avulso Vinícios e Grupo Pedacinhos do Céu
Composições próprias e clássicos do chorinho.

AMANHÃ
MÚSICA
Pedacinhos do Céu Bar Musical
(rua Belmiro Braga, 774A, Caçara, 3462-2260). Às 21h. R\$ 4

MÚSICA
Paladino (av. Gláudio Macedo Lacerda, 3002, Pampulha, 3447-6604). Às 20h. R\$ 8

Série Concertos no Museu
Recibe o Quarteto Barros apresentando recital de violino, viola, violoncelo e oboé. No programa, repertório camerístico, com obras de Joseph Haydn, L.V. Beethoven, Benjamin Britten e Zaqarina de Albeniz.
Museu do Oratório (sadio do Campo, 26, centro, Ouro Preto). Às 18h30. R\$ 10

ATÉ 20 REAIS

HOJE
MÚSICA
Rodrigo Borges e Gabriel Godinho
Composições próprias e sucessos do Clube da Esquina.
Godinho Bar e Restaurante (rua Paraisópolis, 738, Santa Tereza, 3483-6341). Às 20h. R\$ 20

AMANHÃ
MÚSICA
Marco Castro e Gilberto Mascarenhas
Bossa nova e MPB.
Capim Limão (av. Montreal, 135, Jardim Canadá). Às 21h30. R\$ 12

HOJE
MÚSICA
Cartola Bar (rua Vila Rica, 1.168, Caçara, 3464-9778). Às 22h. R\$ 18 (masc.) e R\$ 15 (fem.)

AMANHÃ
MÚSICA
Cartola Bar (rua Vila Rica, 1.168, Caçara, 3464-9778). Às 21h. R\$ 18 (masc.) e R\$ 15 (fem.)

HOJE
MÚSICA
Agosto de Deus (av. Pasteur, 4, Santa Efigênia, 3222-2483). Às 19h. R\$ 20 (masc.) e R\$ 10 (fem.)

AMANHÃ
MÚSICA
Seu Madruga e Stago One
Sucessos das bandas AC/DC, Metallica e Deep Purple.
Stonehenge Rock Bar (rua Tupis, 1.448, Barro Preto, 3271-3476). Às 22h. R\$ 16 (masc.) e R\$ 13 (fem.)

HOJE
MÚSICA
Barra Beer (av. Presidente Antônio Carlos, 7.585, Pampulha, 3497-3133). Às 22h. R\$ 15 (masc.) e R\$ 8 (fem.)

AMANHÃ
MÚSICA
Barra Beer (av. Presidente Antônio Carlos, 7.585, Pampulha, 3497-3133). Às 22h. R\$ 15 (masc.) e R\$ 8 (fem.)

HOJE
MÚSICA
Max & Marcelo e Rodrigo & Renato
Pop sertanejo.
Barra Beer (av. Presidente Antônio Carlos, 7.585, Pampulha, 3497-3133). Às 22h. R\$ 15 (masc.) e R\$ 8 (fem.)

AMANHÃ
MÚSICA
Max & Marcelo e Rodrigo & Renato
Pop sertanejo.
Barra Beer (av. Presidente Antônio Carlos, 7.585, Pampulha, 3497-3133). Às 22h. R\$ 15 (masc.) e R\$ 8 (fem.)

HOJE
MÚSICA
Grupo Pagode do Rei
Samba e pagode.
Centro Cultural do Samba PuraMonia (av. Heráclito Mourão de Miranda, 2.230, Castelo, 3226-2037). Às 17h. R\$ 15 (1ª lote) e R\$ 20 (2ª lote)

AMANHÃ
MÚSICA
Bandas Pearl Jam Brasil e Mr. Bispo
Banda cover e rock de todos os tempos.
Rota 85 (av. Guarapari, 85, de Albuquerque, 781, Savassi, 3225-9973). Às 21h. R\$ 4

MÚSICA
Paladino (av. Gláudio Macedo Lacerda, 3002, Pampulha, 3447-6604). Às 20h. R\$ 8

Série Concertos no Museu
Recibe o Quarteto Barros apresentando recital de violino, viola, violoncelo e oboé. No programa, repertório camerístico, com obras de Joseph Haydn, L.V. Beethoven, Benjamin Britten e Zaqarina de Albeniz.
Museu do Oratório (sadio do Campo, 26, centro, Ouro Preto). Às 18h30. R\$ 10

DOMINGO
MÚSICA
Grupo Refraria
Nossa nova, trip hop, acid jazz e samba.
Café com Letras (rua Antônio de Albuquerque, 781, Savassi, 3225-9973). Às 19h30. R\$ 12

AMANHÃ
MÚSICA
Free Bird
Show com as bandas Alex Garden, Chaos, Logot, Anarco, Acanas e Broke& Bow.
Matriz (rua Guajajaras, 1.353, centro, 3212-6122). Às 14h. R\$ 10 (antecipado) e R\$ 15 (na hora)

DOMINGO
MÚSICA
Metal BH III
Show da banda Insulter. Participação especial das bandas Divine Death, Cyhar e Bomechuser.
Stonehenge Rock Bar (rua Tupis, 1.448, Barro Preto, 3271-3476). Às 14h. R\$ 20 (masc.) e R\$ 18 (fem.)

DOMINGO
MÚSICA
Quintal do Divina Luz
Roda de samba com Serginho Divina Luz, Dé Lucas e convidados.
Quintal do Divina Luz (rua Maria Aparecida, 375, São Marcos, 9154-4195). Às 17h. R\$ 15 (masc.) e R\$ 10 (fem.)

DOMINGO
MÚSICA
Grupo PuraMonia
Samba.
Centro Cultural do Samba PuraMonia (av. Heráclito Mourão de Miranda, 2.230, Castelo, 3226-2037). Às 17h. R\$ 15 (1ª lote); R\$ 20 (2ª lote)

DOMINGO
MÚSICA
Domingo de Samba
Com Fabrinho do Terreiro e grupos Nova Geração e Batuque no Quintal.
Western House (rua Guajajaras, 466, centro, 9981-4120). Às 17h. R\$ 15 (masc.) e R\$ 10 (fem.)

MAIS DE 20 REAIS

Fonte: Autor

O veículo de comunicação de massa apareceu como a grande referência dos jovens dos bairros populares para se informarem sobre os eventos. Destaque

para a Programação Cultural do Programa MGTV - Noticiário do canal aberto de televisão e do Jornal Super Notícias, que é vendido a R\$ 0,25 (FIGURA 7).

(G2-P13-M) Saiu até no Super Paralamas do Sucesso vai tocar em Betim (...)
(G2-P13-M) Só um negócio que este negócio cultural aí não é muito divulgado não. Não é divulgado muito. Só no Super de vez enquanto sai tipo sexta-feira a programação de sábado e domingo aí rola

(G1-P5-M) Quando eu não tava trabalhando eu sempre assistia jornal né! E no MGTV, toda sexta-feira falava das programações culturais e as gratuitas também, só que era nos bairros mais distantes né (...)

Voltando ao balcão da EEEFTO-UFMG, detivemos nosso olhar para a divulgação de um evento em especial, que nos chamou bastante atenção em função de sua divulgação não ter chegado ao conhecimento do público em tempo hábil. Referimo-nos ao consagrado Festival de Arte Negra – FAN 2012, que foi duramente criticado por ter sido mal divulgado. Chamou-nos atenção a grande quantidade de catálogos de divulgação colocada no balcão da escola nos últimos dias do Festival (FIGURA 6).

Extrapolamos a situação de somente descrever e refletir sobre o fato nesta dissertação para problematizar esta situação do mau uso do dinheiro público. Postamos a foto da Figura 6 na rede social virtual *Facebook*, provocando os produtores do evento, que responderam que uma empresa terceirizada era quem fazia a entrega dos materiais de divulgação.

Este fato nos faz refletir sobre algumas questões: qual o critério que os produtores utilizam em relação ao público que deve ter acesso ao material de divulgação dos eventos? Uma vez que este material não é encontrado em qualquer local da cidade, ficando fechado em um pequeno circuito. Se a proposta é de democratizar o acesso aos eventos, o acesso à informação também não deveria ser democratizado, saindo do círculo tradicional? Parece-nos que a divulgação é feita para um suposto público, que potencialmente é consumidor de arte e de cultura. Não seria o momento de este material chegar onde acontece a vida cotidiana? Nas escolas de ensino fundamental e médio, nas associações de bairro, nas igrejas, no comércio local, nas padarias, mercearias, salões de beleza, nos diversos grupos de convivências das comunidades (juventude, mulheres, terceira Idade), nos centros de saúde, nas academias da cidade e nas creches.

Conforme Marcellino (2008), para democratizar o Lazer, se faz necessário democratizar o espaço, acreditamos que mais um elemento deva ser acrescentado: a democratização do acesso à informação e da existência dos eventos nos espaços que a cidade oferece.

Lembro que em certa ocasião, na condição de educador dos projetos da PBH, trabalhando com jovens, solicitamos à Fundação Municipal de Cultura o Programe BH, informativo oficial que contém a programação de todos os centros culturais da cidade. Na ocasião fui informado que só enviavam para os equipamentos municipais de cultura, ou seja, para um público potencial consumidor de arte e cultura – um mesmo circuito fechado.

Nesta direção um jovem disse que para ficar sabendo dos eventos você tem que ser um frequentador do circuito.

(G2-P13-M) Mas dependendo se você for lá eles te dão este aqui ó **(Entrevistadora/Mediadora 2)** Lá onde? **(G2-P13-M)** No evento! Geralmente eles dão o panfleto na hora do evento que você vai cultural **(G2-P9-M)** Tipo num evento que tá rolando hoje eles vão dá num evento que vai rolar futuramente cê fala **(G2-P13-M)** Ou então eles dão amostra dos caras que tão fazendo lá dentro tipo assim eu vou cantar aqui hoje e vou te dar uns panfletinhos aqui. Se você for neste evento você vai ficar sabendo do próximo. Quem vai nos eventos quem estar por fora é muito difícil **(G2-P11-F)** Eles fazem divulgação igual em boate. Boate é assim também.

Os eventos que os jovens tomaram conhecimento com facilidade são, em sua maioria, aqueles que foram divulgados pelos veículos de comunicação de massa, em especial a televisão, como o Festival Internacional de Teatro, a Campanha de Popularização do Teatro e da Dança, o Minas ao Luar, Arraial de Belô e o *Fan Fest* da Copa de 2010.

Não descartamos que o esforço individual do sujeito em buscar a informação poderia levá-lo ao evento, mas, no geral, o jovem não conhecia as possibilidades que a cidade apresenta. O jovem, às vezes, sequer conhece sua cidade.

A rede social⁶⁴ dos jovens da periferia nem sempre se conecta com a rede dos produtores culturais ou das pessoas que frequentam os eventos e equipamentos

64

Aqui extrapolo a noção de rede que é utilizada hoje se restringindo a internet

culturais de uma maneira geral. Um dos jovens chegou a destacar fazer reflexão sobre o acesso à informação relacionado à rede que se está inserido.

(Entrevistadora/mediadora 2) E assim, Facebook, Internet vocês não veem não? **(G2-P11-F)** Ah Facebook Comunica **(G2-P13-M)** Facebook vai da pessoa, se ela só tem amigo funkeiro só vai aparecer funkeiro. Se ele tem os cultural ai pessoa consegue. **(Entrevistador/mediador 1)** Depende da rede que você está! **(G2-P13-M)** É porque a rede social fala tudo. Não tem nem como!

Assim a internet, que poderia ser uma arma poderosa de divulgação, também vem apresentando suas limitações e seus guetos. A rede social dos jovens está limitada aos seus pares de vizinhanças, amigos da escola e do trabalho. Buscar outras redes poderia se apresentar como uma possibilidade para ampliação das vivências de lazer e para formação humana. O que nos parece é que, mesmo com todas as possibilidades, existe uma espécie de segregação invisível no espaço urbano periférico, que distancia os jovens das oportunidades que a cidade apresenta para as práticas culturais.

5.5.2 Fiquei sabendo, mas sozinho não rola!

Quando os jovens conseguem romper a barreira do acesso à informação, só a motivação para ir ao evento pareceu não ser suficiente; a distância, a proteção da família, o interesse dos amigos, a segurança e a questão financeira são fatores que determinam a ida ou não ao evento.

Sair do pedaço (MAGNANI, 1984), do lugar (TUAN, 1983) e do bairro (MAYOL, 1996) para encarar vivências de lazer no espaço urbano total da metrópole, não é uma coisa que o jovem faz sem companhia, foi o que descobrimos na fala da maioria dos jovens.

(Entrevistador/mediador 1) O F.I.T. vocês ficaram sabendo? **(G1-P5-M)** O F.I.T. eu fiquei sabendo, o FETO também, a Lua Branca. **(Entrevistador/mediador 1)** E você foi? **(G1-P5-M)** Não eu não fui porque, aquela questão também de não ter companhia, e às vezes eu preferir fazer algo, tipo na casa de alguém ou outra coisa com os amigos que ir lá. Mas geralmente quando o pessoal anima mesmo né! Assim nunca tomei coragem de ir sozinho, ah ninguém tá animado eu vou sozinho. **(G1-P2-M)** -

Eu também não! É muito difícil! / (...) **(G1-P6-F)** E acho que é mais por causa de companhia. Eu acho! **(G1-P5-M)** Companhia também influencia! **(G1-P2-M)** É cê tem alguém para ir conversando. Até para você ir, tipo assim, numa feirinha é assim.

Assim, só gostar da temática do evento não é suficiente para ir vivenciar momentos de lazer sozinhos(as), fora da rede de relações e parentesco, vizinhança, coleguismo e proteção.

(G2-P9-M) Acho que muita gosta do negócio e talvez não vai por ... sei lá por preguiça. Companhia. (...) Ou até mesmo por companhia né? Por que ir sozinho nem nem. Igual debaixo do viaduto lá que tem, eu não vou mesmo por que as meninas que eu ando não gosta entendeu? **(G2-P12-F)**

A companhia para ir ao evento também significa segurança. Ir a um evento gratuito sozinho pode representar um risco e os jovens relataram que, na maioria das vezes, não se aventuram em ir a shows sozinhos ou com pouca companhia. Estar com a turma significa estar protegido para caso aconteça algum imprevisto, assim se não tiver um *galerão não rola*.

(G1-P7-M) Teve o do ano, o show que aconteceu no ano novo. Não, não sei, o que aconteceu no ano novo (2011/2012), e teve o show da Ivete Sangalo. Eram dois que eu queria mas só que minha companhia, o meu parceiro mesmo que é o meu melhor amigo no dia a dia: “ah não sei depois da confusão só tá eu e ocê lá?”

(G1-P6-F) Eu acho assim, por exemplo igual na Praça da Estação tem muitos eventos de graça, só que o pessoal fica assim “ah vai descer as favelas” **(G1-P5-M)** Aquele certo pré conceito **(G1-P6-F)** É um preconceito que já gera entendeu? E assim eles falam assim “não lá vai ser perigoso, vai ter briga vai ter, vai ter tudo”

(G1-P2-M) Vai descer os caras **(G1-P7-M)** Ai cê desanima entendeu **(G1-P2-M)** Desanima é! **(G1-P7-M)** – (...) igual ele falou não ir com intenção de brigar, é para curtir, se tiver alguma confusão nos vão chegar e separar para evitar a confusão entendeu? Agora igual cê falou show de graça, a gente não gosta de ir, ainda vai com um amigo só? Ai o próprio amigo desanima ocê “ah não sei vão para outra coisa”, ai cê desanima assim e cê “ah então não vão não!” Ai decidi ir para outro lugar e sempre acaba em Praça e em Açai!

O preconceito com os eventos gratuitos é internalizado no imaginário dos jovens como algo onde a moçada vai para brigar e para comercializar drogas, conforme relata um dos participantes sobre os eventos que tinham no bairro de sua

residência, o Jardim Alvorada – Regional Pampulha:

(G1-P1-M) (...) Aí eu vou, olho, penso se é bacana, será que é um lugar assim que eu posso, porque as vezes com turma ajuda, qualquer coisa tipo briga, não vamos para festa assim para brigar, mas tipo assim, para evitar certas coisas, aí ajuda. Mas aquele negócio ah cê não vai não? Vai ter briga? Vai ter isso? será que é um lugar bacana? Por que hoje em dia também coisas de graça as pessoas (pausa) vão colocar assim, em vez de aproveitar uma coisa bacana, que é uma coisa para ajudar, porque que eles vão lá? Vai fumar umas macoinha, vai vender as drogas, vai começar a brigar, porque ou! O que teve aqui no Jardim Alvorada ali festas públicas e que terminou em mortes, que terminou em briga, então, o que que o jovem vai fazer lá? Então um lugar que é restrito, tem um pouco, que dizer, não é que é segurança total, mas pouco mais de segurança, por isto que o jovem vai pra isto. Não tem jeito.

Aqui podemos fazer uma reflexão sobre a questão da frequência com que estes eventos são realizados nos bairros populares. Será que o fato deles serem escassos na periferia não seria o principal fator gerador da violência? Como algo que raramente acontece, uma festa onde a ideia é quebrar tudo como se o mundo fosse acabar?

Enquanto na regional Centro Sul acontece eventos o ano inteiro, às vezes até competindo a preferência do público, na Regional onde vivem os participantes da pesquisa, em geral, acontece dois eventos por ano, o Pré-Carnaval e o Arraial de Belô, ambos os eventos promovidos diretamente pela Prefeitura.

Mais uma vez cabe a crítica aos produtores culturais da cidade que desenvolvem suas ações dentro da cidade planejada. O que faz com que os produtores culturais realizem os eventos em um mesmo circuito, já que o movimento social conseguiu que diversos equipamentos fossem construídos nos bairros populares? Os produtores culturais poderiam ser os responsáveis pela mudança de paradigma.

O Participante skatista colocou que se for um evento gratuito cultural é mais tranquilo ir.

(G2-P13-M) Depende. Se for gratuito um cultural **(G2-P13-M)** Não! Se for um *mc* catra ou um *mc* sei lá o que eu não vou não (risos) Agora se for um cultural de boa! (...) **(G2-P9-M)** Tem muito evento assim gratuito que é bem frequentado. Não é porque é gratuito que vai dar tipo assim povão. É bacana também!

Ainda com relação às companhias, a *festinha* aparece como algo que

compete com as possibilidades. Sempre tem uma festinha para ir, ela é mais interessante que ir ao teatro ou a qualquer evento cultural, conforme afirmou uma das participantes.

(Entrevistador / Mediador 1) Mas por que você acha que a galera não vai?
(G1-P6-F) Por que não é muito cultural E uma coisa do dia a dia que muita gente vai. Festa? Se você falar festa e teatro o pessoal vai para festa.

Assim a falta de acesso à informação da existência dos eventos - salvo os eventos divulgados em mídias de massa, a companhia para vivenciar o lazer com amigos e disputa com festas que dialogam diretamente com o contexto social dos jovens, são elementos importantes que nos ajudaram a compreender o distanciamento dos jovens dos eventos culturais gratuitos da cidade.

6 SOBRE O QUE APRENDI COM A GALERA

Quando resolvemos continuar pesquisando sobre as práticas de lazer dos jovens de bairros populares, a intencionalidade era buscar possíveis respostas para o fenômeno da não apropriação deste seguimento etário e social aos eventos culturais gratuitos, e aos equipamentos públicos⁶⁵ de lazer e cultura da cidade de Belo Horizonte.

Assim o problema central desta pesquisa foi buscar a resposta para a seguinte indagação: O que de fato faz com que os jovens da periferia não frequentem os eventos e equipamentos públicos de Lazer da cidade, fazendo a opção de tecerem suas redes de sociabilidade em locais, equipamentos/espços de lazer privados?

Decidimos que era importante buscar pistas para esta resposta resgatando a história do planejamento urbano de Belo Horizonte, que é muito similar a de outras cidades do Brasil e da América Latina. Os seguimentos populares que foram expulsos, excluídos e perseguidos da cidade planejada em sua fundação, foram obrigados a fundarem outra cidade, com suas próprias redes de lazer e sociabilidade. Até nos dias atuais é visível o reflexo desta segregação socioespacial, talvez este seja um dos fatores determinantes e que ainda separa a maioria dos moradores de bairros populares dos da elite, que passando de geração a geração, divide e segrega as populações da cidade, impedindo que ambas se encontrem nos eventos culturais e equipamentos de lazer.

A centralização dos equipamentos de lazer e cultura, presentes na porção da cidade que fora planejada, reservada às elites, ainda é uma realidade até os dias atuais, o que nos leva a reflexões sobre algumas práticas de lazer dos jovens na atualidade, talvez fruto da herança de seus familiares que foram expulsos da cidade planejada. Se tivéssemos mais tempo para também resgatar a história de vida das

⁶⁵ Neste trabalho Equipamento Público de lazer são aqueles mantidos pelo Governo Municipal, Estadual e Federal.

famílias destes jovens poderíamos ter mais elementos e pistas sobre os reais motivos da baixa frequência aos equipamentos culturais do centro de Belo Horizonte. Até aqui conseguimos captar, a partir dos depoimentos coletados e das interações dos grupos focais, as seguintes informações.

Relacionado ao tempo, por ser um grupo de jovens, composto em sua maioria por estudantes do noturno, o tempo social é ocupado predominantemente pelo trabalho, pela qualificação profissional e pela escola. Identificamos que há uma tensão entres esses tempos que, segundo os jovens, limitam as possibilidades de vivências de lazer.

O trabalho foi descrito como uma experiência que vai à contramão do que é prazeroso, visto como algo extremamente negativo. É fora do contexto trabalhista que os jovens encontram com os amigos em um tempo/espaço disponível⁶⁶, tido por eles como uma válvula de escape em contraposição ao trabalho.

A preparação para o ingresso ao mundo do trabalho, o que corresponde à qualificação profissional, também foi descrito como algo que consome parte considerável do tempo dos sujeitos que participam da pesquisa. Este novo compromisso inaugura a redução do tempo de lazer e de desfrute aos equipamentos de esporte, lazer e cultura próximos às suas residências.

Se o tempo na escola, somado ao trabalho e a qualificação profissional, passaram a ocupar um lugar considerável no tempo social dos jovens, criar um tempo disponível para práticas de lazer significa para os entrevistados transgredir as regras. Identificamos que durante a semana é comum os jovens matarem aula para encontrarem com os amigos e vivenciar momentos de lazer e sociabilidade.

Sobre a relação dos jovens com os equipamentos públicos e privados, descobrimos que não existe domínio absoluto do privado em detrimento ao público. A investigação mostrou que os jovens não frequentam os equipamentos públicos próximos as suas residências porque, além de serem escassos, eles não apresentam condições de infraestrutura e segurança que os motivem a utilizá-los. Esta constatação veio com o relato da utilização, por exemplo, da Orla da Lagoa da Pampulha, como o Parque Francisco Lins Rego, também conhecido como Parque

⁶⁶ Termo utilizado por Marcellino (2004)

Ecológico da Pampulha e a Praça do Cabral, na Regional Ressaca, do Município de Contagem. Ambos locais estão relativamente distantes de suas residências, porém mais próximos que o centro da cidade de Belo Horizonte.

Também foi possível identificar que os equipamentos próximos às residências dos jovens foram bastante frequentados no período da infância, como foi o caso do Parque Ursulina de Andrade Melo e do Jardim Zoológico. E que o uso foi sendo reduzido na medida em que os jovens passaram a assumir outras obrigações sociais para além da escolar, como a qualificação profissional e o trabalho.

Na conversa coletiva, os jovens também avaliaram os equipamentos próximos à sua residência e a relação do poder público com a comunidade. Nesta direção apresentaram que os equipamentos devem ser bem cuidados, com manutenções permanentes, com segurança e criar ambiente propício para que as pessoas se conheçam, fazer novas amizades. Além disto, a funcionalidade prática, ou seja, se ele atende o indivíduo ou ao seu grupo. Citaram a falta de diálogo da Prefeitura com as pessoas que vão utilizar os equipamentos, que nem sempre é construído de forma a atender a expectativa dos usuários.

Os equipamentos de lazer do centro da cidade – antiga cidade planejada, que foram definidos pela juventude como do *tipo cultural*, apareceram na memória dos jovens em um tempo distante. Na maioria dos casos o contato foi quando a Escola do Ensino Fundamental promovia excursões e/ou visitas técnicas. Mas estas visitas não foram suficientes para fazer com que uma relação fosse criada e o vínculo com o equipamento estabelecido. Também identificamos que o ar de santuário e de sacralização é um fator que intimida a aproximação.

Os equipamentos e espaços da Regional Centro Sul que não tem horário de funcionamento, tais como o viaduto Santa Tereza, a Praça da Estação e a Praça Sete de Setembro, apareceram na fala dos jovens como lugares que eles frequentaram em um tempo recente, talvez por não terem a institucionalização de regras de uso e horário. Também identificamos que a visita foi relacionada com a realização de algum evento.

Durante a coleta de dados, buscamos informações relacionadas ao horário de funcionamento dos equipamentos da cidade, o que nos chamou bastante atenção. Em sua grande maioria as atividades diárias são encerradas às 18:00h,

horário em que não somente os jovens, mas a maioria da população, ainda está chegando do expediente de trabalho. Este é mais um fator de restrição de acesso das populações.

Próximo à residência dos jovens, as Pracinhas e a Rua se tornaram o espaço de encontro, que podem ser utilizados a qualquer momento e com mais liberdade que um equipamento institucionalizado. A liberdade de uso é realizada de acordo com os interesses e o horário que os jovens estão disponíveis. São os espaços praticados⁶⁷ dos jovens dos bairros populares, se convertendo em equipamento específico de lazer, embora não tenham sido construídas para esta finalidade.

O uso da rua e das praças também está ligado à questão dos espaços da cidade estar cada vez mais mercantilizados. E acreditamos que este fato pode estar também ligado às poucas possibilidades de espaço e equipamento de lazer que os moradores dos bairros populares têm próximo às suas residências.

O contexto social que os jovens cresceram está distante daquilo que Buere (1997) chamou de Cidade do Lazer, ou seja, a região central da cidade, que desde a sua fundação concentrou equipamentos reservados às elites e extratos médios da sociedade Belo Horizontina no início do século XX. Além de distante da residência dos jovens, Julião (1992), afirmou que quando Belo Horizonte foi fundada, nos espaços centrais existia uma lógica segregacionista que delimitava o limite entre ricos e pobres. Este fator pode ter influenciado as práticas de lazer dos primeiros habitantes da região e, por herança, ter permeado nas gerações seguintes, chegando a influenciar, até os dias de hoje, as práticas de lazer, os usos e as formas de identificação, ocupação e empoderamento dos espaços pela juventude contemporânea.

Se o centro da cidade, espaço econômico, representava o lugar das elites, onde os moradores dos bairros populares frequentavam somente para trabalharem, o bairro, o local de moradia e a rua representavam e representam o espaço da vizinhança⁶⁸, um lugar⁶⁹, um pedaço⁷⁰, que ao longo dos anos foi

⁶⁷ CERTEAU (1996)

⁶⁸ BUTLIMER (1986)

⁶⁹ TUAN (1983)

adquirindo profundo significado, devido ao acúmulo de sentimentos e de experiências vivenciados.

Os pontos colocados como motivos de utilização da rua como espaço/equipamento de lazer pelos jovens podem ser complementados por análises de outros depoimentos do grupo focal, como por exemplo, à associação lazer, álcool e drogas, inclusive pelos jovens que praticam esportes e da negação e proibição desta possibilidade de associação na maioria dos equipamentos específicos de lazer mantidos pelo poder público.

Durante período anterior à coleta de dados, busquei aproximação com o seguimento etário juvenil, frequentando algumas de suas festas. No geral eram locais onde se pagava valor fixo e em troca se tinha comida e bebidas liberadas, ao som de muito funk carioca, música sertaneja universitária e música eletrônica - o funk com mais frequência que qualquer outro estilo musical. O abuso de álcool e drogas nas festas me fazia refletir que dificilmente um equipamento específico de lazer público, com suas regras e restrições de uso e horário iria satisfazer, na mesma proporção, a expectativa de prazer e liberdade que os jovens buscavam naquelas festas.

Uma das festas chamou bastante atenção por ter sido realizada em uma rua/beco de uma vila da Regional Noroeste da cidade. Nesta festa, que não tinha catracas e nem bilheteria, aberta a qualquer interessado, o *chopp*, o *big apple* com *schweppes* e as drogas eram distribuídas e consumidas gratuitamente, de forma excessiva pelos presentes. Os jovens promotores da festa exibiam armas de fogo e impunham um aparente domínio sobre aquele território, absolutamente livre das institucionalizações, regras de uso e comportamentos que os equipamentos públicos e privados impõem.

Assim, quando a questão é escolher entre ir em festinha organizada pelos próprios jovens e ir em um evento que eles denominaram do “tipo cultural”, em um equipamento específico de lazer, que na maioria das vezes é distante de suas residências, ficou claro que a primeira possibilidade, na maioria das vezes, irá prevalecer. O sucesso da rua e das pracinhas pode estar ligado à transgressão e ao

⁷⁰ MAGNANI (1984, 2000, 2007)

fato delas serem sinônimos de liberdade, onde os jovens podem ir quando quiserem sem restrição de horário e do que podem ou não consumir. Assim, o esvaziamento dos equipamentos de esporte, lazer e cultura, pelo seguimento juvenil, pode estar relacionado às restrições de uso e horário de funcionamento.

Sobre os eventos identificamos que os jovens ao escolherem ir para a um determinado evento ou equipamento, preza pela companhia e pela segurança. Dificilmente irá se aventurar na metrópole total sozinho, em espaços e pedaços longe de sua residência. Assim, a motivação do grupo é um fator determinante nas escolhas das vivências de lazer. Se aventurar sozinho em eventos, sem a galera, foi colocado como fator de risco, especialmente para caso ocorra uma situação de briga, onde os pares serão acionados para mediar ou separar uma possível confusão. Também identificamos que há preconceito por parte dos jovens em frequentarem eventos gratuitos, associados por eles como locais de brigas e confusões.

Outra constatação foi que a informação sobre os eventos culturais gratuitos não chegam aos jovens com facilidade, mesmo em um contexto de uso intenso de tecnologias da informação e comunicação. A internet com suas redes sociais virtuais, que poderia se apresentar como possibilidade para disseminação de conteúdo, vem apresentando suas limitações e seus guetos. A rede dos produtores culturais não se conecta com a rede dos jovens moradores dos bairros populares.

Observando como é feita a distribuição do material de divulgação dos eventos culturais da cidade, especialmente os patrocinados com recursos públicos das leis de incentivo a cultura, observamos que eles são divulgados em um círculo restrito, aparentemente para um potencial público consumidor de cultura. Então ficamos pensando: por que além dos eventos serem centralizados na antiga porção planejada da cidade, os produtores também restringem sua divulgação?

A resposta dos jovens deixou claro que o material de divulgação dos eventos culturais não está acessível ao seguimento social, fazendo com que a informação não chegue com facilidade até eles. O veículo de comunicação de massa apareceu como a grande referência e é através dele que ficam sabendo dos eventos gratuitos e privados da cidade. Assim, é necessário refletir que não basta democratizar somente os espaços e equipamentos de lazer, é necessário

democratizar o acesso à informação e à programação destes locais.

No que diz respeito à mobilidade urbana, nos deparamos com perfis bastante diversos, o que nos impede de afirmar que existe homogeneidade entre as práticas de deslocamento até os equipamentos de lazer, sejam eles públicos ou privados. Identificamos jovens que afirmaram que a questão financeira para acessar os equipamentos da região central da cidade é um fator limitador, bem como jovens que se deslocam para circuitos de lazer de bairros distantes de suas residências, dentro de Belo Horizonte e para cidades da região metropolitana como Betim, Nova Lima e Contagem.

Chamou-nos atenção jovens que priorizam suas práticas de lazer e sociabilidade próximos a suas residência, motivados pelos maiores rigores da lei seca. O que nos remete a refletir que a ausência de políticas públicas de mobilidade urbana para o lazer, associadas a suas práticas de consumo da juventude, pode estar aprofundando e/ou criando uma nova segregação socioespacial na cidade de Belo Horizonte, se estendendo para a região metropolitana.

Esta investigação vem contribuir para que gestores públicos e produtores culturais da Cidade de Belo Horizonte e Região Metropolitana, (re)pensem as práticas e as políticas de Esporte, Lazer e Cultura para a Juventude, que dificilmente terão sucesso se não forem articuladas na perspectiva de descentralização e democratização das ações, sob a perspectiva do diálogo com os jovens e com as instituições que estão ao seu redor, principalmente com a família e a escola.

A título de sugestão, a descentralização dos equipamentos de esporte, lazer e cultura que vem sendo conquistadas pelos movimentos sociais de base comunitária, principalmente pelo Orçamento Participativo, tem que vir acompanhada por política de animação sociocultural, dialogando principalmente com os anseios das comunidades locais.

Os centros culturais poderiam trabalhar em uma perspectiva de ampliar seu raio de atuação dentro dos territórios ao invés de desenvolverem ações somente dentro do equipamento, haja vista que eles estão distantes dos bairros dos jovens entrevistados, além de também estabelecer parceria com coletivos culturais, outros órgãos da administração municipal e associações privadas sem fins lucrativos.

Também existe o desafio de fazer com que as políticas de esporte, meio

ambiente e cultura se articulem, a fim de potencializar o uso dos equipamentos de lazer que, por ser uma temática interdisciplinar, necessariamente precisa do diálogo intersetorial, no caso de Belo Horizonte, entre a Fundação de Parques, a Fundação Zoobotânica, a Fundação Municipal de Cultura, a Secretaria de Esporte e Lazer e Empresa de Transporte e Trânsito.

A Secretaria do Estado de Educação também deveria assumir protagonismo em parceria com as políticas públicas de lazer para juventude, uma vez que são nas Escolas Estaduais que encontram o contingente massivo dos jovens de bairros populares, principalmente os estudantes do Ensino Médio Regular e do EJA – Educação de Jovens e Adultos. Um trabalho articulado poderia ampliar e diversificar as possibilidades de uso do tempo de lazer da juventude para além das festinhas, além de buscar novo sentido do tempo escolar para a juventude.

Os equipamentos culturais do hipercentro deveriam promover ações de massa focadas na formação dos jovens do ensino médio. Se o maior centro cultural de Belo Horizonte, o Palácio das Artes, é desconhecido pela maioria dos jovens entrevistados, os centros culturais locais e outros equipamentos de lazer seguem a mesma lógica.

Outro tema diretamente relacionado é pensar a mobilidade urbana no âmbito da metrópole Belo Horizontina. Pensar políticas de passe livre e tarifa zero para a juventude, extrapolando a questão estudantil, o que seguramente seria um importante mecanismo para democratizar o lazer, levando-os aos diversos equipamentos de esporte, lazer e cultura, além de promover a fruição da produção cultural que, por consequência, promoveria o intercâmbio de jovens de diversas regiões da cidade. Esperamos que este trabalho abra novos caminhos e inspire pesquisadores, gestores públicos e produtores culturais interessados na temática lazer e juventude.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. **Cenas juvenis; punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Escrita, 1994.

ARREGUY, Aparecida Chagas; RIBEIRO, Raphael Rajão (Orgs.). **Histórias de bairros [de] Belo Horizonte**: Regional Centro-Sul. Belo Horizonte: APCBH; PBH. 2008.

ARREGUY, Aparecida Chagas; RIBEIRO, Raphael Rajão (Orgs.). **Histórias de bairros [de] Belo Horizonte**: Regional Noroeste. Belo Horizonte: APCBH; PBH. 2008.

BAIRRO São Salvador Belo Horizonte - Weblog. **Orçamento Participativo**. Disponível em <<http://bairrosaosalvador.wordpress.com/orcamento-participativo>> Acesso em 15 Set. 2011.

BARBOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARROS, José Márcio. **Cultura, memória e identidade contribuição ao debate**. **Caderno de historia de Belo Horizonte**, v. 4, n. 5, p.31-36, dez. 1999.

BRESCIANI, M. S. M. **Londres e Paris no século XIX**: o espetáculo da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. Lógica e dissonância Sociedade do Trabalho: Lei, Ciência, Disciplina e Resistência Operária. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 6, n.11, p. 7-44, 1986.

_____. Metrôpoles: as faces do mostro urbano (As Cidades do Século XIX). **Revista Brasileira de História**, v. 5, p. 35-68, 1985.

BUERE, J. C. Belo Horizonte: apropriação social do espaço urbano. In: PAIVA, E. F. (Org). **Belo Horizonte**: histórias de uma cidade centenária. Belo Horizonte:

Faculdades Integradas Newton Paiva, 1997.

BUTLIMER, A. O espaço social numa perspectiva Interdisciplinar. In: SANTOS, S.; SOUZA, M.A.A. (Orgs.) **O Espaço Interdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1986.

CAMARGO, L. L. Recreação pública. **Cadernos de Lazer 4**. São Paulo: Sesc, p.29-36, 1979.

CASTELLS, M. **Cidade, democracia e socialismo**: a experiência das associações de vizinhos de Madri. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CARRANO, P. C. R. **Angra de tantos reis**: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade. 1999. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

CEREZO, F. L. B. Vegetação urbana, áreas verdes e espaços públicos em Belo Horizonte. In: PAIVA, E. F. (Org). **Belo Horizonte**: histórias de uma cidade centenária. Belo Horizonte: Faculdades Integradas Newton Paiva, 1997.

CERTEAU, L. G. **A invenção do cotidiano 2**. Morar, Cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHEIBUB, Bernardo Lazary. **Lazer, experiência turística, mediação e cidadania**: um estudo sobre o projeto turismo jovem cidadão. Rio de Janeiro: SESC, 2009.

CHOAY, F. **O urbanismo**: utopias e realidades, uma antologia. São Paulo: Perspectiva, 1979.

COSTA, G. M. Teoria, pesquisa, problemas e planejamento urbanos no Brasil. **Análise & Conjuntura**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, v.6, n.1, p.48-58, 1991.

COSTA, G. M. Exclusão sócio espacial a era urbano-industrial: uma introdução ao tema. ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, ANPUR/MDU/UFPE, 7, 1997. **Anais...** v 2., 1997. p.1421-1436.

COSTA, G. M. A contribuição da teoria de espaço de Lefebvre para a análise urbana. In: LIMONAD, E. **Entre a ordem próxima e a ordem distante**: contribuições a partir do pensamento de Henri Lefebvre. Niterói: GECEL-UFF, 2003.

COSTA, G. M. Análise de processos socioespaciais: contribuições metodológicas a partir da teoria e de resultados de pesquisas. **Geographia**, v. 7, n.13, p. 29-47, 2005. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia>> Acesso em 5 Abr. 2012.

COUTO, A. C. P.; ABREU, J. Esporte e juventude: visão do jovem acerca do esporte. **Lecturas Educación Física y Deportes**. Buenos Aires, v. 1, p. 159, 2011.

DAYRELL, J. T. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DE PELLEGRIN, A. Equipamento de Lazer. In: GOMES, C. L. (Org.) **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FERREIRA, M. F. As várias Pampulhas, no tempo e no espaço. The various Pampulhas in time and space (1900-1950). In: PIMENTEL, T. V. C. (Org.). **Pampulha múltipla**: Uma região da cidade a leitura do Museu Histórico Abílio Barreto. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, PBH, 2007.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRANÇA, J. L.. **Manual para normatização de publicações técnico-científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FREITAG, B. A revitalização dos centros históricos das cidades brasileiras. In: **Caderno CRH**, Salvador, n. 38, p. 115-126, jan/jun. 2003.

FREITAS, R. F.; HELAL, R.; PIZZI, F. Indústria Cultural. In: GOMES, C. L. (Org.) **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GOMES, C. L.; MELO, V.A. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. **Revista Movimento**. Porto Alegre. v. 9, n.1, p. 23-44, jan./abr. 2003.

GOMES, C. L. (Org.) **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOMES, C. L.; AMARAL, M. T. M. **Metodologia da pesquisa aplicada ao Lazer**. Brasília: SESI, 2005.

GOMES, C. L. Estudos do Lazer e geopolítica do conhecimento. In: **Revista Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.3, set., p.1-25, 2011. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/sumario.html?ed=29>. Acesso em: 27 mar. 2012.

GOMES, C. L.; ELIZALDE, Rodrigo. Análise teórico-conceitual do lazer e da recreação na América Latina. In: _____. **Horizontes Latino-americanos do Lazer/Horizontes Latinoamericanos del Ocio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p.63-86.

GOMES, T. Moradores querem parques públicos abertos até mais tarde. **Jornal o Tempo** Belo Horizonte, 24 Março 2013. Caderno Cidades.

GUIMARAES, E. **Escola, galeras e narcotráfico**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1998.

GUIMARÃES, J. Espaços culturais da Cidade não recebem uso planejado. Ocupação Aquém da Prometida. Caderno Magazine. **Jornal O Tempo**. Belo Horizonte, Domingo, 13 Jan. 2013. Caderno Magazine.

IBGE 2010 - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. **Estatísticas e Mapas**. Disponível em <http://pbh.gov.br>. Acesso em 20 Março 2011.

METRO BH. Um quarto dos jovens que bebem exageram na dose. **Metro BH**. Belo Horizonte, 13 dez. 2012. Foco, p.3.

JULIÃO, L. **Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.

JULIÃO, L. Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920). In: DUTRA, Eliana de Fretas (Org.). **BH: horizontes históricos**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1996. p. 49-118.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

_____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

_____. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LE VEN, M. M. **As classes sociais e o poder político na formação espacial de Belo Horizonte (1893-1914)**. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte: UFMG, 1977.

KANITZ, R. C. M. **Capoeira de Angola na favela: juventudes, sentidos e redes sociais**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

_____. Lazer um campo interdisciplinar de pesquisa. In: BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. L. **O Corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade**. Campinas: FEF-UNICAMP; Editora Autores Associados, 2000.

MAGNANI, J. G. C., SOUZA B. M. (Orgs.). **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L.L. (Orgs.). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP, 1996.

MALHEIROS, J. C. M. Juventudes, bares e escola: um estudo das relações dos alunos do cefet – mg e espaços de lazer. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE – CONBRACE, 17 / CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE – CONICE, 4. Porto Alegre. **Anais...** 2011.

_____. **Percursos "de dentro" e "de fora":** juventudes, bares e escola. Manuscrito. EEEFTO, UFMG, 2012.

MAYOL, P. O Bairro. In: CERTEAU, L. G. **A invenção do cotidiano 2.** Morar, Cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Humanização.** 8. ed. Campinas: Ed. Papyrus, 2004.

_____. **Espaços e equipamentos de Lazer em região metropolitana:** o caso da RMC. Curitiba: Ed. OPUS, 2007.

_____. **Lazer e sociedade:** múltiplas relações. Campinas: Editora Alínea, 2008.

MEDEIROS, R. Clínica e Croni (cidade): impactos do uso/abuso de crack na configuração urbana e nos tratamentos da toxiconomania. In: MEDEIROS, R.; SAPORI, L. F. **Crack um desafio social.** Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2010.

MELO, V. A. A Cidade, o cidadão e o Lazer. **Licere – Revista do Programa Interdisciplinar do Mestrado em Lazer/UFMG.** Belo Horizonte, v. 6, n. 1 p. 82-92, 2003.

_____. (Org.). **Equipamentos culturais na América do Sul:** desigualdades. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral.** 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MONTE-MÓR, R. L. **Espaço e planejamento urbano:** considerações sobre o caso de rondônia. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 1980.

_____. A cidade e o urbano. In: BRANDÃO, C.A.L. (Org.). **As Cidades da cidade.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. Coleção (IEAT).

_____. Do urbanismo a política urbana: notas sobre a experiência brasileira In: COSTA, G. M. (Org.). **Planejamento urbano no Brasil trajetória, avanços e**

perspectivas. Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 2008.

MORIN, E. **Culturas de massas no século XX:** o espírito do tempo. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

MORGAN, D. L.; KRUEGER, R. A. When to use focus groups and why. In: MORGAN, D. L. (Ed). **Successful focus groups:** advancing the state of the art. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1993. P. 3-9.

MUMFORD, L. **A Cidade na História:** suas origens, desenvolvimento e perspectivas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

NORONHA, V. (Org.). **Pensando sobre políticas públicas de lazer para juventudes em contextos de vulnerabilidade social:** contribuições a partir de pesquisa em Ribeirão das Neves/Minas Gerais. Belo Horizonte: PUC-MINAS, 2009.

O.I.T. Organização Internacional do Trabalho: Apresentação <http://www.oit.org.br/content/apresenta%C3%A7%C3%A3o> Acesso em 29 Março 2013.

OLIVEIRA JÚNIOR. **A cultura na boca do povo 2.** Boletim Informativo do Ver. Arnaldo Godoy – PT/BH – Ano VIII, n. 34, 2009.

PARK, E. R. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O. G (Org). **O Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PERALVA, A. O Jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação – Especial Juventude,** n. 5/6 Mai/,Dez ANPED, 1997.

PIMENTEL, T. V. C. (Org.). **Pampulha múltipla:** uma região da cidade a leitura do Museu Histórico Abílio Barreto. Museu Histórico Abílio Barreto, PBH, 2007.

PAIVA, E. F. (Org.). **Belo Horizonte:** histórias de uma cidade centenária. Belo Horizonte: Faculdades Integradas Newton Paiva, 1997.

PBH. **Conferência Municipal da Juventude. Propostas Aprovadas.** Belo

Horizonte, 2006.

PBH - SIOM – Sistema de Informações Organizacionais do Município. Disponível em: <http://portal7.pbh.gov.br/Organograma/estrutura.pbh?method=fecTree&id=2049>. Acesso em 26 Out. 2012.

PBH – Esporte e Lazer (Equipamentos Esportivos) Disponível em: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=esportes&tax=15325&lang=pt_BR&pg=5760&taxp=0& Acesso em 26 Out. 2012.

PBH Cultura Disponível em: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=fundacaocultura&tax=6782&lang=pt_BR&pg=5520&taxp=0& Acesso em 26 Out. 2012.

PBH. Lei nº 10.231, de 19 de Julho de 2011. Diário Oficial do Município - Sancionada 20 de Julho de 2011 – Poder Executivo Secretaria Municipal de Governo. Ano XVII - Edição n. 3871. Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1062300>. Acesso em 05 Nov. 2012.

PBH. Portal do Orçamento Participativo: Disponível em: <http://pbh.gov.br/pbh>. Acesso em 15 Set. 2011.

PBH. Estatísticas e Mapas. Disponível em <http://pbh.gov.br>. Acesso em 20 Março 2010.

PBH – Lei nº 10.106, de 21 de Fevereiro de 2011: Dispõe sobre a criação do Auxílio de Transporte Escolar para estudantes do Município. Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1053046> Acesso em 09 Abr. 2013.

PBH – Decreto nº 14.295, de 02 de Março De 2011: Regulamenta a Lei nº 10.106/11, que “Dispõe sobre a criação do Auxílio de Transporte Escolar para estudantes do Município”. Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1053687> Acesso em 09 Abr. 2013.

PBH – Decreto nº 14.831, de 06 de Fevereiro de 2012: Altera o Decreto nº 14.295/11, que “Regulamenta a Lei nº 10.106/11, que ‘Dispõe sobre a criação do Auxílio de Transporte Escolar para estudantes do Município. Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1074566> Acesso em 09 Abr. 2013.

PBH - Prefeitura amplia concessão de meio-passe para estudantes de BH. Disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/02/06/interna_gerais,276433/prefeitura-amplia-concessao-de-meio-passe-para-estudantes-de-bh.shtml Acesso em 10 Abr. 2013.

POUZAS, Ubiratan Santos. **Lazer, juventude e ensino médio/técnico**: um estudo sobre as tensões estabelecidas entre os processos de escolarização e lazer no Coltec. Dissertação (Mestrado). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

POWELL, R. A.; SINGLE, H. M. Focus groups. **International Journal of Quality in Health Care**, v. 8, n. 5, p. 499-504, 1996.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL: **Emenda Constitucional nº 65 de 2010**. Diário Oficial da União. Disponível em: <http://www.in.gov.br/visualiza/ind.Jsp?data=14/07/2010&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=928> Acesso em: 15 Set. 2011.

_____. **Lei. N.º 8.069**, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em 15 Set. 2011.

RECHIA, S; TSCHOKE, A; VIEIRA, F. Os espaços de Lazer em Curitiba: entre o colorido do centro e o preto e branco da periferia. **Revista Mineira de Educação Física**. Edição Especial, n. 1, p. 1804-1812, Viçosa, 2012.

RECHIA, S. **Parques públicos de Curitiba**: a relação cidade-natureza nas experiências de Lazer Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.

REQUIXA, R. **Sugestões de diretrizes para uma política nacional de Lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

ROLNIK, R. **O Que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTOS, B. R. Vinte anos do estatuto da criança e do adolescente e as políticas públicas para infância e juventude. In: DAYREL, J.; MOREIRA, M.I.C.; STENGEL, M. **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2011. SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE JUVENTUDE BRASILEIRA, 4, 2010.

SANTOS, G. L.; FELIZARDO JUNIOR, L. C.; UDE, W. (Orgs). **Escola, violência e redes sociais**. Belo Horizonte: FaE / UFMG, 2009.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M. *et al.* (Orgs.). **Território, fragmentação e globalização**. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 1994. p. 15-20.

_____. **Território e sociedade: uma entrevista com Milton Santos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

SANTOS, S. **A Natureza do espaço: técnica e tempo. razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SERRÃO, M. **Aprendendo a ser e a conviver**. 2.ed. São Paulo: FTD, 1999.

SILVA, R. F.; COUTO A.C.P. **As cidades modernas e a centralização dos equipamentos de lazer e cultura: o caso de Belo Horizonte no Brasil**. CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS CULTURAIS – ÓCIO, LAZER E TEMPO LIVRE NAS CULTURAS CONTEMPORÂNEAS, 3. Universidade de Aveiro e Minho; Portugal, 2013.

SILVA, R. F.; MELO, V. A.; COUTO A. C. P., **Lazer, juventude e espaço urbano: um estudo sobre o uso dos espaços e equipamentos de lazer pelos jovens da periferia de Belo Horizonte**. SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE. São Paulo: USP-Leste, 2011.

SILVA, R. F. **Lazer juventude e espaço urbano: um estudo sobre o uso dos equipamentos de lazer pelos jovens da periferia de Belo Horizonte**. Monografia (Especialização em Lazer). CELAR/UFMG. Belo Horizonte, 2010.

SILVA, R. F.; **Identidade Local Lazer e Turismo na Metrópole Belo Horizonte: Memórias das Vilas Belém e Maria Emília.** Monografia de Graduação. Escola Superior de Turismo PUC-MG. Belo Horizonte, 2007.

SCHIMIDT, J. P. **Juventude e política no Brasil:** a socialização política dos jovens na virada do milênio. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

SPOSITO, M. P. **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006).** Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação.** São Paulo, ANPED, n. 5/6, 1997.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; STEPHEN J. S. **Métodos de pesquisa em atividade física.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

TUAN, YI-FU. Espaço e Lugar: **A perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.

UVINHA, R. R. Turismo e Lazer: interesses turísticos. In: MARCELLINO, N. C. **Lazer e Cultura.** Campinas: Editora Alínea, 2007.

WELLER, W. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In: WELLER, W.; PFAFF, Nicole (Orgs.) **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação.** Petrópolis: Vozes, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Guia De Tópicos (Roteiro Grupo Focal)

1° Momento – Ambientação e Apresentação dos Participantes.

Tempo previsto: 10 Minutos (0 - 10 Minutos)

Para este momento utilizaremos a técnica de uma dinâmica de grupo, com objetivo de promover a interação e possibilitar o conhecimento entre os participantes.

Desenvolvimento da Dinâmica segundo Serrão (1999, p.100).

1 – Solicitar que os participantes caminhem em silêncio pela sala, observando o espaço, ouvindo os sons, percebendo as formas, cores, objetos e pessoas.

2 – Olhar as pessoas por quem passam, reconhecendo-as. Tocar as palmas das mãos dos demais com as suas, até encontrar alguém com o mesmo tamanho de mão. Formar par com esta pessoa.

3 – Conversar os pares, trocando informações: Nome, idade, onde mora, onde estuda, que série cursa, como chegou ao grupo, que coisas mais gosta de fazer, que coisas menos gosta de fazer, o que espera do grupo.

4 – Quando os pares derem por terminada sua conversa, formar o círculo. Sentar-se.

5 – Plenário – Cada participante apresenta seu par ao grupo.

2° Momento – Apresentação dos Objetivos da Pesquisa e do Encontro

Previsão de tempo: 10 Minutos (11 – 20 Minutos)

Será apresentada oralmente pelo pesquisador e deixaremos com texto-resumo da pesquisa com cada um dos participantes.

3° Momento – Conhecer as Práticas de Lazer dos Jovens

Previsão de tempo: 20 Minutos (21 – 40 Minutos)

Pergunta: Durante a semana, e nos finais de semana, como é a rotina de vocês? E o que vocês fazem que consideram como atividades de Lazer?

4º Momento – Lugares que vocês frequentam

Previsão de tempo: 20 Minutos (41 – 60 Minutos)

Gostaria que vocês falassem um pouco sobre os lugares que vocês gostam de ir. E qual critério para escolha de um determinado lugar?

5º Momento – Sobre os Equipamentos Públicos de Lazer

Previsão de tempo: 20 Minutos (61 – 80 Minutos)

Eu trouxe aqui um mapa de três regionais da cidade, onde esta de destaque alguns equipamentos de lazer que foram construídos para que a população pudesse usufruir o tempo do lazer. Locais de acesso gratuito ao público. Gostaria de saber se vocês se: A) Conhecem estes lugares? B) Se costumam ir? C) Ou se conhecem alguém que já foi? D) O que acham desde lugares? E) Existem outros lugares que não estão aqui neste mapa que vocês costumam ir?

Regional Centro-Sul: Parque Municipal, Palácio das Artes, Praça Sete de Setembro, Praça da Estação, Praça da Liberdade, Centro Cultural da UFMG e Centro de Cultura de Belo Horizonte.

Regional Noroeste: Centro Cultural Padre Eustáquio e Parque Maria do Socorro;

Pampulha: Centro Cultural do Urca, Parque Vencesli Firmino, Parque Parque Ursulina de Andrade Melo, Parque Ecológico da Pampulha, Zoológico e Orla da Lagoa da Pampulha.

6º Momento – Sobre os Eventos Gratuitos

Previsão de tempo: 20 Minutos (81 – 100 Minutos)

Eu trouxe também material de divulgação de alguns eventos gratuitos que aconteceram nos últimos meses na cidade. Vocês ficaram sabendo? Alguém foi em algum destes eventos? Vocês costumam ir a eventos gratuitos? Se sim se lembram do último? Se não porque não frequentam?

O Material para estimular a discussão será: panfletos, fly, *pop cards*, filipetas e cartazes, coletados a partir do 1º Semestre de 2012 até a data da realização do grupo focal. Os materiais serão coletados nos equipamentos culturais citados na pesquisa e em locais onde estes materiais são colocados a disposição da população.

7º Momento – Esclarecimentos Finais**Previsão de tempo: 20 Minutos (100 – 120 Minutos)**

Momento de encerramento, onde o pesquisador irá abrir espaço para que os participantes manifestem dúvidas com relação sua participação, bem como façam avaliação do encontro.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Jovem De 15 A 17 Anos

Pesquisa: Lazer, Juventude e Espaço Urbano

PESQUISADOR: RAFAEL FROIS DA SILVA

O lazer é uma dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais, tais como as festas, os bailes, os jogos, as brincadeiras, a “zoação”, os esportes, as artes e até mesmo o ócio. No tempo e no espaço disponível.

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer a relação de você jovem, com os eventos e equipamentos de lazer da cidade de Belo Horizonte. Como por exemplo Praças, Parques, Centros Culturais, Teatros, campos de futebol etc.

Você é convidado(a) a participar voluntariamente desta pesquisa, realizada pelo pesquisador RAFAEL FROIS DA SILVA, orientado pela Professora Dra. Ana Cláudia Porfírio Couto, do Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer – UFMG.

Sua participação se dará encontrando com o pesquisador junto com um grupo de amigos e/ou colegas da escola para uma conversa coletiva – Em grupo. Conforme sua disponibilidade e agendamento prévio. Será na E. E. Professor Alisson Pereira Guimarães, no bairro Alípio de Melo Belo Horizonte. A reunião será gravada através de equipamento de gravação áudio.

Riscos: Danos Sociais e Culturais - A reunião em grupo pode levar o participante a conclusões sobre as quais ele ainda não havia pensando, ou, pelo menos ainda não havia refletido sobre as práticas individuais e coletivas de lazer.

Benefícios: Ao colaborar com a pesquisa você estará ajudando nós pesquisadores e futuramente ao Governo, a pensar em possibilidades de lazer de interesse da juventude. E também melhor uso dos equipamentos públicos de Esporte, Lazer e Cultura. Tais como as Praças, os Parques, os Campos de Futebol, as Quadras, os Centros Culturais.

Quanto a sua participação será garantido o anonimato e os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins da pesquisa em questão e que, após 5 anos, serão destruídas.

A partir da leitura deste termo, da sua compreensão e do esclarecimento de todos os procedimentos que envolvem esta pesquisa, ficou claro qual é o objetivo da pesquisa e como se dará a minha participação. Foi-me informado que posso me recusar a participar deste estudo ou que posso abandoná-lo a qualquer momento, sem justificar ou constrangimento.

Por meio deste também é consentido que ao final do estudo os resultados sejam publicados em forma de uma dissertação e também artigos acadêmicos, sem que o/a jovem seja identificado (a).

Foi-me informado que não está prevista qualquer forma de remuneração e que todas as despesas relacionadas com o estudo são de responsabilidade do pesquisador.

Todas as dúvidas foram previamente esclarecidas, mas se durante o andamento da pesquisa, novas dúvidas surgirem, tenho total liberdade para esclarecê-las diretamente com o pesquisador. E que o Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais será consultado apenas em casos de dúvidas envolvendo os aspectos éticos da pesquisa.

Portanto, concordo com o que foi exposto acima e dou o meu consentimento.

Belo Horizonte, _____ de _____ 20 .

Assinatura do (a) voluntário (a): _____

Assinatura do (a) pesquisador (a): _____

Telefone do pesquisador: 3409 4492. Comitê de Ética em Pesquisa (UFMG). Av. Antônio Carlos, nº.6627, Campus Pampulha, Belo Horizonte – MG Cep: 31.270-901.Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005. Telefone: 3409-4592.

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Jovem de 18 A 24 Anos

Pesquisa: Lazer, Juventude e Espaço Urbano

PESQUISADOR: RAFAEL FROIS DA SILVA

O lazer é uma dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais, tais como as festas, os bailes, os jogos, as brincadeiras, a “zoação”, os esportes, as artes e até mesmo o ócio. No tempo e no espaço disponível.

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer a relação de você jovem, com os eventos e equipamentos de lazer da cidade de Belo Horizonte. Como por exemplo Praças, Parques, Centros Culturais, Teatros, campos de futebol etc.

Você é convidado(a) a participar voluntariamente desta pesquisa, realizada pelo pesquisador RAFAEL FROIS DA SILVA, orientado pela Professora Dra. Ana Cláudia Porfírio Couto, do Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer – UFMG.

Sua participação se dará encontrando com o pesquisador junto com um grupo de amigos e/ou colegas da escola para uma conversa coletiva – Em grupo. Conforme sua disponibilidade e agendamento prévio. Será na E. E. Professor Alisson Pereira Guimarães, no bairro Alípio de Melo Belo Horizonte. A reunião será gravada através de equipamento de gravação áudio.

Riscos: Danos Sociais e Culturais - A reunião em grupo pode levar o participante a conclusões sobre as quais ele ainda não havia pensando, ou, pelo menos ainda não havia refletido sobre as práticas individuais e coletivas de lazer.

Benefícios: Ao colaborar com a pesquisa você estará ajudando nós pesquisadores e futuramente ao Governo, a pensar em possibilidades de lazer de interesse da juventude. E também melhor uso dos equipamentos públicos de Esporte, Lazer e Cultura. Tais como as Praças, os Parques, os Campos de Futebol, as Quadras, os Centros Culturais.

Quanto a sua participação será garantido o anonimato e os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins da pesquisa em questão e que, após 5 anos, serão destruídas.

A partir da leitura deste termo, da sua compreensão e do esclarecimento de todos os procedimentos que envolvem esta pesquisa, ficou claro qual é o objetivo da pesquisa e como se dará a minha participação. Foi-me informado que posso me recusar a participar deste estudo ou que posso abandoná-lo a qualquer momento, sem justificar ou constrangimento.

Por meio deste também é consentido que ao final do estudo os resultados sejam publicados em forma de uma dissertação e também artigos acadêmicos, sem que o/a jovem seja identificado (a).

Foi-me informado que não está prevista qualquer forma de remuneração e que todas as despesas relacionadas com o estudo são de responsabilidade do pesquisador.

Todas as dúvidas foram previamente esclarecidas, mas se durante o andamento da pesquisa, novas dúvidas surgirem, tenho total liberdade para esclarecê-las diretamente com o pesquisador. E que o Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais será consultado apenas em casos de dúvidas envolvendo os aspectos éticos da pesquisa.

Portanto, concordo com o que foi exposto acima e dou o meu consentimento.

Belo Horizonte, _____ de _____ 20 .

Assinatura do (a) voluntário (a): _____

Assinatura do (a) pesquisador (a): _____

Telefone do pesquisador: 3409 4492. Comitê de Ética em Pesquisa (UFMG). Av. Antonio Carlos, nº.6627, Campus Pampulha, Belo Horizonte – MG Cep: 31.270-901.Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005. Telefone: 3409-4592.

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Responsável

Pesquisa: Lazer, Juventude e Espaço Urbano

PESQUISADOR: RAFAEL FROIS DA SILVA

Prezado(a) Responsável pelo(a) Jovem,

O mesmo foi convidado(a) a participar voluntariamente da pesquisa de mestrado realizada pelo Sr. RAFAEL FROIS DA SILVA, orientado pela Professora Dra. Ana Cláudia Porfírio Couto, do Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer – UFMG.

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer a relação dos jovem, com os eventos e equipamentos de lazer da cidade de Belo Horizonte. Como por exemplo Praças, Parques, Centros Culturais, Teatros, campos de futebol etc.

A participação do jovem se dará encontrando com o pesquisador, junto com um grupo de amigos e/ou colegas da escola para uma conversa coletiva – Em grupo. Conforme sua disponibilidade e agendamento prévio. Será na E. E. Professor Alisson Pereira Guimarães, no bairro Alípio de Melo Belo Horizonte. A reunião será gravada através de equipamento de gravação áudio.

Riscos: Danos Sociais e Culturais - A reunião em grupo pode levar o participante a conclusões sobre as quais ele ainda não havia pensando, ou, pelo menos ainda não havia refletido sobre as práticas individuais e coletivas de lazer.

Benefícios: Ao colaborar com a pesquisa o jovem estará ajudando nós pesquisadores e futuramente ao Governo, a pensar em possibilidades de lazer de interesse da juventude. E também melhor uso dos equipamentos públicos de Esporte, Lazer e Cultura. Tais como as Praças, os Parques, os Campos de Futebol, as Quadras, os Centros Culturais.

Quanto a participação, será garantido o anonimato do jovem participante. Que os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins da pesquisa em questão e que, após 5 anos serão destruídas.

A partir da leitura deste termo, da sua compreensão e do esclarecimento de todos os procedimentos que envolvem esta pesquisa, ficou claro qual é o objetivo da pesquisa e como se dará a participação do jovem que esta sob minha responsabilidade. Foi-me

informado que o jovem pode recusar a participar deste estudo ou abandoná-lo a qualquer momento, sem justificar e sem passar por nenhum constrangimento.

Por meio deste também é consentido que ao final do estudo os resultados sejam publicados em forma de uma dissertação e também artigos acadêmicos, sem que o/a jovem seja identificado (a).

Foi-me informado que não está prevista qualquer forma de remuneração e que todas as despesas relacionadas com o estudo são de responsabilidade do pesquisador.

Todas as dúvidas foram previamente esclarecidas, mas se durante o andamento da pesquisa, novas dúvidas surgirem, tenho total liberdade para esclarecê-las diretamente com o pesquisador. E que o Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais será consultado apenas em casos de dúvidas envolvendo os aspectos éticos da pesquisa.

Portanto, concordo com o que foi exposto acima e dou o meu consentimento para que o(a) jovem sob minha responsabilidade participe da pesquisa.

Belo Horizonte, _____ de _____ 20 .

Assinatura e documento do responsável pelo (a) voluntário (a)

Assinatura e documento do (a) pesquisador (a):

Telefone do pesquisador: 3409 4492. Comitê de Ética em Pesquisa (UFMG). Av. Antônio Carlos, nº.6627, Campus Pampulha, Belo Horizonte – MG Cep: 31.270-901.Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005. Telefone: 3409-4592.

APÊNDICE E – Termo de Anuência da Direção da Escola

Pesquisa: Lazer, Juventude e Espaço Urbano.

PESQUISADOR: RAFAEL FROIS DA SILVA

O lazer é uma dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais (tais como as festas, os jogos, as brincadeiras, os esportes, as artes e até mesmo o ócio) no tempo/espaço conquistado pelos sujeitos e grupos sociais. Esta pesquisa tem por objetivo conhecer a relação dos jovens com os eventos e equipamentos de lazer da cidade de Belo Horizonte.

Apresento-lhe a referida pesquisa e solicito por parte desta diretoria a anuência para a participação dos jovens envolvidos, em data previamente agendada, liberando-os da aula. Solicito, ainda, a concessão de um espaço para a realização da pesquisa.

Esperamos que este estudo contribua para o entendimento das práticas de lazer dos jovens, que seu resultado contribua para (re) pensar o uso dos espaços e equipamentos públicos de lazer da cidade de Belo Horizonte, bem como colabore com as discussões da Academia junto aos fóruns de discussão de políticas públicas de esporte, lazer, cultura e juventude.

Portanto, concordo com o que foi exposto e concedo anuência.

Belo Horizonte, _____ de _____ 20__ .

Direção da Escola: _____

Telefone do pesquisador: 3409 4492. Comitê de Ética em Pesquisa (UFMG). Av. Antonio Carlos, nº.6627, Campus Pampulha, Belo Horizonte – MG Cep: 31.270-901. Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005. Telefone: 3409-4592.

APÊNDICE F - Campos de Várzea Regional Noroeste

QUADRO 8

Campos de Várzea Regional Noroeste

CAMPO	TERRITÓRIO / BAIRRO
Campo do Grêmio Mineiro de Esportes	Noroeste 01 - Santo André
Campo do Pitangui Esporte Clube	Noroeste 01 - São Cristovão
Campo Aeroporto Carlos Prates	Noroeste 02 - Jardim Montanhês
Campo do Galo Esportivo	Noroeste 03 - Dom Bosco
Campo do Palmeirense Futebol Clube	Noroeste 03 - Aterro SLU / Novo Glória
Campo do Acaraí Esporte Clube	Noroeste 03 - Aterro SLU / Novo Glória
Estádio Júlio César Vasconcelos (Remo Atlético Clube)	Noroeste 03 - Aterro SLU / Novo Glória
Campo do Beira Lixo	Noroeste 03 - Aterro da SLU, - Jardim Filadélfia
Campo do Sociedade Esportiva Danúbio	Noroeste 03 - Novo Glória
Campo do Portuguesa	Noroeste 03 - Califórnia
Campo do Maravilha Futebol Clube	Noroeste 03 - Califórnia
Campo do Serra Madre	Noroeste 03 - Califórnia
Campo dos Coroas	Noroeste 03 - Novo Glória
Campo do Pastoril Futebol Clube	Noroeste 04 - Dom Cabral
Campo do Reunidos Esporte Clube	Noroeste 04 - Alto dos Pinheiros

APÊNDICE G - Campos de Várzea Regional Pampulha

QUADRO 9

Campos de Várzea Regional Pampulha

CAMPO	TERRITÓRIO / BAIRRO
Estádio Laudelino Gonçalves Ribeiro (Taça de Ouro)	Pampulha 01 - Itapoã
Campo do Estrela Azul Esporte Clube / Estrela Azul	Pampulha 01 - Trevo
Campo do Céu Azul Futebol Clube / Céu Azul	Pampulha 01 - Céu Azul
Campo da Associação Desportiva Oriente / Oriente	Pampulha 01 - Céu Azul
Campo do Zoológico	Pampulha 02 - Bandeirantes
Campo do União Futebol Clube / União	Pampulha 02 - Bandeirantes
Estádio Municipal Altair dos Santos Lima (São José Operário)	Pampulha 03 - Dona Clara
Estádio Tadeu Santana de Jesus (Racing)	Pampulha 03 - Universitário
Campo da Ilha 1 e Ilha 2	Pampulha
Campo do GCAM	Pampulha 04 - Alípio de Melo

APENDICE H – Divulgação de Eventos Campus UFMG



FIGURA 8 – Quadro de Divulgação de Eventos UFMG

Fonte: Autor



FIGURA 9 – Divulgação de Eventos Balcão EEFTO 2

Fonte: Autor

ANEXOS

ANEXO A: Moradores Querem Parques Públicos Abertos até Mais Tarde

22 O TEMPO Belo Horizonte
DOMINGO, 24 DE MARÇO DE 2013

Cidades

Tempo em BH
O sol irá aparecer entre nuvens na capital. Pode chover a qualquer momento.

28° Máxima
19° Mínima

UMIDADE 63%

TEL: (31) 2101-3930
FAX: (31) 2101-3950
Editora: Marina Schettini
marina@gotempo.com.br
e-mail: cidades@gotempo.com.br
Atendimento ao assinante: 2101-3838

Capital. Funcionamento somente no horário comercial limita visitação, segundo maioria dos usuários

Moradores querem parques públicos abertos até mais tarde

FOTOS LEO FONTES



Ocioso. Somente um casal estava em parque no bairro Planalto, na última quinta-feira à tarde



Vazio. Apenas três pessoas visitaram parque no bairro Ouro Preto, durante todo o último dia 21

Continuação anexo A

Prefeitura admite que demanda é relevante, mas usa falta de recursos para justificar restrição

■ **TELMA GOMES**
ESPECIAL PARA O TEMPO

O calor do fim de tarde, após um dia exaustivo de trabalho, e o retorno das crianças da escola inspiram a busca por locais para praticar exercícios e se divertir com os filhos, de preferência em contato com a natureza. Parques públicos seriam uma boa opção para atender a essa expectativa de lazer e descanso, a custo zero. Entretanto, em Belo Horizonte, as portas desses estabelecimentos são fechadas às 18h, diariamente.

O funcionamento apenas em horário comercial, quando a

maior parte das pessoas está no trabalho e não tem como usufruir desses espaços, acaba gerando frustração. Caminhar no parque, após o trabalho, só é possível por menos de uma hora. Isso se não for segunda-feira, dia em que todos esses locais da capital ficam fechados, para manutenção.

Apenas três visitantes estiveram no Parque Elias Michel Farah, no Ouro Preto, na Pampulha, na última quinta-feira, segundo os funcionários. A panfletista Ísis Moreira Santos, 23, foi uma das visitantes. "Vim agora porque estou no intervalo de lanche. Depois do trabalho, só encontro as portas fechadas", lamenta. Com 6.300 m², o local tem jardins ornamentais, brinquedos e aparelhos de ginástica.

A situação não era diferente no Parque Municipal Lagoa do Nado, no Planalto, na região Nor-

te da capital, que contava apenas com dois visitantes. O atleta Alexandre de Souza, 19, e a balonista Talita Lorraine, 18, namoravam à beira do lago de 22 mil m². Exceto os funcionários do lugar, ninguém mais ocupava o espaço – que tem 310 mil m², quadras poliesportivas, teatro de arena, brinquedos, campo de futebol e biblioteca.

"É a primeira vez que viemos aqui. Entre segunda e sexta-feira, poucos têm essa oportunidade. Se o parque ficasse aberto até mais tarde, beneficiaria muita gente", acredita Souza.

EXCEÇÃO. A demanda pela extensão do horário rendeu ao menos uma conquista. No parque Lagoa do Nado, há cerca de oito anos, às terças e quintas-feiras, é possível usar as quadras até as 22h, com acesso pela portaria lateral.

Polêmica

Cancela de condomínio controla entrada do público

A limitação no horário de funcionamento não é a única restrição à visitação do Parque Municipal Cássia Eller, no bairro Jardim Paquetá, na Pampulha. Ter conhecimento da existência do local também não é fácil, já que a unidade fica em um condomínio residencial, com entrada invisível para quem passa pela avenida Tancredo Neves, que dá acesso ao local.

Somente em consulta ao site da Fundação de Parques Municipais é possível "descobrir" o parque, cujo nome homenageia a

cantora carioca, que viveu parte da infância no bairro São Francisco, também na Pampulha, e morreu em dezembro de 2001.

A cancela do condomínio e a abordagem do vigilante, que anota dados do documento de identidade do visitante, são barreiras à visitação. "O parque é aberto ao público de terça-feira a domingo, das 8h às 18h, mas, como fica dentro do condomínio – responsável pelo custeio de sua manutenção –, adotamos essa medida de segurança", justifica Edgard Silva, da associação de moradores do local. **(TG)**

Sem dinheiro

Fundação reconhece inconveniente

A Fundação de Parques Municipais da Prefeitura de Belo Horizonte informou, por meio de assessoria de imprensa, que reconhece a importância da extensão no horário de atendimento à população nos parques públicos da capital. Entretanto, de acordo com o órgão, o atual funcionamento dos espaços apenas em horário comercial é consequência da falta de recursos financeiros e de funcionários disponíveis.

Essas limitações, segundo a fundação, inviabilizam a manutenção das portas abertas por período mais prolongado, sem comprometer a segurança dos usuários e a preservação do espaço contra a ação de vândalos.

Ainda de acordo com a Fundação de Parques Municipais, em 2012, a manutenção dos parques municipais da capital custou R\$ 1,2 milhão, e o mesmo valor está previsto para este ano.

Há 72 parques sob a administração da fundação, situados em diferentes regiões e bairros da capital, mas apenas 54 são abertos à visitação pública.

A fundação explicou que os 18 parques restantes correspondem a espaços ainda em implantação, com obras viabilizadas a partir de recursos do Orçamento Participativo, ou se referem a áreas de preservação ecológica. **(TG)**



Acesso a parque no Paquetá é restrito a quem passar por controle de condomínio

ANEXO B: Capital dos Butecos quer ser a sede dos Eventos de Rua

24 | O TEMPO Belo Horizonte
DOMINGO, 24 DE FEVEREIRO DE 2013

Cidades



28°
Máxima

18°
Mínima

UMIDADE
62%

Clima em BH

O sol irá aparecer entre nuvens na capital. Há possibilidade de chuva neste domingo.

TEL: (31) 2101-3930
FAX: (31) 2101-3950
Editora: Mariana Schettini
mariana@otempo.com.br
e-mail: cidades@otempo.com.br
Atendimento ao assinante: 2101-3838

Demanda. Em 2012, foram 1.174 eventos em espaços públicos da região Centro-Sul, 63% a mais que em 2011

Capital dos botecos quer ser a cidade dos eventos de rua

Carnaval deste ano surpreendeu ao atrair meio milhão de foliões para as ruas da capital

■ JOANA SUAREZ

Conhecida como a capital dos botecos, Belo Horizonte parece estar se transformando na cidade dos eventos ao ar livre. Para gestores culturais e historiadores, o Carnaval deste ano foi um exemplo de que a população quer ir para as ruas e curtir as festas gratuitas. Para se ter uma ideia de como a demanda está crescendo, apenas a administração regional Centro-Sul – que tem maior procura – licenciou 1.174 eventos em espaços públicos no ano passado, 63% a mais do que em

2011, quando foram 716. Eventos como St. Patrick Days, Red Bull Soapbox, Escorrega BH, Cidade Love, festivais e apresentações artísticas têm atraído um número cada vez maior de pessoas e surpreendido os produtores e o poder público. Mas a falta de preparo para atender a essa demanda tem provocado questionamentos. De um lado, os gestores culturais reclamam da burocracia para conseguir realizar qualquer tipo de manifestação na cidade. Do outro, os órgãos alegam ter a necessidade de proteção do patrimônio.

A discussão ganhou força após o Carnaval deste ano. Eram esperadas 120 mil pessoas na capital, mas cerca de 500 mil foliões compareceram aos blocos, segundo a Empresa Municipal

“Belo Horizonte é a única capital que ainda tem dificuldade para promover eventos, como a Parada Gay, mas esse cenário está mudando por uma resistência da população”.

Regina Helena Alves da Silva
Historiadora da UFMG

de Turismo de Belo Horizonte (Belotur). “Existia um ideia de que o mineiro não gostava de rua, mas isso está acabando. A resistência dos últimos governantes só tem feito com que as pessoas queiram conquistar os espaços públicos em uma demonstração de cidadania”, afirma a historiadora da Universida-

de Federal de Minas (UFMG) Regina Helena Alves da Silva.

Blocos como o Bem Te Viu, Bem Te Vê, organizados por grupo de amigos e estreados neste Carnaval, mostraram que o folião da capital quer mesmo é festejar. “Ficamos surpresos com o público, pois não esperávamos 5.000 pessoas. Isso mostrou que

a capital está ganhando um novo olhar”, disse um dos organizadores do bloco, Bruno Sales, 32.

O músico e produtor cultural Tamás Bodolay acredita que as redes sociais têm contribuído muito para essa transformação. “O público e os artistas estão mais demandantes, mas o poder público ainda não está preparado”, analisa.

Um grupo de produtores culturais da capital está se reunindo para debater sobre o novo panorama que a cidade tomou após o sucesso do Carnaval. O Conselho Municipal de Cultura, formado por representantes da sociedade civil e do setor público, se reúne uma vez por mês para discutir o tema. Procuradas pela reportagem, nem a Belotur nem a Secretaria Municipal de Regulação Urbana retornaram aos pedidos da reportagem.

Continuação Anexo B

Lotado. Durante o Carnaval deste ano, 73 blocos desfilaram pelas ruas de BH; multidão curtiu a folia principalmente nas regiões Centro-Sul (foto) e Leste

Evento feito na praça da Estação

Festas precisam respeitar o patrimônio público

Além de aprovação prévia da prefeitura e das exigências de comunicação a pelo menos cinco órgãos, os eventos realizados em espaços tomados também devem ser autorizados pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha). Isso aconteceu em praças como a da Estação, a da Liberdade e a Sete.

O produtor deve preencher um protocolo com 20 dias de antecedência do evento, informando a progra-

mação completa, estrutura, justificativa e público estimado. No caso da praça da Estação, uma regulamentação é válida para o local desde 2010. Com a premissa de proteger o patrimônio, o espaço só pode receber um evento por mês, com 15 mil pessoas no máximo. São necessários a prévia distribuição de convites e o cercamento por tapume.

O movimento Praia da Estação surgiu, logo depois desse decreto, como represália às restrições. Há

três anos, um grupo de pessoas se reúne na praça em um dia de festa e manifestações. O tenente Wagner Rodrigues, do Batalhão de Eventos da Polícia Militar, acredita que as festas estão crescendo, mas sem planejamento. "É preciso uma organização maior para que a polícia planeje a segurança de maneira adequada", afirma. (JS)

Leia mais sobre eventos em lugares públicos na página 5 do Magazine.

AS REGRAS

Veja quais são os trâmites para se realizar um evento em Belo Horizonte

CLASSIFICAÇÃO			
HÍMINA DIMENSÃO	PEQUENO	MÉDIO	GRANDE
ATÉ 25 MIL PESSOAS	DE 25.001 ATÉ 100 MIL PESSOAS	DE 100.001 ATÉ 250 MIL PESSOAS	ACIMA DE 250 MIL PESSOAS

*NÃO PRECISA DE LICENCIAMENTO PRÉVIO

DOCUMENTOS

O empreendedor deve:

- Se apresentar à administração regional onde será realizado o evento
- Expedir cópia de comunicação à Polícia Militar para requerer policiamento
- Expedir cópia de comunicação de realização do evento à Fundação Hospitalar de Minas (Fhemig) e à Secretaria Municipal de Saúde, contendo data, horário, local e público estimado
- Expedir cópia de comunicação ao Corpo de Bombeiros e ter o Laudo Técnico de Segurança aprovado pela corporação
- Ter o Documento Operacional de Trânsito aprovado pela BHTrans

APROVAÇÃO

Os eventos com público a partir de 10 mil pessoas terão seu licenciamento condicionado à aprovação prévia da Comissão Permanente de Eventos de Belo Horizonte (Cope-BH).

ANEXO C: Ocupação Aquém da Prometida

6 | M | O TEMPO Belo Horizonte
DOMINGO, 13 DE JANEIRO DE 2013

Cultura

Espaços culturais da cidade não recebem uso planejado

Ocupação aquém da prometida

■ JULIA GUIMARÃES

No papel, muitas propostas e ideias. Na prática, utilização aquém da prevista. Esta é a realidade de uma série de espaços culturais atualmente existentes na cidade. Projetados para serem ocupados de forma dinâmica, acabam sendo subutilizados depois de prontos.

Num início de ano cheio de promessas para início de obras ou lançamento de novos equipamentos culturais (veja abaixo), o **Magazine** investigou espaços cuja ocupação não corresponde àquela prevista inicialmente.

A começar pelo Circuito Cultural Praça da Liberdade – que tem sido alvo de críticas por carecer de ocupação mais dinâmica em seus equipamentos culturais –, um dos museus mais promissores do circuito ainda está longe da proposta sobre a qual foi criado. Trata-se do Memorial Minas Gerais Vale, cujo projeto original do museógrafo Gringo Cardia previa que o espaço deveria ser uma espécie de “lounge” da praça.

Ficaria aberto à noite todos os dias, teria apresentações culturais diárias nos jardins, programação semanal no miniteatro elizabetano (a Casa da Ópera) e no auditório. “Vi que existiam lugares muito vivos naquela região, como o cine Belas Artes, e previ que o prédio tinha potencial ainda maior”, aponta Cardia.

Dois anos após a inauguração, que ocorreu em novembro de 2010, pou-

cas dessas propostas foram levadas à prática. O funcionamento durante a semana se encerra às 18h (exceto às quintas, quando funciona até as 22h) e, aos domingos, às 16h. Shows e apresentações ocorrem numa média de uma vez ao mês. O auditório não possui programação própria. A cafeteria até hoje não foi inaugurada. Salas dedicadas à exposição temporária de arte contemporânea e de videoarte tiveram apenas duas exposições, iniciadas em abril de 2012.

“Para se tornar um lugar dinâmico, o memorial deveria incorporar o grande público noturno que vai à praça para correr. E deveria ser um lugar destinado ao pensamento, que se aproximasse mais das universidades, especialmente na programação do auditório, assim como foi durante a construção das salas”, aponta Cardia, reforçando ainda o potencial do miniteatro para apresentações intimistas, já que o espaço comporta apenas 30 pessoas.

Em contrapartida, o gerente do Memorial, Wagner Tameirão, adiantou que o espaço irá lançar, na próxima semana, a programação para 2013, que contempla editais para as salas itinerantes e criação de um sarau literário-musical para ocupar o miniteatro uma vez por mês. “No mês de janeiro, teremos várias atividades de formação. Não acho que ocupar o miniteatro apenas uma vez por mês seja pouco. O Memorial já é muito grande, são 32 salas”, justifica.

MARZAGÃO. Outro espaço que

nos últimos anos reduziu seu potencial de ocupação foi o Centro Técnico de Produção (CTP), da Fundação Clóvis Salgado (FCS). Quando a nova sede do CTP foi inaugurada em 2004, no distrito de Marzagão, em Sabará, o espaço havia sido projetado para se tornar referência internacional em cenotécnica e cenografia, ao suprir lacuna existente na cidade com cursos regulares nessas áreas, além de servir como espaço para construção de todo o material cênico das óperas da casa e guarda de acervo.

Se, durante os primeiros anos, o espaço alcançou seu potencial, com oficinas regulares ministradas por profissionais brasileiros e estrangeiros de renome na área, óperas 100% construídas no local (caso de “Turandot”) e uma equipe chefiada por Raul Belém Machado, um dos maiores especialistas em cenografia do Brasil, uma visita ao CTP na última quarta-feira revela outra ocupação.

A existência de apenas quatro funcionários permanentes no espaço de 3.060 metros quadrados, nenhum deles com formação em cenografia, já são indício do uso limitado. Em 2012, nenhuma ópera foi 100% feita no espaço. A sala de iluminação, projetada especialmente para receber oficinas da área, não foi usada no ano passado. No que tange às atividades de formação, a principal foi o Estúdio Ópera, em parceria com a Fumec, no qual 172 alunos acompanharam a produção da opereta “A Viúva Alegre”.

“As oficinas do CTP foram reduzidas porque, a par-



tir de agora, estarão diretamente vinculadas ao Centro de Formação Artística (Cefar), para que tenham acompanhamento dos professores de lá. Queremos também melhorar a estrutura para atender a demandas da classe artística”, aponta Solanda Steckelberg, presidente da FCS.

Solanda anunciou que planeja transferir o CTP para um galpão maior, de propriedade do Estado, já que, segundo ela, a atual estrutura do centro não atende mais nem a demanda da FCS. “Todos os espaços aqui já estão muito ocupados, o equipamento está no seu limite. Mas não podemos ainda falar de prazo para mudança, pois precisamos primeiro encontrar o espaço adequado”, frisou a presidente.

Em 2013, o CTP receberá oficinas no local – estão previstas as de iluminação, cenotécnica, figurinos, caracterização cênica e adereçaria. O projeto Ópera Studio também permanece este ano, segundo Solanda.

Continua
ção
Anexo C

Equipamentos

Atividades extintas e uso limitado

Dos 16 Centros Culturais administrados pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), nove deles foram construídos entre 2007 e 2009. A rapidez com que tantos espaços foram entregues num curto espaço de tempo prejudicou sua ocupação. O diagnóstico vem do próprio diretor de Bibliotecas e Centros Culturais (CCs) da PBH, Júlio Jader, que aponta uma transformação dos centros nos últimos anos. "Até 2009, foi um crescimento desordenado dos centros culturais, sem planejamento para manutenção e para formação de equipes. Aí surge o BH Metas e Resultados e o governo começa a fazer o ajuste de gestão", diagnostica.

No entanto, para funcionários da Fundação Municipal de Cultura (FMC), que preferiram não se identi-

car, as condições atuais dos Centros Culturais ainda estão bastante desordenadas.

A começar pela verba destinada a esses centros. Muitos deles possuem orçamento direto que não passa de R\$ 5.000 ao ano. Embora o diretor dos CCs alegue que a verba final seja muito maior – já que recursos indiretos vindos de editais de ocupação e do projeto Arena da Cultura aumentam bastante o percentual – a reclamação do orçamento direto reduzido diz respeito a despesas básicas.

"Com essa verba, não há condição de gerar programação própria e nem de fazer contratação de artistas locais, que muitas vezes não são contemplados pelos editais públicos", aponta um funcionário.

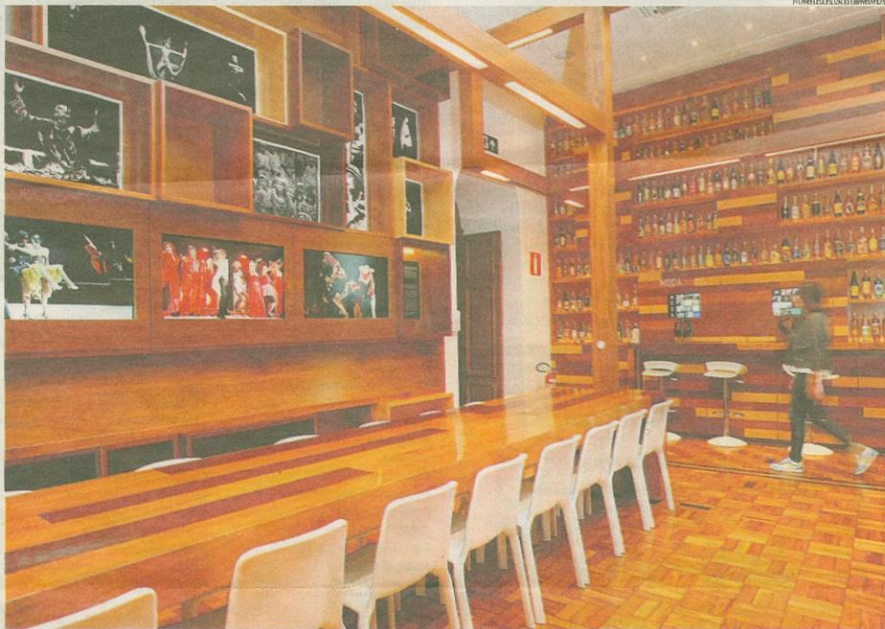
A falta de estrutura física e de materiais adequados

para exibição de filmes e apresentações também são alvo de críticas. "Você recebe uma mostra de artes cênicas, mas não tem nem estrutura de iluminação. A programação dos centros prevê exibição de filme, mas não temos nem cortina para gerar blecaute. A prefeitura inaugurou vários equipamentos que ela mesma não dá conta de gerir", aponta.

CRAV. O Centro de Referência Audiovisual (Crav), também administrado pela FMC, é exemplo clássico de equipamento que, na mudança de gestão, em 2009, perdeu boa parte de suas atividades. Filmes criados em parceria com a população de rua ou com o projeto DocTV, da Rede Minas, deixaram de existir. Já o número de funcionários caiu de aproximadamente 30 para 7.

"Foram três anos sem que acontecesse nada lá, só ações de restauração. Felizmente, no último ano, outros projetos voltaram a acontecer", aponta o jornalista e conservador audiovisual Alexandre Pimenta, que trabalhou no Crav entre 1999 e 2009.

De fato, o Crav voltou a movimentar-se a partir do fim de 2011. No período, foi lançado edital para a produção de seis documentários curtos, atualmente em fase de execução. A difusão e formação também se fortaleceu através dos projetos de exibição do acervo em escolas e oficinas de preservação. Já no fim deste mês, será lançado projeto de exibição do acervo nos Centros Culturais. Resta saber apenas se eles terão estrutura adequada para receber os filmes.



Convivência. Cafeteria do Memorial Minas Gerais Vale até hoje não foi inaugurada. Empresa alega dificuldades relativas às condições do prédio tombado

ANEXO D: Transito de BH Rouba Duas Horas por dia do Trabalhador

TEL: (31) 2101-3930
FAX: (31) 2101-3950
Editora: Carla Alves
carla.alves@otempo.com.br
e-mail: cidades@otempo.com.br
Atendimento ao assinante: 2101-3838

28°
Máxima
19°
Mínima

Tempo em BH
A previsão para este sábado na capital é céu nublado com pancadas de chuva à tarde e à noite


UMIDADE
80%

O TEMPO Belo Horizonte
SÁBADO, 28 DE ABRIL DE 2012

25

Cidades

Mobilidade. Segundo o Censo 2010, 16,6% da população ocupada demora para chegar e voltar do serviço

Trânsito de BH 'rouba' duas horas por dia do trabalhador

Situação é ainda mais crítica em cidades da região metropolitana, como Neves e Ibirité

■ **RAPHAEL RAMOS**
Belo Horizonte está entre as cinco capitais brasileiras que mais castigam a população no trajeto de casa para o trabalho, ou vice-versa. A constatação é do Censo 2010, divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo o levantamento, 16,6% dos trabalhadores gastam mais de uma hora no percurso para o serviço – seja de carro, ônibus, metrô, bicicleta ou mesmo a pé. Se considerada a volta para casa, o tempo perdido no trânsito dobra.

A maioria dos entrevistados (77,2%) disse demorar de seis minutos a uma hora no trajeto. O trânsito na capital estimou-se

guido por Ibirité (36,4%), Sarzedo (31,6%), Santa Luzia (30,2%) e Raposos (29,1%).

O estudante de engenharia Waslon Gonçalves Soares, 32, é um dos que sofrem com a lentidão do trânsito. Todos os dias, ele gasta pelo menos três horas e meia de Santa Luzia até o bairro Buritis, na região Oeste de Belo Horizonte, onde estuda. "Poderia ir de moto, mas preciso usar minha caminhonete para transportar material do meu trabalho, pois faço entrega", conta.

Após a faculdade, no período da manhã, o estudante segue para o bairro Eldorado, em Contagem, onde trabalha, e depois volta para casa novamente, enfrentando o horário de pico. "Quanto mais tempo fico no trânsito, o dia se torna mais cansativo. Tenho 32 anos, mas aparento ter 40", afirmou Soares.

De acordo com o consultor de

JOÃO MIRANDA

Maratona. O estudante Waslon Soares, 32, gasta, todos os dias, pelo menos três horas e meia de Santa Luzia até o Buritis

Continuação do Anexo D

O trânsito na capital mineira só não é mais lento que o de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA) e Manaus (AM). No estudo, foram considerados o tamanho da população, a área urbana, a densidade populacional e as condições de mobilidade urbana. O Censo 2010 computou não somente a população que se desloca dentro do município, mas também aquela localizada nas regiões metropolitanas.

Se na capital a situação é complicada, em municípios da Grande Belo Horizonte o quadro fica ainda mais difícil. Em Ribeirão das Neves, por exemplo, que tem o pior índice da região, 41,8% da população demora mais de uma hora para chegar ao trabalho. O município é se-

transporte coletivo. "É preciso seduzir as pessoas a usarem o transporte coletivo. Hoje, Belo Horizonte ainda investe timidamente com o BRT (Ônibus de Transporte Rápido), que ainda não está sendo implantado em toda a cidade, mas apenas nos trajetos da Copacabana do Mundo, o que tende a melhorar o tráfego apenas nesses trajetos", diz o consultor.

O diretor de Planejamento da BHTrans, Célio Freitas, está otimista em relação a melhorias no trânsito da capital. Segundo ele, além do BRT, o projeto Corredor Caminho, que há três anos realiza intervenções nas principais avenidas, deve agilizar a circulação. Ele ressalta ainda a ampliação do metrô. "É um conjunto de ações que vão dar resultado".

Comparativo

Demora. Uberlândia, no Triângulo, tem 234,6 mil pessoas ocupadas e se desloca para o trabalho, sendo que 6,4% fazem por períodos superior a uma hora. Em Contagem, que tem 234,4 mil pessoas na mesma situação, o índice é 19,4%.

MG tem a 2ª população

Minas Gerais é o Estado com a segunda maior população entre as unidades da federação, com 19,6 milhões de habitantes em 2010. O índice é 10,9% maior que o contabilizado em 2000 (17,9 milhões). São Paulo tem a maior população do país, com 41,2 milhões de habitantes. Em terceiro lugar vem o Estado do Rio de Janeiro, com 16 milhões de habitantes, seguido por Bahia (14 milhões) e Rio Grande do Sul (10,7 milhões).

Portadores de deficiência

No país, o contingente de pessoas que se declararam portadoras de deficiências, em diferentes graus de severidade, atingiu, em 2010, 45,6 milhões, que representavam 23,9% da população brasileira. As unidades da federação que apresentaram maior incidência de portadores localizam-se no Nordeste. Em Minas Gerais, 4,43 milhões de pessoas, ou 22,6% da população, declararam apresentar alguma das condições investigadas.

OS DADOS DO CENSO

TEMPO PERDIDO NO TRÂNSITO PARA CHEGAR AO TRABALHO

CAPITAIS	ATÉ 6 MINUTOS	DE 6 MINUTOS A UMA HORA	MAIS DE UMA HORA	TOTAL
1 SÃO PAULO	196,2 mil (5,2%)	2,4 milhões (63,8%)	1,1 milhão (31%)	3,8 milhões
2 RIO DE JANEIRO	121 mil (5,9%)	1,4 milhão (68%)	523 mil (25,3%)	2 milhões
3 SALVADOR	53 mil (5,9%)	652,6 mil (72,1%)	200 mil (22%)	905 mil
4 MANAUS	36,6 mil (6,7%)	412,7 mil (75,9%)	94,2 mil (17,3%)	543,7 mil
5 BELO HORIZONTE	55,3 mil (6,2%)	684,8 mil (77,2%)	1,46,8 mil (16,6%)	887 mil

VARIACÃO DE RENDIMENTOS ENTRE 2000 E 2010

A mulher teve reajuste de **127,2%**
O homem teve reajuste de **118,1%**

Em 2000, o rendimento médio da mulher era **66,7%** do total do homem
Em 2010, o rendimento médio da mulher passou para **68%** do total do homem

OS ESTADOS MAIS POPULOSOS (em milhões)

POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA (PEA)

ESTADOS E MUNICÍPIOS	TOTAL 2000 - 2010	OCUPADOS 2000 - 2010	DESEMPREGADOS 2000 - 2010	TAXA DE DESEMPREGO 2000 - 2010
MINAS GERAIS	8,3 milhões - 9,9 milhões	7,1 milhões - 9,2 milhões	1,1 milhão - 675 mil	14,2% - 6,8%
BELO HORIZONTE	1,1 milhão - 1,3 milhão	968 mil - 1,2 milhão	198,7 mil - 86 mil	17% - 6,5%
CONTAGEM	268,9 mil - 331 mil	217 mil - 305,8 mil	52 mil - 25,2 mil	19,3% - 7,6%
JUIZ DE FORA	215,7 mil - 267,5 mil	183,8 mil - 246,7 mil	32 mil - 20,8 mil	14,8% - 7,8%
BETIM	143 mil - 201,1 mil	109,5 mil - 182 mil	33,3 mil - 19,1 mil	23,4% - 9,5%
MONTES CLAROS	146 mil - 185,6 mil	118,4 mil - 167 mil	27,6 mil - 18,6 mil	18,9% - 10%

ANEXO E: Um Quarto dos Jovens que Bebem Exageram na Dose

BELO HORIZONTE, QUINTA-FEIRA, 13 DE DEZEMBRO DE 2012
www.readmetro.com

FOCO 03

Um quarto dos jovens que bebem exageram na dose

Vício. Mineiros de 14 a 19 anos consomem até 20 doses de bebida alcoólica por mês, revela levantamento da Fundação João Pinheiro

Se o consumo de bebidas alcoólicas entre adolescentes já não é mais novidade, a frequência e as quantidades ingeridas ainda assustam. Estudo divulgado ontem pela Fundação João Pinheiro revela que, dentre os mineiros de 14 a 19 anos que admitem fazer uso do produto, quase 25% bebem até 20 doses por mês, quantidade considerada preocupante pelos pesquisadores.

Para se ter uma ideia, uma dose corresponderia a uma lata de cerveja ou um cálice de vinho. De acordo com os coordenadores da pesquisa, o consumo do dobro dessa dosagem já poderia ser considerado um problema de saúde pública.

“O foco do levantamento foi identificar a frequência, já que é difícil determinar o período em que essas pessoas começam a ingerir bebidas alcoólicas. Mas ainda é cedo para afirmar que trata-se de uma tendência”, avaliou a pesquisadora do Centro de Estatística e Informações da instituição, Karina Rabelo.

Mesmo assim, 43% dos jovens não têm problemas para admitir que bebem até duas vezes por semana, enquanto só 14% afirmaram que não haviam consumido o produto no último mês.

A sondagem, cujos dados foram coletados no ano passado, ainda mostra que o uso de bebida alcoólica pode estar associado também a outro fator de risco. Das 4 milhões de pessoas com 14 anos ou mais que bebem no Estado, 53% são fumantes.

Apesar da maioria delas se concentrar na idade adulta, a experiência do primeiro cigarro ocorre bem mais cedo, por volta dos 16 anos. “Observamos com isso que, além de criarmos políticas públicas para os adultos, é necessária a criação de campanhas voltadas para os jovens”, concluiu a pesquisadora da fundação Juliana Riani. © METRO BH

O PERFIL DO VÍCIO Pesquisa revela hábitos de consumo de bebida alcoólica e tabaco em Minas, entre a população com 14 anos ou mais

BEBIDA ALCOÓLICA

4 milhões de pessoas com 14 anos ou mais consomem bebida alcoólica em MG, ou seja, 25% da população nessa faixa etária

NA SEMANA

- 12,3% não bebeu
- 28,9% menos de 1 vez
- 7,5% diariamente
- 9,4% entre 3 e 4 vezes
- 42% entre 1 e 2 vezes

NO MÊS

- 48% até 10 doses
- 8,3% acima de 40 doses
- 12,1% entre 21 e 30 doses
- 25% entre 11 e 20 doses

TABAGISMO

13,5% da população com 14 anos ou mais são fumantes

25% tem entre 14 e 29 anos

A idade média do primeiro cigarro é de **16 anos**

35% Homens que bebem com 14 anos ou mais

14,5% Mulheres que bebem na mesma faixa etária

ANEXO F: Conferência Municipal de Juventude 2006: Propostas Aprovadas na Temática Cultura, Esporte e Lazer

1. Valorizar as políticas de cultura, esporte e lazer para a juventude, considerando-as como direitos de cidadania e não apenas com a visão reducionista que as classifica como meros instrumentos para tirar os jovens das drogas e do “mau caminho”.
2. Garantir o direito dos jovens no que se refere ao acesso aos bens culturais, práticas esportivas e atividades de lazer.
3. Divulgar as atividades promovidas nessas áreas.
4. Fomentar a produção cultural juvenil, bem como as atividades esportivas e de lazer.
5. Facilitar o acesso aos espaços públicos voltados para essas ações.
6. Implantar o Passe Livre para os jovens aos domingos, visando a garantia do acesso à cultura, ao esporte e ao lazer.
7. Contratar e capacitar profissionais para desenvolver atividades esportivas, culturais e de lazer, junto a jovens com deficiência.
8. Fomentar e dar suporte a ações coletivas juvenis, valorizando e facilitando a produção cultural dessas ações nos diversos campos das artes.
9. Fomentar e dar suporte a ações coletivas juvenis, valorizando e facilitando a produção cultural dessas ações nos diversos campos das artes.
10. Facilitar a articulação de grêmios estudantis e outras formas de organização, por meio da formação de uma comissão com representantes regionais da coordenação da juventude, para que sejam discutidos os anseios culturais e esportivos.
11. Priorizar projetos que incentivem o trabalho remunerado de jovens profissionais que atuem nas áreas de cultura, esporte e lazer, como educadores em projetos que lidam com a juventude (por exemplo, a Escola Aberta).
12. Fiscalizar e criar multas para penalizar o não cumprimento da lei da meia entrada juvenil.

13. Celebrar convênio entre instituições sociais e prefeitura para ajudar na realização de eventos e ações comunitárias.
14. Criação de áreas de lazer e espaços para a apresentações culturais e artísticas nas vilas e favelas.
15. Implementar uma politica que vise à abertura gradual das escolas públicas e de espaços públicos nos finais de semana e horários ociosos, para atividades culturais, oficinas e projetos comunitários. Garantir que tal abertura atinja todas as escolas do município, começando nos bairros de maior densidade populacional de jovens e onde for mais agudo o risco social. Os projetos devem ser preferencialmente idealizados e geridos pelos jovens da região e por suas comunidades, em parceria com a escola.
16. Promover o respeito as expressões culturais afro-brasileiras como forma de preservação da história do povo brasileiro em geral.
17. Reservar 50% dos fundo municipais de cultura à aprovação de projetos oriundos de jovens de regiões periféricas (de baixa renda).
18. Implantar centros culturais e centros de juventude em todas as regionais.
19. Criar programações específicas para jovens em centros culturais, museus, etc.
20. Promover oficinas educacionais de artesanato, cultura (com destaque para a cultura afro), dança, teatro, cinema, música e artes marciais em espaços alternativos à escola.
21. Ampliar os centros culturais das periferias.
22. Ampliar e criar cursos de capacitação e formação na área de cultura, com ênfase na elaboração de projetos, buscado que as iniciativas desenvolvidas possam ter autonomia na captação de recursos.
23. Apoiar grupos culturais e projetos juvenis já existentes, independentemente do número de participantes.
24. Incluir no currículo e nas atividades a disciplina de arte e cultura (teoria da cultura), implementando a arte-educação nas escolas. Ampliar, assim, o ensino de educação artística atualmente oferecido, que se restringe a atividades de desenhar e pintar.

25. Instalar, no mínimo, uma biblioteca pública em cada comunidade.
26. Valorizar, em todos os âmbitos possíveis (escolas, associações de bairro, ONGs, etc) a cultura africana e a cultura indígena.
27. Executar imediatamente os projetos de centros e espaços culturais aprovados pelo orçamento participativo, garantindo que sejam financiados pelo poder público, organizados e geridos coletivamente pela comunidade.
28. Garantir que os processos de apoio público a projetos culturais de custo de até R\$ 15.000,00 sejam mais ágeis, reduzindo a burocracia.
29. Apoiar e legalizar as mídias independentes (rádios, jornais, etc) criadas pela comunidade, bem como as rádios nas escolas, fomentando sua utilização na promoção da arte juvenil.
30. Estimular a implementação de projetos culturais, sociais e educacionais desenvolvidos por jovens de vilas e favelas em sua própria comunidade, criando editais específicos, financiados pelo poder público, pela iniciativa privada e pelo terceiro setor e geridos pelos moradores das respectivas localidades.
31. Criar cartões BH-Bus especial e mecanismos de apoio aos jovens ligados a projetos culturais e sociais, para que possam se deslocar e cobrir outras despesas ligadas à participação nas atividades dos projetos.
32. Valorizar a cultura existente na periferia que tem pouca ou nenhuma visibilidade (exemplo: arte-grafitismo).
33. Promover, nas escolas, a difusão da história do bairro, bem como dos aspectos históricos referentes aos esportes, cultura e dança.
34. Oferecer, nas regionais, oficinas de capacitação de líderes comunitários, preparando-os para negociar e gerenciar para projetos culturais.
35. Apoiar encontros culturais regulares da juventude.
36. Realizar cursos profissionalizantes nas áreas de arte e cultura (sobretudo, de artes plásticas, web design e promoção e gestão cultural), além de cursos de línguas estrangeiras.
37. Realizar festivais gratuitos (musicais e de teatro) todos os meses, com a garantia de alguns deles serem itinerantes. Ampliar os festivais internacionais

- de Teatro.
38. Divulgação e interação ampla dos programas culturais para a juventude por parte do poder público.
 39. Implantar o Centro Municipal de Referência da Juventude de Belo Horizonte, localizado na região central, equipado com biblioteca, videoteca, internet, etc, de forma a servir, prioritariamente, como espaço para a troca de experiências e a reflexão, por parte dos próprios jovens, sobre os temas da juventude.
 40. Implantar praças recreativas no bairro Jardim Castanheiras, cm área de lazer para jovens e crianças.
 41. Implementar espaços de lazer como pistas de skate, quadras poliesportivas e ciclovias em todas as regionais.
 42. Organizar campeonatos e gincanas regionais, bem como torneios intercolegiais.
 43. Implantar computadores nas escolas, disponíveis ao público para pesquisas.
 44. Ampliar os eventos de Rua de Lazer, oferecendo serviços odontológicos, emissão de documentos atrações culturais, etc.
 45. Reformar instalações esportivas, campos de futebol e quadras já existentes em todo o município.
 46. Promover excursões de escolas e entidades comunitárias a espaços públicos, parques, exposições culturais e lugares históricos de Minas Gerais, fornecendo o transporte por meio de parceria com a BHTrans.
 47. Construir e ampliar, em cada bairro, um espaço de referência (centros de juventude) para o jovem, voltado para a are do esporte e lazer, incluindo quadras e campos de futebol, *playgrounds* e pistas de skate. Priorizar bairros que não tem espaço de lazer. Zelar pela manutenção de tais espaços.
 48. Implantar Tele-Centros nas regionais e internet de livre acesso nas escolas. Apoiar, equipar e oferecer serviços de manutenção para projetos de inclusão digital.
 49. Garantir a segurança pública nos locais em que ocorram atividades culturais e esportivas.
 50. Criação de novos CACs (centro de Apoio Comunitário) voltados às

comunidades de baixa renda.

51. Realizar um diagnóstico dos espaços e equipamentos esportivos e de lazer para um melhor planejamento de políticas públicas.
52. Implantar projetos esportivos gratuitos, executados por pessoas qualificadas, capazes de dar aos jovens uma visão de futuro ligada ao esporte, enfatizando o potencial de profissionalização e o exercício da cidadania nas praticas esportivas.
53. Reformar o campo de futebol da rua Pedreira, no bairro Alto Vista Alegre.

ANEXO H: CONVERSA COLETIVA - GRUPO FOCAL 1 (G1)

Conversa Coletiva – Grupo Focal 1

Data: 13 de Dezembro de 2012 - Quinta-Feira

Local: Auditório Escola Estadual Professor Alisson Pereira Guimarães

7 (sete) participantes e 2 (dois) mediadores - Tempo Total: 1 Hora e 22 Minutos

1º MOMENTO – AMBIENTAÇÃO E APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Participante 01 - Galera meu nome é Participante 01 beleza?

Todos – Risadas

Entrevistador/mediador 01 - Galera vou só encostar lá se não a gente não vai conseguir não (Sobre a porta)

Participante 01 - Deixa o professor fechar a porta ali que eu vou falar o resto para você

Participante 02 - Eu não conheço ninguém aqui não

Namorada Participante 02 - Nãooo? Cê fei!!

Participante 02 – Oh! O único que eu conheço é só ocê fi!

Participante 02 - Se fechar tem que colocar uns 30 ventiladores aqui dentro

Entrevistador/mediador 02 – Participante 02 né?

Participante 02 – Anram

Entrevistador/mediador 01 - Vão lá?

Participante 01 - O galera vou voltar de novo (risos), prazer meu nome é Participante 01, tô no 3º ano graças a Deus! Vai acabar, tomara que eu não pegue recuperação, e tô aí para fazer esta pesquisa aí.

Participante 04 - Meu nome é **Participante 04** tô no terceiro ano, estou tentando passar em história e moro lá no bairro. Tá todo mundo tentando passar em história mas tá meio difícil

Participante 05 - Eu sou o **Participante 05** tenho 23 anos terceiro ano e (pausa), e gosto muito de Leitura.

Participante 06 - Meu nome é **Participante 06** moro no São Salvador – também, e tô no terceiro ano

Participante 07 - Meu nome é **Participante 07** tenho 15 anos

Todos – Risadas e gargalhadas

Participante 07 - Tenho 19! Tenho 19 anos, estou no terceiro ano, sou da 307. Pelo visto acho eu conheço tudo mundo aqui. Só ela que não conheço porque acho que até ele eu conheço de algum lugar.

Participante 04 - É dos grafites sô da rua

Entrevistador/mediador 02 – Acho que ninguém vai me conhecer aqui não. Meu nome é

Entrevistador/mediador 02 eu sou formada em Educação Física, estou fazendo o Mestrado com o Entrevistador/mediador 01, ele já está em um processo mais avançado que eu né eu acabei de entrar tô começando é até bom eu te vindo com porque eu tô aprendendo também né. E eu sou do Ceara, eu tô morando aqui faz dois meses só! Vim para fazer o mestrado. E ai vim ajudar aqui o Entrevistador/mediador 01 né, com vocês, a gente vai, na verdade vamos fazer uma conversa aqui mesmo informal e vamos anotar uns dados estamos gravando é isto.

Entrevistador/mediador 01 – E ai gente só para deixar muito claro, este bate papo a gente vai usar ele, para pode construir o nosso relatório final né, mas o dado de ninguém né é citado, não é citado nominalmente né! Fulano falou isto, então tem o sigilo da informação quanto a isto ai vocês podem ficar tranquilos depois inclusive se vocês quiserem olhar este material, esta colega nossa fez uma coisa parecida ela usa as entrevistas sem citar o nome de ninguém à? a única coisa que é citado é que são alunos da Escola Alisson Pereira Guimarães tá?

2º MOMENTO – APRESENTAÇÃO DOS OBJETIVOS DA PESQUISA E DO ENCONTRO

Entrevistador/mediador 01 - Então o que que a gente esta trabalhando? A gente tá trabalhando com este tema: Lazer, juventude e espaço urbano, o lazer não sei se todo mundo tem o mesmo entendimento né, porque para cada um ele significa uma coisa, lá na Universidade tem autor para várias linhas, cada um tem um conceito diferente do que é lazer, a gente não precisa se preocupar com isto né, mas o que a gente esta querendo discutir aqui é tentar conhecer um pouco né de como que é o lazer dos jovens que moram aqui na regional Pampulha e Noroeste.

Entrevistador/mediador 01 – Bom. Então como é que surge esta coisa aqui, em 2010 em vim aqui na escola, quando eu tava na especialização, e eu tava tentando conhecer um pouco a relação dos jovens - a gente fala periferia-subúrbio, mas é uma coisa que esta afastada do centro, eu também estou ali dentro porque eu também moro aqui na região, de qual que era esta relação do jovens com o tempo livre. Então aparecerem muitas coisas né, e uma coisa que me chamou atenção, foi o fato dos jovens que participaram daquela pesquisa não frequentarem os equipamentos públicos de lazer, por exemplo: parque ecológico, centro cultural, praça etc né. Museu né, e também não frequentarem não irem, em grandes produções de eventos que tem de graça na cidade né? Então isto me chamou atenção e eu tô voltando aqui agora para tentar entender um pouco né, o por que disto. Não que a gente vai conseguir a resposta mas... Então apareceu ali (mostrando Slide) que não no festival de curta metragem, no Festival Internacional de Arte Negra, no Festival Internacional de Teatro, quando aparecia era assim em um universo de 40 tinha tinha um dois que tinham ido. E aí a gente viu também que a maioria queria o quê? A invés de ir para estes espaços públicos ir para shopping, lanchonete, boate etc etc

Entrevistador/mediador 01 - Bom e aí o que eu eu quero com esta pesquisa? Entender o por quê os jovens da periferia de Belo Horizonte não frequentam os eventos e os equipamentos públicos de lazer da cidade, quando eu falo público são aqueles que são mantidos pela Prefeitura tá gente ou pelo Estado. Então este é o objetivo da minha pesquisa (mostrando o slide) Conhecer a relação dos jovens com os eventos e equipamentos da cidade de Belo Horizonte né, especificamente qual que a relação que é estabelecida por de vocês com os eventos e os equipamentos. Beleza? É isto! Então qual que é a ideia hoje aqui, é a gente fazer um bate papo falando um pouco a gente conversando um pouco de como que a gente usa o nosso tempo de lazer né. Ai esta conversa que a gente vai fazer aqui que é um bate papo uma conversa coletiva a universidade chama de grupo focal.

Entrevistador/mediador 01 – Bom Por que que a sua participação é importante nisto aqui os jovens de 15 a 24 anos, segundo os dados do IBGE de 2010 são 17% da cidade a gente tem então uma cidade de 400 mil habitantes com esta faixa de idade então a gente tentar entender qual que é a relação deste seguimento, de vocês com estes equipamentos pode ajudar né gestores públicos a pensarem melhor o que fazer para poder ajudar a juventude no tempo de lazer. Beleza? Então é isto! Só para a gente dá um introduzida para a gente pode ter uma clareza do que que a gente tá fazendo.

Entrevistador/mediador 01 – Então eu queria começar perguntando o que que vocês fazem durante a semana e nos finais de semana que vocês consideram atividades de lazer?

Entrevistador/mediador 02 – Podem falar

Participante 01 – Meu final de semana é mais ou menos assim: Chega do serviço porque se segunda a sábado tem vez que trabalha no domingo né. Então o único jeito quando eu chego em casa meu lazer é: escutar minhas musiquinhas né papa (rindo)

Todos – Risos

Participante 01 – E (ir) para casa da minha noiva mesmo, e pronto mais ou menos isto mesmo!! De vez em quando, as vezes, assim ir lá para o centro lá vê lá as praças lá fica lá sentado com a noiva mesmo só isto mais ou menos

Entrevistador/mediador 01 – Qual Praça? Quais praças?

Participante 01 – Praça da Liberdade ali (rindo)!! Da rua da Bahia ali, aquela pracinha ali, eu não sei o nome daquelas praça mais ou menos ali menos ali mesmo.

Participante 02 – Pô falar?

Entrevistador/mediador 01 – Pode falar!

Participante 02 - Meu final de semana é meio assim: Eu coloco o fone de ouvido e vou jogar bola. Sábado. Chego nove horas da noite dou uma dormida. Domingo ou é Malibu ou qualquer casa de show que tem ai eu vou.

Participante 04 - Rindo

Participante 01 - Malibuuuu!

Participante 02 - Chego mexo um pouco no computador e acaba. Não tem muito mistério assim não!

Entrevistador/mediador 02 - Onde você joga bola?

Participante 02 - Eu jogo bola no Pindorama. No campo do Remo.

Entrevistador/mediador 01 - Campo do Remo!

Participante 02 - É. Vai eu e meu pai de manhã, volta só de noite por que ele fica no bar lá. É só isto.

Entrevistador/mediador 01 - E durante a semana? Durante a semana?

Participante 02 - Semana é estudo de manhã, estudo de noite e só de tarde eu mecho no computador, (rindo) fico o dia inteiro.

Participante 03 - Bom durante a semana eu não tô empregada mais (feliz) eu fico a toa aí quando dá vontade eu vou para academia, de noite eu vou para a escola, e no final de semana é acordar, tomar banho, ir para rua, fica lá o tempo todo sair de vez em quando a chega mais tarde é discutir com meu namorado por telefone só!

Participante 01 – É meu amigo você tá ferrado fica falando demais (para o Participante 02)

Entrevistador/mediador 01 - Quando você sai você sai para onde?

Participante 03 - Eu saio com minhas amigas.

Participante 01 - Para o Malibu também (Gargalhada)

Participante 03 – Não!

Participante 01 – Gargalhadas

Participante 03 - Sai para comer alguma coisa, dá uma volta, eu fico conversando na casa de alguém, ou vou para casa do outros, né, e no domingo eu não faço nada e de tarde eu discuto com meu namorado no telefone e acabou.

Participante 01 e Participante 04 - Gargalhadas

Entrevistador/mediador 02 - Quem mais?

Participante 07 - Vai la Participante 04

Participante 04 – Eu? (rindo) deixa eu vê, dia de semana eu ralo prá caralho!!

Todos - Risos

Participante 04 – Tipo Ralo é verdade gente! Trabalho demais aí de noite eu venho estudar (pausa) demoro tia!

Cantoneira da escola - Na hora que dê nove horas vocês vão merendar tá?

Risos

Participante 04 – Tentando passar em história dificilmente tô conseguindo. Deixa eu vê, meu final de semana eu descanso, namoro e quando é época de papagaio (rindo) eu vou (pausa rindo) época de papagaio é foda vei tem que ir com o namorado e aproveito também para soltar uma pipa. Época de papagaio só isto!

Entrevistador/mediador 01 - Aonde? Aonde?

Entrevistador/mediador 02 - Nó que legal

Participante 04 – Ali na Pampulha ali naquele em frente a Toca da Raposa

Participante 01 - O Parque Ecológico

Participante 04 – Aí nois vai pra lá fica o dia inteiro lá eu fico vermelhona porque lá não tem uma sombra se quer. Deixa eu ver o que mais (pausa) é raro nós sair porque nos é pobre não tem dinheiro, ai shopping dificilmente a gente vai em shopping, balada nos não curtimo muito é dentro de casa mesmo descansar mais caseiro mesmo. Malibu!! (Rindo) Nois também não curte!

Todos - Risadas

Entrevistador/mediador 01 – Mas se tivesse um lugar prá cês irem assim, se o dinheiro não você problema vocês iriam?

Participante 04 – E tranquilamente (pausa) Tipo o Parque ecológico mesmo, a gente adora a natureza, estes trem assim, a gente vai direto também lá no alto da mangabeiras, domingo, domingo nos levanta cedo de vez enquanto nos vão pra lá e fica lá o dia inteiro.

Entrevistador/mediador 02 - Isto no Parque Ecológico você falou?

Participante 04 – É Também fica lá o dia inteiro. Raramente a gente sai, agora privada assim esses trem, gostar a gente gosta, mas é muio difícil, tanto eu quanto ele trabalha também nois dois fica

cansado é mais dormi o dia inteiro, só férias mesmo que agente frita no papagaio, só isto também que a gente faz.

Participante 05 - Eu dia de semana eu tô trabalhando né ai de casa ao trabalho eu escuto musica, sempre eu gosto de ler né, então assim no meu horário do almoço, almoço rapidinho e vou no livro. Ai eu leio um pouquinho e volto escutando música do trabalho para a escola. Geralmente quando as vezes eu chego mais cedo em casa, quando eu não curto a minha mãe um pouquinho o meu irmão eu tô lendo né ou então rabiscando o caderno eu gosto de escrever também. Quando eu tinha o tempo mais livre dia de semana eu fazia vamos dizer como *hobie* é o taekwondo. Eu praticava dia de semana agora meus finais de semana é assim, arrumar casa com a mãe e o irmão no sábado na parte da manhã, as vezes no sábado a tarde eu vou treinar né na escola que tem um projeto da prefeitura da escola aberta

Entrevistador/mediador 01 - Qual Escola?

Participante 05 - No Júlia Paraíso. É e eu já fui professor né de escola aberta na área do taekwondo né. Geralmente assim (pausa) e de noite a gente reuni com os amigos as vezes reúne na casa de alguém vai no EPA e compra um tanto de porcaria ou joga pôquer ou junta todo mundo e fica jogando vídeo game as vezes a gente a maioria todo domingo ai junta o pessoal pra ir no parque ecológico treinar lá na Pampulha. Eu também gosto muito de frequentar parques ecológico, magabeiras atrações assim sempre quando tem Mangabeiras Praça do Papa, né eu sempre dá eu vou e as vezes eu mato uma vez a aula na semana para ir no cinema. Mas o meu tempo é mais ou menos assim, é final de semana é mais com os amigos, quando tem alguma coisa que dá para fazer todo mundo junto, ah vão para o parque das mangabeiras ou só bater perna treinar ou treinar taekwondo, então geralmente meu tempo é assim.

Entrevistador/mediador 01 - Bacana

Participante 06 – Eu trabalho durante a semana chego vou para a escola normal. Final de semana vou para sorveteria, fico com meus amigos ou se não na casa do meu namorado. A gente fica mais durante o dia em uma praça porque eles jogam peteca.

Entrevistador/mediador 01 - Qual Praça?

Participante 06 – Não é aqui não! É lá em Sarzedo!

Entrevistador/mediador 01 - Ah Sarzedo!

Entrevistador/mediador 02 - Como é o nome?

Entrevistador/mediador 01 – Sarzedo. Sarzedo é outra cidade

Participante 06 – Eee é muito raro vê, eu acho, vê alguém jogando peteca, praticando algum esporte durante a semana, quer dizer no final de semana. Shopping por aí

Participante 07 - Meu final de semana praticamente começa na quinta feira.

Entrevistador/mediador 01 - Começa na Quinta-feira?

Todos - Risos

Participante 07 - É porque igual daqui a pouco depois da escola eu tô indo para o futebol. Igual quando eu estudava de manhã, sempre quando eu saia mais cedo. O gente, pode falar! Aqui todo mundo já matou uma aula aqui, ou depois do serviço, depois da escola, quando saia mais cedo em dia de prova este tem o parquinho em frente o ..

Participante 01 - Eu nunca matei aula não

Participante 07 - Ou depois do serviço ou depois da escola quando sai mais cedo igual dia de prova tem o parquinho aqui

Participante 02 - Parquinho da Mata?

Participante 07 - Não em frente o Frei Orlando

Entrevistador/mediador 01 - Parque Vescesli Firmino

Participante 07 – Aí Tem um campinho de futebol a gente sempre ia para lá ficar jogando bola, conversar com os amigos, jogar um truco. Agora a minha rotina é como tem serviço, escola, e igual quinta-feira eu já estou indo para o futebol, aí na sexta feira, eu vou lá para o Mirante com os meus amigos

Entrevistador/mediador 01 - Mirante?

Participante 07 – É lá para o lado das Mangabeiras

Entrevistador/mediador 01 - É um campo de Futebol?

Participante 05 – É como se fosse é um Parque, lá dá para você vê Belo Horizonte todinha

Participante 07 – Não é como se fosse um parque

Entrevistador/mediador 01 - É privado? Vocês pagam um aluguel para poder jogar

Participante 07 – É também. Ai com isto. Ou se não na sexta feira a gente vai para o cinema, ou geralmente rola uma festa dos amigos nossos a gente faz uma resenha uma reunião com os amigos que a gente bebe

Entrevistador/mediador 02 - Na casa de alguém?

Participante 07 - É na casa de alguém ou na minha casa ou na casa dos amigos. Ai sábado é futebol, domingo é futebol também, ai tem a Praça do Redondo, sábado e domingo eu fico para o lado de contagem, porque lá tem a Praça do Redondo eu fico lá para o lado de Contagem

Participante 02 - Fica nadando lá né? Fica nadando lá. Fica nadando lá na mata.

Participante 07 - Lá não tem piscina

Participante 04 - Qual que é? Ou lá é qual que é? (Muito interessada) Tem o Big shopping ai tem você desce

Participante 02 - Não a Praça do Redondo é a ali no Cabral

Participante 07 - Ali no Cabral sô! Atrás do Cumbuca

Entrevistador/mediador 01 - Ah eu sei onde que é

Participante 02 - Não tem a lagoa lá do menino que morreu lá.

Participante 07 – Não esta lagoa não

Entrevistador/mediador 01 – E sei onde que é!

Participante 07 - Meus amigos ficam ali correndo em volta corre meia hora tem o campinho de areia

que a gente fica brincando de cabeceio lá fica dando bicicleta e tem a quadra de peteca também jogo peteca de vez em quando mas só que eu parei por causa do meu ombro machuquei.

Entrevistador/mediador 02 - Isto na Praça do Redondo?

Entrevistador/mediador 01 - Praça do Cabral né? Ali no Cabral.

Participante 07 – Vamos falar Praça do Cabral que todo mundo conhece.

Participante 02 – Cabral

Participante 07 - Domingo

Participante 02 - Você já viu os quero quero de lá? Eu já corri também!

Entrevistador/mediador 01 - E lá você joga bola também?

Participante 07 - Lá eu jogo bola, jogo peteca, vôlei com meus amigos, ando de bicicleta corre. Domingo de manhã é futebol no campo que eu já joguei até contra o time dele lá nos perdemos (Time do Participante 02)

Todos - risos

Participante 07 - Ai na parte da tarde é açai ou a gente vai para as lanchonete ou pra praça ou reuni na casa de alguém e faz outra resenha mas só que a gente não bebe que segunda feira a gente tem que trabalhar

Todos - risos

Participante 07 - Ai a gente fica curtindo jogando um truco jogando videogame. Ai meu final de semana é de quinta a partir da meia noite até domingo meia noite

Entrevistador/mediador 01 – Bacana! Bacana!

Entrevistador/mediador 02 – Só uma coisinha aqui me fale os lugares que você joga futebol?

Participante 07 - Campo São Joaquim

Participante 01 – Já Começou oh

Entrevistador/mediador 01 – Campo do São Joaquim onde é este campo?

Participante 07 - Campo do São Joaquim é atrás da Praça do Redondo

Entrevistador/mediador 01 - Tá

Entrevistador/mediador 02 - Mas vocês pagam para usar

Participante 02 - É lá perto do Rita Carmelita

Entrevistador/mediador 01 - Sei sei

Participante 07 - Mas é por time. Quem ganhar que leva o dinheiro entendeu? É uma aposta entre times

Entrevistador/mediador 02 - Não calma é alugado ou é público?

Participante 07 - Não é público

Participante 04 - É tipo quem perder paga a quadra?

Participante 07 - É

Entrevistador/mediador 02 - Entendi

Participante 02 - Mas só que é campo

Entrevistador/mediador 01 - O campo né

Entrevistador/mediador 02 - Ai você pagam por que você querem pagar

Participante 07 - É uma aposta e como se fosse uma aposta

Participante 07 - Depois a gente joga no Redondo no campinho de areia

Participante 07 - Eu jogo também la no Alterosa

Entrevistador/mediador 02 - Aonde?

Entrevistador/mediador 01 - O Campo do Alterosa aonde que é este campo?

Participante 07 - Alterosa é quadra. Eu jogo na quinta feira.

Entrevistador/mediador 02 - Alterosa?

Participante 07 - Alterosa

Entrevistador/mediador 01 - Alterosa Hum

Entrevistador/mediador 01 - Não bacana

Entrevistador/mediador 02 - Legal! Mais alguém? alguma coisa que eu tenho esquecido. Muita gente falou do final de semana né, coisas que vocês fazem durante a semana

Participante 02 - Eu Esqueci de falar uma coisa aqui também que

Participante 01 - Cuidado, sua namorada esta te olhando com uma cara (risos)

Participante 02 - Eu fazia Capoeira eu esqueci de falar também, eu fazia capoeira taekwondo e jiu jitsu ai comecei a fazer SENAI não da para eu fazer capoeira, não dá para eu fazer nada, se piscar assim já tá na hora de vim para aula

Entrevistador/mediador 02 - Mas você fazia aonde? Academia?

Participante 02 - Não academia assim num espaço que tem ali perto do Augusta Medeiros Esquiva Minas que chamava e era de noite. Ai eu comecei a estudar de noite eu tive que para. Só isto mesmo.

Participante 07 - Tinha minha rotina também de academia

Entrevistador/mediador 01 - Um Atleta né!

Risos

Participante 07 - Machuquei o ombro, os dois ombros de luxação. E tinha aula de muay thai também

que eu parei. Dois anos de muay a thai e eu parei

Entrevistador/mediador 01 - Um Atleta né!

Participante 01 - Minha rotina era jogar futebol né, por que eu jogava bola, então tipo assim quando eu tinha uma idade menor, eu ainda sou novo né, não sou velho não

Todos - Risos

Participante 02 - Velho Não idoso

Todos - Risos

Participante 01 - Eu tipo assim eu jogava bola chegava mais cedo da escola né. Chegava mais cedo, então meu tempo era todo futebol. Era tipo assim, começava, tinha vez que, quer quer dizer, eu não ia na aula, eu começa de seis horas da manhã e só saia duas horas da madrugada no futebol era o dia inteirinho ali no prego né.

Entrevistador/mediador 02 - Onde você fazia?

Participante 01 - Oh eu joguei no campo do Ferroviário né? Joguei bola lá, e muitos campos ia lá para Sabará afora

Entrevistador/mediador 01 - Coelhão da Massa, o gente olha só!

Som externo – Gritaria externa

Participante 01 - Opá

Participante 02 - Isto é tiro!

Todos - Risadas

Participante 01 - Misericórdia

Entrevistador/mediador 01 – O gente vocês falaram de uma série de lugares né vocês falaram do Malibu, de algumas praças de alguns campos de futebol, você falou

Participante 05 - Parque Ecológico também, Mangabeiras

Entrevistador/mediador 01 - Qual que é o critério que vocês usam para poder escolher ir para estes lugares?

Participante 02 - Pode falar? Ah tipo assim: Eu também gosto do parque ecológico quando eu fazia capoeira eu ia pra lá para aprender a fazer mortal pra jogar bola com os meninos, ah e lá a gente zuava a gente pulava, a gente pulava uns negócios lá tinha uns brinquedo lá, era mais para curtidão mesmo.

Participante 05 - A minha intenção

Nela - Sair da rotina

Barulho externo de carteiras

Participante 07 - É a desconcentração dos amigos, porque durante a semana de segunda a sexta é só encheção de saco no serviço, é cabeça quente, a gente vai para descontrair porque com meus amigos eu consigo me distrair,

Barulho externo de carteiras – Caralho!!

Participante 07 - com minha família também é impossível porque eles trabalham diariamente, aí mais só que o final de semana com os meus amigos é só para descontrair é um lazer pros amigos uma diversão entendeu? É lá eu consigo descontrair. Com isto se eu ficar dentro de casa parado eu fico de cabeça quente. Aí eu tenho que sair. Se não sair. Ir para Praça com os amigos. Igual sexta-feira geralmente todo mundo trabalha no sábado, aí sexta-feira a gente tem que sair, se não sair, no sábado é outro dia de encheção de saco. A gente vai para descontrair/divertir.

Entrevistador/mediador 01 - Mas porque que vocês escolhem por exemplo ir por exemplo na Praça do Cabral?

Entrevistador/mediador 02 - Por que lá?

Participante 02 - Lá tem uns campinhos bom para jogar bola

Participante 07 - Igual lá tem um campinho de areia a gente fica treinando bicicleta. Eu parei por causa do meu ombro

Todos - Risos

Participante 07 - Tem a parte de peteca. E tem uma outra parte do córrego lá que a gente fica pulando lá brincando, igual bobão se um cai cai no corego e fede. Bom a gente não tem como explicar por que a gente vai entendeu para descontrair para divertir durante a semana pressão pressão isso não é só comigo é com todo mundo aqui.

Participante 05 - Eu no meu caso eu gosto de ir no Parque Ecológico, Mangabeiras, porque eu gosto deste contato com a Natureza né? Então assim para treinar Taekwondo as vezes para ler um livro, eu gosto de ficar deitado assim conversando, jogando conversa fora eu gosto muito de fazer isto também né? Então é mais pelo contato pelo ambiente né. Igual eu não gosto muito de tumulto, eu tenho 23 anos e nunca frequentei boates nunca fui em boate, então eu sempre evitava muito assim lugares fechados essas coisas, prefiro mais locais abertos e ter mais contato com a natureza mesmo as vezes a gente vai numa sexta-feira a noite compra cinco pizzas e vai para praça né? Comer pizza na praça, então eu gosto destas coisas assim eu queria morar de frente para uma praça né comer pizza na praça, então eu gosto destas coisas assim, eu queria morar de frente para uma praça, né por que eu gosto desde contato mais com a natureza, então eu vou por causa da tranquilidade também que estes lugares tem.

Entrevistador/mediador 02 – Teve gente que falou de casa de amigo. Por que que você vai para casa de amigo? (Para Participante 03)

Participante 03 - Bom eu vou para casa dos meus amigos por que já é rotina sabe? As minhas amigas me liga “ah vão para casa de fulano” igual a gente vai muito na casa de um amigo meu que mora em Venda Nova, aí ele tem carro ele busca a gente vai para lá a rua dele é maior movimentada ele coloca som lá fora quem gosta de beber bebe. O critério que a gente usa é para sair de casa. Prá sair de casa. Quando a gente não quer sair para outros lugares sempre é a casa dos outros sempre é a casa dos outros eu vim só para almoçar pede bença a minha mãe e vai embora

Entrevistador/mediador 01 - Por que o Malibu?

Participante 02 - Ah vei é costume tipo assim quando abriu lá. Eu era dançarino entende? Eu dançava funk mas aconteceu uns problemas ai eu parei. Aí comecei lá cara gostei já era!

Todos - Risos

Participante 02 - Ai os amigos ia a gente encontrava todo mundo comprava Big Apple tudo, ficava

com a cabeça cheia de marimbondo

Todos - risos

Participante 02 - É uê! Chapado, todo mundo lá!! Todo domingo eu ia!! Agora o baile ficou maior chaime. Ficou maior ruim.

Som externo – Vagabundo!!

Entrevistador/mediador 02 – Que mais? Cinema citaram

Entrevistador/mediador 01 - Você falou que frequenta?

Participante 06 - Praças, shopping e cinema

Entrevistador/mediador 02 - Por que você vai no shopping?

Participante 06 - Ah porque é um lugar público mas tranquilo que não tem

Participante 04 - Quando os camarada não tentam suicídio né?

Todos - Risos

Entrevistador/mediador 01 - Suicídio?

Participante 01 – Outra coisa também, uns que fica segurando, oh véi teve um camarada lá que eu ia jogar ou vei eu vou falar com cê. Ele segurou sabe? aquela escada rolante? Ali no Shopping Cidade, perto do cinema ali, na hora que eu fui descer ali pá! Tranquilo! Tô descendo ai o cara segurou assim e a namorada dele na frente. Ficou lá segurando. E tá chegando a minha vez para mim sair assim para escada e ele tá lá segurando na hora que chegou minha vez a escada (gargalhada) eu voltava pra tras e tava chegando

Participante 07 - E tem outra coisa também. Foi mal zé te cortei

Todos - Risos

Participante 01 – Tá gravando ali (gargalhada)

Todos - Risos

Participante 01 – Então assim, como que fala aí? Esse é o hobbie bacana. Esses caras folgado (Gargalhada). Desculpa também ter te interrompido (rindo)

Participante 07 - Igual teve duas semanas atras tinha um parque lá dentro do shopping, que a gente frequentava muito, meus amigos, lá era para sentir adrenalina. Quem quer sentir adrenalina ia para lá. Um dois brinquedos que você sente adrenalina ou outros que é para você passar mal. Tem o twistter lá que se você ficar duas horas no twistter sai até seu rim para fora.

Todos - Risos

Participante 07 - Fervia só de jovem. Os que acompanhava mesmo era pai e mãe de algum filho.

Participante 02 - Pequeno

Participante 07 - Pequeninho mesmo!! Que andava naqueles aviãozinho.

Todos - Risos

Entrevistador/mediador 01 - Mas ai você estava falando que vai no shopping por? Você começou a falar?

Participante 06 - Ah sei lá! Cada um pensa de um jeito diferente. Eu penso que é mais tranquilo, é mais ou menos um centro dentro de um local só. Tem parque, tem loja, tem cinema. Cinema eu acho bacana por que? Em casa a gente vê numa televisãozinha lá no cinema a gente vê com muita gente plateia este negócio assim legal.

Participante 02 - Dá pra zoar

Entrevistador/mediador 01 **Você é daqueles que vai no cinema para ficar zoando a galera?**

Participante 07 - Só fica tacando copo de refrigerante nos outros

Participante 02 - Eu não sou muito de assistir filme não

Participante 03 - Não o Participante 02 no caso só vai para atrapalhar mesmo o outros assistir

Entrevistador/mediador 01 - E o parque ecológico que você vai para lá pra soltar papagaio (Para Participante 04)

Participante 04 - Bom demais dá um ventão você não tem noção.

Todos - Risos

Participante 04 - Nossa senhora lá é bom demais!

Participante 05 - Praça do Papa! Praça para soltar papagaio! Já fui muito lá quando tinha meus 12-14 anos ia muito para soltar papagaio praça do papa. Muito tempo

Participante 05 - Uns 10 anos quase!

Participante 01 - Nossa senhora, tá velho hein rapaz? (gargalhada)

Participante 05 - Falô novinho – risos

Participante 01 - Misericórdia

Todos - Risos

Entrevistador/mediador 01 - Mas aqui e quando tá fora da época de papagaio?

Participante 04 - Ai no vão para ficar escrevendo na árvore, leva um trem desde aqui poi lá bom lá e fica debaixo da arvore namorando

Participante 04 - De vez enquanto leva a galera leva uma bola e a gente fica brincado de

Participante 04 - Cada um fica chutando só com uma perna como é que fala?

Participante 05 - Embaixadinha, chutinho que eles falam

Participante 04 - Não que fica segurando a bola no alto? Se deixar a bola cair sai fora

Participante 02 - Queimada

Participante 07 - Controlim

Participante 04 - É controlim

Participante 02 - Chutando só de uma perna eu nunca vi não

Participante 07 - O cara joga futebol todo dia não e possível

Participante 07 - O cara joga bola todo dia não é possível

Participante 04 - É só na perna direita para ficar mais difícil

Entrevistador/mediador 02 - Mas você só vai lá ou tem algum outro lugar que você frequenta fora isto?

Participante 04 - Eu gosto de namorado, rua! Rua! Final de semana quando não tá muito cansado assim nem eu nem ele, a nós fica direto na rua. Tipo nois já acorda na rua, já vai dormir na rua, tem dia que a gente

Entrevistador/mediador 01 - Mas faz o que na rua?

Participante 04 - Ah fica a galera conversando. Eles fica bebendo lá na rua lá no Glória lá nos fica lá! Ai da sexta feira quando eu não vou na aula já vou para a casa dele vira a noite todo mundo bebendo, de dia também só quando dá 09:00 da manhã que a gente vai embora.

Entrevistador/mediador 01 - Qual rua do Glória lá?

Participante 04 - Damasco! Tem um grafite eu ali.

Entrevistador/mediador 01 - Esta rua é movimentada mesmo (rsrs)

Participante 02 - É mesmo

Entrevistador/mediador 02 - Fazer um estudo só lá na rua hein?

Entrevistador/mediador 01 - Risos

Entrevistador/mediador 01 – bacana! Então vamos lá. Olha só! Eu trouxe aqui, uns mapas, que são mapas (pausa e entrega dos mapas), na verdade é um mapa do centro de Belo Horizonte, e um guia turístico né. Esta parte central aí e parte que foi planejada para ser a cidade né. O que esta aí dentro tá ai dentro é a Avenida do Contorno e ai dentro tem vários equipamentos de lazer, né tem teatro, cinema, tem parque, tem museu tem shopping center, e aí eu fiz um recorte aqui de alguns lugares que são lugares públicos o parque Municipal o Palácio das Artes a praça sete a praça da Estação o viaduto santa Tereza. Deixa eu colocar ele aqui. (Mostrando Slides)

Sequencia dos Slides de estímulo Regional Centro-Sul: Centro Cultural da UFMG, Centro de Cultura de Belo Horizonte, Coreto do Parque Municipal Renné Gianetti, Praça da Estação/Museu de Artes e Ofícios, Grande Teatro do Palácio das Artes, Praça Sete de Setembro – Obelisco “Pirulto”, Praça Sete - Quarteirão fechado, Praça Diogo Vasconcelos - Savassi, Duelo de Mcs/Viaduto Santa Tereza

Participante 02 - O Viaduto Santa Tereza? E na onde tem o rap?

Participante 03 – É! Nossa! (Com cara de preguiça)

Entrevistador/mediador 01 - Tá vendo ó: Parque Municipal,

Entrevistador/mediador 02 34:11– Vocês estão vendo aí?

Participante 02 - Anram

Participante 01 - Eu ia muito lá!! Nossa!! Bacana!!

Participante 02 - Quando eu fazia Assprom, quando que eu fui lá para eles não me contratar

Participante 01 - Risos

Participante 02 – Cheguei lá muito cedo né? Ai eu sente lá no banco da praça e fiquei lá observando! Lá é calmo pra caramba.

Participante 03 - Eu já fui assaltada aí (Praça Sete)

Entrevistador/mediador 01 - **É você já foi assaltada aí?**

Participante 03 – Já! Eles levaram meu brinco.

Entrevistador/mediador 01 - Praça Sete?

Participante 03 – Só meu brinco que eles levaram!

Participante 01 - Nossa eu já fui muito nesta pracinha ali

Entrevistador/mediador 01 - Ali é na Savassi

Participante 05 - Savassi ali é muito bom na Cristovão Colombo ali

Participante 02 - Ah o Rap aí!

Participante 03 – Este aí é o Rap

Participante 02 - É o Rap!!

Participante 03 – Nossa este trem é horrível!

Participante 02 - Né não!

Participante 03 – É sim!

Participante 02 - Lá é bom só para escutar música!

Participante 01 - As vezes tem musica eletrônica ali também

Participante 04 - O Quarteirão Eletrônico né? Eu já ouvi falar

Participante 03 – É horrível!

Entrevistador/mediador 02: Por que? (Para Participante 03)

Participante 03 – Você vê menino de dez anos fumando maconha!

Participante 03 – É horrível

Participante 02 – Não! Cada passo que você dá você sente um cheiro diferente

Participante 03 – Nossa lá é horrível

Participante 02 - Você já foi lá?

Entrevistador/mediador 01 – Já!

Participante 02 – Lá cada passo que você dá, mas se você for para curtir é bom, se você for com alguém assim, que não fuma assim é bom.

Participante 03 – Não é horrível

Participante 02 – Porque é sério mesmo vão lá só para fumar

Entrevistador/mediador 01 - Então olha só **Praça da Estação, Palácio das Artes**

Participante 02 - Nunca fui no Palácio das Artes

Participante 04 - Eu também nunca fui

Participante 02 - Sempre passei lá e nunca fui

Participante 04 - Eu também nunca fui

Entrevistador/mediador 01 - Isto é lá dentro!

Participante 04 - Dentro do Palácio?

Entrevistador/mediador 01 - Dentro do Palácio das Artes!

Participante 02 - Tem que ir então muitas vezes. Nunca fui véi! Sério!

Participante 01 - O véi eu fui uma vez quando eu tinha oito anos de idade.

Participante 02 – Não, eu acho que já fui quando eu era do Augusta Medeiros. Sério mesmo!

Entrevistador/mediador 01 - A escola te levou lá?

Participante 02 – É. Mas eu não lembro nem como é que era lá.

Entrevistador/mediador 01 - Depois disto nunca mais?

Participante 02 – Nunca! Eu passo de ônibus assim eu fico olhando assim lá dentro. Nunca fui lá!!

Participante 07 - Eu acho que fui numa peça do Rei Leão

Participante 01 - Risos

Participante 02 - Eu fui vê sabe qual que era? O mágico de OZ!! Nosso oh (estalando os dedos) Sério! Tirei até aquelas fotos assim (rindo) oh! Cê lembra? De lembrança do Augusta Medeiros.

Entrevistador/mediador 01 - Então! Estes lugares todos estes lugares que passaram aqui vocês conhecem então?

Participante 04 – Anram

Entrevistador/mediador 01 - E vocês costuma ir? O grupo falou que não vai no Palácio né!

Participante 07 - Eu só não conhece um ali

Participante 02 - Nunca fui porque nunca tive a oportunidade

Voz não identificada - Nunca fui em nenhum ali

Participante 01 - Aquele Praça Sete ali Nossa!! Beber com a galera! uuuuu (risos)

Participante 04 – Foto! Foto! foto na hora

Participante 03 – Dentista! Nossa não guento este povo dentista.

Participante 02 - E a Muê do salão?

Participante 03 – Nó! Cortar e escovar salão

Participante 02 - Corte é cinco escova é dez salão

Participante 06 - É tem também

Participante 02 - Corte é cinco escova é dez, Salão. Tem uma muê que é assim!

Participante 04 - Nossa já andei demais debaixo dessa arvores aí

Participante 03 - Eu também

Participante 02 - Eu já fui neste Museu ai também!

Entrevistador/mediador 01 - Museu de Artes Ofícios

Participante 04 - Ah eu já fui Andrade Gutierrez né da empresa no caso

Participante 04 - Da empresa no Caso

Entrevistador/mediador 01 – Isto! É isto mesmo e o Museu de Artes e Ofícios

Entrevistador/mediador 01 - **Então cê falou que foi no Palácio das Artes quando você era pequeno, e depois nunca mais né? Mas Por que que você acha que (interrompido)**

Participante 02 - Nunca mais! Ah tipo assim: Eu não tenho tempo. Tipo assim eu não vejo reportagem para saber que vai ter peça assim, vê eu vejo, mas passa rápido amanhã eu já não lembro não procuro saber.

Participante 04 - E bom ir no teatro quando tem aquele festival né?

Participante 02 – É uê! Igual teve um. cê foi teve um na Praça Sete do Jazz. Eu fui fiquei sabendo passou na televisão um monte de negócio eu fui. Dei mole também não fui no da Ivete Sangalo

Entrevistador/mediador 01 37:47 - Cê foi?

Participante 02 - Não fui! Esqueci perdi!

Entrevistador/mediador 01 - Vocês ficaram sabendo desde?

Participante 04 e Participante 03 - Não

Participante 05 - Fiquei sabendo no dia mas eu não fui

Participante 02 - Eu fiquei sabendo sábado seis horas. E que horas que acabava? Seis horas.

Participante 04 - Gargalhada

Entrevistador/mediador 01 - Mas o que vocês acham desdes lugares

Participante 05 – Olha Palácio das Artes para mim, igual eu já fui em concerto lá, as vezes também é a questão financeira, igual as vezes igual quando tem esta questão de festival, tem teatro, amostra lá, é muito bacana! Mas as vezes cê também não tá com aquela (pausa) não tem o dinheiro né? Eu deixo de. Eu sou fascinado com estas coisas mas as vezes eu deixo de ir por causa de dinheiro, então.

Participante 03 - Pra mim tirando os Viaduto Santa Tereza e aquela Praça lá que roubaram o meu brinco tá tudo numa boa.

Participante 04 - Risos

Participante 05 – Mas é sempre teatro sempre que assim dá o pessoal “ah vão no teatro? Vão! Nos vamos reunimos a galera. Teatro concerto, concerto de musica Clássica as vezes tem no Parque Municipal né!

Participante 01 - Minas ao Luar

Participante 05 – Na Praça da Glória lá em contagem sempre tem algumas atrações Show de bola

Participante 02 - E a propaganda do Minas ao Luar taranran tantan taranran tantan

Entrevistador/mediador 01 - Esta Praça da Glória é onde?

Participante 05 – É lá no Eldorado! Do Lado do Big Shopping.

Participante 02 - Lá no Eldorado! Tem a cascata né?

Participante 05 – É

Participante 02 - Nó Lá é bom.

Participante 05 – Ai eu já fui vê Renato Teixeira lá, já teve Minas ao Luar eu já fui lá vê!

Entrevistador/mediador 01 - De graça?

Participante 05 - De graça!! Aí é muito bom. Dependendo da atração né, aí nestes casos sempre que tem condição eu vou neste lugares

Participante 07 - De lazer assim o último show de graça que eu fui um dia foi o no Skank. Eu fui um dia que teve do lado do Parque Guanabara.

Entrevistador/mediador 01 - Do lado do Parque Guanabaraaaa?

Participante 07 - É que tem até uma pracinha lá

Entrevistador/mediador 01 - Sei sei em frente a Igrejinha.

Participante 07 - Isso

Som Externo - Barulho de carteira sendo jogada

Participante 07 - É como se fosse a Praça do Redondo só não tem o Campo de futebol e as Quadras, mas tem lugar de academia para exercitar lá fui lá no show do Skank, o único show de graça, por cê ter ideia na rua cê entrava já podia ver o show, o segurança, os únicos segurança que tinham lá era os a paisana para evitar droga para evitar briga. Agora cê passava de carro parava o carro cê já tava no show.

Participante 04 - Ah por falar neste negócio aí eu lembro de uma vez neste mesmo lugar, tem uma cara também que aconteceu, foi aquele trem que foi o pessoal da Disney lembra?

Participante 03 - Parada Disney

Entrevistador/mediador 01 - Parada Disney!

Participante 02 – Parada Disney

Não identificado - Nunca vi!!

Participante 02 - Nossa você não viu não? Noossa não dava para cê dá um passo assim ó! Nossa muito cheio

Participante 04 – É! É eu fui neste trem!

Participante 04 - Meu Namorado pois dentro dos banheiros químicos

Participante 02 - E os menininho ueueueuu (gruidos - imitando as crianças gritando) gritanto

Todos - Risos

Participante 02 - serio vei!

Participante 04 - Não Você conseguiu ver alguma coisa?

Participante 02 - Não! eu não conseguir ver nada não só via a metade da cabeça deles assim ó passando Pluto Mickey e os minininho gritando parecendo gente grande querendo sair da cadeira assim já viu? É uê!! Nossa tava cheio demais! Os caras que fossem de carro tomava prejuízo, nó lotado!! lotado

Participante 01 - Que isso!

Participante 02 - Nossa tava cheio demais vei!!

Entrevistador/mediador 01 - Você quer comentar desde lugar ai cê não falou nada (Para Participante 06)

Participante 06 - Não não

Participante 04 - E eu já entrei muito ai!

Entrevistador/mediador 02 – Quem mais?

Entrevistador/mediador 01- Então você já brincô ali nas fontes ali dá

Participante 04 - i fí direto!! Eu tenho vontade de ir na Praia alguma coisa.

Participante 03 - Eu já molhei de mais neste trem aí!! Tá doido!

Participante 04 – Um evento se não me engano não sei o que Praia,

Entrevistador/mediador 01 - Praia da Estação

Participante 04 - Eu tenho vontade de ir mas eu nunca sei os dias

Entrevistador/mediador 01 – É mesmo?

Participante 02 - Eu também eu fiquei sabendo disto agora.

Participante 04 – Não! Eu já fiquei sabendo

Entrevistador/mediador 01 – Tem a Praia da Estação e Praia da Savassi

Participante 04 - É eu já fiquei sabendo, só que tipo assim, depois passa. Nó cê viu? aquele trem que teve lá. (Revoltada) Eu não vejo divulgando! Por que se eu soubesse eu ia na tora fi!

Participante 01 – Aquele Negócio de Quadrilha também

Entrevistador/mediador 01 – Arraial de Belô!

Participante 01 - É lá. bacana

Entrevistador/mediador 01 – O Arraial de Belô

Participante 01 – Não na Serralheria Souza Pinto, Show de bola

Entrevistador/mediador 01 – F.I.Q.?

Participante 04 - Foi aquele camarada que o sonho dele era fazer aquele negócio do graffite e logo depois disto ele morreu.

Entrevistador/mediador 01 – A sei a Bienal do Grafitti! Eu fui nesta última Bienal que teve.

Participante 04- Nossa chique demais

Entrevistador/mediador 02 – Que mais desde lugares aí que vocês frequentam ou não frequentam cê frequentam todos?

Participante 01 – O único que eu quero, que vou frequentar é aí. Tenho que ir neste negócio aí.

Participante 02 – É! Eu também!

Entrevistador/mediador 01 – O Palácio das Artes

Participante 01 - Achei até interessante. Porque eu não tava muito afim não. Achei meio assim parecendo um hospital rapaz

Todos - Risos

Participante 01 - Eu tenho um medo de hospital e cês nem sabem como. Mas é o seguinte eu vou ter que ir neste negócio. Agora a Praça Sete ali aquele ali tem história!! Quando eu ia com a galera para negócio de rock in roll né!

Entrevistador/mediador 01 - Galeria do Rock

Participante 01 - E tipo assim e ficar bebendo ai. Beber né. Nossa senhora!!

Todos - Risos

Participante 01 - Entendeu? Então tipo assim foi bacana. Muito bom mesmo mas agora não tem jeito né. Mas na época era assim, juntava a galera assim vamos lá pro a gente ia para um show assim mas na época era assim e na hora que acabava o show ia lá beber. Ficava lá um tanto de bocozim sentadim chapando Graças a Deus!

Participante 04 - Só no vinho

Participante 06 - Xadrez. Xadrez tinha lá! Ali oh ali tinha xadrez

Entrevistador/mediador 01 - A Galeria do Rock

Entrevistador/mediador 02 – E estes que você nunca foi? Por que que você nunca foi?

Participante 01 - Dinheiro também. Dinheiro e um pouco falta tipo assim empolgação Vão lá Participante 01?

Entrevistador/mediador 01 – Vão pegar mais uma sessão aqui ó, aqui mais perto da gente aqui ó, eu vou passa outros lugares eu vou passar outros lugares aqui para ver se fosses conhecem

Participante 02 - Eu vi um campo ali que eu acho que conhece ele de cara

Participante 05 - Este Parque Ecológico Maria do Socorro é onde?

Participante 01 - É aqui não!

Entrevistador/mediador 01 - Este parque ecológico cê onde ali você sabe onde é o Aeroporto Carlos Prates?

Participante 05 - Ah tá Lá em cima tem o Campão o Campo de Futebol

Participante 02 – Meu primo já foi ai já porque ele gosta de andar de skate

Participante 07 - Meu colega me empurrou dali

Entrevistador/mediador 01 - Esta é umas melhores pistas da cidade. Tá abandonadassa!!

Participante 02 - Tá mesmo!

Entrevistador/mediador 01 - Você já soltou papagaio ali?

Participante 04 - Não

Participante 07 - Aquele predinho ali todo mundo conhece o lá

Entrevistador/mediador 01 - Como que é?

Participante 07 - Aquele prédio lá ó! É o maior aqui de Belo Horizonte todo mundo ver ele. É tem a Praça do Rei. A Praça do Rei!! Campo do Rei

Participante 02 - Campo do quê?

Participante 07 - Campo do Rei

Participante 01 - Este é o campo da Viação? Não né?

Participante 07 - É

Participante 01 - É então este aí e já joguei bola também nossa senhora

Entrevistador/mediador 02 44:58 - E esta quadra? Quem vai lá?

Entrevistador/mediador 01 45:02 – Já jogou nesta quadra também? Mas você joga lá direto?

Participante 07 - É porque tem uns amigos meus que é skatista. Aí eles vão andar de skate eu fico jogando bola com os menino que tem lá. Eu não sei andar de skate não.

Entrevistador/mediador 01 - Mas você vai lá direto? Você ainda vai lá direto?

Participante 07 - Não eu ia muito!! Todo final de semana eu ia, agora eu parei.

Entrevistador/mediador 01 - Mas por que você parou de ir lá?

Participante 07 - Porque agora eu estou frequentando o lá de Contagem.

Entrevistador/mediador 01 - Mas por que vocês trocaram esta pela de contagem?

Participante 07 - É por que os menino que frequenta muito me distanciei deles por eles começaram a usar coisa errada

Participante 04 - Por causa do seu ombro né?

Todos - Risos

Participante 07 - Depois que o menino me empurrou eu tenho medo dele me empurrar de novo e machucar meu ombro.

Participante 07 - Foi por causa disto mesmo por que uns amigos meus que começou a usar coisa errada

Entrevistador/mediador 01 - O que errado Droga?

Participante 07 - Droga e beber demais, colega meu quase deu como alcoólico nele porque ele ficou bebendo a tarde inteira no sol quente. Ai eu distanciei deles e fui para outro lugar.

Participante 02 - Uso de Entorpecentes (rindo)

Entrevistador/mediador 01 - Entendi

Entrevistador/mediador 02 - Só o Participante 07 que frequentou esta quadra?

Participante 01 - Nó isto aí era meu ninho era ali

Entrevistador/mediador 01 - É mesmo você mora aonde?

Participante 01 - Eu moro ali no Jardim Alvorada

Entrevistador/mediador 01 - Ah é pertim

Participante 01 - Eu jogava ali oh um tempão, quando o Edilson, tinha como é que fala, o Edilson o Rei nossa senhora

Entrevistador/mediador 01 - E não joga mais?

Participante 01 – Ah parei porque as pernas atrofiou tudo, a coluna dói, e agora não tem nem jeito não.

Participante 07 - O Afonso

Entrevistador/mediador 01 – Você mora lá também né?

Participante 03 - Eu Moro, onde você mora no Jardim Alvorada? Na Flor de que?

Participante 01 – Na Frei Werneck

Participante 03 - Ele mora perto da minha casa.

Entrevistador/mediador 01 - E você já foi neste parque?

Participante 03 - Não!!

Participante 02 - Eu já fui aí uma vez quando eu era de colo ainda. Quando meu pai jogava bola.

Todos - Risos

Participante 02 - É sério mesmo!! Tem até uma foto.

Todos - Risos

Participante 02 - Quando meu pai, tem até uma foto

Participante 02 - Meu pai jogava no ferroviário ai tinha uns campeonato lá ali ele já me levava eu lembro só tipo de foto mesmo

Entrevistador/mediador 02 - E porque vocês não vão mais?

Participante 02 - Eu não vou porque (pausa). lembrei de hoje (rindo)

Todos - Risos

Entrevistador/mediador 02 - E as meninas por que que não frequentam?

Participante 04 - Eu eu também nem sabia.

Participante 03 – Eu nem sabia

Som Externo - Sinal da Escola

Participante 02 - Eu acho que é mais para homem assim porque te campo assim. A lá parecendo as favelinhas do Rio de Janeiro.

Participante 02 - Ai eu já fui Padre Eustáquio

Entrevistador/mediador 01 - Centro Cultural Padre Eustáquio

Participante 02 - Eu passo aí todo dia. Tem que passar aí

Participante 07 - Lá tras tem uma quadra

Entrevistador/mediador 01 - Lá tras tem uma quadra

Entrevistador/mediador 01 - Aqui é o Centro Cultural Padre Eustáquio

Participante 02 - Sábado agora eu tenho que ir aí

Entrevistador/mediador 01 - É o que que tem lá?

Participante 02 - Um colega meu ele vai dá aula aí agora, eu vou dar uma força para ele lá. Foi assim: Ele tava com um menino que mexeu com coisa errada, ai levou ele também, ai ele tem que pagar tantas horas. Ai ele pegou este espaço aí, e vai dá tipo aula de funk eu vou lá com ele.

Entrevistador/mediador 01 - Isto é sábado de manhã?

Participante 02 - An Sábado de manhã oito horas da manhã até meio dia

Entrevistador/mediador 01 - Vocês já foram em alguma coisa neste espaço aí?

Participante 03 - Já

Participante 01 - Nunca ouvi falar

Participante 05 - No Máximo na feirinha

Participante 02 - Eu já passei ai também ó! Eu vejo uns meninos com kimono de taekwondo faz ai só que eu nunca vi eles treinando.

Participante 07 - Na feirinha com sete anos de idade eu ia lá para ficar roubando uva.

Participante 03 - Nossa!

Entrevistador/mediador 01 – Vocês sabem que lá tem a feira né? E o Centro Cultural Padre Eustáquio né? O Centro Cultura tem lá um telecentro, uma biblioteca tem show de vez em quando

Participante 05 - Eu não sabia desde espaço não

Entrevistador/mediador 02 – Ninguém foi neste espaço aí?

Participante 02 - Eu já! Prá entrar assim eu vou ir sábado. Por que não sei onde fica a sala de espelho até hoje ai dentro mas só que todo vez que eu passo ai vejo os menino de kimono saindo

Entrevistador/mediador 01 - Isto aqui é o espaço que tem lá para show

Participante 02 - Não este aí dá para ver da rua. Esta parte da rua dá para ver.

Entrevistador/mediador 01 - Neste dia tava endo uma roda de forro lá

Participante 05 - Ali é um espaço enorme

Participante 02 - Só para lembrar gente hoje é aniversário do Luis Gonzaga

Todos - Risos

Participante 02 - Eu vi no google (risos)

Entrevistador/mediador 01 - Beleza olha só, vou colocar uma outra sessão aqui ó!

Participante 03 - Eu já fui em um tanto, eu trabalhava como promotora de vendas, eu fazia muito Apoio e Super Nosso. Eu já fui num tanto de bairro assim que tem umas praça bonita, igual quando eu ia para Lagoa Santa eu passava pela cidade administrativa. Bairro Floramar, Gutierrez, tudo tem umas praça assim bonitinha

Participante 02 - Cidade administrativa todo domingo eu passava lá, eu via os caras lá trabalhando, só as máquinas gigante sério ainda não tinha construído nada.

Entrevistador/mediador 01 - E esse aqui oh?

Participante 05 - Nóóóó

Participante 02 - xeu eu vê? Ah é o Zoológico uê!

Participante 05 - Este é bom demais

Participante 01 - Esse aí eu já fui Nossa senhora

Participante 02 – Ah não este aí eu ia toda terça-feira

Entrevistador/mediador 01 - Toda terça-feira por que?

Participante 02 - Porque era de graça (rindo)

Todos - Risos

Participante 02 - Matava aula aqui de manhã eu ia

Participante 07 - Conheço os animais tudo que tem lá

Participante 02 - Não só falta eles me cumprimentar sério! Fata só eles me cumprimentar de tanto que eu vou lá

Participante 03 - retardado (rindo)

Entrevistador/mediador 01 - Quem aqui nunca foi no zoológico?

Participante 03 - Ninguém (risos)

Participante 02 - Não tem como não vei. Não te como não vei!! O Zoológico ali ó é pertim!!

Entrevistador/mediador 01 - E este outro centro cultural aqui?

Participante 02 - É antes do Zoológico. Eu já fui ali jogar xadrez. Com os velinhos que tinha aí. Tem uma biblioteca aí dentro.

Entrevistador/mediador 01 - E este outro centro cultural aqui?

Participante 03 - Este ai eu nunca fui

Participante 02 - Cê nunca foi não?

Participante 02 - É caminho do Zoológico

Participante 07 - É na travessia do serrano para o

Participante 03 - Cê eu fui eu não lembro

Entrevistador/mediador 01 – Caminho do Zoológico no Urca

Participante 02 - Cê pega a Avenida Serrano assim ó cê sobe e desce ela aí chega rapidão

Participante 07 - Fica na esquina assim tem um sacolão em frente assim, a lá tá vendo?

Entrevistador/mediador 01 – Lembrou? Não? Conhece ninguém que foi lá também?

Participante 02 - Não eu nunca fui na biblioteca mas eu sempre, já joguei xadrez com os velhinhos que tinha aí

Participante 01 - Risos

Participante 02 – É! É até legal!

Entrevistador/mediador 01 - Lá mesmo?

Participante 07 - Ela tá abandonado não tá?

Entrevistador/mediador 01 - Não ele funciona. Parece que esta abandonado

Participante 02 - É os vidros mesmo

Participante 04 - É por que não tem quadra né? Ai cê não sabe não tem campo né

Participante 02 - Este aí é perto da nossa casa se você for olhar

Entrevistador/mediador 01 – E este aqui? (Slide Parque Ecológico Pampulha)

Participante 05 - Este aí é todo domingo praticamente

Participante 02 - Este ai eu ando um quilometro eu chego aí, só pegar a Atlântica

Participante 05 - Já teve época ô Entrevistador/mediador 01

Todos - É isso mesmo

Participante 02 – Ah Não este papagaio deles é ruim você tem que fazer

Participante 05 - Uma hora de caminhada do bairro até lá treinava o dia inteiro jogava bola ainda e voltava a pé.

Entrevistador/mediador 01 - Do parque ecológico?

Participante 05 - É do Parque Ecológico

Participante 04 – Uma vez que eu fui neste parque ecológico aí tem muitos anos se eu não engano foi em 2008, no começo daquele negócio dos chinês lá em em baixo que construiu

Entrevistador/mediador 01- Jardim Japonês? No Zoológico né?

Participante 04 – Não aí

Participante 03 - É aí

Participante 05 - Memorial Japonês

Participante 02 - Nó lá é chique demais. Cê já foi lá?

Participante 05 - Eu nunca entrei naquela sala lá

Participante 02 - Nossa é uma sala vermelha tipo com umas almofadas redondas cê deita lá caladim. Caladim assim ó. O vei! Nó eu dormi lá a mulher “pode ir embora”. Nossa lá é bom demais sério.

Participante 04 – Tinha um pessoal lá chines/japonês se não me engano sei lá Ensinando a fazer umas paradinhas lá. Nó foi chique demais

Entrevistador/mediador 01 - Origami

Participante 05 - De vez em quando tem até umas atrações gratuitas lá!

Entrevistador/mediador 01 - Sim

Entrevistador/mediador 01 – Este dias teve Galpão lá né?

Entrevistador/mediador 01 – Aula de batuque?

Participante 05 - Aquele cara com um máquina lá oh, aquele que ele dança em cima de uma máquina. Uma retroescavadeira.

Entrevistador/mediador 01 - Ah sei ah é teve lá?

Participante 05 - Teve lá também

Entrevistador/mediador 01 - Nem fiquei sabendo

Participante 07 - Nunca aconteceu um evento de show ali não já?

Participante 02 – Já

Entrevistador/mediador 01 – Show?

Participante 02 - Show não!

Participante 01 - Dasquelas pessoas irem lá cantar assim. Aí era um campo oh ali onde tem aquele negócio eu já joguei muita bola aí antes tinha dois campos assim na época eu ia com meu pai jogar com os caras

Participante 02 - Meu pai também

Participante 02 - Ali ó tinha um campo ali perto da Kolping. Onde é a Kolping era um campo cê lembra?

Entrevistador/mediador 01 - Este aqui – (Slide Parque Vencesli Firmino)

Participante 05 - Já fui para treinar jogar conversa fora.

Participante 05 - Este aí o Vencesli Firmino aqui do lado

Participante 03 - Esse é ali no Frei Orlando

Participante 01 - Aí era um campo na época. Era um campo.

Participante 02 - A maioria tudo era campo

Participante 01 - Mas era bacana. Eu joguei muito neste campo quando eu era pequeno

Entrevistador/mediador 01 – Mas quantos anos seu namorado tem?

Participante 04 - 21

Entrevistador/mediador 01 – 21! Anram.

Participante 04 - Ai da idade ele não vai mais não

Entrevistador/mediador 01 – Ninguém joga bola mais?

Participante 04 – É Ai vai só os moleque pequeno.

Participante 02 - Ali também que eles estão fazendo tipo um parque ecológico. Ali onde é que era o campo da Mate Couro.

Participante 02 - Eles estão fazendo tipo um Parque Ecológico uma pracinha. Eles estão fazendo ali lá era um campo

Participante 04 - É vei ali não vai fazer nem fudendo?

Participante 06 - Parô

Entrevistador/mediador 01 – Uma Área de Esporte e Lazer! Uma Área de Esporte e Lazer!

Participante 05 - Tem uma no Dom Bosco mas eu nunca fui

Participante 02 - Nó a do Dom Bosco que já fui. Eu já fui. Um negócio todo vermelho né?

Entrevistador/mediador 01 – Nunca foi no Dom Bosco não?

Participante 07 - Eu moro do lado e nunca fui

Participante 02 - Cê nunca foi lá não?

Entrevistador/mediador 01 – Nunca foi lá? Lá você pode jogar bola de graça lá

Participante 01 - Por causa do Ombro né Participante 07

Todos - Risos

Participante 07 - Nunca entrei lá - A única quadra que eu joguei ali foi aquela atrás da igreja de taco.

Entrevistador/mediador 01 - Isto tudo é lá no Vencesli Firmino

Entrevistador/mediador 01 - E este aqui? (Slide Parque Ursulina de Andrade Melo – Parquinho da Mata)

Participante 05 - Parquinho da Mata

Participante 07 – aaaaaaaah

Participante 04 - Nóóóóóóóóóó

Participante 01 - Parquinho da Mata este ai todo mundo tem história aí quem não tem história aí?

Participante 01 - Nó todo mundo tem história

Participante 04 – Quando eu era do Marlene de tarde a gente ia para lá comprava um mocado de Chipão, Coca Cola e ficava sentado

Participante 07 - Aquele ali é o patinho que me atacou

Todos – Risos

Participante 02 - Ai cê caiu e machucou o ombro né?

Participante 04 - O veí eu lembro que antigamente, antigamente eu era pequenininha veí, eu lembro tem muitos anos minha mãe me levou aí, o pessoal nadava dentro desde trem veí, era limpo! Eu era muito pequena. Era limpo! Eu lembro que cheguei lá entrei dentro desta água aí era tipo limpo veí

Entrevistador/mediador 01 – E depois que você cresceu você não foi lá mais?

Participante 04 - Ah tem muitos anos que eu não vou lá mais

Participante 02 - Agora ai tá igual rua São Paulo uê, cheio de puteiro

Participante 01 - É uê

Participante 07 - Ficou perigoso

Participante 04 - Eu lembro que eu fui lá uma vez, tem muito tempo também eu era mais velha, foi eu meu primo, mais meus dois priminhos, nos juntou, fui dormir na casa da minha tia, por causa dos priminhos, meus priminhos tipo cinco seis anos assim, falou assim ai meu primo deu ideia “vamo lá para o Parque da Mata cata lixo lá?” Aí nos foi entrou prá dentro e começou a catar lixo, todos os lixo que tinha lá nos catava colocava dentro da sacola

Participante 02 - Só acha camisinha lá agora!

Participante 03 - É

Participante 02 - Agora só tem isso!!

Participante 04 - Foi a última vez que eu fui separar lixo lá eu meu primo mais velho e meus dois primim

Participante 02 - A última vez que eu fui ai eu acho que eu quase fiquei perdido ai dentro veí

Entrevistador/mediador 01 – É grande demais!

Participante 04 – Fica!!

Participante 02 – Não mas só que eu dei mole mesmo não tem. Tipo assim do lado de cá, tem a passagem assim, eu entrei dei umas voltinhas já não sabia mais onde que eu tava não, eu e um amigo meu, aí nos viu uns caras la fumando lá o zé onde que é a saída aí? Não é só você continua aí.

Entrevistador/mediador – Ele é muito grande

Participante 02 - Não e assim você anda a cada cinco metros é um papelzinho de camisinha.

Participante 01 - Isso é mesmo!! Tem uma parte lá assim que é vago assim ai você ó vai passando assim, tem uma parte vaga assim Ou! O que você encontra de camisinha lá assim jogado assim é brincadeira.

Participante 07 - Lá ficou uma área perigosa

Participante 02 - Do lado de lá também oh, tinha uma passagem assim que dava para você seguir até a viradinha depois parava, lá já tampou tudo cê viu?

Participante 07 - Estes tempos para trás aconteceu um assalto na Abílio Machado e parece que o pessoal foram tudo procurar lá. A polícia tava tudo lá O helicóptero em cima um monte de polícia ao redor dele procurando as pessoas lá. Lá ficou um lugar perigoso cê vê igual muita gente aqui já não vai lá

Participante 05 - Eu fui lá uma vez para nunca mais

Participante 02 - Eu parei de ir lá. Minha mãe mesmo fala “ não não vai lá não” Meu trabalhava lá perto a gente ficava lá, já nem

Participante 01 - Eu tenho uma história aí gente mas é muito engraçada

Todos Risos

Participante 01 - quando eu tinha meus doze anos, nossa senhora, brincando lá no naquele cangorreita ai uma menina lá de uns seis falou folgadaaaa pra caramba. Falou assim “o menino este aqui não é brinquedo para você ficar brincando não”. Falei assim, uai aqui é publico vamo continua brincando ela tinha um jeito lá que ia lá no altão, descia era chique pra caramba eu fiquei tentando ai teve uma hora lá

Participante 01 - Na hora que fui dá aquele impulso para ela subir na hora que fui dá quele impulso o burrão aqui

Participante 01 - A menina assim de seis anos “é bem feito seu otário”

Todos - Risos

Participante 01 - Eu olhei para ela assim rapaz.

Participante 01 - Quem não tem história neste negócio aí?

Participante 03 - Eu já matei muita aula aí na 5ª série

Participante 07 - Foi este patinho mesmo que me atacou.

Todos - Risos e gargalhadas

Participante 07 - Ele saiu correndo atras de mim este patinho sô sério. Na época que eu fui lá ele tinha um filhotinho sô! Ai eu fui brincar com o filhotinho

Participante 04 - Eu acho que aí dentro tinha que ser mais iluminado a noite

Entrevistador/mediador 01 Mais Iluminado?

Participante 02 - Não mas depois que concertou aí ele ficou até bonitinho eu só não vou lá mais

Namorada Participante 02 Este parque é perto da minha casa

Entrevistador/mediador 01 - Ele é muito grande né

Participante 03 - Mal aproveitado

Participante 02 - Eles tinham colocado uma casinha como é que fala, de folha aí

Participante 02 - Não eu fui ai com o Augusta Medeiros também nos dava até pão de queijo para os miquinhos que ficava aí

Entrevistador/mediador 01 – O gente então. Ai eu trouxe aqui também. A gente começou a falar de alguns eventos. Vocês querem falar mais sobre estes lugares, que a gente viu aqui? Tem coisa da infância né achei legal. Eu trouxe aqui material de divulgação de eventos que aconteceram ao longo desde ano né? A maioria de graça!! Então por exemplo aqui ó, eu queria passar para vocês para saber se vocês ficaram sabendo, Festival Internacional de Dança, esta batalha aqui que teve de hip hop.

Participante 02 - Eu fiquei sabendo só que o meu pai não deixou eu ir!!

Participante 04 – Ah eu também fiquei sabendo!

Entrevistador/mediador 01 - Vê aí o que que cês

Entrevistador/mediador 02 – Quais que cês ficaram sabendo? Por que não foi.

Participante 04 - Eu fiquei sabendo por alto

Entrevistador/mediador 01 - Que pegar ai jovem? Aqui oh!

Participante 02 - Nossa vei eu não fui zé!

Participante 03 - Deixa eu ver esse aí

Participante 02 - Meu pai não deixou eu ir neste aí

Entrevistador/mediador 01 – Em qual?

Participante 02 - Neste do hip hop aí

Entrevistador/mediador 01 - É Por que?

Participante 02 - Não deixou assim, porque, como e que fala, até no começo do ano, ele era muito protetor. Aí ele não pode ir eu não pude ir também não.

Participante 01 – Ah não este aqui do GVT todo mundo sabia.

Participante 05 - Eu sabia não

Participante 01 – Do GVT falou até na televisão!

Participante 05 - Eu não vejo Televisão! Só vejo televisão de vez em quando. Já fiquei uma semana sem ligar a televisão.

Participante 02 - Meu pai não deixa eu ir porque não podia porque ele tava trabalhando. E até no começo do ano ele não me deixava sair sozinho.

Entrevistador/mediador 01 - E mesmo?

Participante 02 - Sair sozinho assim pra lugar, centro da cidade de noite ele não deixava. Ai não deu para mim ir

Som Externo - Sinal da Escola

Entrevistador/mediador 01 - E aí vocês ficaram sabendo desde eventos?

Participante 01 - Não. Agora este da Ivete eu fiquei sabendo!

Participante 02 - Não da Ivete eu fiquei sabendo no Sábado que parou de vender os ingresso.

Participante 05 - O F.I.T.

Entrevistador/mediador 01 - O F.I.T. vocês ficaram sabendo?

Participante 05 - O F.I.T. eu fiquei sabendo, o FETO também, a Lua Branca.

Entrevistador/mediador 01 - E você foi?

Participante 05 - Não eu não fui porque, aquela questão também de não ter companhia, e as vezes eu preferir fazer algo, tipo na casa de alguém ou outra coisa com os amigos que ir lá. Mas geralmente quando o pessoal anima mesmo né! Assim nunca tomei coragem de ir sozinho, ah ninguém tá animado eu vou sozinho.

Participante 02 - Eu também não! É muito difícil!

Participante 03 - Pega este de hip hop aí para mim

Participante 06 - E acho que é mais por causa de companhia. Eu acho!

Participante 05 - Companhia também influência!

Participante 02 – É Cê tem alguém para ir conversando. Até para você ir, tipo assim, numa feirinha assim.

Entrevistador/mediador 01 1:– Este F.I.T. por exemplo teve uma peça dele que foi no Parque Ecológico vocês ficaram sabendo? Do FIT?

Participante 05 – Não. No caso no Parque Ecológico eu fiquei sabendo não

Entrevistador/mediador 01 – Teve uma peça do galpão que foi no Parque Ecológico

Participante 02 - Galpão eu conheço! Galpão de teatro né?

Entrevistador/mediador 01 – Isso!

Participante 02 - Hum Teatro! Minha irmão já fez

Entrevistador/mediador 01 – Mas vocês costumam ir neste tipo de evento. Neste eventos que são gratuitos?

Participante 03 - Não. Não.

Entrevistador/mediador 01 - Não Por que?

Participante 03 - É Por que eu nunca fico sabendo de nada

Entrevistador/mediador 01 - Nunca fica sabendo?

Participante 02 - Eu sou fascinado mas nunca dá. Tipo assim eu vou. Ai aparece um negocio assim Meu negocio é este eu marco uma coisa em cima da outra A maioria deve é por causa de cia

Participante 04 - O gente eu vou ter que dar licença aqui por que é aula de história. Vou lá mostra o Caderno daqui a pouco eu volto aqui.

Entrevistador/mediador 01 – Tá! Companhia?

Participante 05 - Divulgação assim no caso igual eu não sabia este da Ivete, eu chego em casa, quando eu chego cedo, minha mãe tá assistindo novela, aí eu vô tomo um banho e vou para o meu quarto vou lê, né então aí as vezes quando ela esta assistindo filme eu fico na sala assistindo filme com ela. Né então, é muita divulgação igual na Internet eu tô evitando muito a internet mas as vezes pela internet cê consegue ficar sabendo também, pela divulgação do Facebook, algumas coisas assim, mas é mais comunicação mesmo, o pessoal vão? Vão! As vezes vai todo mundo de ônibus ou de carro né? Então é bacana.

Participante 07 - Este show da Ivete Sangalo eu fui saber por que quando eu tava voltando do serviço tinha a fila, aí eu pensei alto eu falei “nó o que é este tanto de fila” é o show da Ivete Sangalo. Oh nem tô sabendo disto. Pensei que tava tendo alguma oferta promoção sei um negócio assim.

Entrevistador/mediador 01 – Este catalogo aqui vocês conhecem ele Programa BH?

Todos - Não!

Entrevistador/mediador 01 – Nunca viram? Este é um catálogo da Fundação Municipal de Cultura e dentro dele só tem as coisas que acontecem de graça, em todos os centros culturais da cidade oficinas

Participante 02 - Também teve um negócio do U.F.C. lá na Praça da Estação você Fiquei sabendo?

Entrevistador/mediador 01 - Fiquei sabendo.

Participante 06 – U.F.C. passou na televisão

Participante 02 - Eu tava passando assim, indo para a Assprom. Eu vejo lá eles montando um negócio. Na hora que eu volto da Assprom eu desço do ônibus os caras lá lutando, é treinando, nó e lotado!! Dava para cê tirar foto, cê entrava lá dentro assim via os caras, nó tipo assim eu fiquei sabendo na hora, porque se eles falassem assim eu nem ia não.

Entrevistador/mediador 02 - Mas por que vocês acham que não ficam sabendo das coisas?

Participante 02 - Eu sou muito voado das coisas entende? As vezes eu até fico sabendo, mas igual falei aparece outras coisas assim eu já esqueço na hora eu marco no mesmo dia em cima, no mesmo dia em cima do negócio.

Entrevistador/mediador 02 - Que tipo de coisa?

Participante 02 - Tipo assim eles me chamam “ah zé vai sair vão sair! Vão para o Juvenas!! Vão para Malibu” mas só que agora eu parei

Participante 06 - O que for menos cultural vamos dizer assim. Cultural mesmo ninguém que eu conheço vai.

Participante 03 - É eu também não!!

Participante 06 - Eu acho que é isto

Entrevistador/mediador 01 - Mas por que você acha que a galera não vai?

Participante 06 - Por que não é muito cultural E uma coisa do dia a dia que muita gente vai. Festa? Se você falar festa e teatro o pessoal vai para festa.

Participante 05 - E a questão da preferência as vezes a pessoa deixa de ir

Participante 07 - Não tem interesse de ir conhecer

Participante 02 - Eu também tenho amigos que, igual meu primo, se eu falar assim. O Zé vão ali! “Ah não zé, não dá não!” Se eu falar assim quarta-feira pra ele “Ah não zé, não dá não tem que ir prá Malibu”. Meu primo é! Ou é Malibu ou casa de show qualquer uma, qualquer uma que cê pensar ele vai! Aí se chama ele para ir, tipo assim ah não zé vai ter um negócio de graça ali, “não zé vou sair, vou prá festa vou para negócio! Aí desanima ir sozinho? Tem que ir pelo menos alguém conversando

Participante 01 – Mas é que nem eu falo eu igual eu falo, desculpa de interromper rapidinho, é que nem eu falo eu sou assim meio decidido. Vão Paulo? Vão ali? A Participante 01 eu não ou não! Aí eu vou olho penso se é bacana, será que é um lugar assim que eu posso, por que as vezes com turma ajuda, qualquer coisa tipo briga, não vamos para festa assim para brigar, mas tipo assim, para evitar certas coisas, aí ajuda. Mas aquele negócio ah cê não vai não? Vai ter briga? Vai ter isso? será que é um lugar bacana? Por que hoje em dia também coisas de graça as pessoas (pausa) vão colocar assim, em vez de aproveitar uma coisa bacana, que é uma coisa para ajudar, porque que eles vão lá? Vai fumar umas macoinha, vai vender as drogas, vai começar a brigar, porque ou! O que teve aqui no Jardim Alvorada ali festas públicas e que terminou em mortes, que terminou em briga, então, o que que o jovem vai fazer lá? Então um lugar que é restrito, tem um pouco, que dizer, não é que é segurança total, mas pouco mais de segurança, por isto que o jovem vai pra isto. Não tem jeito.

Participante 02 - Invés de ir para curti eles vão para fazer outras coisa

Participante 07 - Nem coisa de graça nem coisa paga Qualquer lugar que você vai tem perigo, de acontecer micareta

Participante 06 – Eu acho assim, por exemplo igual na Praça da Estação tem muitos eventos de graça, só que o pessoal fica assim “ah vai descer as favelas”

Participante 05 – Aquele certo pré-conceito

Participante 06 - É um preconceito que já gera entendeu? E assim eles falam assim “não lá vai ser perigoso, vai ter briga vai ter, vai ter tudo”

Participante 07 - Teve o do ano, o show que aconteceu no ano novo

Participante 02 - Pixote?

Participante 07 – Não, não sei, o que aconteceu no ano novo (2011/2012), e teve o show da Ivete Sangalo. Eram dois que eu queria mas só que minha companhia, o meu parceiro mesmo que é o meu melhor amigo no dia a dia “ah não sei depois da confusão só tá eu e ocê lá?”

Participante 02 - Vai descer os caras

Participante 07 - Ai cê desanima entendeu

Participante 02 - Desanima é!

Participante 07 – Porque coisa de graça, qualquer lugar que a gente for, coisa paga, mas só que é coisa paga que a gente vai pagar que a gente vai pagar que a gente gosta entendeu que a gente pagou e tem que ir. Só que coisa paga vai você e seus amigos, igual ele valou não ir com intenção de brigar, é para curtir, se tiver alguma confusão nos vão chegar e separar para evitar a confusão entendeu? Agora igual cê falou show de graça, a gente não gosta de ir, ainda vai com um amigo só? Aí o próprio amigo desanima ocê “ah não sei vão para outra coisa”, ai cê desanima assim e cê “ah então não vão!” Aí decidi ir para outro lugar e sempre acaba em Praça e em Açai!

Entrevistador/mediador 01 – Mas por que você acha que a galera não vai? Não gosta de ir?

Participante 07 - A única coisa que a gente gasta é o comes e bebes. Só isto!!

Entrevistador/mediador 01 - É por que uma Praça também é um lugar aberto né público?

Participante 07 - Mas é no bairro que a gente conhece todo mundo entendeu, chega vão chegar aí vão trocar uma ideia aqui.

Participante 05 - Mas tem as praça e praças. Igual antigamente Praça da Glória ali. Eu fiquei seis meses morando com a minha mãe em Contagem. Então sempre eu ia para aquele lados da Praça da Glória, ela morava em Riacho das Pedras ali uns 15 minutos de caminhada. E sempre tinha relatos de confusão na Praça, o pessoal, tinha tem, vão dizer uma favela ali do lado o pessoal subia para fazer confusão, teve uma vez que eu, de noite, voltando do BIG shopping tava passando pela Praça passou dois caras assim com aquela fita de isolar área né, e tipo, veio esticada e passou assim, eu fiquei parado e deixei tipo, ele puxaram ate rebentar, né? E não falei nada para não casar confusão e nada, então assim, as vezes sempre tem, também vamos dizer as tribos que frequentam lá. Então são vários os tipos de de. Como é que eu posso falar, é os grupos né que o pessoal do rock, tem o pessoal do skate também já vi muito skatista lá naquela praça

Participante 02 - Do Funk

Participante 05 – E se respeitam entre eles as vezes um sempre casa confusão com outro.

Participante 06 - Tem sempre um preconceito

Participante 01 - Nas pracinhas do Caiçara lá a galera ia lá assim eu era muito focado nesta área assim de terror. Ai tipo assim a ia para as pracinhas do caiçara ali, an meu amigo! Com 10 minutos que a gente andava assim ó, porque tem os estilos, que nem eu falo cada curte sua música que nem ele gosta de funk eu gosto de rock ele gosta de axé, você sei lá que pô..

Todos - Risos

Entrevistador/mediador 01 - Futebol

Participante 01 - Ela gosta de alguma coisa e tal entendeu, e assim, alguns curte pagode, aquela coisa assim né, tipo assim poxa! Inves das pessoas respeitarem cadas estilo o cara vira e fala, “o vei seu rock grita demais”, ai um fala “ou seu estilo fica rebolando”, ou se não fica choradeira, ah pagode é cho poxa eu acho assim que se todo mundo respeitasse, cada coisa não ia ter este tipo de atrito cara e tipo assim a gente evitava muito de ir lá lá por causa disto, e tipo assim e era por pouca coisa, só passava com uma blusa assim tal eles arrumavam confusão puxando batendo na gente assim a toa, entendeu então tipo assim, onde que desanima também estas coisas assim se as pessoas respeitassem uma a outra acho assim cada direito de cada um todo mundo vieram muito bem cara, muito bem

Participante 07 - Uma prova viva é esta Praça do Aeroporto. Lá é um tipo de lugar prô cê frequentar só na parte da tarde. A partir de seis horas cê não frequenta lá! Porque deu cinco horas os menino já fica vão descer, vão descer por que daqui a pouco vai descer o pessoal da favela aqui.

Participante 02 - Do lado para brigar

Participante 07 - É porque que tem um pessoal lá acho que do lado das pedras e tem o pessoal do São José ou tem até mesmo os moradores de rua debaixo da ponte que lá praticamente é a moradia deles, se vi alguém entrando esquecido lá, eles querem casar confusão com você entendeu? A gente já desceu lá cinco e meia da tarde, subiu um pessoal muito esquisito que já encarava a gente assim, aí a gente já ficava meio.

Entrevistador/mediador 01 - E a guarda Municipal?

Participante 07 – A Guarda Municipal um guardinha. Mesmo assim cê não vê o guardinha. O guardinha fica andando pra lá. Eu vim um na guarita, mesmo assim teve uma hora, lá é o único lugar que tem de beber água eu fui lá para beber águaele não tava mas lá! Cê pensa que ele frequenta mas ele não frequenta, eles não tem uma pessoa, ele só tem aquela arminha de choque, aquela arminha de choque acerta uma pessoa, pode chegar uma por trás e dar uma cacetada neles. Eles querem a segurança deles eles não estão ligando para o pessoal não.

Participante 05 – O lugar também é a segurança também. O pessoal tem aquele preconceito do que só por que vai ser aberto ao público não vai ter organização né, então elas ficam, eu vejo que é muito receio também que eu já pessoas. Eu só fui uma vez na Praça da Estação foi no Capital Inicial porque fora isto cê fala “a sempre dá confusão” então sempre tem esta história né mas não quer dizer que sempre vai ter confusão mas acontece. Então esta é a questão a segurança as vezes né influencia bastante, a pessoa por que ah não não quer se misturar com os outros tipo de pessoas entre aspas vamos dizer

Participante 07 - Você vê a segurança, por exemplo, cê vai no lugar cê vê a segurança, por exemplo, você vai o lugar o guarda municipal se sente seguro, mas vai saber se aquela segurança vai aguentar aquele tumulto todo. A gente fica sempre indeciso entendeu? Por que a gente sabe que a gente vai para o lugar vai ter segurança, mas a segurança nunca evita aquelas confusão entendeu? Por isto que a gente tem o receio dos amigos e o receio nosso é isso.

Entrevistador/mediador 02 - Fora esta questão de segurança que vocês estão colocando o que mais impede vocês de frequentarem

Participante 05 – Distancia as vezes igual. Igual as vezes. Quando eu não tava trabalhando eu sempre assistia jornal né! E no MGTV, toda sexta-feira falava das programações culturas e as gratuitas também, só que era nos bairros mais distantes né, então muitas vezes também a distancia, no caso na época como eu não trabalhava, influenciava, agora quando era no parque ecológico ou mais próximo assim dava para ir!

Entrevistador/mediador 02 – E as meninas? Por que que vocês não frequentam estes lugares que ele colocou?

Participante 03 - Ah eu não vou por que minhas amigas não gostam, ir sozinha para mim é ruim

Participante 06 - Eu também e falta de companhia também. Igual futebol estes negócio eu não gosto

Entrevistador/mediador 01 - O gente beleza! Beleza! Tem mais alguma coisa assim que vocês queriam falar sobre

Participante 01 – Só porque ele falou do negócio da Praça da Liberdade lá, o que acontece lá teve um show lá do Tianastacia lá que foi na época do ano novo aqueles negócio lá. O que acontece o meu irmão tava lá, tipo assim cada pessoal com seu caráter cada com sua forma de pensar né, tipo

assim juntava assim no meio das pessoas assim começava a dar arrastão, entendeu? Puxar a carteira dos outros então tipo, ele ficou lá só para vê o Tianastacia mas aí depois que ele viu a situação ele teve que ir embora, as pessoas de bem que tava lá teve que ir embora por causa desta situação entendeu porque é ruim né! entendeu?

Entrevistador/mediador 01 - Entendeu! Então gente vocês querem falar mais alguma coisa sobre os equipamentos de lazer, sobre

Participante 01 – Tem merenda será?

Todos - Risos

Entrevistador/mediador 01 - Cadê o o Pão de queijo? Acabou o pão de queijo acabou?

Participante 02 – Já passou o recreio! Já passou o recreio! A mulher falou aqui! A mulher falou aqui ó que era pros cês irem lá comer

Entrevistador/mediador 01 - O gente mais então, eu queria agradecer muito cês terem topado de colaborar ai com a pesquisa. Vocês querem tirar alguma dúvida falar alguma coisa que a gente não falou aqui sobre o lazer aí

Participante 05 – Não a questão é mais divulgação mesmo destes espaços também a melhoria das condições, igual tem lugar aí o Centro Cultural da Pampulha eu não sabia desde centro e também eu não frequentaria lá.

Entrevistador/mediador 01 - Você mora onde?

Participante 05 – Eu moro aqui ali perto do Maria de Resende né. Eu sempre venho para esta Praça dos Professores ali na Leonil Prata, eu acho ela meio assim judiada assim devi tirar aqueles negócios assim eu gosto de sentar na grama estas coisas a melhoria desdes locais

Participante 06 – Segurança

Participante 05 - E a questão, Iluminação é importante

Entrevistador/mediador 02– Legal, muito bom mas alguma coisa. Todo mundo cansado?

Entrevistador/mediador 01 1 – Aqui a gente tem assunto para a gente ficar até . O gente brigado mesmo. Reta final ai do ano a galera já despedindo da escola.

Todos - Risos

Participante 02 - O zé tira um copo aí

Entrevistador/mediador 01 1 – Tem suco ali ainda não tem não? Eu trouxe aqui também rapidamente aqui este evento aqui vai acontecer semana que vem ó Sarau Vira Lata ele esta acontecendo em vários lugares públicos né lá semana que vem é o último lá no Museu de Artes e Ofícios na Praça da Estação.

Participante 05 - Assim o que não me atrai assim Museu, teve apresentação na Casa Fiat daquele pintor lá o Caravagio, eu não sou muio interessado nestas questões de arte não, mas o único museu que eu frequente foi o Museu de Mineralogia agora, exposição de quadros no meu caso eu não iriam não

Entrevistador/mediador 02 - Tá tendo também a exposição da Elis Regina.

Entrevistador/mediador 01 - Tá tendo? Não tô sabendo não!

Entrevistador/mediador 02 - Tá tendo a exposição da Elis Regina, E ali no Centro. Eu não sou daqui eu não lembro o nome. Mas é gratuito também vai até Janeiro alguém ficou sabendo desta exposição eu acho que passou no Jornal

Entrevistador/mediador 01 - Este guia ó: Ele é de Novembro do ano passado mas os espaço que tem aqui eles existe até hoje!! Né então vocês podem leva ara casa aí né de repente montar um programa aí depois! É de brinde para galera. (pausa) O gente então é isto mesmo né super satisfeito com a disponibilidade de vocês aí de ter topado ai muita coisa para penar

Entrevistador/mediador 02 – Obrigado. Ajudou demais!

Entrevistador/mediador 01 - E ai quando estiver perto de apresentar o trabalho eu vou fazer o contato com vocês quem quiser ir lá assistir

Participante 05 – Vai ser em Abril? pode chamar

ANEXO I: CONVERSA COLETIVA - GRUPO FOCAL 2 (G2)

Conversa Coletiva - Grupo Focal 2 (G2)

Data: 18 de Dezembro de 2012 – Terça-feira

Local: Auditório Escola Estadual Professor Alisson Pereira Guimarães

Participantes: 6 (seis) participantes e 2 (dois) mediadores 58 Minutos

1º MOMENTO – AMBIENTAÇÃO E APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES – TESTE DA GRAVAÇÃO.

Entrevistador/Mediador 01 - Vamos fazer um teste aqui cada um fala o nome e o bairro aí. Vamos ver se vai dar certo!

Participante 08 - Participante 08

Participante 13 - Participante 13 (Alto)

Todos - Risos

Participante 08 – Nuuu que isso vei? (risos)

Entrevistador/Mediador 02 - Não vão falar normal que ele vai testar se vai pegar né

Participante 09 - Do Participante 13 pegou com certeza

Participante 08 - Risos que cê arrumou zé?

Participante 13 - Fala aí Participante 10 seu nome e seu bairro

Participante 10 - Meu nome é Participante 10 na rua... número...

Entrevistador/Mediador 02 - E as meninas?

Participante 11 - Participante 11 do Bairro

Entrevistador/Mediador 01 - Que isso!!

Participante 13 - É só o nome do bairro

Participante 08 - RG

Todos - Risos

Participante 12 - Quer também o CPF. Vai Participante 11!!

Participante 11 - Participante 11 mora na Rua

Participante 09 - Participante 09 bairro

Participante 13 - Cê mudou da Nilo agora que tô sabendo?

2º MOMENTO – APRESENTAÇÃO DOS OBJETIVOS DA PESQUISA E DO ENCONTRO

Entrevistador/Mediador 01 – O gente então este é o tema da pesquisa: “Lazer Juventude e Espaço Urbano” conforme eu falei com vocês aqui, a pesquisa anterior, a de 2010, ela revelou aí que os jovens da periferia de Belo Horizonte não frequentam os equipamentos públicos de lazer tais como

praças, centros culturais, museus parques ecológicos. Quando eu falo periferia eu estou falando daquilo que esta afastado do centro, então a gente esta aqui na borda da cidade né. (Mostrando o slide) Que também não frequentam grandes produções culturais gratuitas, tais como os grandes festivais etc. E aí, a motivação atual desta pesquisa é essa: (Mostrando o Slide), O que de fato faz com os jovens não frequentem os eventos e equipamentos públicos de lazer da cidade, fazendo o opção de tecerem as redes de sociabilidade né – ou seja, de encontros, em lugares privados tais como bares, lanchonetes, restaurantes etc. Então a gente quer, conhecer a relação dos jovens com os eventos e equipamentos da cidade especificamente conhecer as práticas e o por que da preferência entre o publico e o privado. Esta que é a ideia desta pesquisa. Então a ideia aqui é a gente fazer um bate papo, eu vou lançar aqui alguns temas e aí a gente vai conversando tá? Não precisa ficar preso em mim vocês podem conversar entre vocês também tá? Não tem a necessidade de ficar preso!! Beleza? A gente chama isto aqui de grupo focal. Este bate papo coletivo aqui.

Entrevistador/Mediador 02 - Deixa eu sôô. você é o Participante 09?

Participante 09 - Participante 09

Entrevistador/Mediador 02 - Só para eu ver a sequencia de quem esta falando eu eu tenho que anotar, a sequencia de quem esta falando, Participante 09, Participante 13 né? Participante 08, Participante 10, aí Participante 12 e Participante 11 né?

Som Externo - (Mc Migô - Funk) (Famoso MC da Região do Bairro São Salvador/Glória)

Entrevistador/Mediador 01 - Este é do bairro né?

Todos - Risadas

Participante 13 - É do Bigô. O famooooooooo!! (Risadas!!)

Entrevistador/Mediador 01 - O gente então olha só. Por que sua participação é importante? Em Belo Horizonte a gente 400 mil jovens com idade entre 15 e 24 anos, então é um seguimento da cidade que é importante para se pensar o futuro (Mostrando Slides).

3° MOMENTO – CONHECER AS PRÁTICAS DE LAZER DOS JOVENS / 4° MOMENTO – LUGARES QUE VOCÊS FREQUENTAM

Entrevistador/Mediador 01 - Então vamos lá! Então vamos começar também para não ficar... É eu queria assim que a gente batesse um papo aqui neste primeiro momento de vocês falando um pouco o que vocês fazem durante a semana e nos finais de semana?

Participante 13 Você falou negocio de lazer aqui, eu costumo ir num negócio de lazer aqui, aquela que tem ..duas.. onde é que tem um..

Participante 08 - No São Salvador?

Participante 13 - Não sô de frente o colégio Frei Orlando.

Entrevistador/Mediador 01 - Parque Vescesli Firmino né?

Participante 13 - É!! Que tem duas quadras uma pista de Skate

Entrevistador/Mediador 01 - Sei sei. Vai chegar um momento aqui que a gente vai falar só disto.

Participante 13 - Mas o lazer que você esta falando é esse negócio assim? Ou outro tipo de lazer?

Entrevistador/Mediador 01 - Não! Sim!! Também! Mas aqui especificamente para esta pergunta eu

queria saber o que que vocês fazem durante a semana e nos finais de semana né, que vocês consideram como atividade de lazer?

Participante 13 - Passear né?

Participante 08 - Malhar,

Participante 08 - Malhar!! Malhar!! (rindo)

Participante 09 - Ou eu tenho o costume de correr! Correr dia de semana e final de semana também.

Participante 11 - O meu é natação.

Participante 12 - O meu é em casa

Entrevistador/Mediador 01 - Em casa?

Participante 12 - Durante a semana. Agora no final de semana já mais....

Participante 13 - Festinhaaaa, baladas

Participante 12 - Balada

Participante 11 - Durante a semana é natação e final de semana é trabalhar?

Entrevistador/Mediador 01 - **No Final de Semana Trabalhar?**

Participante 08 - Nó eu também só trabalho no final de semana

Participante 11 - Natação quanto eu quero

Participante 08 - Dia de semana eu fico só a toa

Participante 11 - Ou então eu fico só na internet (Rindo)

Participante 09 - Agora tá rolando aquelas academia na praça é isso?

Todos - Risadas!!

Entrevistador/Mediador 01 - Academia ao Céu Aberto

Participante 09 - Isto!

Entrevistador/Mediador 02 - Mas vocês frequentam lá?

Participante 09 - Aquela pracinha descendo a Fleming direto. Ali em baixo chegando lá na Pampulha ali.

Participante 13 - É a principal perto da casa branca.

Participante 09 - Issoooo

Participante 12 - Ali também no CAC Serrano tem um!! Tem uns aparelhinhos assim.

Entrevistador/Mediador 01 - Ah no CAC também tem um?

Participante 13 - Mas o bom que aquele lá dá para correr. Dá para ocê correr bacana aquele lá!

Participante 09 - Eu para o lá de moto. E dô uma corrida até lá na lagoa e volto.

Entrevistador/Mediador 01 - Ai você vai até lá de moto?

Participante 09 - Ai eu dô uma corrida até o Marco Zero volto. Ai vou e dou uma (pausa)

Participante 13 - Este Marco Zero é la no comecinho da Pampulha né? Lá no comecinho no Parque Ecológico.

Entrevistador/Mediador 01 - Mas ai você faz isto toda a semana?

Participante 09 - Toda a semana! Quase todo dia eu faço, é raro os dias que eu não faço isto. Só quando eu tô de plantão garrado no serviço lá e tudo, mas quando eu tô de boa eu faço isso.

Entrevistador/Mediador 02 - E fora isso assim. Vocês estão falando muito atividade física né? E fora isto assim: festas, baladas?

Participante 11 - Balada é no final de semana né (risos)

Participante 12 - No final de semana bastante

Participante 09 - O pessoa aqui é mais tranquilo né? Por que tem gente ai que esta saindo é de segunda a segunda.

Todos - Risadas

Participante 11 - Eu era toda quinta-feira

Participante 12 - O meu é de sexta a domingo.

Entrevistador/Mediador 01 - É você ia para onde quinta-feira? (Para Participante 11)

Participante 12 - Josefine. (Rindo)

Entrevistador/Mediador 01 - Josefine naaa Savassi?

Participante 12 - iiiiiisooo (Rindo).

Participante 09 - Domingo o samba lá no Purarmonia não pode faltar né? Normal!

Entrevistador/Mediador 01 - Domingo o Samba no Purarmonia.

Participante 13 - Pode falar do Malibu sô (Cutucando o Participante 08)

Participante 08 - An Malibu? Viaja não cê é doido? Risadas. Cê é doido!!

Entrevistador/Mediador 01 - Cê costuma sair para onde? (Pergunta para o Participante 08)

Participante 08 - An? Eu não tô saindo para lugar nenhum

Entrevistador/Mediador 01 - É mesmo?

Participante 08 - Eu só trabalho final de semana. Ai conta comigo pra caramba sexta, sábado e domingo. Não tem como sair não. E dia de semana é só malhar, em casa e escola e autoescola só isto todo dia mesma coisa.

Entrevistador/Mediador 01 – (Olhar direcionado para o Participante 10)

Participante 10 - Tem um tempinho que não estou saindo para lugar nenhum. Eu tô ficando só em casa trabalhando

Entrevistador/Mediador 02 - No horário que você não esta trabalhando e não esta estudando você esta fazendo o que?

Participante 10 - Ah eu fico em casa ouvindo música dormindo. Só isto mesmo.

Entrevistador/Mediador 01 - E você vai para onde no final de semana? – (Para Participante 12)

Participante 12 - Eu?

Participante 11 - Esta aqui - Risadas

Participante 12 - Eu vô no Pura, vô para o favorita, vô para Galopeira.

Todos – Risadas

Participante 13 - Uai estas ai eu não conhecia não!! Deixa eu anotar aqui. Pera aí então.

Todos – Risadas

Entrevistador/Mediador 01 - Favorita fica aonde heim?

Participante 12 - Fica ali perto do New Texas. Eldorado.

Entrevistador/Mediador 01 - Contagem - Eldorado!

Participante 13 - Perto do Big. Big Shopping?

Participante 12 - Isso Isso

Participante 13 - Lá dá movimento lá?

Participante 12 - E tem a Táto também né! Que é depois do New Texas descendo a rua do New Texas, cê sobe aí tem a Tatoo já é três ambientes.

Participante 13 - E a boite?

Entrevistador/Mediador 01 - Ela chama Táto ainda?

Participante 12 - Chama!

Participante 13 - E a antiga Nitro não?

Entrevistador/Mediador 02 - Táto é o que? E tudo boate?

Participante 13 - Mas todo final de semana você vai pra lá para este lugar?

Participante 12 - Não varia né!! O mesmo lugar todo final de semana fica ruim né

Participante 13 - hum sim um não

Entrevistador/Mediador 01 - E você jovem? Para onde você vai? (Pergunta para o Participante 13)

Participante 13 - Uai eu vou para um tanto de lugar. Né!

Todos - Risadas

Entrevistador/Mediador 02 - Vai falando ai

Participante 13 - Marco Zero. Deixa eu ver aqui. Lá é bom né! (risadas) você fica em paz lá não sei por que!!

Participante 08 - Malibu!!

Participante 13 – Malibu não cê é doido!

Participante 12 - Aquela boate lá na Raja também é bom. Dos Deuses. Ela inaugurou pouco tempo agora. Bacana também!

Entrevistador/Mediador 02 - Mas você vai lá?

Participante 12 - Vou fui uma vez. Tem o Torres também que é lá no Alto da Raja.

Participante 13 - Nossa vai longe demais.

Entrevistador/Mediador 02 - Eu não conheço não eu não sou daqui.

Participante 13 - Pega o telefone dela para você manter contato. (Para Entrevistador/Mediador 02)

Participante 12 - A Swiggers também!! Satorini!!

Todos - Risadas

Participante 11 - Esta não fica em casa.

Participante 12 - O Santorini também é bacana Alambique também.

Participante 13 - Alambique!! Alambique eu conheço!!

Participante 11 - Cada dia ela tem uma festa para ir

Entrevistador/Mediador 01 - E a gente segurando ela aqui

Participante 13 - Eu só conheço agora ir mesmo eu nunca foi neste ai

Participante 12 - Tem um lá que chama assim Hap Rock Café!

Participante 13 - Hard Rock café não?

Participante 12 - Isso aí oh! (Apontando para o Participante 13)

Todos - Risadas!

Participante 09 - Hap Hop, eu falei o que eles arrumaram agora? (Rindo)

Todos - Risadas

Participante 13 – Tem o Jack Rock Bar também

Entrevistador/Mediador 01 - Bacana cê não falou. Acabou que você não falou para ode você vai –

Pergunta para o Participante 13

Participante 13 - Ah tipo assim. Final de semana.

Participante 09 - Sexta-feira

Participante 13 - Sexta-Feira

Participante 09 - Sexta básica

Todos - Risadas

Participante 13 - Sexta-básica. A maioria perto de você cê acaba saindo. (Rindo)

Entrevistador/Mediador 01 - Estou estou mas devagar agora. Eu tô no mestrado.

Participante 13 - Você vai sai rapidão de quebradinha.

Participante 13 - Aquele do Glória do Curumim,

Entrevistador/Mediador 01 - Qual do Glória do Curumim?

Participante 13 - Tum tim tum, que tem uma batucada assim de quebradinha quando rola

Entrevistador/Mediador 01 - Tambolelê?

Participante 13 - Tô mais colado que ocês aí e você não tá sabendo.

Participante 13 - Tô mais colocado com cês aí e vocês não estão sabendo.

Todos - Risadas

Entrevistador/Mediador 01 – Na verdade a gente circula por lugares parecidos mesmo.

Entrevistador/Mediador 02 - Mas é mais barzinho?

Participante 13 – Bar! Boate eu não sou muito chegado não. Onde tem cerveja assim é mais tranquilo.

Participante 12 – Tem o bar da Sol!! Pagodão!! Rola lá dia de domingo. Bar da sol!

Entrevistador/Mediador 01 - Bar da onde? Bar da São?

Participante 13 - Sol!

Entrevistador/Mediador 01 - Mas onde que fica?

Participante 13 - Mas esta bar é doido?

Participante 12 - E lá hein. Prá lá do Ceasa. Ai tem a BR cê você corta assim é uma rua subindo. tem uma rua assim tem um campão de futebol assim! Grupão de pagode, baum demais.

Entrevistador/Mediador 01 - Mas ai você esta lá todo domingo?

Participante 12 - Não de vez em quando quando não tem outra coisa para fazer eu vou lá né

Entrevistador/Mediador 01 - bacana!! Olha só! Ai cês falaram de vários lugares né? Da sexta

básica, do Purarmonia, das boites..

Entrevistador/Mediador 02 - Favorita, Academia, Marco Zero

Participante 13 - Em casa

Entrevistador/Mediador 02 - Em Casa

Participante 12 - Tem as haves da vida né?

Participante 11 - É!! as haves doido aptv boa prá caralho

Entrevistador/Mediador 01 - Aptv? O que é uma aptv?

Participante 11 - É uma festa tipo have lá!! Eles a alugam um lugar!!

Participante 13 - mas como que é o nome?

Participante 12 - PTV!!

Participante 13 - Tem o pvc também né?

Participante 12 - É tem o pvc também!!

Entrevistador/Mediador 01 - Mas como assim? O que significa?

Participante 12 - Ah eu não sei o que significa não!!

Participante 11 - É um lugar lá que e eles alugam um lugar para você ficar tipo um sitio ai só vai gente meio famoso

Participante 13 - Meio famoso?

Participante 08 - (risos) Big Brother

Entrevistador/Mediador 02 - Paga para entrar?

Participante 12 - Paga R\$ 80,00

Participante 11 - Tipo Assim todo mundo aluga o sitio aí tem os djs

Participante 12 - Teve um no Aqua Play meia tava R\$ 120,00

Participante 13 - Meia?

Participante 12 - Meia tava R\$ 120,00

Participante 11 - aptv boa

4º MOMENTO – LUGARES QUE VOCÊS FREQUENTAM

Entrevistador/Mediador 01 - Mas aqui estes lugares que vocês falaram né. Qual é o critério que vocês usam para poder ir para estes lugares? Por que escolhem, ah eu vou para este lugar!!

Participante 11 - Eu escolho o lugar que é melhor (risadas)

Participante 12 - Para dançar, se divertir, conhecer pessoas novas, por ai vai...

Participante 08 - Distrair

Participante 09 - Curtir o tipo de música que gosta.

Participante 13 - ééé esse negocio de curti o tipo de musica é melhor. Igual tem umas paradas que não toca o tipo de música que a gente gosta.

Participante 12 – E depende do clima também né. Tem uns lugares meio paradão. Igual eletrônico eu não gosto!

Participante 11 – (Fala sem compressão)

Participante 13 - O Ambiente também que você gosta depende muito.

Entrevistador/Mediador 02 – **Por que você vai no bar e não vai na boite por exemplo?**

Participante 13 - Ah porque no bar você fica mais de boa.

Participante 11 - Risadas

Participante 09 - Achei que você ia falar por causa do dinheiro

Participante 13 - Deixa eu ver aqui. Depende do bar. Tem uns bar que tem um ambiente doido você já viu o Jack Rock Bar. É um bar restaurante e boite. Doido de mais.

Entrevistador/Mediador 02 - Cê vai lá?

Participante 13 - Jogar uma sinuquinha cê se diverte é muito bom.

Entrevistador/Mediador 02 - **E na boate você não gosta muito por que?**

Participante 13 - Mais novo eu gostava. Agora não.

Entrevistador/Mediador 02 - Tá ficando velho heheheh

Todos - Risadas

Participante 13 – Foda! É a Idade

Entrevistador/Mediador 02 - Que mais vocês falaram também academia né? O que mais vocês falaram

Participante 09 – Corrida

Participante 11 - Natação

Entrevistador/Mediador 02 - Onde que você falou que corre? Na Pampulha por que você vai lá

Participante 09 – Ou, lá você tem a oportunidade de conhecer pessoas novas, vê outras pessoas. Vê outras pessoas.

Participante 13 - O ar é fresco lá

Participante 13 - Lá é tranquilo demais!

Participante 09 - Aí anima mais que correr na Atlântico que você

Participante 13 – É na Atlântica só tem os cachorros caindo na sua frente. Um cara que fica andando para cima e para baixo.

Participante 08 - Neguim te robando de quebrada (Rindo)

Participante 13 - Perdeu Perdeu!!

Participante 08 - Perdeu o seu colar (Rindo) Toma!

Entrevistador/Mediador 01 - Vocês acham que é menos perigosos correr na Atlântica que correr na Pampulha?

Participante 09 - Não é questão de perigoso

Participante 13 - É menos confusão

Participante 11 - E mais tranquilo né

Participante 09 - E Com certeza em questão de segurança na Pampulha é mais seguro entendeu? mas aqui não é tão arriscado assim não mas pô é melhor correr lá na Pampulha.

Entrevistador/Mediador 01 - E a Amintas?

Participante 09 - A Amintas também rola! Só que a Amintas é muito apertado lá ai toda hora você tem que ficar descendo para a rua e subindo no passeio.

Participante 13 - Na Amintas que você tromba com o cara que fica andando para cima e para baixo.

Todos - Risadas

Entrevistador/Mediador 02 - Mas por que que a Pampulha é o Point de correr assim?

Participante 08 - Nós não costuma ir lá todo dia. Aquela Atlântica eu tenho que passar todo dia ali. Todo dia eu tenho que passar na Amintas Jaques ainda vou correr lá? Ai é meio Ruim eu passo lá todo dia aí lá é novo!

Participante 11 - Ah lá é bom. Andar de bicicleta lá huum. É bom demais! Todo sábado.

Entrevistador/Mediador 02 - Ah lá na Pampulha é novo?

Participante 08 - É tipo assim eu não vejo lá direto.

Participante 13 - Na Pampulha também tem umas paradinhas mais adequadas para correr também. A estrutura para correr é bem melhor.

Participante 09 - É a estrutura da Pampulha é muito melhor que a daqui da Região entendeu?.

Participante 13 - Os motoqueiro dando tiro. E cabuloso demais. Risadas.

Entrevistador/Mediador 01 - E os lugares que você vai por que você escolhe? (Para Participante 12)

Participante 13 - Pro os muitos lugares (para Participante 12).

Participante 12 - Eu gosto mais de dançar né. Aí tipo varia também sertanejo, ai time o samba lá no Purarmonia. O Purarmonia é todo domingo eu enjoiei. Tem uns dois domingos que eu não vou lá.

Participante 12 - Agora a Galopeira eu fui segunda

Entrevistador/Mediador 01 - Segunda?

Participante 13 - Segunda? Baum demais uê! Baum demais! Nunca fui numa boite segunda.

Participante 08 - Nú que isto? Em pleno a segunda?

Participante 13 - Tava só ocê lá e mais.. !!

Participante 12 - Oh dó dô cê! Lotou ó!!

Todos - Risadas

Participante 13 - Ah no Outro ia era feriado

Participante 09 - Lá lota todo dia mesmo

Participante 12 - Lá varea os ritmos de músicas entendeu?é sertanejo, aí vem pagode, aí vem o intervalo do funk, aí vem eletrônica

Participante 13 - Ai no final e Xuxa né um negócio assim

Todos – Risadas

Participante 12 - Não Não

Todos - Risadas

Participante 13 Não sério mesmo

Participante 09 - Xuxa só para baixinhos (rindo)

Entrevistador/Mediador 01 - Cê vai sozinha com é que você vai? Você vai de galera?

Participante 12 - Sempre vai eu e minha prima. Só! Só nós duas!

Participante 12 - Ai agora na favorita é mais Sertanejão né. É para curtir mesmo. Dançar pra caramba mesmo.

Entrevistador/Mediador 01 - A Favorita é boite?

Participante 12 - E! Agora o que eu não sou muito fã é baile funk! Eu não gosto não!! Tipo assim Eu não de ir na boite toca o intervalo, danço um pouquinho, ai volto os ritmos normal entendeu?

Participante 13 - Este aqui gosta de um baile funk (Para o Participante 10). Na época do Marlene você dançava! Você fazia umas trancinhas assim.

Todos - Risadas

Participante 09 - Mas é isto mesmo!! Não tem nada a ver não!! Né não?

Participante 13 - Eu já vi este menino em um monte de baile funk cabuloso

Entrevistador/Mediador 01 - Então você vai no baile funk então? – Para o Participante 13

Participante 13 - Eu iaaaaa. Na época do meu colégio Na época do Marlene.

Participante 08 - Eu nunca fui num baile funk sério mesmo!!

Entrevistador/Mediador 02 - Você vai em Micareta

Participante 11 - Eu vou em janeiro

Entrevistador/Mediador 01 - Você nunca sai? - Para Participante 10

Participante 10 - Não eu saio! Igual eu fui no show do Luan Santana;

Participante 11 - Ooooooh

Participante 13 - Hum

Participante 10 - Eu fui no show Exalta Samba: A despedida.

Participante 08 - Nó só os gringos hein

Participante 13 - Só os melhores.

Participante 10 - Eu fui no Axé Brasil;

Participante 12 - A festa BH FM também foi bacana foi na quinta-feira

Participante 11 - Micareta também é bom

Entrevistador/Mediador 02 - Você vai na Micareta?

Participante 11 – Eu vou em Janeiro

Participante 10 - Eu fui no Sertanejo Pop Festival

Participante 13 - Agora você foi num que tem 10 anos que não tava acontecendo? Planet Hemp?

Participante 08 - Não ai cê ganhou

Participante 13 - Deu Mole

Participante 11 - Ah quando eu fui na boite quem cantou lá foi a Vanessa Camargo. Ai eu entrei no camarim dela. Meu irmão trabalhava numa boite ai ele foi embora par ao Estados Unidos. Ai eu nem vou mai não tem graça. É só música eletrônica aí é bom.

5° MOMENTO – SOBRE OS EQUIPAMENTOS PÚBLICOS DE LAZER – CENTRO-SUL

Entrevistador/Mediador 01: Olha só eu trouxe aqui a relação de alguns lugares (Utilizando fotos no Notebook) eu queria que vocês dessem uma olhada aqui. Que são lugares que foram construídos para que a população usufrísse o tempo de lazer. Eu queria colocar aqui este lugares de três localidades. Primeiro da Centro Sul, que é aquela regional lá no Centro da Cidade – O centro da Cidade. Ai eu vou deixar passando aqui para vocês verem.

Participante 12 - Isto é perto da Praça da Liberdade? É antes de chegar na Praça da Liberdade não é?

Entrevistador/Mediador 01 - Ali é o Centro Cultural da UFMG que fica na praça da Estação.

Participante 09 – Rua da Bahia

Participante 13 - Este coreto aí é onde?

Participante 12 - Praça da Liberdade

Entrevistador/Mediador 01 – Não! Dentro do Parque Municipal

Participante 12 – An? Praça da Estação (rindo). Na Praça da Estação, teve a parada gay (rindo). Sempre tem a parada gay lá!!

Participante 13 - Isto aí é onde?

Entrevistador/Mediador 01 - Palácio das Artes. Dentro do Palácio das Artes.

Participante 11 - Nó que lindo

Participante 13 - Nuuuuu

Entrevistador/Mediador 01 - Afonso Pena né!! Palácio das Artes!! Parque Municipal.

Participante 09 - Dá para ver até as tilápias pulando lá oh

Participante 13 - Parque Municipal nem paga para entrar né?

Entrevistador/Mediador 01 - Não!!

Participante 13 - Nossa nem sabia disto mais!! (Rindo)

Participante 12 - Este aí é Pirulito

Participante 09 - Um filha da puta pixou ali baixo ali né

Entrevistador/Mediador 01 18:10 - Esta aí é a praça sete também tá

Participante 13 - Já deu um rolê de Skate ali assim de quebradinha.

Entrevistador/Mediador 01 - Na Praça Sete ali?

Participante 13 – É aqui!

Participante 12 - A Praça Sete e cheia do hip né?

Participante 11 – Nó é mesmo! Cada coisa que a gente vê (rindo)

Participante 13 - A ó este aí eu já fui. sexta-feira debaixo do viaduto, o rap eu tinha até esquecido.

Entrevistador/Mediador 01 - Duelo de mcs

Entrevistador/Mediador 01 - **Então: Estes lugares que passaram aqui vocês conhecem este lugares?**

Participante 13 - Este é bem cultural mesmo. Tem uns ai que eu nem sabia

Participante 11 - Tem um lá que todo ano tem a parada Gay.

Participante 12 - E a concentração é sempre aí né. Ai dai sobe a Afonso Pena vai até..

Entrevistador/Mediador 01 - Praça da Estação

Participante 09: Deu ida lá Participante 13?

Participante 13: Tô fora (rindo)

Participante 11 - Eu só curto assim as músicas né. Eu não sô (Rindo)

Entrevistador/Mediador 01 - **Mas é uma balada animada né?**

Participante 11 - É melhor que estes funk aí pelo amor de Deus nossa!.

Entrevistador/Mediador 01 - **Este lugares vocês costumam ir nestes lugares?**

Participante 11 - Oh só final de semana. Não tenho tempo é muito difícil.

Participante 09 - Fala a verdade ai é raro eu ir nestes lugares viu!! E não vou com certa frequência não entendeu? raramente eu vou.

Participante 12 - Igual a Praça da Liberdade tá linda né! Cê viu? Ta linda mesmo! Nossa o Natal lá nossa tá maravilhoso.

Entrevistador/Mediador 01 – **Você foi lá vê na Praça da Liberdade?**

Participante 12 - Nossaaa Tá Iluminação muito linda lá. Todo mundo tá indo lá só para tirar foto.

Participante 13 - Este da sexta-feira do quarteirão eu vou lá direto também. Que ver? Passa ai. Isso mesmo. Duelo de Mcs tive até uns dias para tras no parque municipal.

Entrevistador/Mediador 02 - **Que mais?**

Participante 13 - No Parque Municipal. Palácio das artes Nunca fui

Participante 09 - Na Praça 7 você já foi né? você já foi andar de skate lá!

Participante 13 – É na praça 7 de quebrada!

Entrevistador/Mediador 02 - **Você andou de skate ou ainda ainda?**

Participante 13 - Eu ando de skate ainda!!

Entrevistador/Mediador 02 - **Aonde você anda?**

Participante 13 - Eu ando naquele negócio ali que te falei que ando (para o Entrevistador/Mediador 01)

Entrevistador/Mediador 01 - Parque Vescesli Firmino

Participante 13 – Firmino isto mesmo! (Rindo)

Participante 13 - No Centro, Na Pampulha no Marco Zero. Na praça em frente o Guanabara. Para andar de skate tem que em umas pracinhas meio.. colégio aberto

Participante 11 - Antes eu andava de patins ali na Pampulha depois que eu parei. Nossa bom demais andar de patins ali.

Entrevistador/Mediador 02 - Mas você anda mais na rua não é em pista?

Participante 13 - Mais Praça, Colégio quando eles liberam. Eu não ando mais é na rua. Eu não anda muito na rua.

Entrevistador/Mediador 02 - Eu digo assim você anda em pista de skate?

Participante 13 - Mais em Pista. Em lugares mais fechados.

Participante 12 - Lá no Mangabeiras também fica lotado tem uma pista de skate lá bakaninha

Participante 13 - É mais tem que usar um capacete lá

Entrevistador/Mediador 01 - **É porque ela estuda Skatista**

Participante 13 - Tá fazendo a ciência dela

Entrevistador/Mediador 01 - **E vocês? Vocês conhecem estes lugares? Conhecem alguém que já foi?**

Participante 08 - Conheço!! ele!! - Apontando para o Participante 13

Todos Risadas!!

Participante 08 - Eu já fui nestes lugares mais eu não ando de skate não

Entrevistador/Mediador 01 - Não para fazer outras coisas

Participante 08 – Ah não até que não! No Duelo eu vou de vez enquanto. Agora nesta praças aí.

Participante 10 - E também é muito raro eu ir nestes lugares assim. Raramente.

Participante 12 - Eu vou direto! Na Praça 7 então!

Participante 13 - Mas é mais lugar para você ficar de boa mesmo.

Participante 11 - Só a praça da Liberdade que eu fui lá só para ver mesmo eu prefiro outro lugar melhor.

Entrevistador/Mediador 01 – **Mas o que você acha destes lugares?**

Participante 11 - Interessante

Entrevistador/Mediador 01 – Mas você não vai por que? Por que você não vai?

Participante 11 – A tempo também nossa eu também não gosto de sair não. Sou mais caseira ficar

dentro de casa no meu quarto na Internet só isto.

Entrevistador/Mediador 01 – E você vai sempre (Olhar Para Participante 12)

Participante 12 - Praça Sete eu fico lá de bobeira. Na praça da Estação eu não vou muito não. Palácio das Artes eu já fui lá uma vez. Duelo eu nunca fui não.

Participante 13 - Pega meu telefone aí

Participante 12 - Porque eu trabalhava lá perto eu fiz amizade com várias pessoas. De vez em quando eu vou lá

Entrevistador/Mediador 01 - E você jovem? - Para o Participante 09

Participante 09 - Eu não tenho o costume de ir nestes locais ai não muito raro eu ir. Eu fui no parque municipal que teve num duelo de Mcs lá estes tempo para trás fui uma ou duas vezes no Viaduto. Mas não tenho aquele costume de ir lá sempre não é mais.. é muto ocasional mesmo.

Entrevistador/Mediador 01 - Mas por que?

Participante 09 - Eu procuro sair no lugar mais perto entendeu? Quanto mais próximo porque eu gosto de tomar cerveja e tudo tá complicado você tomar cerveja caça andar para longe então é mais complicado. Quanto mais perto da Minha casa melhor. Eu procuro um lugar perto. Por isto eu não vou tanto lá.

Participante 13 – Mais perto com o pessoal mais conhecido

Entrevistador/Mediador 01 - Entendi.

Participante 09 - Mas são lugares bacanas interessante e tudo mas.

Entrevistador/Mediador 02 - Cê ia falar Participante 13 a questão dos amigos

Entrevistador/Mediador 01 - Pode falar sô

Participante 13 - Eu já esqueci já. Minha memória tá meio ruim

Entrevistador/Mediador 01 – Cê esqueceu?

Entrevistador/Mediador 02 – Então fala por que você não vai ou por que que você só vai

Participante 13 - E porque igual eu falei eu ando de Skate então eu gosto e ficar mais de boa. Este lugares assim você fica tranquilo. Assim quando tem um show assim tum tem aqui os amigos você toma uma cervejinha. Acho que até estou nesta foto aqui (referência a foto do Duelo de MCs)

Todos - Risadas

5° MOMENTO – SOBRE OS EQUIPAMENTOS PÚBLICOS DE LAZER – NOROESTE

Entrevistador/Mediador 01 - Tem uma outra sequencia aqui aí são de equipamentos da Regional Noroeste vou passar eles aqui. Parque Ecológico Maria do Socorro.

Participante 08 – Já fomo muito aí viu

Entrevistador/Mediador 01 - É você já foi muito lá?

Participante 08 - Nó demais quando eu era pequeno eu ia só aí

Entrevistador/Mediador 01 – É mesmo cê mora onde?

Participante 08 - Eu Moro no Coqueiros

Entrevistador/Mediador 01 - Coqueiros

Participante 11 - Nó que legal?

Participante 13 - E esta pista aí? Que pista é esta aí?

Entrevistador/Mediador 01 - Dentro deste parque. Dentro desde Parque Maria do Socorro.

Participante 12 - Onde que é este Parque?

Participante 11 - Nunca ouvi falar

Entrevistador/Mediador 01 - Sabe aqui ó? Não tem o Aeroporto Carlos Prates? Do Lado dele é ali!!

Participante 13 – Aqui no Padre Eustáquio Aqui? Ah não eu já ouvi falar desde pequeno. Isso é perigoso pra caraaaalho (rindo). Agora que eu lembrei. É o Aeroporto do Carlos Prates que eles chama? Eles falam que você vai lá de boné e skate cê você volta de cueca. Desde pequeno.

Todos - Risadas

Entrevistador/Mediador 02 - É mesmo

Entrevistador/Mediador 01 - Conhece?

Participante 12 – Não

Participante 11 - Não

Participante 09 - Eu não conheço este local ai também não.

Entrevistador/Mediador 01 - Sério Mesmo?

Participante 09 – Sério Nunca vi!

Participante 13 - (Rindo) Eu já pensei em ir umas quinze vezes. Ai chega um e fala: “vai bobo você vai voltar de cueca!!” Ai eu falo: “cê tá doido!”.

Entrevistador/Mediador 01 – E a pista aqui é uma das melhores viu! No topo vento vento.

Participante 13 - Só aqueles aviãozinho pequenininho que fica pousando ali do lado

Participante 09 - Os teco teco

Participante 13 – É! Nossa Senhora!

Entrevistador/Mediador 01 - Isso é lá do lado, do lado tem um campão de futebol lá.

Entrevistador/Mediador 02 - Ninguém joga futebol aqui?

Participante 11 - Ah eu fazia escolinha de futebol eu gosto legal

Participante 12 – Eu gosto

Entrevistador/Mediador 02 – Só as meninas?

Participante 13 - O Futebol é melhor você jogar com o pessoal do seu bairro mesmo. Dá briga neste negócio aí cê tá ferrado. (Referência ao Parque Maria do Socorro)

Entrevistador/Mediador 01 - Aonde você falou que joga?

Participante 12 - Eu Jogo numa quadra lá no Nova Granada

Entrevistador/Mediador 01 - Toda semana?

Participante 12 – Todo Final de semana. Mas eu não vou todo final de semana não.

Participante 11 - Eu jogava lá no Euzebrio mesmo. O Tancredo Liberava nos lá!! Era menino contra menino. Eu era a melhor.

Todos - Risadas

Participante 09 - Eu jogava bola 8 vezes na semana lá na Kolping.

Participante 08 - Que isto! Sério?

Participante 13 - Curumim como é que chamava? Tor tor

Participante 09 - Toriba

Entrevistador/Mediador 02 – Aonde? Onde era que você jogava?

Participante 09 – Na Kolping.

Participante 13 - Ou não vai rolar este trem mais não Toriba lá mais não? Tem que voltar com isto aí fi estes jovem ai de hoje não vão saber o que é isto ai não uê! Dava um pãozinho com salame e um todinho. (Rindo)

Participante 08 - Nô era mesmo!! Todinho

Participante 09 - Eu ia só por causa do pãozinho com salame

Participante 13 - Dava o uniforme ainda bermudinha vermelha depois melhorou uma azul, tênis, blusa

Participante 12 - E o tênis? Dava até o Tênis!

Entrevistador/Mediador 02 - A era?

Participante 08 - Toriba era bom viu

Participante 13 - Aqui já é no Padre Eustáquio

Participante 11 – Aí já conheço

Entrevistador/Mediador 01 - Conhece este aí?

Participante 11 – Já!

Participante 13 - Na feirinha ali no Padre Eustáquio isto aí?

Participante 12 - Feira coberta não é?

Participante 13 - Tem uma pista de skate descendo ali. Pista de Skate da Via Expressa também é bacana!!

Entrevistador/Mediador 01 - Tem a feira coberta e lá dentro da feira tem um Centro Cultural ali dentro.

Participante 13 - Ai eu já não sabia não.

Participante 12 - Nunca entrei nesta feira

Entrevistador/Mediador 01 - Nunca entrou lá?

Participante 11 - Nó é lindo lá! Nossa é chic, é grandão demais já fiquei até perdida.

Entrevistador/Mediador 01 - Lá tem biblioteca, Telecentro espaço de show

Participante 08 – Tem um mocado de coisa

Entrevistador/Mediador 01 - Aqui oh neste dia que eu fui tava tendo show lá. Que eu tirei estas fotos

Participante 13 - Mas isto ai é tudo aberto sábado e domingo? Tudo normal?

Entrevistador/Mediador 01 - Então ai eu não sei te falar exatamente não. Mas de segunda a sexta-feira eu tenho certeza que funciona.

Participante 11 - Eu passei na porta domingo. Nossa Tava cheio demais ali viu.

Entrevistador/Mediador 02 - Você vai lá sempre?

Participante 11 - Não eu não vou sempre não!! de vez quando! Quando eu estou disponível

Entrevistador/Mediador 01 - Então estes são aqui da Noroeste. Então o Centro Cultural Padre Eustáquio vocês conhecem ele. Vocês vão lá? Vocês costumam ir lá?

Participante 11- Parque Ecológico também é bom! Huum!

Participante 12 - Esse eu nunca vi nem mais gordo nem mais magro

Participante 09 – Mas este aí não faz parte da Região Noroeste não!

Entrevistador/Mediador 01 - Não este é da Pampulha. Este que você fala é da Pampulha

Entrevistador/Mediador 01 - Esse aqui do padre Eustáquio vocês também não costumam ir lá não?

Participante 13 - Eu já tinha ouvido falar. Só que. Tipo assim. O Benet mesmo desde pequeno falaaa: “Aeroporto. A pista do Aeroporto”. Porque aí quando você vai os caras falam: “Oh você vai voltar de cueca. Deixa para outro dia.

Todos Risadas

Entrevistador/Mediador 02- E você não conhece este lugar? (Para o Participante 09)

Participante 09 - Eu conheço assim só por o pessoal comentar e tudo mas eu nunca fui lá não. Nem na feira coberta, eu já parei ali perto da feira coberta mas naquelas imediações ali nunca entrei não.

Participante 13 - Ali eu não sabia não. Pra era só um lance que vendia Maça. Couve.

5° MOMENTO – SOBRE OS EQUIPAMENTOS PÚBLICOS DE LAZER – PAMPULHA

Entrevistador/Mediador 01 - Pampulha então ó (Slides)

Participante 11 - Pampulha é o melhor (com emoção) Já morei ali

Participante 13 - Vão vê!! Pampulha todo mundo conhece.

Participante 09 - Pô todo mundo. Quem não foi no Zoológico? Todo Mundo já foi no zoológico!

Todos - Emoção geral (Zoológico)

Participante 11 - Oh meu Deus (Rindo)! Nossa bom demais!!

Participante 08 - Tem uma cara né zé?

Participante 13 - Todo mundo já foi no Zoológico mas nestes tempos de cá eu acho que.. Nos últimos dois anos, três anos, pode perguntar qual que foi a última vez tem um ano dois anos.

Participante 13 - Todo Mundo já foi mas nestes tempos de cá. Pode perguntar.

Participante 12 - Dia de terça-feira é de graça

Participante 11 - Ah Centro Cultural eu sempre ia. Nossaaa só pra pegar livro (Emocionada). Nossa eu sempre pegava livro lá até hoje eu tenho.

Entrevistador/Mediador 02 – Quando? Faz tempo?

Participante 11 - Nossa senhora acho que foi em 2010.

Entrevistador/Mediador 01 - Então é recente né?

Participante 11 – É! Nossa eu pegava livro direto lá eu ia lá ficava lá, tinha capoeira lá na Pracinha ou mais era bom demais. Porque eu morava ali perto

Participante 13 - Isto aqui é de qual lado da Pampulha? Do outro né?

Entrevistador/Mediador 01 – No Urca!

Participante 11 - Porque eu morava ali perto mesmo.

Entrevistador/Mediador 01 - Ah tá você morava lá perto? Você não mora lá perto!

Participante 11 - Não! agora eu mudei para cá.

Entrevistador/Mediador 02 - Então você na vai mais lá?

Participante 11 – Não! Mas era bom o Lugarzinho lá viu!

Entrevistador/Mediador 01 - Eu vou deixa passando ai vocês vão falando o que vocês

conhecem.

Participante 13 - O que é isso aí?

Participante 11 - O Centro Cultural da Pampulha!

Participante 13 - Mas o que que rola ali dentro?

Participante 11 - Eu Já fiz teatro aí na praça. Porque eu mexia com teatro sabe?

Participante 13 – Teatro! Ah eles estão querendo fazer tipo um negocio desde ali também né?

Participante 11 - Eu já fiz teatro ai também na praça. Ai eu fiz apresentação no Palácio das Artes aí eu parei por uns tempos.

Entrevistador/Mediador 01 - Você parou por que?

Participante 11 - An? Eu parei porque o meu irmão teve que ir embora para os Estados Unidos. Ai mudou, meu irmão desistiu de fazer, ele tem até um simbolo assim do teatro nas costas. Ai ele desistiu de fazer teatro.

Entrevistador/Mediador 01 - E você mora onde agora?

Participante 11 - Novo Progresso.

Participante 12 - Nó Parque Ecológico quem nunca foi né?

Participante 11 - Parque Ecológico oh lugar bom. Quando eu morava lá perto do parque eu ia todo sábado

Entrevistador/Mediador 01 - Todo Sábado?

Participante 11 - Todo Sábado!

Participante 09 – Aqui Não deve ter muito tempo que ele foi inaugurado. Teve ter uns cinco anos. É mais ou menos recente.

Participante 11 - Antigamente ele era mais feim né. Agora melhorou agora eles dá bicicleta pra gente, cê entrega a identidade eles te dão a bicicleta pro cê andar 20 minutos cê tem que pagar eu acho.

Participante 13 - Paga não!! Bicicleta? É só identidade maior de 18 mais mas tem que usar o capacete também.

Entrevistador/Mediador 02 - Mas eles dão o capacete?

Participante 13 - Eles que dão o capacete!

Participante 09 - O Participante 13 é anti-capacete falou que vai rolar um capacete ele não quer participar não.

Participante 13 - Não é porque, tipo assim depois cê for pensar 20 pessoas colocando o capacete no dia. Cê coloca o o negocio até suando carrapato cabuloso.

- Esta aqui é a que eu ando direto que tem eu tô falando que tem a pista de Skate (Fazendo referência ao Parque Vencesli Firmino)

Participante 11 - Oh que legal

Participante 13 - Esta aqui é do lado

Participante 12 - Nunca vi

Entrevistador/Mediador 01 - Nunca viu?

Participante 11 - Nossa eu quero saber onde que é isto aqui

Participante 13 - É só subir esta rua e descer vei

Participante 13 - E aqui na esquina isto aqui

Participante 09 - Fala GCAM 2 lá não é?

Entrevistador/Mediador 01 - Isto perto do GCAM 2

Participante 13 - Não GCAM é aqui.

Participante 09 - Não aqui é o GCAM 1

Participante 13 - É só seguir a Avenida GCAM 2

Entrevistador/Mediador 01 - Vc mora que você falou?

Participante 11 - Novo Progresso

Participante 12 - Ela mora no expedicionário ali oh na rua debaixo do VIP. Tem o VIP tem o bar do Zé na rua que você faz capoeira. Na rua que você faz capoeira.

Entrevistador/Mediador 01 - Sei, Sim, Sim

Participante 12 - Na rua que você faz capoeira!

Entrevistador/Mediador 02 - E os meninos? Participante 10

Participante 10 - Eu já ouvi falar disto ai. Eu vejo ele direto passo perto dele toda mão.

Entrevistador/Mediador 01 - Você mora onde?

Participante 10 - Eu moro ali, perto do comecim da Abílio Machado

Entrevistador/Mediador 01 - Uai é pertim então

Participante 13 - Não no começo da Abílio Machado lá em cima do Padre Eustáquio.

Entrevistador/Mediador 01 - Você mora mais perto do outro parque.

Entrevistador/Mediador 01 - Perto da Ivaí? Então você mora mais perto do Centro Cultural Padre Eustáquio e do Parque Maria do Socorro.

Participante 11 - É um parque aí né? Que passou? Este Parquinho.

Participante 13 - Ursulina é ele mesmo!!

Participante 13 - Ursulina!! É ele mesmo!!

Participante 09 - Parquinho de Madeira. Sei lá o pessoal já colocou mil apelidos este parque.

Participante 13 - Ursulina, Parque de madeira, parquinho da Mata.

Participante 10 - Nunca entrei nele. Não já passei perto várias vezes mas entrar lá dentro nunca entrei.

Participante 11 - Ele aí eu também gostava de ir viu, nossa Oh lugar baum viu

Participante 11 - Os meninos estragava os brinquedo tudo. Entrava uns menino de Maior lá e estragava os brinquedos tudo. Os brinquedo tudo quebrado.

Participante 13 - Você já foi lá? (Para Participante 11) Sábado ou dia de semana?

Participante 11 – Nossa é bom demais. Os bichinhos lá. Ai tem uma trilha. Ai tem uma trilha. Só que você tem saber entrar nessa trilha e sair. Aí nois entrava na trilha e para saber sair? Nossa era baum demais.

Entrevistador/Mediador 02 – Quando você ia lá?

Participante 11 - Eu morava perto.

Participante 09 – A Galera matava aula né!

Todos - Risadas

Participante 11 - Quando eu estudava de manha eu matei aula ali. Com certeza!

Participante 13 - Todo mundo né?

Participante 11 – Nois saia pelo matagal aqui oh rapidinho nos subia.

Entrevistador/Mediador 01 - E depois de mais velho você não...

Participante 13 - Cê entrava aí só nego de blusa branca não sei por que (rindo)

Participante 08 - A galera matava aula mesmo! Só nego uniformizado de altas escolas.

Participante 11 - Aí o segurança perguntava: “O que você estão fazendo aqui cês estão estudando não?” Nãooooo Soltou cedo!!

Participante 09 – Estudo de manhã

Entrevistador/Mediador 01 – E depois de mais velho cês não?

Participante 13 - Por isso que eu falei sô. Depois de mais velho Zoológico...

Participante 08 - Parece que mudou a rotina toda

Participante 13 - muda a rotina você não volta nestes lugares não. Quando você é mais novo é uma coisa.

Participante 11 – Depois que eu voltei lá nossa tá feio demais

Participante 09 - Eu voltei ainda neste parque aí no Ursulina. Voltei Depois de mais velho. Mas velho não menos novo!

Participante 11 – Nossa tá feio! Tá feio!

Participante 13 - Tá a mesma coisa.

Participante 11 – Tá a mesma coisa mas esta tudo estragado.

Participante 13 - Tá um pouquinho melhor mudou o banheiro. Eu passo direto só que..

Participante 11 – É com certeza!

Entrevistador/Mediador 01 - **E além desses lugares aqui? Tem outros lugares que você vão?**

Participante 13 - Não tem lugar demais cultural assim de pracinha que eu vou?

Entrevistador/Mediador 01 - **É tem outro lugares?**

Participante 09 - Tem a pracinha do Castelo ali. Tem uma pracinha no Castelo bacana.

Participante 13 - Tem a do Castelo que tem uns negocio de malhar aberto.

Participante 09 - Isso. Isso mesmo!

Entrevistador/Mediador 01 - **Lá vocês vão lá? Atualmente vocês vão lá?**

Participante 13 - Eu vou lá direto. Vai de noite encontra com os amigos e fica lá de boa.

Participante 12 - A pracinha do Coreto aqui em cima ó

Participante 11 - Tem a pracinha lá do Novo Progresso.

Participante 13 - A do Coreto. As pracinha estão fazendo sucesso de volta.

Participante 08 - Tá mesmo!

Participante 11 - A praça onde eu moro ali é perigosa pode não.

Entrevistador/Mediador 01 - **Onde que é esta praça?**

Participante 11 - Ali perto do Augusto Medeiros aonde que os povo faz capoeira. O Lugarzinho perigoso. Os policial bateu nos bandido lá estes dias! Pegaram os meninos apanhou viu!

Participante 12 - A Praça do Divino

Participante 13 - A praça do Divino tem um half grandão assim!! Já cair de cabeça naquele lá.

Participante 12 – Misericórdia

Participante 09 - Pracinha da Galoucura, Pracinha da caixa d'agua,

Participante 13 - A da Galoucura que ela falou que tem um coreto. Não a Galoucura é do Serrano!

Participante 09 - Do Serrano Isto. E tem uma outra no Serrano que tem uma caixa d água imensa lá

Participante 13 – Que eles falam que todo final de semana morre um lá (rindo) só que não morre ninguém

Participante 08 – É lenda (rindo)

Participante 13 – Todo dia Morreu um.

Participante 08 - Morreu três.

Participante 12 - Tem a pracinha do São Dimas ali também

Entrevistador/Mediador 02 36:00 - Mas o que que vocês fazem lá nestas praças?

Participante 09 – Pô Sentar bater um papo tomar um vinho

Participante 13 - Lembra de antigamente

Participante 12 - Tocar uma viola e por ai vai. Tocar um violão

Participante 13 - Toma um vinho

Participante 09 - Não pode contar tudo né?

Entrevistador/Mediador 02 - Pode falar!!

Todos Risadas

Participante 09 - Não mas é só isto mesmo

Entrevistador/Mediador 01 - Namora na praça

Participante 09 - Namorar é lógico! Isso aí é o principal. Na praça você tem muita tranquilidade para você ir namorar bater um papo.

Participante 13 - É o refugio do jovem hoje né

Participante 09 - É igual o Participante 13 falou. A praça esta chamando muito a juventude. Tô notando isto aí a galera tá gostando bastante de uma pracinha nestes momento vago aí que não tem nada para fazer.

Participante 13 - Depois do colégio vai para praça!! Depois do serviço! Toma um banho e fala vai ficar de boa ai e ver o que vai pegar hoje. Fica lá de boa assim.

Participante 11 - A noite aqui eu matava aula só ali, na pracinha ali ó! Eu e um menino oh! Bom demais.

Entrevistador/Mediador 01 - Nesta pracinha aqui?

Participante 11 - É nesta pracinha ali em cima

6° MOMENTO – SOBRE OS EVENTOS GRATUITOS

Entrevistador/Mediador 01 - Eu trouxe aqui. Um material de alguns eventos que aconteceram esse ano, que são eventos.. A maioria desdes eventos são eventos gratuitos que foram financiados pelas leis de incentivo a cultura queria passar para vocês ai para saber se vocês foram em alguns desdes eventos dá uma olhada aí

Participante 13 - Nossa este F.I.T. aqui eu dei mole viu!

Participante 12 - Nestes eventos assim eu nunca fui em nenhum não. Nunca tive vontade não.

Entrevistador/Mediador 01 - Por que cê nunca teve vontade de ir nestes?

Participante 12 - Ah não sei. Nunca senti uma. Ah eu gosto mais de coisa mais assim tipo dança de rua sabe? Street dance assim. Estes caras dançando é bacana.

Entrevistador/Mediador 01 - Este aqui oh!! Este aqui foi uma festa de hip hop ó

Participante 12 - Ah esse aqui foi bacana mas eu não fui não!

Entrevistador/Mediador 02 - Por que?

Entrevistador/Mediador 01 - Vc ficou sabendo?

Participante 12 - Fiquei sabendo também não.

Participante 13 - Não mais isto aqui você fica sabendo por conversa sô. Vai rolar um negócio ali e tal.

Participante 11 - é verdade

Participante 09 - Acho que muita gosta do negócio e talvez não vai por ... sei lá por preguiça. Companhia.

Participante 12 - Ou até mesmo por companhia né? Por que ir sozinho nem nem. Igual, debaixo do viaduto lá que tem, eu não vou mesmo por que as meninas que eu ando não gosta entendeu?

Entrevistador/Mediador 01 - Mas você já teve vontade de ir?

Participante 12 - Tenho

Entrevistador/Mediador 01 - Este Festival Internacional de Dança que teve este ano?

Participante 12 - Não fui também não nem fiquei sabendo. Este aqui eu fiquei oh: Teatro Palco e Rua. Fiquei Sabendo mas não fui não.

Participante 13 - Eu Fiquei sabendo de todos. Só que sempre rola uma festinha no dia. Acho que tem uns aqui que até meu primo apresentou uns negócios aqui mas tá beleza.
- Aquele do parque municipal não esta ai não né?

Entrevistador/Mediador 01 - Qual?

Participante 13 - Aquele que teve um duelo de Mcs?

Entrevistador/Mediador 01 - Acho que é este aqui não?

Participante 12 - Teve um outro no Parque Municipal também que o pessoal montou um palco lá.

Participante 13 - Não montou um palco no coreto. Ai fez um show em volta.

Participante 12 - O que que foi? Foi Duelo de Mcs?

Entrevistador/Mediador 01 - Noites Brancas.

Participante 12 - Isso aí o Negócio de Casa Branca

Participante 11 - Minha tia tocou lá no parque Municipal. Ela é dj ai ela tocou lá só musica eletrônica.

Entrevistador/Mediador 02 - Mas vocês foram neste ai?

Participante 12 - Este eu não fui não.

Entrevistador/Mediador 02 - Cê foi Participante 13?

Participante 13 - Fui tava tendo graffiti também.

Entrevistador/Mediador 01 - **Mas no geral assim, a maioria desdes eventos são eventos gratuitos né, vocês tem o habito de ir em evento gratuito?**

Participante 11 - Ah não!! Não!! (Risos)

Participante 12 – É muito difícil

Participante 11 - Não eu acho assim depende né do lugar. Junta muito sei lá? Tumulto!

Participante 13 – Depende. Se for gratuito um cultural

Participante 12 - Na praça Sete teve um duelo mcs

Participante 13 - Não! Se for um mc carta ou um mc sei lá o que eu não vou não (risos) Agora se for um cultural de boa!

Participante 12 - Mas na Praça Sete teve um duelo aí de dança rua bacana. Teve a noite foi um pessoa dançar lá fazer rima este negócio foi bakaninha

Participante 09 - Tem muito evento assim gratuito que é bem frequentado. Não é porque é gratuito que vai dar tipo assim povão. É bacana também!

Entrevistador/Mediador 02 - **Mas você vai para algum evento quando aparece?**

Participante 09 - Não vou!! Acho que sou meio morto desanimado.

Participante 13 - Depois de um tempo vai ficando mesmo.

Entrevistador/Mediador 02 - **Mas vocês ficam sabendo destes eventos?**

Participante 13 - Não isto fica! Lá no Bairro não tem como não!!

Participante 11 - A gente fica sabendo mas para ir é difícil!

Participante 09 - Eu fico sabendo de alguns. Não é de todos não! Poderia ser mais divulgado. Entendeu? É pouco divulgado.

Participante 13 - É porque na televisão eles não passam isto aqui a maioria não.

Participante 09 - É um ou outro que é bem divulgado

Participante 13 - Se passa é num horário bem. Aquele que não tem ninguém vendo televisão

Participante 11 - É com certeza

Participante 09 - 03:30 da manhã

Participante 13 - É 2:00 da manhã

Entrevistador/Mediador 01 - **Cês ficaram sabendo do show da Ivete Sangalo que teve na Praça**

da Estação?

Participante 11 - É na Praça da Estação.

Participante 12 - Eu fiquei sabendo. Mas eu não fui não.

Entrevistador/Mediador 01 - Por que Maridão? Vocês não gostam?

Participante 12 - Não é que eu gosto. E por que não sei, acho que eu acho que sair no sábado.

Participante 11 - Dizem que foi um tumulto daqueles. Minha colega falou que ô Deus ela se arrependeu.

Entrevistador/Mediador 01 - Tinha um fly dele aí

Entrevistador/Mediador 01 - **Tem um quer ver ó: Este Programe BH ai tá vendo ó. Este Programa BH é uma programação que sai com cursos, oficinas tudo de graça, que acontece dentro dos Centros Culturais.**

Participante 13 - Mas como é que você faz para saber destas programação. Por que não é divulgado não passa na televisão? Eu fico de cara com é que vocês descobrem vai ter um show ali. Eu falo pera aí não passou na televisão e todo mundo tá sabendo. Tipo assim ocê tá sabendo. Eles divulgam isto no site?

Participante 11 - Este da Ivete Sangalo não falou na televisão não.

Entrevistador/Mediador 01 - Este material eu peguei na Universidade né então não sei onde mais eles distribuíram.

Participante 13 - Mas dependendo se você for lá eles te dão este aqui ó

Entrevistador/Mediador 02 - Lá onde?

Participante 13 - No evento! Geralmente eles dão o panfleto na hora do evento que você vai cultural

Participante 09 - Tipo num evento que tá rolando hoje eles vão dá num evento que vai rolar futuramente cê fala

Participante 13 - Ou então eles dão amostra dos caras que tão fazendo lá dentro tipo assim eu vou cantar aqui hoje e vou te dar uns panfletinhos aqui. Se você for neste evento você vai ficar sabendo do próximo. Quem vai nos eventos quem estar por fora é muito difícil

Participante 11 - Eles fazem divulgação igual em boate. Boate é assim também.

Entrevistador/Mediador 02 - E assim Facebook, Internet vocês não veem não?

Participante 11 - Ah Facebook Comunica

Participante 13 - Facebook vai dá pessoa, se ela só tem amigo funkeiro só vai aparecer funkeiro. Se ele tem os cultural ai pessoa consegue.

Entrevistador/Mediador 01 - **Depende da rede que você esta!**

Participante 13 - É porque a rede social fala tudo. Não tem nem como!

Participante 11 - Eu também fico sabendo pela internet. É porque minha tia toca né ela é dj, ela é a dona da boite lá Josefine. Ai quando tem alguma coisa assim que vai tocar ela fala assim cê quer ir

não? Eu não fico sabendo de nada eu fico sabendo na hora. Igual ela tocou lá no Parque Municipal nossa foi bom demais.

Entrevistador/Mediador 02 - E quando vocês sabem mas não vão? Por que que não vão?

Participante 13 - Se tiver em cima da hora e for gratuito não tem como não viu. Isso aí nem adianta. Praça da Estação. Ivete Salgado se o show for 08:00 você ficar sabendo 07:50 pode desistir.

Participante 11 – Risos

Participante 12 – Fora os ingresso que tem que trocar antes também né? Esgota assim né (estalando a mão). Quando tem que trocar um quilo de alimento por um ingresso esgota assim.

Participante 13 - Ah teve um que teve Paralamas do Sucesso que tinha que trocar isto. Teve um em cada Município, Paralamas do Sucesso, Capital Inicial. Tinha que trocar. Eu fui e já tinha esgotado. Eles não divulgou os posto que tinha que tocar direito. Só falou tem que trocar mas não falou onde tinha que trocar.

Participante 10 - Eles tem que falar mais o lugar que tem que trocar você fica sabendo de altos show mas

Participante 13 - Saiu até no Super Paralamas do Sucesso vai tocar em Betim

Participante 09 - Na Copa rolou também lá na praça JK. Lá é Sion não é?

Entrevistador/Mediador 01 – Sion.

Participante 13 - Na Copa de 2012 cê fala?

Participante 09 - Isso!! 2010. Rolou telão!! Ai Rolou um show do Jota Quest, Revelação, não sei o que cada Jogo rolava um show. E era gratuito. Mas acho que Mas acho que rolava uma troca de alimento um negocio assim. Lá eu frequentava direto.

Entrevistador/Mediador 01 - Vocês estão sabendo do show que vai ter do Jota Quest sexta-feira no Mineirão?

Todos – Não

Participante 11 - Ai tá vendo? Nem tô sabendo!

Participante 08 - Nó deve ser doido hein

Entrevistador/Mediador 02 - Eu também não estou sabendo desde não que história é esta?

Participante 11 - Ai tá vendo? Nem tô sabendo! Igual no dia do show do Belo no Mineirim eu quase morri!

Participante 12 - Tá trocando na porta do Mineirão e no mercado Central também, na entradinha do Mercado Central ali.

Entrevistador/Mediador 02 - Vai ser no Romeirão? Desculpa gente eu falei o Estádio de Fortaleza.

Entrevistador/Mediador 01 - Como que chama o estadio Lá? (rindo)

Entrevistador/Mediador 01 - Romeirão?

Participante 09 - Uai é parecido com Mineirão

Participante 12 - O que já tá anunciando aí virada de ano na Pampulha ai Turma do Pagode. Rio Neto e Frederico.

Entrevistador/Mediador 01 - Vocês vão neste que vai ter na Orla no final de Ano?

Participante 12 - Não na orla do Final do ano não talvez eu vou esta aqui não virar no Rio.

Participante 11 - Eu também não. Eu virar (Pausa) só em Janeiro (rindo)

Entrevistador/Mediador 02 – E este Jota quest alguém vai?

Participante 13 – Agora que estou sabendo eu acho que vou neste aí viu Mineirão! Eu tô com saudade dele demais! Mineirão nossa senhora!

Participante 08 - Nó tá esparrado

Participante 13 - A única coisa que eu estava sabendo que ia ter o jogo do Cruzeiro. Um time aqui para estrear.

Participante 09 - Acho que vai ser cruzeiro e atlético no dia 3 de Fevereiro

Participante 13 - Só que mesmo assim já neste falaram que ia ter um time de fora antes. Ai eu pá então não sei não

Participante 09 - Não define cada hora fala uma coisa

Participante 11 - Nossa Show do Belo eu quase Morri quando eu cheguei lá. Deve o show dele lá eu fiquei desesperado.

Participante 10 - Bailão você já foi? Venda Nova Venda Nova?

Participante 11 – Não! Fui não! Eu fui no Mineirinho.

Participante 12 - Jota Quest eu ouvi falar na Rádio

Entrevistador/Mediador 02 – Vocês iam muito no Estádio?

Participante 13 – Mineirão? Nossa Senhora!! Todo jogo! Era Cruzeiro e Galo. Galo com o S. e Cruzeiro com meu irmão. Cê tá doido!

Entrevistador/Mediador 01 - Mas isto foi até fechar?

Participante 13 - Até fechar!

Entrevistador/Mediador 01 - Por que que cê ia para lá sempre?

Participante 13 - Eu ia porque meu irmão me chamava. Ou meus primos. Meus familiares me chamavam. Entendeu? Mas também o timão lá jogando né.

Entrevistador/Mediador 01 - Mas você ia nos dois no do Atlético e do Cruzeiro

Participante 13 - Mas o do Galo eu ia só para jogar praga lá. Tava de bobeira mesmo! Perde!!

Participante 09 - Só para secar né!

Participante 12 – Eu não nunca fui no Mineirão

Participante 11 – Sempre eu ia ni jogo. Nossa é bom demaaaaais adorooo!! Eu gostava de ir nossa eu gostava demais de ir! Jogo é bom!

Entrevistador/Mediador 02 - Quem mais? Você ia Participante 10?

Participante 10 – Em jogo não! Já fui no Mineirão assim no Axé Brasil 2010.

Entrevistador/Mediador 01 - Você gosta mais de ir em show né?

Participante 09 – Vou te levar na torcida do Cruzeiro lá na Máfia Azul.

Participante 08 – Risos torcida Organizada.

Participante 10 - Mas jogo eu fui uma vez com o meu pai foi Atlético e Cruzeiro lá no Mineirão eu era pequeno

Participante 11 - Ah eu também Atlético e Cruzeiro. Os Cruzeirenses queria pegar a gente (risos) Nossa senhora foi uma confusão.

Participante 13 - Nossa Atlético e Cruzeiro você não lembrar. É só tumulto.

Entrevistador/Mediador 02 - E ai você frequenta Participante 08?

Participante 08 – Eu fui uma vez quando eu era pequeno e o Galo perdeu nunca mais eu voltei ali

Todos – Risos

Participante 13 - Ah não isto aí é normal. Isso é normal

Participante 08 – Nunca mais eu voltei ali

Entrevistador/Mediador 02 – Você não gosta não? (Direcionando para o Participante 09)

Participante 09 – Gosto de mais sou apaixonado com Mineirão.

Entrevistador/Mediador 02 - Vai ver jogo né?

Participante 09 – Demais. Vê Jogo!

Participante 11 - Jogo também é bom: Cruzeiro e Atlético

Entrevistador/Mediador 01 - Cruzeiro e América, Atlético e América

Participante 11 - Eles me derrubaram. Eles me Derrubaram. Eu também sai toda machucada, porque tava muito cheio então os cruzeirenses queriam tudo pular para o lado de lá para pegar a gente né. Ai como a gente ganhou a gente teve que sair correndo. Nossa foi uma confusão a gente teve que sair 10 minutos antes.

Participante 13 - Nó só dez minutos? É uma hora antes. (rindo)

Participante 11 - É Por causa da confusão

Participante 08 - Primeiro gol tum chão (Rindo)

Participante 13 - Cruzeiro e Galo no 1º tempo você tinha que dá linha já. Sai 10 minutos antes tem 500 te esperado lá na porta. Cê tá doido.

Entrevistador/Mediador 01 - Eu já vi o América ser Campeão em cima do galo

Participante 08 - Nu!

Participante 09 - Isso é Normal uê

Participante 13 – Mineiro! Mineiro! Uns 20 anos atrás

Entrevistador/Mediador 01 – Tive que sair correndo viu. Eu sou americano tive que sair correndo.

Participante 10 – O América tá ruim né? Em mais o América tá ruim né?

Entrevistador/Mediador 01 - O América deu uma caída né. Faz parte.

Participante 13 - Deu uma caiiida (Pausa). Para série C.

Participante 12 - Corinthians que tá bom!

Participante 10 - Cê acha que ele sobe?

Entrevistador/Mediador 01 - Sobe! Não o América é um time de segunda né. Ele tem que ficar na segunda mesmo. Se subir ele vai cair de novo. É melhor ele ficar

Participante 13 – Terceira. Ele tá na Série C agora.

Entrevistador/Mediador 01 – Não ele esta na Segunda cê é doido? Ele ficou em 10º no Campeonato!!

Participante 08 – Desceu mesmo! (Rindo)

Participante 10 - Porque lembro que até ano passado ele tava bão. Bão não! Mais ou menos!

Participante 13 - Tava! Ele tava na Série A, não fala que tava baum não! Ele tava na serie A.

Entrevistador/Mediador 01 - **O Gente o que mais? Que a gente não falou aqui de lugares que vocês costumam ir?**

Entrevistador/Mediador 02 - **Lugares que vocês não que queriam ir.**

Participante 13 - Eu queriam ir num lugar tipo aquele. Aquela Pista de Skate muito bonita ali. Se não fosse perigosa mas como é que você vai lá? Voltar de cueca não tem como!

Todos – Risadas

Participante 08 – Uai leva a Mochila para ser roubada

Participante 13 - Não vou te cueca! Não vou de cueca! Ou Então levar uma roupa reserva (rindo)

Entrevistador/Mediador 01 - **Deixa a roupa reserva com o Porteiro né?**

Entrevistador/Mediador 01 – **Tem aquele lugar que você queria ir que você nunca foi? (Para Participante 12)**

Participante 12 - Debaixo do Viaduto lá?

Entrevistador/Mediador 01 - Ah é debaixo o Duelo né!

Entrevistador/Mediador 02 - Você queria ir lá?

Participante 12 - Sempre tive vontade e nunca fui não

Entrevistador/Mediador 02 - Por que?

Participante 12 - Ah companhia! Ir sozinha nem!

Participante 13 – Ir sozinha não tem como não

Participante 11 - Não rola não fi

Entrevistador/Mediador 01 - **Pode ir com o Participante 13 aí pode até marcar ó.**

Participante 13 - Sexta-feira vai rolar de novo aí

Entrevistador/Mediador 02 - Você sai Participante 10 Sozinho?

Participante 10 - Eu saio muito. Eu que mais saio sozinho.

Participante 11 - Eu não saio sozinha mais.

Participante 13 – Eu reparei mesmo, toda vez que encontro com ele ele esta sozinho. Eu já encontrei com ele no 54 sozinho. Lá no viaduto lá sozinho.

Participante 11 - Eu já fui assaltada uma vez.

Participante 10 - Eu tô afim de sair eu sair eu vô e saio sozinho

Participante 09 - Antes só, que mal acompanhado né não?

Participante 10 – Eu chamo alguém da minha família mas tem hora que eles nem vai. Ai eu vou sozinho mesmo acostumei.

Participante 09 - Eu também tenho o costume de sair muito sozinho eu gosto.

Participante 11 - Eu também não gosto de sair sozinha não. Depois que meu irmão foi embora eu nem frequento mais fui em boate. Igual assim, a gente sempre ia assim, na quinta agente ia na Jô, aí sábado nós ia na Giz, da Giz nos ia para o after que era só domingo, começa 03:00 da manhã e terminava 12:00 ai do after nos ia para aptv e da aptv terminava. Nós ia embora só a noite chegava em casa era 08:00 horas da noite.

Participante 09 - E o Samba do Madrugada no Floresta vei? Aquele samba lá começa 03:00 horas a manhã eu não acreditei não!

Entrevistador/Mediador 01 - **Duas Horas da manhã. Duas Horas da Manhã!**

Entrevistador/Mediador 02 – Começa?

Participante 09 – Começa duas horas! O mercado é duas horas mas.

Entrevistador/Mediador 02 – E vai até que horas?

Participante 09 - Vai até 06:00

Participante 12 - Aonde que é isto? Nunca fui não!

Participante 09 - Lá no Floresta

Participante 09 - Cheguei lá era duas horas o trem vazião. Falei não isso não vai rolar. Deu três horas o negócio bombando. Falei nó que isso!

Entrevistador/Mediador 02 – Sério? (Pasma!)

Entrevistador/Mediador 02 - A galera sai de outras baladas?

Entrevistador/Mediador 01 – Na verdade o pessoal sai e vai para lá né. Lá começa duas horas e vai até 06:00h

Participante 09 - Fica na pracinha tomando uma naqueles bares

Entrevistador/Mediador 01 – É ali é Santa Tereza

Participante 13 - Ali no Padre Eustáquio tem um pracinha que tem um tanto de bar envolta. Que ali em bom demais também.

Participante 12 - A pracinha ali perto da PUC que eles falam do Coreto né?

Participante 13 - É esta que e tô falando pracinha do Coreu

Participante 12 - Borel

Participante 09 - Coreu

Entrevistador/Mediador 01 - Coreu. Coração Eucarístico!

Participante 12 - Tem um chopp aqui no castelo aqui também que é bacana acontece dia de terça-feira

Participante 13 - É o Chopp de R\$ 1,00?

Participante 12 – Isso!!

Participante 13 - No Expressinho?

Participante 12 – É isso mesmo! (rindo)

Participante 13 - Baum demais!

Participante 12 – Não é bom?

Participante 09 - Uai é só falar que é R\$ 1,00 real fica melhor ainda!

Todos – Risadas

Participante 08 – Por isso que é bom

Participante 13 - Não e muito bom porque tem uma filinha meio grande para pegar o chop

Participante 09 - O pessoal é bem baladeiro mesmo hein! A galera tá frenética na balada!

Participante 12 – Na Galopeira é bom gente vai lá. Nossa lá o Bicho pega hein!

Entrevistador/Mediador 01 – Lá o bicho pega?

Todos – Risadas

Participante 13 - O bicho pega!

Participante 13 - Eu fui nesta Galopeira ai também. Galpão gigante lá! cheio de bar dentro.

Participante 09 - É o ex-canecão Mineiro né que pegou fogo.

Participante 13 – Que pegou fogo isso mesmo. Eu caguei de rir de lá pegar fogo. Lá é gigante lá Lota mesmo! Lota de com força!

Participante 09 - O teto era todo de

Participante 13 – Geso Isopor este negócio assim

Participante 09 - é ai saiu pingando em todo mundo não tinha como esconder. Por isso que todo mundo arregaçou

Entrevistador/Mediador 01 - **Que mais gente? Que mais? Dúvidas sobre a pesquisa?**

Participante 13 - Só um negócio que este negocio cultural aí não é muito divulgado não. Não é divulgado Muito. Só no Super de vez enquanto sai tipo sexta-feira a programação de sábado e domingo aí rola

Participante 09 - Jornal da Alterosa (Rindo)

Entrevistador/Mediador 02 - Alguém tá sabendo da exposição da Elis Regina lá no Palácio das Artes?

Participante 11 - Ai tá vendo? Nós não tão sabendo!

Entrevistador/Mediador 01 - Essa aí eu não tô sabendo não!!

Entrevistador/Mediador 02 - Saiu na TV

Participante 13 - Mas também teve ter saído SBT Alterosa dois segundos que mostrou

Entrevistador/Mediador 02 - Eu tô sem TV em casa quem me falou foi um professor mas ele disse que viu na TV, ele me falou e eu fui lá vê, cês não tão sabendo não né? Totalmente gratuito, tem outras exposições lá.

Som Externo – Música vem entra na roda com a gente

Participante 13 - Esta música tá tocando aqui? (baixinho)

Participante 12 - É

Participante 08 - É gospel (rindo)

Participante 13 - É Gospel?

Participante 12 - É Missa!

Participante 13 - Missa!!

Entrevistador/Mediador 01 - É Missa?

Participante 10 - Tá tendo missa?

Participante 12 - É o melhor que tá tendo!

Entrevistador/Mediador 01 - E missa mesmo?

Participante 11 - É missa depooooooooois lá para oito e meia que vai ter o jantar.

Participante 13 - Eu comecei a reparar esta música agora eu falei uai? Tava rolando um funk agora. A nem.

Entrevistador/Mediador 01 – Ai ó! Se a gente sair agora a gente não vai pegar a janta não!! Tem que esperar lá acabar lá né. A missa pra gente pode pegar a janta.

Entrevistador/Mediador 02 e Participante 09 - Risos

Entrevistador/Mediador 02 - Depois tem o funk né?

Entrevistador/Mediador 01 – E Depois tem o funk ainda

Participante 12 – É Depois tem o funkão né? O bicho pega!

Participante 09 - O Bicho pega? risos

Participante 08 - Risos

Participante 11 - O Palácio das Artes é bom!

Entrevistador/Mediador 01 - O gente então é isto!

Participante 13 - Você não conhece uma boa para ir não? (Para o Entrevistador/Mediador 01)

Entrevistador/Mediador 01 – Uma praça boa? Oh bicho eu curto a Praça Sete né? Curto a Praça Sete. Eu vou na Praça Sete e fico lá vendo o povo passando aquela multidão.

Participante 08 – Nu!

Participante 13 – Porque ali no centro é bom você sentar tipo assim para ficar vendo (pausa)

Participante 12 – Pro cê que anda de skate lá no Nova Granada tem uma bacana

Participante 13 - Mas tipo aquela do Divino? Por que aquele half eu cai de cabeça lá. O negocio é assim ô

Entrevistador/Mediador 01 - Assim Como?

Participante 13 - O Half é assim o certo né? Ele vai pra dentro assim. É tipo um muro só que para só que para dentro. Eu fui descer e cair de cara no chão (risos). O normal é você cê descer escorregando. Só que ele vai para dentro parece que foi mal feito. Fora isto parece que tinha um ovo no meio do negócio assim ô. Ai eu cair de cara no chão parece que você pula de muro. Mal feito demais! O negócio é desta altura aí.

Participante 12 - Aquele lugar lá e foda

Entrevistador/Mediador 02 - E uma praça este half aí?

Participante 13 - Praça do Divino

Entrevistador/Mediador 01 - Agora tem uma praça ali que eles estão falando que ela esta bombando agora. A praça do Cabral.

Participante 13 - Não a Praça do Eldorado é a Praça que mais bomba agora. A do Eldorado perto do Big Shopping.

Entrevistador/Mediador 01 - É por que que ela bomba?

Participante 13 - Por causa que eles fizeram tipo uma Praça da Liberdade só que o pessoal lá é muito jovem que mora lá Toooooo mundo fica nesta praça. Na Pracinha do Eldorado perto do Big Shopping. Ai lá é bacana perto da.. tem uma feira lá também no Eldorado.

Participante 09 – A que você essa falando a praça do sol? (Para o Entrevistador/Mediador 01)

Entrevistador/Mediador 01 - É praça do Sol isto!

Participante 09 - Praça do Sol no Cabral né! A galera vai lá para ficar pilotando uns carrinhos da uma corrida em volta lá!

Entrevistador/Mediador 01 - Os meninos do outro grupo que falaram desta praça

Participante 12 - A Praça do Papa também é bacana né?

Participante 13 - A Praça do Sol é subindo/descendo a Abílio Machado Direto?

Participante 09 e Entrevistador/Mediador 01 - Não!

Participante 09 - Lá perto do bairro Cabral mesmo!

Entrevistador/Mediador 01 - Perto do Cumbuca. Entre o Cumbuca e o Cabral

Participante 13 - Não eu falo Abílio Machado pegando do Peixo Vivo

Entrevistador/Mediador 01 - Isso ai cê vai

Participante 13 – Ai cê passa o Palácio dos Leiloes, lá embaixo você cai nela

Participante 09 - Não antes dos Palácio dos Leiloes

Entrevistador/Mediador 01 - Você vira no São Joaquim Cumbuca

Participante 13 - Já teve um show do Vitor e Léo que era aberto, eu fui lá uma vez.

Participante 10 - Tá construindo um shopping lá que eles falaram que vai ser o maior shopping de Contagem.

Participante 12 - Praça do papa também é bom altos Lual já aconteceram lá

Participante 13 - Praça do Papa? Mirante! Mirante é bom também.

Participante 09 - O Mirante foi renovado lá né? Rolou um.

Participante 13 - Foi só que agora é só até 10:00 horas (22:00h)

Entrevistador/Mediador 01 - Ah agora também tem horário? Que isso uê?

Participante 13 - Tem Horário

Participante 12 - Eu nunca subi neste trem

Entrevistador/Mediador 02 - Horário para o Mirante! Como assim?

Participante 09 – Porque eles fecharam agora. Antes era aberto.

Entrevistador/Mediador 01 - Lá era meio que um motel

Todos - Risadas

Participante 13 - Lá era tipo tudo! Tudo que você queria fazer lá você podia fazer!

Participante 12 - Lá que tem a rua do Amendoim não é?

Entrevistador/Mediador 02 - Lá era um Mirante Como assim

Participante 09 - Agora fechou tem guardinha

Entrevistador/Mediador 01 - Tem Guardinha?

Participante 13 - Fora os guardinha lá também

Participante 09 - Mas ficou bacana eles montaram um tablado assim grandão tiraram umas arvores que atrapalhavam a visão. Lógico que continuou muitas arvores lá mas (pausa) tiram muitas.

Participante 13 - Mas deixou tipo ponto turístico mesmo lá agora fí!

Participante 09 - Ficou mais bonito que era antes só que (pausa) tá meio restrito agora.

Participante 13 - Mas antigamente todo mundo ia lá era 03:00 da manhã voltando de festa sentava lá e ficava de boa lá vendo o Mirante. Tomando um vinho. É isto aí.

Participante 12 - Vinho com água não deixa toldo tá?

Participante 09 - Aí não tem graça não

Todos Risadas

Participante 13 – Vinho bom você tomar um suave

7º MOMENTO – ESCLARECIMENTOS FINAIS

Entrevistador/Mediador 02 - É isto

Entrevistador/Mediador 01 - Então é isto galera!! Queria agradecer demaiiiiiiiis vocês terem colaborado com a pesquisa. Quando a gente for construir o relatório final e apresentar ele em uma assembleia pública a gente vai chamar todo mundo para vocês irem lá. Abril! Segunda quinzena de Abril.

Participante 09 - Fechou

Entrevistador/Mediador 02 - Se quiserem falara mais alguma coisa fiquem a vontade

Participante 13 - É eu acho que hoje já chega ai este tanto de coisa que você antou e que agente falou? Não né?

Entrevistador/Mediador 02 - Não eu só estava anotando a sequencia das falas. Ele vai pegar as gravações.

Entrevistador/Mediador 01 - Então agora é a festa da Escola né? Será que vão deixa a gente filá um pernil lá?

Todos - Risadas

Entrevistador/Mediador 01 – O gente brigado mesmo!!